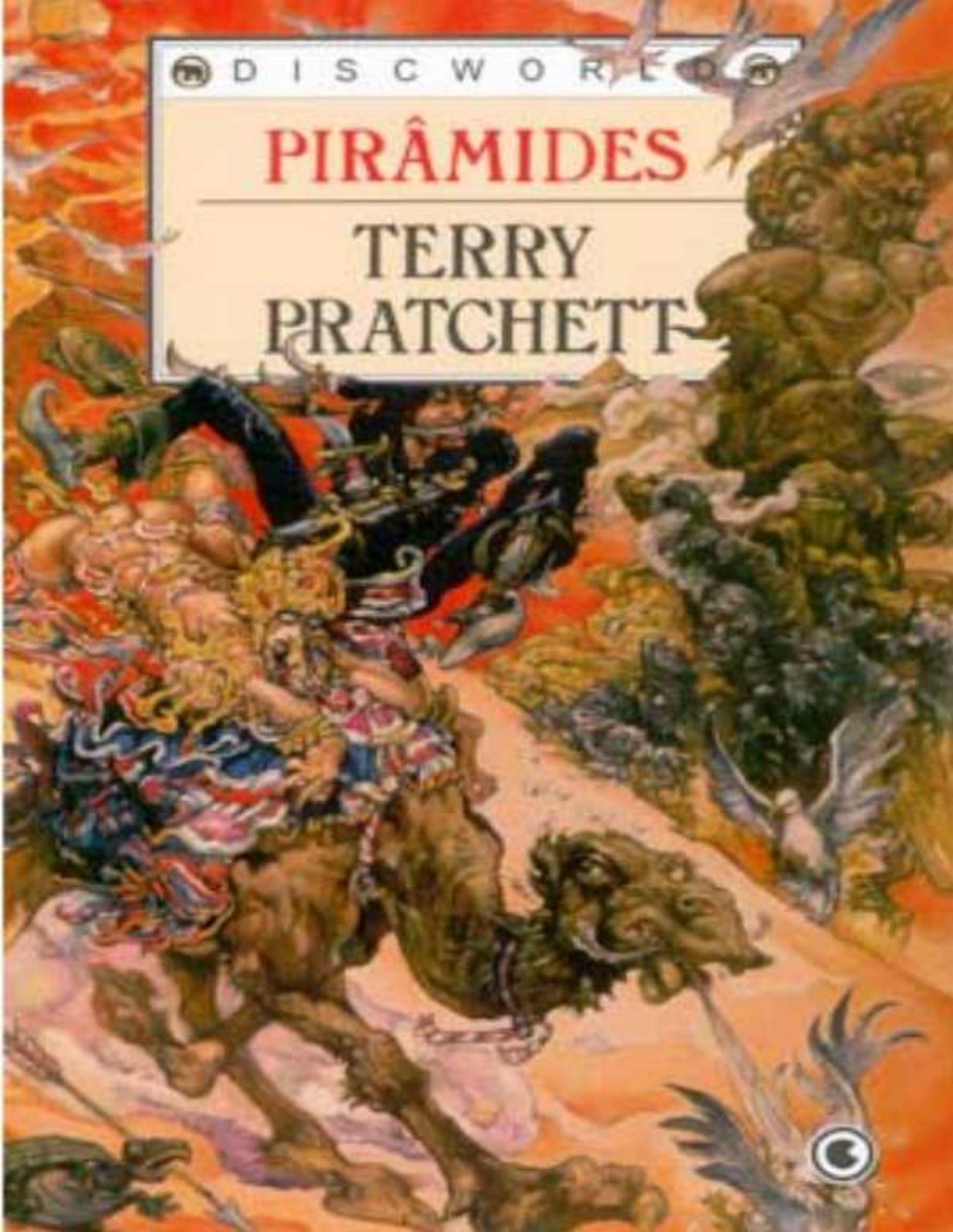


DISCWORLD

PIRÂMIDES

TERRY
PRATCHETT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

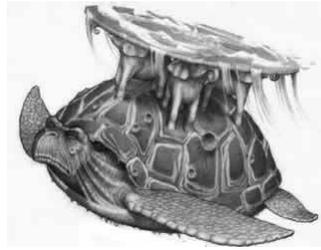
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Muito antes do esperado, o adolescente Teppic herdou o trono de seu pai, um faraó do Reino Antigo. O problema é que Teppic não tem a mínima idéia do que um faraó deve fazer. Afinal, o garoto foi treinado para ser um assassino. E agora precisa se virar para construir o túmulo do pai (uma pirâmide monumental que supere todas as outras), além de lidar com outros tantos detalhes . Coisas como obrigações administrativas, sacerdotes loucos, crocodilos sagrados e múmias ambulantes. Teppic vai descobrir que ser faraó não é nada fácil.



Terry Pratchett

Pirâmides

Disckworld 7

Título original: *Pyramids*
Terry Pratchett, 1989

Digital Source



1

O LIVRO DA PARTIDA

NADA ALÉM DE ESTRELAS, espalhadas sobre as trevas como se o Criador tivesse despedaçado o pára-brisa do carro e não tivesse parado para varrer os cacos.

Este é o abismo entre universos, as profundezas gélidas do espaço que não contêm nada além da eventual molécula aleatória, alguns cometas perdidos e...

... mas um círculo de escuridão se desloca levemente e, quando se olha melhor, o que era aparentemente uma dimensão interestelar impressionante se transforma num mundo imerso nas trevas, e suas estrelas são as luzes do que será caridosamente chamado de civilização.

Porque, enquanto o mundo rola preguiçoso, revela-se o Discworld - plano, circular e carregado pelo espaço nas costas de quatro elefantes que estão nas costas da Grande Âtuin, a única tartaruga que aparece no Diagrama Hertzsprung-Russel, uma tartaruga com 15 mil km de comprimento, coberta pelo gelo de cometas mortos, com cavidades deixadas por meteoros e olhos de albedo. Ninguém sabe a razão de tudo isso, mas provavelmente é o quantum.

Muita coisa esquisita poderia acontecer num mundo sobre as costas de uma tartaruga como essa.

Já está acontecendo.

As estrelas lá embaixo são fogueiras no meio do deserto e as luzes das aldeias distantes no alto das montanhas cobertas de árvores.

As vilas são nebulosas borradas, as cidades são vastas constelações. A grande cidade em expansão de Ankh-Morpork, por exemplo, brilha intensamente, como duas galáxias em colisão.

Mas aqui, longe das grandes aglomerações populacionais, onde o Mar Círculo encontra o deserto, há uma linha de fogo frio azulado. Chamas tão geladas quanto os declives do Inferno trovejam em direção ao céu. Uma luz espectral flutua pelo deserto.

As pirâmides no antigo vale do Djel ostentam seu poder no meio da noite.

A energia que transborda de seus picos paracósmicos poderá, nos próximos capítulos, esclarecer muitos mistérios: por que as tartarugas odeiam filosofia, por que religião demais é ruim para as cabras e o que as criadas fazem de verdade.

Ela certamente revelará o que nossos antepassados estariam pensando se estivessem vivos. As pessoas costumam especular bastante sobre isso. Será que eles aprovariam a sociedade moderna? Ficariam maravilhados diante das novas conquistas? Mas é claro que as pessoas não consideram uma questão fundamental. O que nossos antepassados estariam realmente pensando se estivessem vivos seria: "Por que está tão escuro aqui dentro?"

No amanhecer frio do vale, o sacerdote Dios abriu os olhos. Nos últimos dias ele não tinha dormido. Não conseguia se lembrar de quando fora a última vez que dormira. Dormir estava próximo demais daquela outra coisa, e, de qualquer modo, ele não parecia precisar. Apenas ficar deitado era o suficiente - pelo menos, apenas ficar deitado aqui. Os venenos da fadiga iam embora, assim como todas as outras coisas. Por algum tempo.

De qualquer forma, era tempo bastante.

Ele jogou as pernas para fora da laje no interior da pequena câmara. Com um resquício de consciência induzido pelo cérebro, sua mão esquerda apertou o bastão entrelaçado por uma serpente. Fez mais uma marca na parede, puxou seu manto e desceu com elegância pela passagem inclinada para sair à luz do sol com os dizeres da Invocação do Novo Sol já se formando em sua mente. A noite foi esquecida, o dia surgia. Havia muitos conselhos cuidadosos e orientações a serem dados, e Dios existia apenas para servir.

O quarto de Dios não era apenas o mais estranho do mundo. Era simplesmente o quarto mais estranho do qual alguém já tinha saído.

E o sol se arrastava pelo céu.

Muita gente já se perguntou o porquê desse fenômeno. Alguns acham que um besouro rola-bosta gigante o empurra. A medida que as explicações avançam, falta-lhes certa abordagem técnica e, além disso, há a desvantagem, como algumas circunstâncias podem revelar, de que é possível que elas estejam certas.

O sol se pôs sem que nada particularmente desagradável acontecesse a ele^[1], e seus raios agonizantes acabaram levando seu brilho para dentro de uma janela na cidade de Ankh-Morpork, onde foram refletidos por um espelho.

Era um espelho de corpo inteiro. Todos os assassinos tinham um espelho de corpo inteiro no quarto, porque seria uma ofensa terrível para qualquer um ser assassinado por alguém malvestido.

Teppic analisou a si mesmo com um olhar crítico. Tinha gastado até o último centavo com aquela roupa, e a seda preta estava caprichada. Ela sussurrava quando ele se mexia. Estava muito bom.

Pelo menos a dor de cabeça estava passando. Ela o havia deixado praticamente incapacitado durante todo o dia. Ele estava com medo de ter que começar a jornada com manchas escuras em frente dos olhos.

Ele suspirou, abriu a caixa preta, pegou seus anéis e os colocou nos dedos. Numa outra caixa havia um conjunto de facas de aço klatchiano, com as lâminas escurecidas de fumo negro. Diversos aparelhos engenhosos e complexos foram retirados de sacolas de veludo e colocados nos bolsos. Duas tlingas de arremessar com lâminas longas foram colocadas nas bainhas que havia dentro de suas botas. Um fio de seda com um pequeno arpão dobradiço foi preso à cintura, sobre a camisa de cota de malha. Uma zarabatana rol presa a uma correia de couro e colocada nas costas, por baixo da capa. Teppic pôs no bolso um recipiente comprido de estanho com uma variedade de dardos, uma rolha nas pontas e códigos de braile nas hastes, para facilitar a escolha no escuro.

Recuou, verificou a lâmina de seu florete e jogou o boldrié sobre o ombro direito, para contrabalançar a bolsa de munição de chumbo do estilingue. Pensou um pouco, e abriu a gaveta de meias para pegar uma besta de mão, um frasco de óleo, um jogo de michas e, após algumas considerações, um punhal, um saco de estrepes de vários tipos e um kit de socos-ingleses de latão.

Teppic pegou seu chapéu e verificou se o rolo de arame de cortar queijo estava no forro. Colocou-o na cabeça num ângulo elegante, olhou-se com satisfação no espelho pela última vez, virou-se rapidamente e, vagarosamente, caiu.

Era alto verão em Ankh-Morpork. Na verdade, era mais do que alto. Era terrível.

O grande rio estava reduzido a algo que parecia um fio de lava entre Ankh, a cidade mais bem localizada, e Morpork, a cidade da outra margem. Morpork não era um bom endereço. Era comparável a um poço de piche. Não havia muito a fazer para tornar Morpork ainda pior. O impacto direto de um meteorito, por exemplo, valorizaria o lugar.

A maior parte do leito do rio era uma crosta de lama rachada. O sol geralmente parecia um grande gongo de cobre cravado no céu. O calor que havia secado o rio fritava a cidade durante o dia e

assava à noite, enrugando madeiras antigas, transformando a tradicional massa de cimento das ruas numa nuvem de poeira ocre asfixiante.

Esse não era o clima característico de Ankh-Morpork. Ela era, por natureza, uma cidade de neblinas e garoas, de escorregadelas e calafrios. Repousava no prado encrespado, pulsando feito um sapo numa fornalha de argila. E mesmo agora, por volta da meia-noite, o calor era sufocante, encobrendo as ruas como um veludo chamuscado, secando o ar e expulsando toda e qualquer brisa fresca.

No alto, do lado norte da Casa Sede dos Assassinos, houve um clique e a janela foi aberta.

Teppic, que com considerável relutância havia se livrado de algumas de suas armas mais pesadas, respirou fundo o ar quente e abafado.

Era isso.

Essa era a noite.

Eles diziam que era uma chance em duas, a menos que o velho Mericet fosse sorteado como seu examinador. Nesse caso, o aluno poderia simplesmente cortar a própria garganta logo no início.

Teppic cursava Estratégias e Teoria do Veneno com Mericet todas as terças à tarde, e não se dava bem com ele. Nos dormitórios, os alunos sussurravam boatos sobre Mericet, o número de assassinatos, a técnica extraordinária... Ele havia quebrado todos os recordes de sua época. Diziam que havia até matado o Patrício de Ankh-Morpork. Não o atual, é claro. Um dos que já morreram.

Quem sabe seria Nivor, que era gordo e alegre, gostava da comida dele e ensinava Armadilhas e Ciladas Fatais às terças. Teppic era bom em armadilhas, e se dava bem com o mestre. Ou poderia ser o Kompt de Yoyo, que lecionava Línguas Modernas e Música. Teppic não tinha talento para nenhuma das duas, mas Kompt era um edificador incansável e gostava de rapazes que compartilhavam seu

gosto por ficar se balançando, pendurado por uma mão só, acima das ruas da cidade.

Ele enfiou a perna sobre o parapeito e soltou o arpéu e a corda. Fisgou a calha dois andares acima e saiu pela janela.

Os assassinos jamais usavam a escada.

Para estabelecer uma continuidade com eventos posteriores, este pode ser um bom momento para chamar a atenção para o fato de que o maior matemático do Discworld estava deitado, fazendo sua ceia calmamente.

E interessante observar que, graças à espécie singular do matemático, o que ele estava comendo na ceia era seu almoço.

Gongos por toda a extensão de Ankh-Morpork anunciavam que era meia-noite quando Teppic se arrastava pelo parapeito ornado, quatro andares acima da rua Filigree, com o coração palpitando.

PIRÂMIDES

Havia o contorno de uma figura contra o fundo vermelho do pôr-do-sol. Teppic fez uma pausa ao lado de uma gárgula especialmente repugnante para considerar suas opções.

Rumores bastante confiáveis na sala de aula diziam que, se ele sepultasse o examinador antes da prova, isso significaria aprovação automática. Ele pegou uma faca de arremesso Número Três da bainha que ficava na coxa e avaliou seu peso com cuidado. Obviamente, qualquer tentativa, qualquer movimento voluntário que desse errado seria considerado de imediato e contaria para a reprovação e a perda de privilégios^[2].

A silhueta estava totalmente imóvel. Os olhos de Teppic giravam diante do labirinto de chaminés, gárgulas, colunas de exaustores, pontes e escadas que compunham o cenário de telhado da cidade.

"Certo" ele pensou. "Isso é uma espécie de boneco. Eu tenho que atacá-lo e isso significa que ele está me observando de outro lugar. Serei capaz de localizá-lo? Não. Por outro lado, talvez o esperado seja que eu pense que é um boneco. A menos que ele tenha pensado nisso também..."

Quando se deu conta, estava tamborilando os dedos na gárgula, e se recompôs rapidamente. Qual seria a medida sensata a ser tomada neste momento?

Um grupo de farristas passou cambaleando por um trecho iluminado da rua lá embaixo.

Teppic pôs a faca de volta na bainha e se ergueu.

- Senhor - ele disse. - Aqui estou.

Uma voz seca perto de seu ouvido disse, num tom bastante vago:

- Muito bem.

Teppic olhava fixamente para frente. Mericet apareceu diante dele, limpando a poeira cinza de seu rosto esquelético. Tirou um pedaço de cano da boca e jogou no chão. Depois puxou uma prancheta de dentro do casaco. Mesmo naquele calor, estava todo agasalhado. Mericet era do tipo que congelaria dentro de um vulcão.

- Ah - ele disse, transmitindo desaprovação na voz -, senhor Teppic. Ora, ora.

- Bela noite, senhor - disse Teppic. O examinador olhou-o com frieza, dando a entender que observações sobre o tempo não pegavam bem, e fez uma anotação na prancheta.

- Vamos fazer algumas perguntas primeiro - ele disse.

- Como queira, senhor.

- Qual é o maior tamanho permitido para uma faca de arremesso? - disse Mericet rapidamente.

Teppic fechou os olhos. Ele havia passado a semana inteira lendo apenas O Cordat. Dava para ver a página, flutuando provocativa por dentro de suas pálpebras - "eles nunca perguntam distâncias e pesos", diziam os alunos bem informados, "eles querem que você

lembre alguma coisa de tamanhos, pesos e distâncias de arremesso, mas nunca...".

O terror agudo provocou uma ligação direta em seu cérebro e fez sua memória engatar a primeira. A página entrou em foco.

- "O maior comprimento de uma faca de arremesso pode ser de dez dedos, ou doze em tempo úmido" - recitou. - "A distância máxima de arremesso é...".

- Cite três venenos usados para administração pelo ouvido.

Uma leve brisa soprou, mas não foi capaz de refrescar o ar, apenas mudou o calor de lugar.

- Senhor, agárico de vespa, Acorion roxo e Mustick, senhor.

- disse Teppic de imediato.

- Por que não espímia? - lançou Mericet, rápido como uma cobra.

Teppic abriu a boca. Atrapalhou-se um pouco, tentando evitar o olhar penetrante poucos metros adiante dele.

- S-senhor, espímia não é um veneno, senhor - ele conseguiu dizer. - É um antídoto extremamente raro para certos venenos de cobra e é obtido... - acalmou-se um pouco, mais seguro de si: todas aquelas horas perdidas lendo velhos dicionários tinham compensado - é obtido a partir do fígado do lêmure inflável, o qual...

- Qual é o significado deste símbolo? - perguntou Mericet.

- ... só é encontrado no... - a voz de Teppic foi sumindo. Ele apertou os olhos para enxergar a letra rúnica no cartão que estava na mão de Mericet, depois voltou a olhar fixamente para frente, na altura da orelha do examinador.

- Não faço a menor idéia, senhor - ele disse. No canto da orelha, pensou ter ouvido uma leve respiração, que seria a ínfima semente de um grunhido de satisfação.

- Mas, se estivesse invertido, senhor - continuou -, seria o símbolo dos ladrões para "cães barulhentos nesta casa".

Houve um silêncio absoluto por um momento. Depois, bem ao lado de seu ombro, a voz do velho assassino disse:

- A corda assassina é permitida a qualquer categoria?

- Senhor, a regra requer três perguntas, senhor – protestou Teppic.

- Ah. E essa é a sua resposta, é?

- Não, senhor. Foi uma observação, senhor. Senhor, a resposta que o senhor está esperando é que todas as categorias podem portar a corda assassina, mas apenas os assassinos do terceiro grau podem usá-la como uma das três opções, senhor.

- Você tem certeza disso?

- Senhor.

- Não gostaria de reconsiderar? - a voz do examinador poderia lubrificar uma caminhonete.

- Senhor, não, senhor.

- Muito bem.

Teppic relaxou. A parte de trás de sua túnica estava grudando nas costas, fria de suor.

- Bem, eu quero que você prossiga no seu próprio ritmo na direção da rua dos Guarda-livros - disse Mericet num tom imparcial -, obedecendo a todos os sinais e tudo mais. Irei encontrá-lo no quarto abaixo da torre do gongo, no cruzamento com o Beco da Auditoria. E... leve isto, fazendo favor.

Ele entregou um pequeno envelope a Teppic. Teppic deu um recibo. Então Mericet mergulhou na sombra ao lado de uma chaminé e desapareceu. E chega de formalidades.

Teppic respirou fundo algumas vezes e olhou o conteúdo do envelope que trazia nas mãos. Era um título Guild de 10 mil dólares de Ankh-Morpork, preenchido para o "Portador". Um documento pomposo, feito sobre o brasão Guild das duas cruzes e do punhal encoberto por uma capa.

Bom, nada de voltar atrás. Ele tinha aceitado o dinheiro. Havia duas possibilidades: ou sobreviveria e, nesse caso, é claro, doaria o dinheiro às viúvas de Guild e aos fundos dos órfãos, conforme a tradição, ou o dinheiro seria recuperado em seu cadáver. O título

parecia um pouco amassado, mas não dava para ver nenhuma mancha de sangue.

Ele verificou suas facas, ajustou a correia da espada, olhou para trás e saiu numa corrida moderada.

Ao menos isso indicava um pouco de sorte. A lenda dos alunos dizia que apenas meia dúzia de caminhos eram usados durante a prova, e nas noites de verão eles ficavam cheios de estudantes agarrados aos telhados, torres, beirais e colunas da cidade. Edificações já era um esporte comovente por si só. Era uma das poucas coisas para as quais Teppic tinha certeza de possuir talento. Tinha sido o capitão do time que derrotara o Scorpion House na final dos jogos Entre Muros. E era um dos cursos mais fáceis.

Ele se soltou levemente quando estava acima da beira do telhado, aterrissou no cume, atravessou correndo o prédio apagado com facilidade, pulou um vão estreito e foi para o telhado de telhas de barro do ginásio do Grêmio Reformado-dos-Cultos-do-Deus-da-Linfa-Bel-Shamharoth de Moços, correu num ritmo suave pela rampa cinza, subiu num muro de quatro metros sem perder o ritmo e saltou sobre o extenso telhado liso do Templo de Io Cega.

Uma lua cheia alaranjada pairava no horizonte. Havia uma brisa de verdade lá em cima, não muito intensa, mas refrescante como uma ducha fria depois do calor sufocante das ruas. Ele acelerou o passo, aproveitando o friozinho no rosto, e deu um pulo preciso da ponta do telhado para a ponte estreita de pranchas de madeira que levava ao Beco Tinlid.

Ponte que alguém, desafiando todas as probabilidades, havia retirado dali.

Em momentos como esse, toda a vida da pessoa passa diante dos seus olhos...

Sua tia chorava de modo bastante teatral, Teppic achava, já que a senhora idosa era forte como o tronco de um hipopótamo. Seu pai mantinha um ar austero e honrado sempre que se lembrava de que deveria parecer assim, e tentava tirar de sua mente imagens

divertidas de rochedos e peixes. Os empregados ficavam enfileirados no corredor desde a escadaria principal, as criadas de um lado, eunucos e mordomos do outro. As mulheres faziam uma reverência quando ele passava, criando um efeito de curva senoidal interessante, a qual o maior matemático do Disco, "caso não estivesse ocupado neste momento levando bengaladas e sendo xingado por um baixinho usando o que parecia ser um pijama", também teria apreciado.

- Mas - a tia de Teppic assoou o nariz -, afinal de contas, isso é um negócio ilegal.

O pai acariciou a mão dela.

- Bobagem, flor do deserto, é, no mínimo, uma profissão.

- Qual é a diferença? - ela perguntou, soluçando.

O velho suspirou.

- O dinheiro, penso eu. Fará bem a ele sair para o mundo, fazer amizades e apagar uns aqui e outros ali, mantendo-o ocupado,

evitando que vá para o mau caminho.

- Mas... assassinato... ele é tão jovem e nunca demonstrou a menor inclinação... - ela enxugava de leve os olhos. - Não é do nosso lado da família - acrescentou, em tom de acusação. -

Aquele

seu cunhado...

- O tio Vyr - disse seu pai.

- Sair pelo mundo matando pessoas!

- Não acredito que usem essa palavra - ponderou o pai. -

Acredito que prefiram palavras como "concluir" ou "anular". Ou "sepultar", penso eu.

- "Sepultar"?

-Acho que é como exumar, ó mar de lágrimas, só que acontece antes de enterrarem a pessoa.

- Eu acho terrível - ela dizia, fungando. - Eu ouvi Lady Noonni dizer que apenas um em cada quinze garotos consegue passar no exame final. Talvez fosse melhor se fizéssemos ele tirar isso da cabeça.

O Rei Teppicymon XXVII balançou a cabeça com tristeza e saiu sozinho para dar adeus ao filho. Ele tinha menos certezas do que a irmã sobre os desprazeres do assassinato. Tinha sido avesso à política durante muito tempo, e achava que o assassinato era provavelmente pior do que os debates, mas certamente melhor do que a guerra, o que algumas pessoas viam como a mesma coisa, apenas mais escandalosa. E não havia dúvida de que o jovem Vyrth sempre tivera muito dinheiro, e costumava aparecer no palácio com presentes caros, bronzeados exóticos e histórias emocionantes de pessoas encantadoras que havia conhecido em terras estrangeiras; muito rapidamente, na maioria dos casos.

Ele gostaria que Vyrth estivesse por perto para dar conselhos. Sua majestade também tinha ouvido falar que apenas um aluno em quinze se tornava realmente um assassino. Ele não sabia ao certo o que acontecia aos outros catorze, mas tinha certeza de que, se você fosse um aluno pobre numa escola para assassinos, eles faziam um pouco mais do que jogar giz em você, e de que os jantares da escola tinham um grau de incerteza extra.

Mas todos concordavam que a escola de assassinos oferecia a melhor educação para a vida do mundo. Um assassino qualificado deveria se sentir à vontade em qualquer companhia e ser capaz de tocar pelo menos um instrumento. Qualquer um que fosse sepultado por alguém formado pela escola Guild poderia descansar satisfeito por ter sido anulado por uma pessoa de bom gosto e discrição.

E, afinal de contas, o que havia para ele em casa? Um reino de 3 km de largura e 250 km de comprimento, que ficava quase todo imerso em água durante a época da cheia e ameaçado dos dois lados por vizinhos mais fortes que toleravam sua existência apenas porque estariam em guerras constantes caso ele não estivesse ali.

Oh, Djelibeybi^[3] já foi grandioso um dia, quando arrogantes como Tsort e Ephebe eram apenas um bando de nômades com

toalhas na cabeça. Tudo que havia sobrado daqueles grandes dias era o palácio, nocivo de tão caro, algumas ruínas empoeiradas no deserto e - o faraó suspirou - as pirâmides. Sempre as pirâmides.

Seus ancestrais eram apaixonados por pirâmides. O faraó não era. As pirâmides haviam levado o país à falência, deixando-o mais seco do que o rio jamais esteve. A única maldição que eles tinham condições de colocar numa tumba era "Não Enche".

As únicas pirâmides com as quais ele se sentia bem eram as bem pequenas no fundo do jardim, construídas toda vez que um dos gatos morria.

Havia prometido à mãe do menino.

Ele sentia saudades de Artela. A confusão tinha sido terrível por ele ter escolhido uma esposa de fora do Reino, e algumas coisas do seu jeito estrangeiro sempre o deixavam - até mesmo ele - confuso e fascinado. Talvez tenha sido dela que ele pegou essa estranha aversão por pirâmides. Em Djelibeybi isso era como não gostar de respirar. Mas havia prometido que Pteppic poderia ir a uma escola fora do Reino. Ela foi insistente em relação a isso. "As pessoas nunca aprendem nada neste lugar", dizia. "Elas apenas se lembram das coisas".

Se ela ao menos tivesse se lembrado de não nadar no rio...

Ele observou dois dos empregados colocarem a mala de viagem de Teppic na traseira da carruagem e, pela primeira vez que os dois conseguiam lembrar, colocou a mão sobre o ombro do filho.

Na verdade estava perdido, procurando o que dizer. "Nunca tivemos realmente tempo para conhecer um ao outro", ele pensou. "Há tantas coisas que eu poderia ter lhe dado. Algumas boas surras não teriam pegado mal."

- Humm - disse. - Bom, meu garoto.

- Sim, pai?

- Essa é... er... a primeira vez que você fica longe de casa sozinho...

- Não, pai. Eu passei o verão passado com o Lorde Fhemptahem, lembra?

- Ah, é? - o faraó se lembrou de que o palácio parecia mais silencioso naqueles dias, o que tinha atribuído às novas tapeçarias.

- De qualquer forma - disse -, você já é um rapaz, de quase treze...

- Doze, pai - disse Teppic, paciente.

- Tem certeza?

- Meu aniversário foi no mês passado, pai. Você me deu uma panela de aquecer a cama.

- Dei? Que estranho. Eu disse por quê?

- Não, pai - Teppic olhou para a fisionomia meiga e confusa de seu pai. - Era uma panela muito boa - ele acrescentou, num tom tranqüilizador. - Eu gostei muito.

- Ah. Bom. Er.

Sua majestade deu outro tapinha no ombro do filho, de leve, como alguém que bate os dedos na mesa enquanto está tentando pensar. Ele pareceu ter tido uma idéia.

Os empregados tinham terminado de prender a mala sobre a carruagem, e o cocheiro segurava a porta aberta pacientemente.

- Quando um jovem rapaz sai pelo mundo - disse sua majestade de modo incerto -, existem, bem, é muito importante que ele se lembre... A questão é que, afinal, o mundo é muito grande, com todo tipo... e, é claro, especialmente na cidade, onde existem muitos

outros... - ele fez uma pausa, fazendo um gesto vago no ar.

Teppic pegou suavemente a mão do pai.

- Está tudo bem, pai - ele disse. - Dios, o sumo sacerdote, me explicou como tomar banhos com freqüência e não ficar cego.

Seu pai ficou surpreso.

- Você não vai ficar cego?

- Aparentemente não, pai.

- Oh. Bem. Que beleza - disse o rei. - Beleza mesmo. Isso é que é uma boa notícia.

- Acho melhor eu ir andando, pai. Senão eu posso perder a maré.

Sua majestade concordou e passou a mão nos bolsos.

- Havia algo... - ele resmungou, e depois procurou até encontrar. Enfiou um saquinho de couro no bolso de Teppic e ensaiou o tapinha no ombro mais uma vez. - Uma lembrancinha-murmurou.

- Não conte à sua tia. Ah, não daria, mesmo. Ela foi se deitar um pouco, Tudo isso tem sido demais para ela.

Só restava a Teppic ir embora e sacrificar uma galinha na estátua de Khuft, o fundador de Djelibeybi, para que a mão do ancestral guiasse seus passos no mundo. Era uma galinha pequena e, quando Khuft se deu por satisfeito, o rei a comeu no almoço.

Djelibeybi era realmente um reino pequeno e egocêntrico. Até mesmo suas pragas eram sem graça. Todo reino que se preze tem pragas enormes e sobrenaturais, mas a melhor que o Velho Reino foi capaz de ter nos últimos cem anos foi a Praga do Sapo^[4]. Naquela noite, quando estavam bem longe do Delta do Djel e atravessando o Mar Círculo na direção de Ankh-Morpork, Teppic se lembrou do saco de couro e examinou seu conteúdo. Com amor, mas também com sua atitude normal perante as coisas, seu pai o havia presenteado com uma rolha, meia lata de sabão líquido de glicerina, uma pequena moeda de bronze de denominação incerta e uma sardinha pra lá de passada.

É fato notório que, quando uma pessoa está prestes a morrer, os sentidos ficam de imediato dolorosamente aguçados, e sempre se acreditou que isso acontece para permitir que seu dono detecte

qualquer saída possível, que não seja a mais óbvia, para a difícil situação em que se encontra.

Isso não é verdade. O fenômeno é um clássico exemplo de atividade deslocada. Os sentidos estão desesperadamente concentrados em qualquer coisa que não seja o problema imediato - o qual, no caso de Teppic, consistia numa ampla extensão de pedras a três metros de distância e cada vez mais próximas - na esperança de que ele desapareça. O problema é que ele vai desaparecer, e logo.

Qualquer que fosse a razão, Teppic de repente se tornou consciente das coisas ao seu redor. A maneira como o luar se refletia nos telhados. O cheiro de pão fresco de uma padaria próxima trazido pelo vento. O zumbido de um besouro que passou disparado perto de sua orelha, de baixo para cima. O som de um bebê chorando, de longe, e o latido de um cachorro. O suave sopro do vento, com uma referência específica à sua leveza e à falta de um lugar para se segurar...

Havia mais de setenta inscritos naquele ano. O exame de admissão dos Assassinos não era muito rigoroso. Era fácil entrar na escola e sair dela (o difícil era sair na posição vertical). O pátio no centro dos prédios do Guild ficava apinhado de rapazes, que tinham todas duas coisas em comum - calções supergrandes, ajustados para eles, e roupas escolhidas para que pudessem crescer nelas, às quais teriam mais ou menos que se ajustar. Alguns, mais otimistas, haviam trazido consigo armas, as quais seriam confiscadas e mandadas de volta para suas casas ao longo das semanas seguintes.

Teppic os observava cuidadosamente. Havia vantagens distintas em ser filho único de pais envolvidos demais com seus próprios assuntos para se preocuparem com ele, ou até mesmo registrarem sua presença durante dias.

Sua mãe, até onde conseguia se lembrar, tinha sido uma mulher agradável e autocentrada como um giroscópio. Ela gostava de gatos. Não apenas os venerava - todos no reino faziam isso -, gostava

deles. Teppic sabia que era uma tradição favorecer os gatos em reinos de rios, mas suspeitava que geralmente os animais em questão eram criaturas graciosas, imponentes. Os gatos de sua mãe eram maníacos de cabeça chata e olhos amarelos. Eram pequenos e ronronavam.

Seu pai passava a maior parte do tempo preocupado com o reino e de vez em quando declarava que era uma gaivota, embora isso provavelmente se devesse a um problema de memória. Teppic algumas vezes especulava sobre sua própria concepção, uma vez que seus pais raramente tinham a mesma perspectiva quanto às coisas e, ainda mais raramente, o mesmo estado de espírito.

Mas aparentemente a coisa aconteceu e ele teve que se criar na base da tentativa e erro, levemente prejudicado e ocasionalmente estimulado por uma sucessão de professores particulares. Os contratados por seu pai eram os melhores, especialmente naqueles dias em que ele voava o mais alto que podia. Durante um glorioso inverno, Teppic teve como professor um velho caçador de íbis que havia invadido a propriedade real à procura de uma flecha perdida.

Esse foi um período de caças selvagens com soldados, andanças escondidas em ruas desertas da necrópole e, o melhor de tudo, a introdução ao arco de barco, uma invenção terrivelmente complicada que, com risco considerável para seus operadores, poderia transformar um pântano cheio de aves inocentes em muitas cabeças boiando.

Também houve a temporada na biblioteca, que incluía as prateleiras trancadas - o caçador tinha várias outras habilidades para garantir um trabalho lucrativo em épocas de clima ruim -, o que lhe rendeu muitas horas de estudo tranqüilo. Ele ficou especialmente encantado com *O Palácio Fechado*, Traduzido do Khaliano por Um Cavalheiro, com *Gravuras Coloridas à Mão para o Colecionador*, em Uma Edição Estritamente Limitada. Era confuso mas educativo, e, quando um jovem professor muito tolo contratado pelos sacerdotes tentou apresentar-lhe certas técnicas esportivas apreciadas pelos

Pseudopólitos clássicos, Teppic refletiu sobre a sugestão durante algum tempo e depois o derrubou no chão com um cabideiro.

Teppic não fora educado. A educação havia apenas se instalado nele, como uma caspa.

Começou a chover no mundo fora de sua cabeça. Mais uma experiência nova. Tinha ouvido falar, é claro, sobre como a água caía do céu em partes pequenas. Ele apenas não esperava que houvesse tanta assim. Nunca chovia em Djelibeybi.

Os mestres passavam entre os meninos feito pássaros pretos molhados e levemente desbotados. Ele observava um grupo de alunos mais velhos parados sem fazer nada perto dos pilares da entrada da escola. Também estavam de preto - diferentes tons de preto.

Aquela era sua introdução às cores terciárias, as cores do lado distante do negro, as cores que são obtidas dividindo o negro com um prisma de oito lados. É quase impossível descrevê-las num ambiente não-mágico, mas, se alguém fosse tentar, provavelmente começaria dizendo a você para fumar algo ilegal e olhar bem para a asa de um estorninho.

Os alunos mais velhos inspecionavam os recém-chegados com olhar crítico.

Teppic os olhava fixamente. Além das cores, suas roupas eram confeccionadas de acordo com a última moda, que no momento apresentava uma tendência aos chapéus grandes, ombreiras, cintura fina e sapatos de bico fino, o que e dava aos seus seguidores a aparência de pregos muito bem vestidos.

"Eu serei como eles", disse a si mesmo.

"Só que mais bem vestido", acrescentou.

Ele se lembrou do tio Vyrt, sentado nos degraus de frente para o Djel, numa de suas visitas breves e misteriosas.

- Cetim e couro não são nada bons. Nem jóias de qualquer tipo. Você não pode usar nada que brilhe, faça rangidos ou tinidos. Fique

com a seda crua ou o veludo. O importante não é quantas pessoas você sepulta, e sim quantas não conseguem sepultar você.

Ele estava se movendo num ritmo imprudente, o que neste momento poderia ser útil. Quando se inclinou sobre o vazio do beco, retorceu-se no ar, estendeu os braços desesperadamente e sentiu a ponta dos dedos roçar a borda de um prédio em frente. Foi o suficiente para tirar sua estabilidade. Ele girou, bateu num muro de tijolos em ruínas, com força bastante para arrancar o que havia restado de sua respiração, e escorregou pela parede perpendicular...

- Garoto!

Teppic olhou para cima. Havia um assassino mais experiente de pé ao seu lado, com uma faixa roxa de professor sobre o manto. Era o primeiro assassino que ele via, com exceção de Vyr. O homem era bastante simpático. Dava para imaginá-lo fazendo salsichas.

- Você está falando comigo?

-Você se levanta ao se dirigir a um mestre - disse o rosto rosado.

- Me levanto?

Teppic estava fascinado. Ele se perguntava como poderia chegar àquele nível. A disciplina, até então, não havia sido um aspecto preponderante em sua vida. A maioria dos seus professores particulares ficava tão perturbada com a visão do rei empoleirado em cima de uma porta que dava as aulas correndo e se trancava em sua sala.

- Me levanto, senhor- retrucou o professor. Ele consultou a lista que tinha nas mãos. - Qual é o seu nome, rapaz? - continuou.

- Príncipe Pteppic do Velho Reino, o Reino do Sol – respondeu Teppic, com toda a naturalidade. - Percebo que você ignora a etiqueta, mas não precisa me chamar de "senhor" e não deve tocar o chão com a testa ao se dirigir a mim.

- Pateppic, é? - perguntou o mestre.

- Não. Pteppic.

- Ah. Teppic - disse o mestre, e tícou um nome na lista. Ele deu um sorriso generoso para Teppic. - Bom, agora, sua majestade, eu sou Grunworth Nivor, o superior da sua ala do internato. Você está na Casa da Víbora. Que eu saiba, há pelo menos onze Reinos do Sol no Disco e, até o final da semana, você me apresentará um breve ensaio descrevendo em detalhes a localização geográfica, a natureza política, a capital ou a principal sede do governo de cada um deles, além de uma sugestão de um caminho para chegar ao dormitório do chefe de Estado de sua escolha. No entanto, no mundo inteiro só existe uma Casa da Víbora. Bom dia para você, garoto.

Ele se virou e voltou sua atenção para outro pupilo caído no chão.

- Não é um mau sujeito - disse uma voz atrás de Teppic. - De qualquer forma, a coisa está toda na biblioteca. Eu lhe mostro, se você quiser. Meu nome é Chidder.

Teppic se virou. Quem se dirigia a ele era um garoto mais ou menos de sua idade e altura, cujo terno preto - preto simples, para os Primeiros Anos - parecia ter sido pregado nele aos pedaços. O jovem estava com a mão estendida. Teppic lhe deu um olhar educado.

- Sim?

- Qual é o seu nome, garoto?

Ele se ergueu. Estava ficando cheio desse tratamento.

- "Garoto"? Vou lhe mostrar que o sangue dos faraós corre nas minhas veias!

O outro menino olhou para ele impassível, com a cabeça inclinada e um leve sorriso no rosto.

- Você quer que ele fique onde está?

A padaria ficava logo adiante no beco, e uma pessoa que trabalhava lá havia saído para o comparativamente frio ar da madrugada para fumar um pouco e dar um tempo do calor de deserto das fornalhas. A falação subia numa espiral até onde estava Teppic, na escuridão, segurando-se ao parapeito de uma janela

fortuita, enquanto seus pés lutavam por um ponto de apoio entre os tijolos.

"Não está tão ruim", disse a si mesmo. "Você já esteve em posição pior. Na fachada circular do palácio do Patrício, no inverno passado, por exemplo, quando todas as calhas haviam transbordado e as paredes eram gelo maciço. Isso não é muito mais que um 3, talvez 3,2. Você e o velho Chiddy preferiam subir pelas paredes assim a passear pelas ruas, é apenas uma questão de perspectiva."

Perspectiva. Ele deu uma olhada para baixo, para os infinitos vinte metros de altura. "Segure-se firme. Segure a parede." Seu pé direito encontrou uma parte gasta da argamassa, na qual os dedos se fincaram por meio de um comando que mal chegava a ser consciente, vindo de um cérebro fragilizado demais para demonstrar mais que um vago interesse nos procedimentos.

Ele respirou, tenso e enrijecido, deixou a mão cair sobre o cinto, pegou um punhal e enfiou-o entre os tijolos ao seu lado antes que a gravidade percebesse o que estava acontecendo. Parou, ofegante, esperando a gravidade perder o interesse nele de novo, e depois balançou o corpo para os lados. Tentou a mesma coisa mais uma vez.

Lá embaixo, um dos padeiros contou uma piada sugestiva e tirou uma partícula de argamassa da orelha. Enquanto seus colegas riam, Teppic se ergueu sob o luar, equilibrando-se em duas lascas de aço klatchiano, e passou a mão de leve pela parede até a janela cujo parapeito havia sido sua breve salvação.

Ela estava fechada com um calço. Um vento forte com certeza a abriria, mais ou menos na mesma hora em que o faria voltar a cambalear no ar livre. Teppic suspirou e, movendo-se com o cuidado de um relojoeiro, tirou suas bússolas de diamante da bolsa e passou o dedo devagar, fazendo um círculo suave no vidro empoeirado...

- Você tem que carregar sozinho - disse Chidder. - Essa é a regra por aqui.

Teppic olhou para a mala. Era uma idéia intrigante.

- Em casa, nós temos gente pra fazer isso. Eunucos e coisas do tipo.
 - Você devia ter trazido um com você.
 - Eles não se dão bem com viagens - esclareceu Teppic. Na verdade, ele havia rejeitado duramente todas as sugestões de que um pequeno séquito o acompanhasse, e Dios ficara de mau humor durante dias. - Isso não é jeito de um membro do sangue real sair pelo mundo -, dissera. Teppic permaneceu firme. Estava bastante convicto de que assassinos não deveriam realizar seu trabalho acompanhados de criadas e tocadores de clarim. Agora, no entanto, a idéia parecia ter algum valor. Deu uma levantada experimental na mala e conseguiu colocá-la sobre os ombros.
 - Quer dizer então que o seu povo é bem rico? - perguntou Chidder, chegando ao seu lado. Teppic parou para pensar.
 - Não, não mesmo - respondeu. - Eles plantam melão e alho, esse tipo de coisa. E ficam parados nas ruas gritando "viva" quando a gente passa.
 - É dos seus pais que você está falando? - disse Chidder, confuso.
 - Ah, eles? Não, meu pai é faraó. A minha mãe era uma concubina, eu acho.
 - Eu achava que isso era nome de legume.
 - Acho que não. Nós nunca chegamos a conversar sobre isso. De qualquer modo, ele morreu quando eu era muito novo.
 - Que chato - exclamou Chidder alegremente.
- Ela saiu para nadar ao luar no que na verdade era um crocodilo - Teppic tentou, com educação, não se deixar afetar pela reação do

garoto.

- Meu pai é do comércio - disse Chidder, quando eles passaram pela arcada.

- Que fascinante - retrucou Teppic respeitosamente. Ele estava se sentindo bastante debilitado com todas essas novas experiências, e acrescentou: - Eu nunca estive no Comércio, mas ouvi dizer que é muito bonito.

Durante as duas horas seguintes, Chidder, que se comportava como se já tivesse aprendido tudo na vida, apresentou Teppic aos vários mistérios dos dormitórios, das salas de aula e do encanamento. Deixou o encanamento por último por diversas razões.

- Nenhum? - perguntou.

- Tem balde e essas coisas - respondeu Teppic vagamente -, e muitos empregados.

- Meio ultrapassado esse seu reino, né?

Teppic balançou a cabeça concordando.

- São as pirâmides. Elas tomam todo o dinheiro.

- São caras essas pirâmides, eu imagino.

- Não muito. Elas são feitas só de pedra. - Teppic suspirou. - Nós temos muita pedra e areia. Temos aos montes. Se algum dia você precisar de pedra e areia, é com a gente mesmo. O interior delas é que sai caro. Ainda estamos enrolando para pagar pela do meu avô, e ela nem era tão grande. Apenas três câmaras.

Teppic se virou e olhou pela janela. A essa altura, já estavam no dormitório.

- O reino inteiro está endividado - explicou calmamente. - Até as nossas dívidas estão endividadas. É por isso que eu estou aqui, na verdade. Alguém lá em casa precisa ganhar algum dinheiro. Um príncipe real não pode mais andar por aí como se fosse uma peça decorativa. Ele tem que sair e fazer alguma coisa útil para a comunidade.

Chidder se apoiou no parapeito da janela.

- Você não podia tirar algumas coisas das pirâmides, então? - disse.

- Não seja bobo.

- Desculpa.

Teppic ficou observando, com tristeza, as figuras lá embaixo. - Tem muita gente aqui - comentou, para mudar de assunto.

- Eu não imaginava que seria tão grande... - sentiu um arrepio - ... ou tão frio - acrescentou.

Ele sempre se lembrava da primeira noite no dormitório. Era comprido o bastante para acomodar todos os dezoito rapazes da Casa da Víbora, e passava uma corrente de ar suficiente para acomodar o mundo exterior. Pode ser que seu projetista tivesse pensado no conforto, mas apenas para poder evitá-lo sempre que possível: havia projetado um quarto que conseguia ser mais frio que o lado de fora.

- Eu achei que cada um ia ter seu quarto - comentou Teppic.

Chidder, que havia reivindicado para si a cama menos exposta ao vento daquela câmara frigorífica, concordou com um aceno de cabeça.

- Depois - disse. Ele se deitou e levantou de repente. - Eles afiam essas molas, você não acha?

Teppic não disse nada. Na verdade, era bem mais confortável que a cama na qual ele dormia em sua casa. Seus pais, por serem nobres, naturalmente toleravam para os filhos condições que seriam rejeitadas de imediato por mosquitos necessitados.

Ele se esticou sobre o fino colchão e analisou os eventos do dia. Havia sido registrado como assassino - tudo bem, aprendiz de assassino - fazia mais de sete horas e ainda não o tinham deixado pôr a mão numa faca. É claro que amanhã seria um novo dia...

Chidder levantou a cabeça.

- Onde está o Arthur?

Teppic olhou para a cama do outro lado. Havia ali um saco de roupas ridículo de tão pequeno posicionado e ajeitado bem no

centro da cama, sem sinais de seu ocupante legítimo.

-Você acha que ele fugiu? - perguntou Teppic, olhando para as sombras com olhos arregalados.

- Pode ser - respondeu Chidder. - Acontece muito, sabe.

Filhinhos de mamãe, longe de casa pela primeira vez...

A porta no final do quarto se abriu devagar e Arthur entrou, de costas, arrastando um bode grande e muito relutante. O animal lutou com ele por todo o trajeto do corredor entre as camas.

Os garotos observaram em silêncio por alguns minutos enquanto ele amarrava o animal à armação de ferro de sua cama, colocava o saco de pé sobre os cobertores e tirava várias velas pretas, um ramo de ervas, um colar de crânios e um pedaço de giz. Com o giz na mão, e adotando a expressão radiante e emocionada de alguém que vai fazer a qualquer custo o que tem certeza de que é certo, Arthur fez um círculo duplo ao redor de sua cama e depois, apoiando-se sobre seus joelhos gorduchos, preencheu o espaço entre eles com a coleção de símbolos ocultos mais desagradável que Teppic já havia visto. Quando estavam completos, para sua satisfação, colocou as velas em pontos estratégicos e as acendeu. Elas soltaram estalidos e exalaram um cheiro que indicava que era melhor não saber do que eram feitas.

Ele tirou uma pequena faca de cabo vermelho da confusão em cima da cama e avançou na direção do bode...

Um travesseiro o atingiu na nuca.

- Garn! Pequeno religioso desgraçado!

Arthur largou a faca e começou a chorar. Chidder se sentou na cama.

- Foi você, Cheesewright! - ele disse. - Eu vi!

Cheesewright, um rapaz magro de cabelo vermelho cujo rosto era uma grande sarda, encarou Chidder.

- Ah, isso já é demais - disse. - Não dá pra dormir com toda essa atmosfera religiosa no quarto. Hoje em dia só criança pequena reza antes de dormir. Nós deveríamos aprender a ser assassinos...

- Você poderia muito bem calar a boca, Cheesewright – gritou Chidder. - O mundo seria melhor se mais pessoas rezassem, ouviu? Eu sei que não faço isso com a frequência que deveria...

Um travesseiro o interrompeu no meio da frase. Ele pulou para fora da cama e avançou contra o garoto ruivo, agitando os punhos no ar.

Enquanto o resto do dormitório se juntava ao redor da dupla que brigava, Teppic desceu da cama e andou até Arthur, que estava sentado na beira de sua cama, soluçando.

Ele deu um tapinha de leve no ombro do menino, partindo do princípio de que esse tipo de coisa tranqüiliza as pessoas.

- Não deveria chorar por causa disso, jovem - disse, num tom ríspido.

- Mas... mas todas as runas estão arranhadas - explicou Arthur. - Agora é tarde demais! E isso significa que o Grande Orm virá no meio da noite para enrolar minhas entranhas num pedaço de pau!

-Ah, é?

- E sugar os meus olhos pra fora, minha mãe disse!

-Nossa! - exclamou Teppic, fascinado. - É mesmo? - Ele estava bastante feliz pelo fato de sua cama ficar em frente à de Arthur, o que garantia uma visão incomparável. - Que religião seria essa?

- Nós somos Ormitas Severos Autorizados - respondeu Arthur. E assoou o nariz. - Reparei que você não reza. Você não tem um deus?

- Ah, sim - disse Teppic, hesitante -, sem dúvida alguma.

- Você não parece querer falar com ele.

Teppic balançou a cabeça.

- Não posso - disse. - Não aqui. Ele não conseguiria ouvir, sabe.

- O meu deus consegue me ouvir de qualquer lugar – disse Arthur, num tom fervoroso.

- Bom, o meu tem dificuldade se você estiver do outro lado do quarto - observou Teppic. - Pode ser muito constrangedor.

- Você não é Offíeriano, é? - perguntou Arthur. Offler era um Deus Crocodilo, e não tinha orelhas.

-Não.

- Que deus você venera, então?

- Não exatamente venero - corrigiu Teppic, desconfortável. - Eu não diria venerar. Quer dizer, ele é legal. É o meu pai, se você quer tanto saber.

Os olhos avermelhados de Arthur se arregalaram.

- Você é filho de um deus? - sussurrou.

-Tudo isso faz parte de ser rei, lá de onde eu venho - explicou Teppic, o mais rápido possível. - Ele não tem que fazer muita coisa. Ou seja, os sacerdotes é que realmente dirigem o país. Ele só se certifica de que o rio transborda todos os anos, entende, e cuida da Grande Vaca da Abóbada do Céu. Bom, cuidava.

-A Grande...

- Minha mãe - emendou Teppic. - É tudo muito embaraçoso.

- Ele castiga as pessoas?

- Acho que não. Pelo menos ele nunca disse.

Arthur estendeu a mão até a cabeceira da cama. O bode, na confusão, tinha roído a corda e corrido pela porta, jurando um dia largar a religião.

- Eu estou muito encrencado. Será que você não poderia pedir pro seu pai explicar as coisas para o Grande Orm?

- Pode ser que ele consiga - ponderou Teppic, duvidoso. - Eu ia mesmo escrever para ele amanhã.

- Normalmente o Grande Orm pode ser encontrado num dos Infernos Baixos - disse Arthur -, de onde observa tudo o que fazemos. Pelo menos, tudo o que eu faço. Só restaram minha mãe e eu agora, e ela não faz muita coisa que precise ser vigiada.

- Direi a ele, com certeza.

- Você acha que o Grande Orm virá esta noite?

- Eu não apostaria nisso. Pedirei ao meu pai que diga para ele não vir.

No outro canto do dormitório, Chidder estava ajoelhado nas costas de Cheesewright, batendo a cabeça dele várias vezes contra a parede.

- Repita - mandou. -Vamos lá... - "Não há nada de errado"...

- "Não há nada de errado em um cara ser homem o bastante"... dane-se, Chidder, seu demônio...

- Não estou ouvindo, Cheesewright - disse Chidder.

- "Homem o bastante para fazer as suas orações na frente de outros caras", seu canalha.

- Certo. E não se esqueça disso.

Depois que as luzes foram apagadas, Teppic ficou deitado pensando sobre religião. Era certamente um assunto muito complicado.

O vale do Djel tinha seus próprios deuses, que não tinham nada a ver com o mundo lá fora. Isso sempre foi motivo de orgulho por lá. Os deuses eram sábios, justos e regulavam a vida dos homens com destreza e providência, não havia dúvidas quanto a isso. Mas havia alguns enigmas.

Ele sabia, por exemplo, que seu pai fazia o sol nascer, o rio encher e assim por diante. Isso era básico, era o que os faraós faziam desde o tempo de Khuft. Não era possível questionar coisas desse tipo. Porém, a questão era: ele só fazia o sol nascer no Vale ou em todo lugar do mundo? Fazer o sol nascer no vale parecia uma proposta mais razoável, afinal, seu pai já não era mais tão jovem. Mas era bastante difícil imaginar o sol nascendo em todos os outros lugares e não no Vale, o que levava ao pensamento aflitivo de que o sol nasceria mesmo se seu pai se esquecesse dele, uma situação muito provável. Ele era obrigado a admitir que nunca tinha visto seu pai fazer muita coisa em relação a fazer o sol subir. Era de se esperar ao menos um grunhido de esforço por volta do amanhecer. Seu pai nunca acordava antes do café-da-manhã. E o sol nascia do mesmo jeito.

Ele demorou um pouco para dormir. A cama - apesar do que tenha dito Chidder - era macia demais, o ar era muito frio e, o pior de tudo, o céu do outro lado das altas janelas era escuro demais. Na sua terra, estaria cheio de luzes trêmulas vindas da necrópole, com suas chamas silenciosas e misteriosas, mas de alguma forma familiares e reconfortantes, como se os ancestrais estivessem guardando seu Vale. Ele não gostava da escuridão...

Na noite seguinte, no dormitório, um dos meninos que vinham do outro lado da costa tentou timidamente colocar o menino da cama ao lado dentro de uma gaiola de vime que ele havia feito na aula de Artes e atear fogo nele, e, na noite seguinte, Snoxall, que ficava na cama perto da porta e vinha de um pequeno país nas florestas de algum lugar, pintou-se de verde e pediu que amarrassem seus intestinos ao redor de uma árvore. Na quinta-feira, houve uma pequena batalha entre os que adoravam a Deusa Mãe em sua forma de Lua e os que a adoravam em sua forma de uma mulher muito gorda, com um traseiro enorme. Depois disso, os mestres intervieram e explicaram que a religião, embora fosse uma coisa excelente, podia levar a posições extremas.

Teppic suspeitava que a falta de pontualidade era perdoável. Mas Mericet tinha que estar na torre antes dele? E ele estava indo pelo caminho direto. Não era possível que o velho chegasse lá antes dele. Para ter uma idéia, ele não poderia ter chegado primeiro à ponte no beco... "Deve ter tirado a ponte antes de me encontrar, e depois subido pelo telhado enquanto eu subia pela parede", disse Teppic a si mesmo, sem acreditar em nenhuma palavra do que dizia.

Ele correu por vários telhados, com os sentidos alertas para telhas soltas ou fios de armadilhas. Sua imaginação vestia todas as sombras de vultos que vigiavam no escuro.

A torre do gongo surgiu à sua frente. Parou e olhou para ela. Ele a havia visto centenas de vezes antes, e a representara em escala diversas vezes, mas mal chegava a 1.8, embora a cúpula de bronze fosse uma subida interessante. Era apenas um ponto de referência

conhecido. Isso piorava as coisas agora. Ela estava ali, enorme, na sua frente, uma forma espessa e ameaçadora no céu cinzento.

Avançou mais devagar, aproximando-se da torre no sentido oblíquo pelo telhado inclinado. Lembrou-se de que suas iniciais estavam lá, na cúpula, junto com as de Chiddy e daquelas centenas de outros jovens assassinos, e que elas continuariam lá, mesmo se ele morresse naquela noite. Era meio reconfortante. Mas não muito.

Desamarrou a corda e a arremessou em direção aos amplos balaústres que ficavam ao redor da torre, logo abaixo da cúpula. Ele a testou, e ouviu um leve clique quando ela se prendeu.

Depois, deu um puxão com a maior força possível, apoiando-se com um pé num cano de chaminé.

De modo abrupto, sem nenhum som, um balaústre deslizou para fora e se despreendeu.

Houve um estrondo quando ele bateu no telhado abaixo e depois deslizou pelas telhas. Outra pausa foi pontuada por um estampido distante quando ele aterrissou na rua silenciosa. Um cachorro latiu.

O silêncio reinava nos telhados. Onde Teppic estivera, a brisa mexia o ar quente.

Após alguns minutos, ele emergiu das sombras profundas de uma chaminé, abrindo um sorriso estranho e terrível.

Nada que o examinador pudesse fazer seria desonesto. O cliente de um assassino era invariavelmente rico o suficiente para pagar por uma proteção extremamente engenhosa, até e inclusive contratar seus próprios assassinos.^[5]

- Já foi dito que a vida não valia nada em Ankh-Morpork. Isso, é claro, é totalmente equivocado. A vida era muito cara, a morte é que era de graça.

- Sempre tem gente desistindo. Não agüentam o curso. O importante é saber o que é o quê, e quem é quem. Está vendo aquele sujeito ali?

Teppic seguiu a direção do dedo do colega, que apontava para um grupo de alunos mais velhos que passavam o tempo encostados

em uns pilares perto da entrada.

- O grandão? Com uma cara que parece a ponta da sua bota?

- Esse é Fliemoe. Cuidado com ele. Se ele convidar você para uma torrada no quarto dele, não vá.

- E quem é o menininho de cachinhos? - perguntou Teppic. Apontou para um garoto pequeno que recebia as atenções de uma senhora de ar abatido. Ela lambia um lençinho e passava no rosto dele, como se estivesse tirando alguma mancha. Quando parou de fazer isso, arrumou a gravata do menino.

Chidder estendeu o pescoço para ver.

- Ah, é só mais um aluno novo. Arthur alguma coisa. Ainda está grudado naquela múmia da mãe dele, pelo visto. Não vai durar muito.

-Ah, não sei, não - duvidou Teppic. - Nós não desgrudamos das nossas e já duramos milhares de anos.

Um disco de vidro caiu dentro do prédio silencioso e tilintou no chão. Não houve nenhum outro som durante vários minutos. Depois houve o leve clonk-clonk de uma lata de óleo. Uma sombra que estava parada de forma natural no parapeito - um cemitério de varejeiras - era na verdade um braço que se movia com a lentidão de um vegetal em direção à janela.

Houve um ruído metálico, depois a janela se abriu para fora num silêncio profundo.

Teppic apareceu no parapeito e desapareceu na sombra abaixo dele.

Durante um ou dois minutos, o espaço empoeirado foi preenchido pela intensa falta de ruídos causada por alguém se movendo com extremo cuidado. Mais uma vez houve o esguicho de óleo e, em seguida, o sussurro metálico quando o ferrolho de um alçapão que dava para o telhado se moveu suavemente para o lado.

Teppic esperou sua respiração se acalmar e, nesse momento, ouviu um som. Vinha por baixo do chiado indistinto do ambiente - quase não deu para ouvir, mas não havia dúvida. Alguém estava

esperando logo acima do alçapão, e colocou a mão num pedaço de papel para fazê-lo parar de chacoalhar na brisa.

Ele tirou a mão do ferrolho. Saiu com muito cuidado de volta pelo chão besuntado e foi sentindo seu caminho ao longo da parede áspera de madeira até chegar à porta. Dessa vez não se arriscou: tirou a rolha de sua lata de óleo e deixou uma gota silenciosa cair nas dobradiças.

Terminou tudo num minuto. Um rato, fazendo uma patrulha meio preguiçosa da passagem de ar adiante, teve que se segurar para não engolir a própria língua quando ele passou flutuando.

Havia outra porta no final e um labirinto de quartos de despensa mofados, que acabava numa escada. Calculou que estivesse a cerca de trinta metros do alçapão. Não havia nenhum cano de chaminé de fornalha que ele pudesse ver. Deveria haver uma saída fácil pelo telhado.

Ele se agachou e pegou o rolo de facas. Seu veludo preto formou uma figura alongada e ainda mais escura na penumbra. Selecionou uma Número Cinco, que não é uma faca para qualquer um atirar, mas que vale a pena usar se você souber o jeito certo.

Assim que ergueu a cabeça com extremo cuidado na beira do telhado, dobrou um braço por trás dela, pronto para arremessar alguns gramas de aço noite adentro.

Meriket estava sentado perto da entrada do alçapão, olhando para sua prancheta. Os olhos de Teppic se voltaram para a figura oblonga da ponte de tábuas, colocada meticulosamente contra o corrimão, a alguns metros dali.

Ele tinha certeza de que não havia feito barulho algum. Jurava que o examinador tinha ouvido o som de seu olhar caindo sobre ele.

O velho levantou a cabeça careca.

- Obrigado, senhor Teppic - disse -, pode prosseguir.

Teppic sentiu o suor esfriar. Olhou fixamente para as tábuas, depois para o examinador, e depois para a sua faca.

- Sim, senhor - respondeu. Isso não pareceu suficiente, nas circunstâncias. Acrescentou - Obrigado, senhor.

Ele se aproximou silenciosamente da base da torre e encontrou um cano de esgoto. Não estava revestido de algo que o fizesse escorregar, para sua surpresa, mas seus dedos buscaram cuidadosamente e conseguiram encontrar as agulhas envenenadas pintadas de preto e coladas na parte interna do cano. Retirou uma delas com sua pinça e deu uma fungada. Cana destilada. Coisa cara, de efeito espantoso. Pegou um pequeno frasco de vidro no cinto e coletou o maior número de agulhas que conseguiu encontrar. Depois, colocou suas luvas blindadas e, na velocidade de um bicho preguiça, começou a escalar. "Também pode ser que, ao andarem pela cidade nos momentos em que não estão fazendo nada ilegal, vocês se encontrem em posição de rivalidade com companheiros da escola, até mesmo um dos cavalheiros com os quais você tem dividido a carteira. E não há nada de errado nisso, e o que o senhor está fazendo sr. Chidder não não me conte tenho certeza de que eu não gostaria, de saber venha falar comigo depois é apropriado. Todos têm plena liberdade para se defender da melhor forma que puderem. Existem, no entanto, outros inimigos que seguirão os seus rastros e contra os quais vocês estarão sempre despreparados quem são eles senhor Cheesewright?"

Meriket se virou do quadro negro feito um abutre que acabou de ouvir o som da respiração de um moribundo e apontou o giz para Cheesewright, que engoliu seco.

- O Grêmio dos Ladrões, senhor - foi o que conseguiu dizer.

- Venha até aqui, rapaz.

As coisas que Meriket havia feito com alunos relaxados no passado foram tema de rumores e sussurros nos dormitórios. Eram sempre vagos, porém horripilantes. A tensão na classe baixou. Meriket geralmente se concentrava em uma única vítima de cada vez, portanto, tudo que os outros tinham que fazer agora era olhar com atenção e apreciar o espetáculo. Vermelho até as orelhas,

Cheesewright ficou de pé e marchou pelo corredor entre as carteiras. O mestre o examinou pensativamente.

- Bom, vejamos... - disse. - Aqui temos Cheesewright, G., correndo escondido pelos telhados trêmulos. Vejam as orelhas resolutas. Vejam a posição firme desses joelhos.

A turma deu uma risada nervosa, por obediência. Cheesewright deu um sorriso idiota para eles e revirou os olhos.

- Mas, ei, que vultos são esses que caminham junto com ele? já que o senhor acha isso tão engraçado, sr. Teppic, talvez o senhor seja tão bom que consiga informar ao sr. Cheesewright.

Teppic ficou paralisado no meio da risada. O olhar fulminante de Mericet o perfurou. "Ele é exatamente como Dios, o sumo sacerdote", pensou Teppic. "Até o meu pai morre de medo de Dios."

Ele sabia o que devia fazer, e estaria perdido se o fizesse. Tinha que ficar com medo. - Falta de preparo - respondeu. - Descuido. Falta de concentração. Falta de cuidados com os instrumentos. Ah, e excesso de confiança, senhor.

Mericet continuou encarando-o por algum tempo, mas Teppic havia treinado com os gatos do palácio.

Finalmente, o professor deu um leve sorriso, que não tinha absolutamente nada a ver com bom humor, jogou o giz para cima, pegou-o de volta, e disse:

- O sr. Teppic está absolutamente certo. Especialmente em relação ao excesso de confiança.

Havia uma borda que dava para uma convidativa janela aberta. Havia óleo na borda, e Teppic gastou alguns minutos fixando pequenos grampos nas rachaduras das pedras antes de prosseguir.

Ele se pendurou com facilidade na janela e começou a pegar pequenas varetas de metal em seu cinto. Elas tinham encaixes nas pontas, e, após alguns segundos de trabalho ágil, ele tinha uma vara longa de cerca de um metro, na ponta da qual afixou um pequeno espelho.

Que não revelou nada na penumbra além da janela. Puxou o instrumento de volta e tentou novamente, desta vez prendendo seu capuz, no qual enfiou as luvas, para dar a impressão de uma cabeça se revelando cuidadosamente contra a luz. Estava certo de que o capuz seria atingido por uma flecha ou um dardo, mas ele permaneceu firmemente não atacado.

Teppic começou a sentir calafrios, apesar do calor da noite. Veludo preto era bonito, mas isso era tudo que se podia dizer a seu favor. A agitação e o empenho significavam que agora estava vestindo alguns litros de água pegajosa.

Ele avançou.

Havia um fio preto e fino no parapeito da janela e uma lâmina serrilhada presa à outra janela de correr, logo acima. Num segundo, poderia colocar mais varetas na janela e depois cortar o fio. A janela baixou um milímetro. Ele deu um sorriso malicioso na escuridão.

Uma varredura com uma vara longa dentro do quarto revelou que havia chão, aparentemente livre de obstruções. Havia também um fio mais ou menos à altura do peito. Ele puxou a vara de volta, prendeu um pequeno gancho na ponta, mandou novamente para dentro, pegou o fio e deu um puxão.

Foi então que veio o estalo abafado de uma flecha de besta batendo em reboco velho.

Uma bola de argila colocada na ponta da mesma vara, empurrada cuidadosamente pelo chão, revelou a existência de diversos estrepes. Teppic os arrastou para fora e examinou com interesse. Eram de cobre. Se tivesse tentado a técnica do imã, que era o método mais usado, não os teria encontrado.

Ficou pensando um pouco. Em sua sacola havia muitos padres fáceis de colocar. Eles eram grandes e desajeitados para perambular num quarto à espreita de alguma coisa, mas mesmo assim ele os colocou. (Padres são galochas reforçadas com metal. Só podiam ser usadas por quem tinha pé de anjo. Elas salvam a sua alma. Essa é uma piada de assassinos. Pouca gente sabe que "alma" é também o

vão da sola do pé.) Afinal, Mericet era um homem de venenos. Cana!^[6] Se ele tivesse usado essa substância nos estrepes, Teppic ficaria incrustado nas paredes. Não precisariam nem enterrá-lo, bastaria refazer a decoração por cima dele.

As regras. Mericet teria que obedecer às regras. Ele não poderia simplesmente matá-lo, sem nenhum aviso. Teria que deixar que, por descuido ou excesso de autoconfiança, ele matasse a si mesmo.

Pisou de leve no chão do quarto e deixou seus olhos se adaptarem à escuridão. Alguns movimentos giratórios com as varas não detectaram mais nenhum fio. Houve um ruído fraco debaixo dos pés quando um padre esmagou um estrepe.

- No momento em que desejar, sr. Teppic.

Mericet estava parado num canto. Teppic ouviu o ruído fraco de seu lápis arranhando o papel enquanto ele tomava nota. Tentou tirar o homem de sua mente. Tentou pensar.

Havia um vulto deitado na cama. Estava todo coberto com um cobertor.

Essa era a última parte. Esse era o quarto onde tudo era decidido. Essa era a parte que os alunos que se davam bem nunca contavam. Os que não tinham se dado bem não estavam ali para contar a história.

A mente de Teppic elaborou diversas possibilidades. "Em momentos como este", pensou, "seria útil alguma orientação divina. Onde você está, pai?"

Invejou os colegas que acreditavam em deuses intangíveis que viviam muito longe, no alto de alguma montanha. Era possível acreditar em deuses assim. Mas era extremamente difícil acreditar num deus que era visto tomando café-da-manhã todos os dias.

Teppic desamarrou sua besta e atarraxou as partes lubrificadas. Não era uma arma apropriada, mas suas facas haviam acabado e seus lábios estavam secos demais para a zarabatana.

Ouviu-se um tique-taque vindo do canto. Mericet estava batendo o lápis entre os dentes para passar o tempo.

Poderia ser um boneco embaixo do cobertor. Como saberia? Não, tinha que ser uma pessoa de verdade. Os alunos contavam certas histórias... Talvez pudesse usar as varetas.

Ele balançou a cabeça, ergueu a besta e mirou com cuidado.

- Quando quiser, sr. Teppic.

Esse era o momento.

Era o momento em que eles viam se você era capaz de matar.

Isso era o que ele vinha tentando tirar da cabeça. Sabia que não era capaz.

Às oitavas-feiras, a aula era de Conveniência Política, com a Senhora T'malia, uma das poucas mulheres que conquistaram um cargo elevado no Grêmio. Nas terras ao redor do Mar Círculo, costumava-se concordar que uma forma de atingir vida longa era não fazer uma refeição com sua Senhoria. As jóias de apenas uma de suas mãos tinham veneno suficiente para sepultar uma pequena cidade. Ela tinha uma beleza estonteante, mas era o tipo de beleza calculada que se alcança por meio de um time de artistas habilidosos, manicures, modeladores, cintas e costureiras, e três horas de trabalho pesado todas as manhãs. Quando andava, ouvia-se um leve rangido de barbatanas de baleia sob incrível pressão.

Os garotos estavam aprendendo. Enquanto ela falava, não olhavam para seu corpo. Olhavam para seus dedos.

- E assim - ela disse, - consideremos a situação antes da fundação do Grêmio. Nesta cidade, e de fato em muitos outros lugares, a civilização é cultivada e progride através do jogo dinâmico de interesses entre muitos cartéis grandes e poderosos. No tempo que antecedeu a fundação do Grêmio, a busca por progressos entre esses grupos resultava com freqüência em desentendimentos, que foram concluídos com extremo preconceito. Eram extremamente nocivos aos interesses comuns da cidade. Por favor, entendam que, • onde reina a desarmonia, o comércio enfraquece. Ainda assim, ainda

assim - ela apertou a mão contra o peito; ouviu-se um rangido semelhante ao de um galeão batendo contra o vento -, houve claramente a necessidade de encontrar meios extremos, porém responsáveis, de apaziguar as diferenças irreconciliáveis, e dessa forma foi estabelecido o fundamento para o Grêmio. Que êxtase - o aumento repentino da intensidade de sua voz arrancou algumas dúzias de jovens rapazes, cheios de culpa, de seus devaneios particulares - deve ter sido estar presente naquele tempo, em que homens de sólido propósito moral se dispuseram a elaborar a ferramenta política suprema, que excluía a possibilidade de guerra. Como vocês são sortudos hoje em dia, por poderem treinar para entrar em um grêmio que exige tanto em termos de educação,

postura, comportamento e habilidades exóticas, e ainda oferece o poder que um dia foi apenas dos deuses. Realmente, o mundo é o molusco de sua escolha...

Chidder traduzia muito dessas falas atrás dos estábulos, no intervalo do jantar.

- Eu sei o que significa Concluir com Extremo Preconceito - disse Cheesewright, com ar de superioridade. - Significa sepultar com um machado.

- Uma ova - interveio Chidder.

- Como é que você sabe?

- A minha família é do comércio há anos.

- Humm - desdenhou Cheesewright. - Comércio.

Chidder nunca entrou em detalhes sobre de qual tipo de comércio se tratava. Tinha algo a ver com levar produtos de um lugar para o outro e suprir necessidades, mas exatamente quais produtos e quais necessidades nunca ficou claro.

Depois de bater em Cheesewright, ele explicou, com cuidado, que Concluir com Extremo Preconceito não implicava simplesmente que a vítima era sepultada, de preferência de maneira extremamente perfeita, mas que seus sócios e empregados também eram intimamente envolvidos, assim como o local do negócio, o

prédio onde ficava e boa parte da vizinhança, de modo que todos os envolvidos soubessem que o homem havia sido insensato o bastante para fazer um inimigo do tipo que fica muito bravo e não faz discriminações.

- Caramba! - exclamou Arthur.

- Ah, isso não é nada - prosseguiu Chidder. - Num Reveillon dos Porcos, meu avô e seu departamento de contas fizeram uma conferência de negócios de alto nível com o pessoal da Centrolândia,

e quinze corpos nunca foram encontrados. Esse tipo de coisa é muito

prejudicial. A comunidade de negócios fica muito abalada.

- Toda a comunidade de negócios ou só a parte que ficou boiando de bruços no rio? - perguntou Teppic.

- Essa é a questão. Deveria ser assim - afirmou Chidder, balançando a cabeça. - Você entende. Limpo. Por isso meu pai disse

que eu deveria entrar para o Grêmio. Hoje em dia você tem que to

car o negócio, não dá para gastar todo o tempo com relações públicas.

A ponta da besta tremia.

Ele gostava de todas as outras coisas da escola: as escaladas, as aulas de música, a educação abrangente. Era o fato de no fim ter que matar as pessoas que vinha afligindo sua mente. Ele nunca tinha matado ninguém.

"Essa é a questão", disse a si mesmo. "Este é o ponto em que todos descobrem se você é capaz, inclusive você. Se eu errar agora, estou morto."

No seu canto, Mericet começou a cantarolar uma melodia desanimadora.

Havia um preço que o Grêmio pagava pelo seu silêncio. Eles providenciavam que não houvesse nenhum assassino descuidado, receoso ou, por assim dizer, sanguinariamente ineficiente. Você nunca conhecia ninguém que tivesse sido reprovado no teste.

Mas as pessoas eram reprovadas. Você apenas não as conhecia. Talvez houvesse um ali no meio, talvez Chidder, ou até o Snoxall, ou qualquer um dos garotos. Estavam todos fazendo o teste naquela noite. Talvez, se fosse reprovado, Teppic desapareceria como eles...

Ele tentou mirar o vulto deitado.

- A-rã - tossiu o examinador.

Sua garganta estava seca. O pânico subiu por suas entranhas feito o jantar de um bêbado com náuseas. Seus dentes queriam bater. Sua espinha estava congelada, suas roupas eram um monte de trapos úmidos. O mundo ficou lento.

Não. Ele não faria isso. A decisão repentina o atingiu feito um tijolo num beco escuro, e foi quase tão surpreendente quanto. Não que ele odiasse o Grêmio, ou desgostasse particularmente de Mericet, mas essa não era a forma de testar alguém. Era simplesmente errado.

Decidiu ser reprovado. "O que, exatamente, o velho poderia fazer aqui?"

E seria reprovado com estilo.

Ele se virou para encarar Mericet, olhou com calma nos olhos do examinador, estendeu a mão que segurava a besta em alguma direção vaga para a direita e puxou o gatilho.

Ouviu-se um som metálico.

Houve um clique quando a flecha ricocheteou num prego no parapeito da janela. Mericet se abaixou quando ela passou zunindo acima de sua cabeça. Ela atingiu um suporte de tocha na parede e passou pelo rosto branco de Teppic ronronando feito um gato enlouquecido.

Ouviu-se um baque quando ela atingiu o cobertor, e depois, silêncio.

- Obrigado, sr. Teppic. Se o senhor puder aguardar um minuto...

O velho assassino ficou matutando diante de sua prancheta, com os lábios se movendo.

Pegou o lápis, que estava pendurado na prancheta por um pedaço de barbante esfiapado, e fez algumas anotações num pedaço de papel cor-de-rosa.

- Pensando bem, não pedirei ao senhor que pegue este papel das minhas mãos. Eu o deixarei sobre a mesa, perto da porta.

Não era um sorriso especialmente agradável: era fino e ressecado, um sorriso do qual a simpatia havia evaporado muito tempo antes. As pessoas geralmente sorriam daquele jeito quando ficavam mortas por cerca de dois anos sob o sol escaldante do deserto. Mas ao menos era possível ver que ele estava se esforçando.

Teppic não se moveu.

- Eu passei?

- Parece que é o caso.

- Mas...

- Estou certo de que sabe que não nos é permitido discutir o teste com os alunos. No entanto, posso lhe dizer que, pessoalmente,

não aprovo essas técnicas modernas e espalhafatosas. Bom dia para

o senhor.

E Mericet se retirou com arrogância.

Teppic foi tremendo até a mesa empoeirada perto da porta e olhou para baixo, horrorizado, para onde estava o papel. Por puro hábito, retirou uma pinça da sacola para erguê-lo.

Era realmente genuíno. O brasão do Grêmio estava lá, e o rabisco confuso que era, sem dúvida, a assinatura de Mericet. Ele a havia visto várias vezes, geralmente na parte de baixo das folhas de

prova, ao lado de comentários como 3/10. Venha conversar. Ele caminhou até o vulto na cama e puxou o cobertor.

Era quase uma da manhã. Ankh-Morpork estava apenas começando sua noite.

Estava escuro acima dos telhados, no mundo elevado dos ladrões e assassinos. Mas lá embaixo a vida da cidade fluía pelas ruas feito uma onda.

Teppic andava no meio da multidão num estado de torpor. Qualquer outra pessoa que tentasse fazer isso naquela cidade estaria pedindo um passeio turístico no fundo do rio. Mas ele usava o preto dos assassinos, e a multidão simplesmente se abria diante dele de modo automático e se fechava atrás. Até os trombadinhas ficavam longe. Era impossível saber o que se poderia encontrar. Ele vagou sem rumo pelos portões da Sede do Grêmio e se sentou num banco de mármore preto, com o queixo sobre as juntas dos dedos.

O fato era que sua vida havia chegado ao fim. Não tinha pensado sobre o que aconteceria depois. Não tinha ousado pensar que chegaria a existir um depois.

Alguém bateu em seu ombro. Quando se virou, Chidder se sentou ao seu lado e pegou um papel cor-de-rosa sem dizer nada.

- Moleza - disse.

- Você também passou? - perguntou Teppic.

Chidder deu um sorriso afetado.

- Sem problemas. Foi o Nivor. Sem problemas. Ele só me deu um pouco de trabalho na Descida de Emergência. E você?

- Ha? Ah. Não. -Teppic tentou se recompor. - Sem problemas.

- Ficou sabendo de mais alguém?

-Não.

Chidder apoiou as costas no banco.

- Cheesewright vai conseguir - disse, com ar de superioridade -, e o jovem Arthur também. Não sei se alguns dos outros vão. Poderíamos dar a eles vinte minutos, o que você acha?

Teppic olhou para ele com uma expressão de agonia.

- Chiddy, eu...
- O quê?
- Quando chegou a hora, eu...
- Você o quê?

Teppic olhou para as pedras do chão.

- Nada.

- Você tem sorte. Acabou de dar um passeio sobre os telhados. Eu fiquei com os canos de esgoto e depois com o guarda-roupa da Torre dos Armarinhos. Tive que entrar e trocar de roupa quando cheguei aqui.

- O seu era um boneco, não era? - perguntou Teppic.

- Mas é claro, o seu não era?

- Mas eles fizeram a gente pensar que ia ser de verdade! - Teppic gritou.

- Parecia de verdade, não é?

-Sim!

- Então. E você passou. Então não tem problema.

- Mas você não imaginou quem estaria debaixo daquele cobertor? Quem era, e por quê?

- Eu estava preocupado em fazer direito - admitiu Chidder. - Mas depois eu pensei "bom, não sou eu quem decide".

- Mas eu... - Teppic parou. O que poderia fazer? Explicar o que acontecera? De alguma forma aquilo não parecia ser exatamente uma idéia muito boa.

O amigo deu um tapa em suas costas.

- Não se preocupe com isso! - disse. - Nós conseguimos!

E Chidder ergueu o polegar apertado contra os dois primeiros dedos da mão direita, fazendo a antiga saudação dos assassinos.

Um polegar apertado contra dois dedos, e a figura esbelta do dr. Cruces, professor principal, cresceu diante dos dois meninos assustados.

- Nós não assassinamos - disse. Sua voz era suave. O doutor nunca erguia a voz, mas tinha uma forma de aumentar o tom e

prolongar o som que fazia com que pudesse ser ouvido no meio de um furacão. - Nós não executamos. Não massacrados. Nós nunca, podem ter certeza disso, nunca torturamos. Não temos nada a ver com crimes passionais ou motivados por ódio ou propósitos vãos.

Nós não o fazemos pelo prazer de sepultar ou para alimentar alguma necessidade interior e secreta, nem para tirar proveitos mesquinhos, nem por alguma causa ou crença. Eu lhes digo, cavalheiros, que todas essas razões são suspeitas nos mais altos níveis. Olhe nos olhos de um homem que irá matá-lo por uma causa e suas narinas farejarão o odor de algo horrendo. Ouça um discurso declarando uma guerra santa e, eu lhes garanto, seus ouvidos sentirão o tinido das escamas do mal e de sua cauda monstruosa se arrastando sob a pureza da linguagem. Não, nós fazemos isso pelo dinheiro. E, porque nós, acima de tudo, temos que saber o valor de uma vida humana, o fazemos por uma grande quantidade de dinheiro. Não deve haver muitos motivos mais honestos, tão ausentes de qualquer pretensão. Nil mortifi, sine lucre. Lembrem-se. Não se mata sem pagamento -ele fez uma pausa. - E sempre dêem um recibo - acrescentou.

- Então está tudo bem - disse Chidder. Teppic concordou com uma expressão melancólica. Isso era o que havia de tão admirável em Chidder. Ele tinha uma habilidade invejável de evitar pensar seriamente sobre qualquer coisa que fizesse.

Um vulto se aproximou devagar pelos portões abertos.^[7] A luz da tocha da casa do porteiro fez reluzir um cabelo loiro e cacheado.

- Então vocês dois conseguiram - comentou Arthur, mexendo em seu papel de modo casual.

Arthur havia mudado bastante em sete anos. A falha constante do Grande Orm em desencadear uma vingança orgânica por falta de piedade o havia curado de sua tendência de correr para todos os lados com o casaco na cabeça. Seu tamanho pequeno lhe dava uma vantagem natural nas áreas do ofício que envolviam espaços pequenos. Sua aptidão inata para a violência canalizada tinha se

revelado no dia em que Fliemoe e alguns de seus amigos decidiram que seria engraçado jogar os garotos novos para o alto num cobertor, e pegaram Arthur primeiro. Dez segundos depois havia

sido necessário o esforço combinado de todos os garotos do dormitório para segurar Arthur e arrancar os restos da cadeira de seus dedos. Tinham espalhado por aí que ele era o filho do falecido John Ludorum, um dos maiores assassinos da história do Grêmio. Filhos de assassinos mortos sempre recebiam bolsa de 100%. Sim, essa podia ser uma profissão generosa, às vezes.

Não havia nenhuma dúvida de que Arthur passaria. Ele tivera aulas particulares e tinha permissão para usar venenos realmente complicados. Provavelmente continuaria por lá para fazer pós-graduação.

Eles esperaram até que os gongos da cidade batessem as duas horas. O mecanismo dos relógios não era uma tecnologia precisa em Ankh-Morpork e, além disso, muitas das várias comunidades da cidade tinham sua própria idéia sobre o que constituía uma hora, então as baquetas seguiram batendo com força pelos telhados durante cinco minutos.

Quando ficou óbvio que o consenso da cidade era a favor de que já tivesse passado das duas, os três rapazes pararam de olhar silenciosamente para os sapatos.

- Bom, é isso - disse Chidder.

- Pobre Cheesewright - lamentou Arthur. - E trágico, se você parar para pensar.

- É, ele me devia quatro centavos - concordou Chidder. - Vamos lá. Eu preparei algo para nós.

O rei Teppicymon XXVII saiu da cama e tapou os ouvidos para afastar o estrondo do mar. Estava forte naquela noite.

Era sempre mais alto quando estava se sentindo mal. Precisava de algo para se distrair. Poderia mandar chamar Ptraci, sua criada favorita. Ela era especial. Sua cantoria sempre o deixava animado. A vida parecia muito mais alegre depois de ouvi-la cantar.

Ou então o nascer do sol. Isso era sempre reconfortante. Era agradável ficar sentado, enrolado num cobertor, no telhado mais alto do palácio, olhando a névoa se erguer do rio enquanto a cheia dourada se derramava sobre a terra. Dava aquele sentimento de paz e contentamento por mais um trabalho bem-feito. Mesmo que você não soubesse realmente como conseguiu fazê-lo...

Ele se levantou, calçou os chinelos e saiu do quarto. Passou pelo amplo corredor que levava às enormes escadas espirais e ao telhado. Algumas velas pequenas iluminavam as estátuas dos outros deuses locais, tingindo as paredes com sombras inconstantes que formavam figuras com cabeça de cachorro, corpo de peixe, braços de aranha. Ele as conhecia desde a infância. Seus pesadelos da juventude teriam sido amorfos sem elas.

O mar. Ele apenas o vira uma vez, quando era menino. Não conseguia se lembrar de muita coisa sobre ele, exceto o tamanho. E o barulho. E as gaivotas.

Elas depredavam sua mente. Pareciam ter tudo bem planejado, as gaivotas. Ele desejava poder voltar como gaivota, um dia, mas é claro que isso não era uma opção, se você fosse um faraó. Você nunca voltaria. Na verdade, você não iria embora.

- Bem, o que isso? - perguntou Teppic.

- Experimente - disse Chidder -, você nunca terá outra oportunidade.

- Me parece uma pena estragar isso - disse Arthur com um ar pomposo, olhando para o arranjo delicado em seu prato. - O que são todas essas coisinhas vermelhas?

- São apenas rabanetes - desconversou Chidder. - Eles não são a parte importante. Vai logo.

Teppic estendeu o pequeno garfo de madeira e espetou uma lasca de peixe branco da espessura de uma folha de papel. O chef sentimental o observava com o ar de quem olhava para uma criança aprendendo a andar em seu primeiro aniversário. Assim como o resto do restaurante.

Ele mastigou com cuidado. Era salgado e levemente borrachudo, com um toque de cano de esgoto.

- Bom? - perguntou Chidder, ansioso. Alguns clientes que estavam mais perto começaram a bater palmas.

- Diferente - Teppic admitiu, mastigando. - O que é?

- Baiacu do fundo do mar - respondeu Chidder. - Não se preocupe - emendou rapidamente, enquanto Teppic colocava o garfo de volta sobre o prato, num gesto significativo -, é perfeitamente seguro desde que cada parte do estômago, do fígado e do trato digestivo seja removida. Por isso é tão caro, só existe um bom chef no preparo de baiacu. É a comida mais cara do mundo, as pessoas escrevem poemas sobre ela...

_ Poderia ser uma explosão de sabor - murmurou Teppic, tentando se controlar. Mas devia ter sido preparado de forma adequada; caso contrário, ele estaria fazendo parte da decoração do lugar, como papel de parede. Mexeu com cuidado nas raízes fatiadas que ocupavam o resto do prato.

- Qual é o efeito dessas coisinhas?

- Bem, a menos que sejam preparadas exatamente da maneira correta, após um período de seis semanas elas reagem de forma catastrófica com os ácidos do seu estômago - explicou Chidder. - Desculpa. Eu achei que devíamos celebrar com o prato mais caro que podíamos pagar.

- Eu entendo. Um prato especial para Homens - disse Teppic.

- Será que tem vinagre neste lugar? - perguntou Arthur, de boca cheia. - E umas boas ervilhas seria perfeito.

O vinho estava bom. Não incrivelmente bom. Não era das melhores safras. Mas explicou por que Teppic ficou com dor de cabeça o dia todo.

Era a antessaca. Seu amigo tinha comprado quatro garrafas de um vinho que poderia ser muito barato. A razão pela qual era tão caro é que as uvas das quais era feito ainda não haviam sido plantadas.^[8]

O rei Teppicymon XXVII observou o disco dourado a flutuar na beira do mundo. Um bando de groux levantou vôo do rio coberto pela névoa. Ele tinha sido cuidadoso, disse a si mesmo. Ninguém jamais havia lhe explicado como fazer o sol nascer, o rio encher e o milho crescer. Como o faziam? Ele era o deus, afinal de contas. Deveria saber. Mas não sabia, então apenas seguiu pela vida com uma esperança enorme de que tudo funcionasse bem, e isso parece ter resolvido o assunto. O problema, no entanto, era que, se isso não funcionasse, não saberia por quê. Um pesadelo recorrente era que Dios, o sumo sacerdote, o acordasse de manhã, chacoalhando-o, mas não seria manhã, e todas as luzes do palácio estariam queimando, e uma multidão furiosa resmungando numa escuridão iluminada apenas pelas estrelas do lado de fora. E todos olhavam para ele com muita expectativa. E tudo que ele seria capaz de dizer seria "Perdão".

Ficava aterrorizado. Como era fácil imaginar o gelo se formando no rio, a eterna geada contornando as palmeiras e arrancando suas folhas (que se quebrariam quando batessem no chão congelado) e os pássaros caindo sem vida do céu...

Uma sombra o encobriu. Olhou com os olhos marejados de lágrimas para um horizonte cinza e vazio, com a boca aberta numa expressão de horror. Levantou-se, jogando o cobertor para o lado, e ergueu as mãos num gesto de súplica. Mas o sol se fora. Ele era o deus, esse era o seu trabalho, era a única coisa que precisava fazer, e havia decepcionado as pessoas. Agora ele podia ouvir em sua mente a fúria da multidão, um estrondo crescente que começava a encher seus ouvidos até o ritmo se tornar insistente e familiar, até chegar ao ponto em que não mais exercia uma pressão para dentro, e sim o puxava para fora, para o deserto azul e salgado onde o sol sempre brilhava e formas suaves voavam pelo céu.

8. O vinho, ao contrário, é feito de uvas que pertencem à classe da flora - reanuais - que só dá em campos mágicos excessivamente altos. Plantas normais crescem depois que as sementes são

plantadas - com as reanuais dá-se o contrário. Embora o vinho reanual cause embriaguez da forma normal, a ação do sistema digestivo sobre as moléculas provoca uma reação incomum cujo efeito final é forçar a ressaca resultante de volta no tempo, até algumas horas antes de o vinho ser bebido. Daí o ditado: pegue um pêlo do cachorro que vai mordê-lo.

O faraó ficou na ponta dos pés, ergueu a cabeça, estendeu as asas. E pulou.

Enquanto planava pelo céu, ficou surpreso ao ouvir um baque surdo atrás dele. E o sol saiu de trás das nuvens.

Mais tarde, o faraó se sentiu terrivelmente constrangido por causa disso.

Os três novos assassinos cambaleavam devagar pela rua, a ponto de cair, mas nunca chegando realmente a fazê-lo, tentando cantar "O Bastão do Feiticeiro é Arredondado na Ponta" em harmonia, ou pelo menos no mesmo tom.

- É granji e é redondo e pesa três... - cantou Chidder. - Droga, no que foi que eu pisei?

- Alguém sabe onde a gente está? - perguntou Arthur.

- A gente... a gente estava indo pra Sede do Grêmio - disse Teppic -, só que deve ter ido pelo caminho errado, ali na frente é o rio. Dá pra sentir o cheiro.

A cautela penetrou a couraça de álcool de Arthur.

- Pode ter geni... geti... gente perigosa por aí, essa hora da noite - arriscou.

- É - concordou Chidder, com satisfação -, nós. Tem um papel pra provar. Tem teste e tudo mais. Quero ver alguém tentar qualquer coisa com a gente.

- Isso mesmo - concordou Teppic, escorando-se nele para tentar algum tipo de apoio. - Nós vamos cortá-los do negócio até a coisa.

- Isso aí!

Eles seguiram oscilando até a Ponte de Metal.

Na verdade havia pessoas perigosas por perto nas sombras que precediam o amanhecer, e naquele momento elas estavam uns vinte passos atrás deles.

O complexo sistema de Associações criminosas não fez de Ankh-Morpork um lugar mais seguro, apenas formalizou seus perigos e os colocou sobre uma base regular e confiável. As principais associações policiavam a cidade com mais eficácia e certamente mais sucesso do que a velha Vigilância jamais conseguira. E é verdade que qualquer ladrão freelance ou sem licença apanhado pela Associação dos Ladrões era logo detido preventivamente para a apuração de relatórios sociais, além de ter os joelhos pregados^[9].

Porém, havia sempre alguns espíritos que se aventuravam num estilo de vida precário, fora da ilegalidade, e cinco homens dessa espécie estavam se aproximando cuidadosamente do trio para lhes apresentar a oferta especial da semana: um corte na garganta mais roubo e enterro na lama do rio de sua escolha.

As pessoas geralmente ficam longe de assassinos por causa de um sentimento instintivo de que matar as pessoas por uma grande quantia em dinheiro é um ato reprovado pelos deuses (que geralmente preferem que as pessoas sejam mortas por quantias muito pequenas em dinheiro ou de graça) e pode ser considerado insolência. Os deuses acreditam muito na justiça, pelo menos no que se refere aos humanos, e são conhecidos por administrarem-na com tanto entusiasmo que pessoas a quilômetros de distância são transformadas em galheteiros.

No entanto, o preto dos assassinos não assusta a todos, e em certos setores da sociedade existe um sinal distintivo no ato de matar um assassino. É como conseguir um sixer no jogo de conkers^[10].

De maneira geral, portanto, os três que estavam até agora cambaleando pelas placas desertas da Ponte de Metal eram assassinos totalmente bêbados, e os homens atrás deles estavam

determinados a inserir, se não um ponto final, uma vírgula significativa na vida deles.

Chidder desviou para dentro de um dos hipopótamos heráldicos de madeira¹¹ que se alinhavam no lado da ponte que dava para o mar, depois caiu para fora e foi parar no corrimão.

- Vômito - anunciou.

- A vontade - disse Arthur -, é para isso que serve o rio.

Teppic suspirou. Ele gostava dos rios - os quais, em sua opinião, foram feitos para terem vitórias-régias em cima e crocodilos embaixo -, e o Ankh sempre o deixava deprimido porque, se colocassem uma vitória-régia nele, ela se dissolveria. Ele drenava os enormes prados lodosos que iam até as montanhas Ramtops e, quando passava por Ankh-Morpork, com população de 1 milhão de habitantes, só poderia ser considerado um líquido pelo fato de se mover mais rápido do que a terra ao seu redor. Na verdade, vomitar nele provavelmente só o deixaria, comparativamente, mais limpo nas margens^[11].

Ele olhou fixamente para o fino no que escorreu entre os lares centrais e depois ergueu o olhar para o horizonte cinzento. _ O sol está voltando - anunciou.

- Não me lembro de ter comido isso - murmurou Chidder.

Teppic chegou para trás, e uma faca passou perto de seu nariz e ficou cravada no traseiro do hipopótamo próximo a ele.

Cinco vultos surgiram da névoa. Os três assassinos se juntaram de forma instintiva.

- Se vocês chegarem perto de mim, irão se arrepender muito - gemeu Chidder, apertando o estômago. - O gasto com a limpeza será horrível.

- Ora, ora. O que temos aqui? - ironizou o líder dos ladrões. Esse é o tipo de coisa que se diz nessas circunstâncias.

- Vocês são da Associação dos Ladrões? - perguntou Arthur.

- Não - respondeu o líder -, nós somos a pequena e pouco representativa minoria que dá a fama ruim para o resto. Dêem seus

objetos de valor e suas armas para nós, por favor. Isso não fará nenhuma diferença no resultado final, vocês entendem. É que roubar de um cadáver é desagradável e degradante.

- Nós poderíamos atacá-los - avisou Teppic, sem muita certeza.

- Não olhe para mim - disse Arthur -, eu não conseguiria encontrar a minha própria bunda nem com um atlas.

- Vocês vão se arrepender quando eu começar a vomitar - disse Chidder.

Teppic estava ciente de que carregava facas de atirar enfiadas nas duas mangas e de que as chances de pegar uma delas a tempo de ainda estar vivo para jogá-la seriam muito pequenas.

Em momentos como esse, o consolo religioso é muito importante. Ele se virou e olhou para o sol, assim que ele saiu de trás da massa de nuvens espessas do amanhecer.

Havia um pequeno ponto no centro.

O falecido rei Teppicymon XXVII abriu os olhos.

- Eu estava voando - sussurrou -, eu me lembro da sensação de ter asas. O que eu estou fazendo aqui?

Ele tentou ficar de pé. Sentiu por um instante a sensação de estar pesado, que logo passou, possibilitando que se levantasse quase sem nenhum esforço. Olhou para baixo, para ver o que havia causado isso.

- Oh, não - disse.

A cultura do reino do rio tinha muito a dizer sobre a morte e o que acontecia depois dela. Na verdade, tinha muito pouco a dizer sobre a vida, considerando-a uma espécie de prelúdio inconveniente do evento principal, e que se deve passar por ela rapidamente, da forma mais educada possível. Portanto, o faraó não demorou quase nada para chegar à conclusão de que estava morto. A visão de seu corpo dilacerado na areia abaixo dele teve papel fundamental nesse processo.

Tudo estava meio acinzentado. A paisagem tinha uma aparência fantasmagórica, como se ele pudesse andar através dela. "É claro", pensou, "Provavelmente eu posso."

Ele esfregou o análogo de suas mãos. "Bom, é isso. Agora é que vai ficar interessante. Agora é que eu começo a viver de verdade."

Atrás dele uma voz disse:

- BOM DIA.

O rei se virou.

- Olá - respondeu. - Você seria...

- MORTE - disse Morte.

O rei parecia surpreso.

- Eu pensava que a Morte vinha como um escaravelho gigante de três cabeças.

Morte deu de ombros.

_ BEM, AGORA VOCÊ ESTÁ SABENDO.

- O que é essa coisa na sua mão?

- ISSO? É UMA FOICE.

- Objeto estranho, hein? - comentou o faraó. - Eu achava que a Morte carregasse o Mangual da Misericórdia e o Foicinho da Justiça.

Morte pareceu refletir um pouco sobre isso.

- ONDE? - perguntou.

- Perdão?

- AINDA ESTAMOS FALANDO DO BESOURO GIGANTE?

- Ah. Nas mandíbulas, imagino. Mas acho que ele tem braços em um dos afrescos do palácio. - O rei hesitou. - Parece um pouco tolo, realmente, agora que estou dizendo isso a alguém. Quero dizer, um besouro gigante com braços. E a cabeça de uma ibis, pelo que me recordo.

Morte suspirou. Não era uma criatura do Tempo e, portanto, passado e futuro eram uma só coisa para ele, mas houve um período em que fizera um esforço para aparecer na forma que o cliente esperava. Isso não vingou porque geralmente era impossível saber o que o cliente esperava ver até que morresse. Então, decidiu

que, uma vez que ninguém esperava morrer mesmo, ele poderia também agradar a si mesmo, e daí em diante adotou a familiar capa preta com capuz, que era boa, conhecida e aceita em qualquer lugar, como os melhores cartões de crédito.

- De qualquer forma - disse o faraó -, imagino que seja melhor irmos andando.

- PARA ONDE?

- Você não sabe?

- Eu ESTOU AQUI APENAS PARA PROVIDENCIAR QUE VOCÊ MORRA NA HORA MARCADA. O QUE ACONTECE EM SEGUIDA DEPENDE DE VOCÊ.

- Bom... - o rei automaticamente coçou o queixo. – Acho que eu tenho que esperar até que façam todos os preparativos e coisas do tipo. Que me mumifiquem. E que construam uma maldita pirâmide. Humm. Eu tenho que ficar por aqui enquanto espero tudo isso?

- SUPONHO QUE SIM.

Morte estalou os dedos, e um magnífico cavalo branco interrompeu sua pastagem em alguma folhagem do jardim e trotou em sua direção.

- Oh. Bem, acho que na hora eu não vou olhar. Eles tiram todas as partes moles de dentro primeiro, sabe. - Uma expressão de ligeira preocupação surgiu em seu rosto. As coisas que pareciam perfeitamente razoáveis quando ele estava vivo pareciam um pouco duvidosas agora que estava morto. - É para preservar o corpo, para que ele possa começar a vida no Mundo Inferior - acrescentou, com uma voz levemente perplexa. - E depois o enfaixam com bandagens. Pelo menos isso parece ter lógica. - Ele esfregou o nariz. - Mas depois colocam toda essa comida e bebida dentro da pirâmide com você. Meio estranho, realmente.

- ONDE ESTÃO OS ÓRGÃOS INTERNOS DA PESSOA A ESSA ALTURA?

- Isso é engraçado, não é? Eles ficam num vaso, na sala ao lado - explicou o rei, a voz aguda com a dúvida. - Nós até colocamos um

modelo de carroça enorme na pirâmide do meu pai. - Suas sobancelhas se franziram ainda mais. - Era sólida, a madeira - disse, meio para si mesmo -, toda folhada a ouro. E quatro bois de madeira para puxá-la. Depois enfiamos uma pedra enorme na frente da porta...

Ele tentou pensar e descobriu, com surpresa, que era muito fácil. Novas idéias jorravam em sua mente numa corrente fria e clara. Elas tinham a ver com o jogo de luzes nas pedras, o azul profundo do céu, as múltiplas possibilidades do mundo que se estendia para todos os lados dele. Agora que não tinha um corpo para importuná-lo com suas exigências insistentes, o mundo parecia repleto de perplexidades, mas, infelizmente, entre as primeiras estava o fato de que muito do que você pensava ser verdade parecia agora tão sólido e confiável quanto gás metano. Além disso, justo quando estava completamente equipado para aproveitar o mundo, seria enterrado dentro de uma pirâmide.

Quando você morre, a primeira coisa que perde é a vida. A segunda, suas ilusões.

- ESTOU VENDENDO QUE VOCÊ TEM MUITO EM QUE PENSAR – disse Morte, montando no cavalo. - E AGORA, SE ME DER LICENÇA...

- Espera um pouco...

- SIM?

- Quando eu... caí, eu podia jurar que estava voando.

- AQUELA PARTE DE VOCÊ QUE ERA DIVINA VOOU, SIM, NATURALMENTE. AGORA VOCÊ É COMPLETAMENTE MORTAL.

- Mortal?

- VAI POR MIM. EU ENTENDO DESSAS COISAS.

- Oh, olha, há algumas perguntas que eu gostaria de fazer...

- SEMPRE HÁ. SINTO MUITO. - Morte bateu os tornozelos no corpo de seu cavalo e desapareceu.

O rei ficou ali parado enquanto alguns empregados se aproximaram correndo ao lado do muro do palácio, diminuíram a

velocidade ao chegarem perto de seu cadáver e avançaram com cautela.

- O senhor está bem, ó precioso mestre do sol? - arriscou um deles.

- Não, não estou - disse o rei rispidamente, sendo interrompido de forma brusca em uma de suas conjecturas básicas acerca do universo, e isso não deixa ninguém de bom humor. - Eu estou prestes a morrer no momento. Impressionante, não é? - acrescentou num tom amargo.

- O senhor pode nos ouvir, ó divino guia da manhã? - indagou o outro criado, aproximando-se na ponta dos pés.

- Eu acabei de cair de cabeça de um muro de quarenta metros de altura, o que você acha? - gritou o rei.

- Acho que ele não consegue nos ouvir, Jahmet - disse o outro criado.

- Ouçam - continuou o rei, cuja insistência só se equiparava a total incapacidade dos criados de ouvir qualquer coisa que ele estava dizendo -, vocês têm que encontrar o meu filho e dizer a ele que esqueça a questão das pirâmides, pelo menos até eu conseguir pensar um pouco sobre isso. Há um ou dois pontos que parecem um pouco contraditórios quanto a todos os preparativos após a vida e...

- Devo gritar? - perguntou Jahmet.

- Acho que você não vai conseguir gritar alto o bastante. Acho que ele está morto.

Jahmet olhou para o corpo endurecido.

- Que droga - disse, por fim. - Amanhã já teremos problemas para começar o dia.

O sol, sem consciência de que estava fazendo sua performance de despedida, continuou a deslizar suavemente acima da beira do mundo. E, fora de seu alcance, mais veloz do que qualquer pássaro seria capaz de voar, uma gaivota desceu sobre Ankh-Morpork, na Ponte de Metal, em oito figuras estáticas, em um rosto pasmado...

As gaivotas eram bastante comuns em Ankh. Mas, quando voou sobre o grupo, essa gaivota soltou um grito longo e gutural que fez com que três dos ladrões largassem a faca. Nenhuma criatura de penas teria sido capaz de fazer um barulho assim. Ela tinha garras.

O pássaro planou num círculo fechado e pousou num local conveniente, sobre um hipopótamo de madeira, de onde encarou o grupo com olhos vermelhos e furiosos.

O líder dos ladrões desviou seu olhar fascinado da ave assim que ouviu Arthur dizer, com muito prazer:

- Esta é uma faca de arremesso número dois. A minha marca com facas de arremesso é 96%. De qual globo ocular você não precisa?

O líder o encarou. Quanto aos outros jovens assassinos, ele notou, um ainda estava olhando fixamente para a gaivota, enquanto o outro estava ocupado vomitando escandalosamente sobre o corrimão.

- Você é apenas um - disse. - Nós somos cinco.

- Mas logo serão apenas quatro - emendou Arthur.

Movendo-se lentamente, como se estivesse entorpecido, Teppic estendeu a mão para a gaivota. Com qualquer gaivota normal, isso teria resultado na perda de um polegar, mas a criatura pulou para a mão dele com o ar presunçoso de um rei que retorna aos seus domínios. Isso pareceu deixar os ladrões cada vez mais preocupados. O sorriso de Arthur também não estava facilitando as coisas.

- Belo pássaro - disse o líder, com o tom animado mas sem sentido dos que estão extremamente preocupados. Teppic fazia carinho em sua cabeça redonda com um ar sonhador.

- Acho que seria uma boa idéia se vocês fossem embora - avisou Arthur, enquanto a gaivota se arrastava para os lados sobre o pulso de Teppic. Agarrando-se com os pés, estendendo as asas para manter o equilíbrio, ela deveria parecer desajeitada, mas, em vez disso, parecia cheia de um poder misterioso, como se fosse a

identidade secreta de uma águia. Quando abriu a boca, revelando uma ridícula língua roxa de ave, houve um indício de que essa gaivota poderia fazer muito mais do que ser uma ameaça a um sanduíche de tomate à beira-mar.

- Ela é mágica? - perguntou um dos ladrões. Os outros logo o mandaram ficar quieto.

- Nós vamos indo, então - disse o líder. - Desculpem o mal-entendido...

Teppic lhe deu um sorriso cordial e sonhador.

Então todos ouviram o barulhinho insistente. Seis pares de olhos giraram ao redor e para baixo. Os de Chidder já estavam nessa posição.

Abaixo deles, despejando suas águas escuras sobre a lama desidratada, o Ankh estava enchendo.

Dios, Primeiro-Ministro e sumo sacerdote entre os sacerdotes, não era um homem religioso por natureza. Essa não era uma característica desejável num sumo sacerdote, porque afetava o julgamento, deixava a pessoa fraca. Comece a acreditar em coisas e o negócio todo se torna uma farsa.

Não que ele tivesse algo contra a crença. As pessoas precisavam acreditar em deuses, ainda que apenas porque era muito difícil acreditar nas pessoas. Os deuses eram necessários. Dios só pedia que eles não atrapalhassem e permitissem que ele desse andamento às coisas.

Veja bem, era uma bênção o fato de ter o porte para a função. Se seus genes achavam por bem lhe dar uma estatura alta, uma careca e um nariz com o qual era possível cavar um rochedo, era porque tinham um objetivo definido em mente.

Desconfiava de forma instintiva das pessoas para as quais a religião era algo natural. Os religiosos por natureza - ele achava - eram instáveis, dados a vagar pelo deserto e a ter revelações - como se os deuses fossem se rebaixar a esse tipo de coisa. E nunca conseguiam realizar nada. Começavam a pensar que os rituais não

eram importantes. Começavam a pensar que era possível falar com os deuses diretamente. Dios sabia, com o tipo de certeza rígida e inflexível que poderia servir de eixo para o mundo girar, que os deuses de Djelibeybi gostavam tanto de rituais quanto qualquer um. Afinal, um deus que não gosta de rituais seria como um peixe que não gosta de água.

Ele se sentou nos degraus do trono com seu bastão sobre os joelhos e transmitiu as ordens do rei. O fato de que no momento elas não eram enviadas por nenhum rei não era problema. Dios já era sumo sacerdote havia, bem, mais anos do que queria se lembrar; sabia muito claramente que ordens um rei sensato daria, e as deu.

De qualquer forma, a Face do Sol estava no trono, e era isso o que importava. Era uma máscara de ouro maciço que cobria a cabeça toda, para ser usada pelo soberano atual em todas as ocasiões públicas. Sua expressão, para os sacrílegos, era de uma benévola constipação. Durante milhares de anos simbolizara a realeza em Djelibeybi. Ela também havia tornado muito difícil distinguir um rei do outro.

Isso também era extremamente simbólico, embora ninguém lembrasse o que simbolizava.

Havia muito desse tipo de coisa no Antigo Reino. O bastão sobre os joelhos, por exemplo, com suas cobras simbólicas entrelaçadas simbolicamente ao redor de um cajado para camelos alegórico. O povo acreditava que isso dava aos sumos sacerdotes poder sobre os deuses e os mortos, o que era provavelmente uma metáfora, isto é, uma mentira.

Dios mudou de posição.

- O rei foi conduzido ao Quarto da Partida? - perguntou. O círculo de sacerdotes menos supremos respondeu que sim com a cabeça.

- Dil, o embalsamador, está cuidando dele neste instante, ó Dios.

- Muito bem. E o construtor de pirâmides já recebeu as instruções? Hoot Koomi, o sumo sacerdote de Khefin, o Deus dos

Portões de Duas Caras, deu um passo à frente.

- Eu tomei a liberdade de cuidar disso pessoalmente, ó Dios - murmurou.

Dios bateu com os dedos no bastão.

- Sim - disse -, não tenho dúvida de que você o fez.

Era altamente esperado entre os sacerdotes que Koomi seria o sucessor de Dios caso ele realmente chegasse a morrer, embora ficar esperando que Dios morresse jamais tenha sido uma tarefa gratificante. A única opinião dissidente era a do próprio Dios, que, se tivesse algum amigo, provavelmente teria contado a ele sobre certos acontecimentos que teriam que ocorrer primeiro, ou seja, encontrar galinhas com dentes, determinar o dia de São Nunca, e ele, Dios, ser visto no Inferno. Provavelmente teria acrescentado que a única diferença entre Koomi e um crocodilo sagrado era a honestidade do propósito do crocodilo.

- Muito bem.

- Peço licença para lembrar algo a sua Santidade – disse Koomi. O rosto dos outros sacerdotes assumiu seguras expressões simpáticas e neutras enquanto Dios os encarava.

- Sim, Koomi?

- O príncipe, ó Dios. Ele foi chamado?

-Não.

- Então, como ele ficará sabendo?

- Ele saberá - respondeu Dios, com firmeza.

- Como?

- Ele saberá. E vocês estão todos dispensados. Vão embora. Vão tomar conta dos seus deuses!

Eles saíram apressados, deixando Dios sozinho nos degraus. Essa era a sua posição de costume havia tanto tempo que surgiu uma depressão na pedra, na qual ele se encaixava perfeitamente.

E claro que o príncipe ficaria sabendo. Isso fazia parte da ordem das coisas. Mas, nas profundezas de sua mente, aprofundadas pelos anos de rituais e da devida observância, Dios detectou uma certa

inquietação. Não estava se sentindo à vontade lá dentro. Inquietação era uma coisa que acontecia com os outros. Ele não havia chegado onde estava hoje deixando espaço para a dúvida. No entanto, havia um ínfimo pensamento lá dentro, uma certeza minúscula de que haveria problemas com esse novo rei.

Bem. O menino logo aprenderia. Todos eles aprendiam.

Ele mudou de posição, e estremeceu. As dores e a aflição estavam de volta, e ele não podia permitir aquilo. Elas atrapalhavam o cumprimento do seu dever, e o seu dever era uma questão sagrada.

Ele teria que visitar a necrópole de novo. Esta noite.

- Ele não é o mesmo, nota-se.

- Quem é ele, então? - perguntou Chidder.

Eles desceram a rua chapinhando, vacilantes, não bêbados, desta vez, mas com o passo desajeitado de duas pessoas tentando andar por três. Teppic estava andando, mas dando a impressão de que sua mente não tomava parte nisso.

Ao redor deles, portas eram derrubadas, palavrões eram proferidos, havia o som de móveis sendo arrastados para os andares superiores.

- Deve ter havido uma tempestade terrível lá nas montanhas

- disse Arthur. - Geralmente não alaga tanto assim nem na primavera.

- Talvez devêssemos queimar umas penas debaixo do nariz dele - sugeriu Chidder.

- A maldita gaivota é a primeira da fila - disse Arthur, animado.

- Que gaivota?

- Você viu.

- Sim... e o que é que tem?

- Você viu, não viu? - A chama escura da incerteza vibrou nos olhos de Arthur. A gaivota tinha desaparecido no meio da agitação.

- Estava prestando atenção em outras coisas - explicou Chidder, envergonhado. - Acho que foram aqueles wafers de menta que

foram servidos com o café. Acho que estavam um pouco passados.

- Meio sobrenatural, aquela ave - comentou Arthur. - Olha, encostá-lo em algum lugar para eu tirar a água das minhas botas, tudo bem?

Havia uma padaria ali perto, com as portas abertas para que novas fornalhas de pães esfriassem na manha fresca. Eles escoraram Teppic no muro.

- Parece que alguém deu uma pancada na cabeça dele - observou Chidder. - Ninguém deu, não é?

Arthur fez que não com a cabeça. O rosto de Teppic estava paralisado num sorriso largo e manso. Fosse o que fosse o que seus olhos estivessem focalizando, não fazia parte do conjunto habitual de dimensões.

-Temos que levá-lo de volta à Associação e para o san...

Ele parou. Ouviu um ruído estranho atrás dele. Os pães saltavam levemente em suas bandejas. Um ou dois deles vibravam no chão, onde giravam feito besouros de barriga para cima.

Depois, com as cascas se abrindo como casca de ovo, centenas de brotos verdes começaram a sair de dentro deles.

Dentro de poucos segundos, nas bandejas se agitavam pés de trigo, que já começavam a se encher de sementes e se curvar. Entre eles caminhavam Chidder e Arthur, com uma fisionomia inexpressiva, numa desinteressada caminhada de cem metros com Teppic preso rigidamente entre eles.

- É ele quem está fazendo tudo isso?

- Tenho a sensação de que... - Arthur olhou atrás deles, apenas para verificar se algum padeiro nervoso tinha saído e avistado essa produção tão agressiva de farinha integral, e parou tão de repente que os outros dois giraram ao redor dele, feito um leme.

Eles olharam pensativos para a rua.

- Isso não é coisa que se vê todo dia, isso - comentou Chidder, enfim.

- Você quer dizer a grama e as coisas crescendo em todo lugar pelo qual os pés dele passam?

- Sim.

Eles se entreolharam. Juntos, olharam para os sapatos de Teppic. Ele já estava com folhagens até os tornozelos, e na pressa elas iam rachando o centenário chão de pedras.

Sem dizer uma palavra, seguraram-no pelos cotovelos e o ergueram.

- O san - disse Arthur.

- O san - concordou Chidder.

Mas os garotos já sabiam que isso envolveria mais do que uma cataplasma quente.

O médico se reclinou na cadeira.

- Sem meias palavras - disse, pensando rápido. - É um caso de mortis portalis tackulatum com complicações.

- O que isso significa? - perguntou Chidder.

- Em termos leigos - o médico deu uma fungada -, ele está morto.

- Quais são as complicações?

O médico tinha um ar desonesto.

- Ele ainda está respirando - disse. - Olhe, o pulso é quase um zumbido e ele está com uma febre tão alta que dá até para fritar ovos em cima dele. - Ele hesitou, consciente de que isso provavelmente era direto e muito fácil de entender. A medicina era uma arte nova no Disco, e não chegaria a lugar nenhum se as pessoas pudessem entendê-la.

- Pyrocerebrum ouerf culinare - observou, depois de elaborar em sua cabeça.

- Bom, o que nós podemos fazer a respeito? - perguntou Arthur.

- Nada. Ele está morto. Todos os exames médicos comprovam. Então, er... enterrem-no, deixem-no bem confortável e digam a ele para vir me ver na semana que vem. De dia, de preferência.

- Mas ele ainda está respirando!

- Isso é apenas um ato reflexo que pode facilmente confundir um leigo - explicou o médico alegremente. Chidder suspirou. Desconfiava que a Associação, que afinal de contas tinha uma experiência incomparável com facas de arremessar compostos orgânicos complexos, era muito melhor em diagnósticos elementares do que os médicos. A Associação podia matar soas, mas pelo menos não esperava que ficassem gratas por isso. Teppic abriu os olhos.

- Tenho que ir para casa - disse.

- Morto, hein? - ironizou Chidder.

O médico era uma glória para sua profissão.

- Não é raro que um cadáver emita sons aflitivos após a morte - comentou, com coragem -, o que pode deixar desnorteados parentes e...

Teppic se sentou de repente com as costas eretas.

- Além disso, espasmos musculares no corpo enrijecido podem, em determinadas circunstâncias... - o médico começou, mas não falava mais com convicção. Então teve uma idéia.

- É uma doença rara e misteriosa, que tem se manifestado muito no momento. E causada por um... um... por uma coisa tão pequena que não pode ser detectada de forma alguma - terminou, com um sorriso de satisfação consigo mesmo. Essa tinha sido boa, ele tinha que admitir. Ele ia ter que se lembrar depois.

- Muito obrigado - disse Chidder, abrindo a porta e conduzindo-o para fora. - Da próxima vez que estivermos nos sentindo muito bem, certamente pediremos o seu parecer.

- Provavelmente é uma morsa - disse o médico, enquanto era impelido de modo delicado, porém firme, para fora do quarto.

- Ele está com morsa, têm aparecido muitos casos... A porta bateu.

Teppic balançava as pernas, sentado na cama, e apertava a cabeça.

- Eu tenho que ir pra casa - repetia.

- Por quê? - perguntou Arthur.

- Não sei. O reino precisa de mim.

- Você não parecia viver muito bem lá... - começou Arthur.

Teppic balançou as mãos, sem dar importância ao que ouvia.

- Olhem - disse -, por favor, não quero ninguém dizendo coisas sensatas. Não quero que ninguém me diga que eu deveria descansar. Nada disso importa. Eu estarei de volta ao reino o mais rápido possível. Não é que eu seja obrigado, entendam. Eu vou. E Você pode me ajudar, Chiddy.

- Como?

- Seu pai tem uma embarcação extremamente veloz que ele usa para contrabando - disse Teppic, num tom trivial. - Ele me empresta o barco em troca de futuras oportunidades de comércio. Se partirmos em menos de uma hora, teremos tempo suficiente para a viagem.

- Meu pai é um comerciante honesto!

- Muito pelo contrário. Setenta por cento de sua renda no ano passado veio de comércio não declarado das seguintes mercadorias... -Teppic olhava para o vazio - ... do transporte ilegal de gulanes e leucares, 9%. Do tráfico de...

- Bem, 30% honesto - admitiu Chidder -, o que é ser muito mais honesto que a maioria. É melhor você me contar como ficou sabendo. E bem rápido.

- Eu... não sei- disse Teppic. - Quando eu estava... dormindo, parecia que eu sabia tudo. Tudo sobre tudo. Acho que meu pai está morto.

- Oh - exclamou Chidder. - Nossa, sinto muito.

- Ah, não. Não é assim. É o que ele gostaria que acontecesse. Eu acho que ele estava até bastante ansioso. Na nossa família, a morte é quando você realmente começa a, sabe como é, aproveitar a vida. Espero que ele esteja aproveitando muito.

Na verdade, o faraó estava colocado sobre uma tábua fina, na sala de preparativos cerimoniais, observando suas partes internas e

moles serem cuidadosamente removidas de seu corpo e colocadas em canopos especiais.

Essa não é uma visão comum para as pessoas - pelo menos, não para pessoas em condições de pensar a respeito.

Ele estava muito aborrecido. Embora não estivesse mais oficialmente habitando seu corpo, ainda estava preso a ele por uma espécie de ligação oculta, e é difícil ficar muito feliz ao ver dois artesãos manipulando seus órgãos internos.

As piadas também não são engraçadas. Não quando você é, como era o caso, o alvo.

-Veja, mestre Dil - disse Gern, um jovem rechonchudo e de to vermelho que, segundo o rei acabara de descobrir, era o novo aprendiz. -Veja... certo... olha isso, olha isso... veja... seu nome com bofes. Entendeu? Seu nome com bofes, viu?

- Coloca isso no vaso logo, garoto - ordenou Dil, cansado. - E por falar nisso, eu também não gostei muito da imitação de ventríloquo.

- Desculpe-me, mestre.

- E, já que você está nessa ponta, passe um gancho de cérebro número três, por favor.

- Está na mão, mestre.

- E não vá esbarrar em mim. Essa parte é complicada.

- Certo!

O rei foi erguido para perto.

Gern fez uma vistória na sua parte do trabalho e em seguida deu um assovio longo e grave.

- Olha a cor disso! - exclamou. - O senhor imaginava algo assim? Seria algo que eles comem, mestre?

Dil suspirou.

- Coloque no jarro, Gern.

- O senhor está certo, mestre. Mestre?

- Sim, rapaz?

- Em que pedaço fica o deus, mestre?

Dil olhou para dentro das narinas do rei com os olhos semi-cerrados, tentando se concentrar.

- Essa parte é separada antes que ele desça aqui - disse, paciente.

- Eu estava curioso porque não encontrei nenhum jarro para isso, entende?

-Não. Não encontraria. Seria um jarro bem estranho, Gern. Gern ficou um pouco decepcionado.

- Oh, então quer dizer que ele é comum?

- No sentido estritamente orgânico - respondeu Dil, e sua voz saiu meio abafada.

- Nossa mãe disse que ele era um bom rei. O que o senhor acha?

Dil parou com um jarro na mão, e pareceu parar para pensar pela primeira vez na conversa.

- Nunca penso nisso até que eles desçam aqui. Acho que ele era melhor que a maioria. Um belo par de pulmões. Rins limpos. Cavidades boas e grandes, o que eu sempre espero de um rei. - Ele olhou para o corpo e deu sua opinião profissional. - Gostoso de trabalhar, na verdade.

- Nossa mãe disse que o coração dele estava no lugar certo - disse Gern.

O rei, pairando desanimado num canto, confirmou tristemente com a cabeça. "Sim", pensou. "Vaso número três, prateleira de cima."

Dil limpou as mãos num pano e suspirou. Prováveis 35 anos no ramo de funerais, o que lhe conferia mãos firmes, um ar filosófico e um interesse entusiástico no vegetarianismo, e também uma audição fora do comum. Porque ele estava quase convencido de que, bem perto do seu ouvido, mais alguém havia suspirado.

O rei vagou abatido para o outro lado da sala e ficou olhando para o líquido opaco do tanque de preparação.

Engraçado, aquilo. Quando estava vivo, tudo parecia tão coerente, tão óbvio. Agora que estava morto, parecia um enorme

desperdício de esforços.

Isso estava começando a perturbá-lo. Viu Dil e seu aprendiz arrumarem as coisas, queimarem algumas resinas cerimoniais, erguerem-no, carregarem-no de forma respeitosa pela sala e empurrarem-no para o banho de óleo de conservante.

Teppicymon XXVII olhou, através das profundezas sombrias, para seu próprio corpo parado, infeliz, no fundo do tanque, como se fosse o último pepino em conserva do pote.

Ele voltou o olhar para os sacos no canto. Estavam cheios de palha. Ele não precisava que ninguém dissesse o que seria feito com aquilo.

O barco não deslizava. Ele se insinuava pela água, dançando para atravessar as ondas na ponta dos doze remos, propagando-se como uma mancha de óleo, planando como um pássaro. Era preto fosco, em formato de tubarão.

Não havia nenhum tocador de tambor para marcar o ritmo. O barco não agüentaria mais peso. De qualquer forma, ele precisaria do kit completo, incluindo as cordas para aumentar a ressonância

Teppic estava sentado entre as fileiras de remadores silenciosos, vala estreita que era o compartimento de carga. Melhor não especular que tipo de carga. O barco parecia ter sido planejado para transportar quantidades muito pequenas de coisas, muito rápido e sem ninguém notar. E ele duvidava até mesmo que o Grêmio dos Contrabandistas soubesse de sua existência. O comércio era mais interessante do que imaginava.

Encontraram o delta com uma facilidade que chegava a ser suspeita - quantas vezes esta sombra sussurrante já entrou correndo neste rio, ele se perguntou - e, por cima dos odores exóticos das cargas misteriosas, Teppic conseguiu sentir o cheiro de casa. Fezes de crocodilo. Pólen de bambu. Flores de vitória-régia. Falta de encanamento. Leões e o fedor de hipopótamo.

Os remadores da frente deram um tapinha amigável em seu ombro e o ajudaram a desembarcar, escorando-o enquanto saía do

barco e entrava em alguns metros de água. Quando conseguiu chegar à margem, com dificuldade, o barco já tinha dado meia-volta e era apenas um mero indício de uma sombra rio abaixo.

Como era naturalmente curioso, Teppic se perguntou onde deixariam o barco durante o dia, uma vez que sua aparência era projetada para viajar apenas sob o manto da escuridão, e concluiu que ele provavelmente ficaria escondido em algum lugar nos brejos de juncos altos do delta.

E, como agora era um rei, fez uma anotação mental para mandar que os brejos passassem a ser patrulhados periodicamente daquele momento em diante. O rei deveria saber das coisas.

Ele parou, com o lodo do rio até os tornozelos. Ele sabia de tudo.

Arthur já havia vagado indefinidamente entre gaivotas, rios e pães que brotavam do nada, o que indicava que ele havia bebido demais. Tudo que Teppic conseguia se lembrar era de ter acordado com uma terrível sensação de perda, quando sua memória perdeu o controle e deixou vazar seus novos tesouros. Era como o incrível insight que vem em sonho e desaparece com o despertar. Ele sabia de tudo, mas, assim que tentava se lembrar do que era, tudo se derramava da sua mente, como se ela fosse um balde rachado.

De qualquer maneira, havia ficado com uma sensação nova. Antes, sua vida tinha sido perambular sozinho, forçado pelas circunstâncias. Agora estava começando a achar seu caminho em trilhos luminosos. Talvez não pensasse que seria um assassino, mas sabia que poderia ser rei.

Seus pés encontraram a terra firme. O barco o havia deixado um pouco abaixo da altura do palácio e, azuis sob o luar, as chamas das pirâmides na margem distante enchiam a noite com um brilho conhecido.

As residências dos mortos felizes apresentavam tamanhos variados, mas não tinham, é claro, formas variadas. Elas se agrupavam, numerosas, cada vez mais perto da cidade, como se os mortos quisessem companhia.

E até mesmo as mais antigas estavam inteiras. Ninguém havia tomado nenhuma das pedras emprestadas para construir casas ou fazer estradas. Teppic sentiu um orgulho indefinido. Ninguém havia tirado o lacre das portas para ficar mexendo nas coisas que havia dentro e ver se os mortos tinham algum tesouro escondido que não estivessem mais usando. E, todos os dias, sem falta, deixavam comida nas pequenas antecâmaras. Os representantes dos mortos ocupavam uma parte grande do palácio.

Às vezes, a comida chegava lá, às vezes, não. Os sacerdotes, no entanto, eram muito claros quanto a isso. Independentemente do fato de ter sido consumida, ela tinha sido comida pelos mortos. Supunha-se que tinham gostado. Eles nunca reclamavam, nem voltavam para pedir mais.

"Olhem pelos mortos", diziam os sacerdotes, "e os mortos olharão por vocês". Afinal, eles eram maioria.

Teppic afastou os juncos. Ajeitou as roupas, tirou um pouco de lama da manga e seguiu para o palácio.

A sua frente, no escuro, contra a luz das chamas, estava a grande estátua de Khuft. Sete mil anos atrás, Khuft havia guiado seu povo para fora de... Teppic não conseguia se lembrar, mas de algum lugar e eles não gostavam de ficar, provavelmente, e por razões perfeitamente justificáveis. Em momentos como este, gostaria de conhecer melhor a história - e de ter rezado no deserto, e que os deuses do local tivessem lhe mostrado o Reino Antigo. E que tivesse do e sim, tomado posse dele, que fosse para sempre a morada de sua semente. Ou algo do gênero. Provavelmente havia mais "sins" alguns "em verdade", acrescidos de leite e mel. Mas a visão daquela grande expressão patriarcal, aquele braço estendido, aquele queixo de ferro, confiante sob a luz trêmula, dizia-lhe o que ele já sabia. Estava em casa, e nunca mais partiria. O sol começou a nascer.

O maior matemático vivo do Disco, na verdade o último do Reino Antigo, espreguiçou-se em sua tenda e contou os pedaços de palha em sua cama. Depois, fez uma estimativa do número de pregos na

parede. Então passou alguns minutos provando que um campo de ressonância automórfica possui um número semi-infinito de ideais primários irresolutos. Depois disso, para passar o tempo, tomou seu café-da-manhã novamente.

2

O LIVRO DOS MORTOS

< class="asangre"> DUAS SEMANAS SE PASSARAM. O ritual e a cerimônia, em seu devido tempo, mantinham o mundo sob os céus e as estrelas em seu curso. Era impressionante o que o ritual e a cerimônia eram capazes de fazer. O novo rei olhou-se no espelho e franziu as sobrancelhas.

- De que é feito isso? É bastante áspero.

- Bronze, majestade - respondeu Dios, entregando-lhe o Mangual da Misericórdia.

- Em Ankh-Morpork, os nossos tinham espelho e prata atrás. Eram muito bons.

- Sim, majestade. Aqui nós temos bronze, majestade.

- Eu tenho mesmo que usar esta máscara de ouro?

- A Face do Sol, majestade. Transmitida através de todos os tempos. Sim, majestade. Em todas as ocasiões públicas, majestade.

Teppic espiou através das fendas para os olhos. Era certamente um rosto bonito. Tinha um leve sorriso. Ele se lembrou do dia em que seu pai foi visitá-lo na creche e se esqueceu de tirar a máscara. Teppic berrou até não poder mais.

- É bem pesada.

- Tem o peso dos séculos - disse Dios, e entregou a Foice da Justiça, feita de obsidiana.

- Você é sacerdote há muito tempo, Dios?

- Ha muitos anos, majestade, homem e eunuco. Agora...

- Meu pai disse que você já era sumo sacerdote na época do meu avô. Você deve ser bem velho.

- Bem conservado, majestade. Os deuses têm sido bons comigo - explicou Dios, diante do óbvio. - E agora, majestade, se nós pudermos segurar isto também...

- O que é isso?

- O Favo do Progresso, majestade. Muito importante.

Teppic fez um malabarismo para colocá-lo na posição certa.

- Imagino que tenha visto muitas mudanças - comentou, num tom formal.

Uma expressão de dor passou pelo rosto do velho sacerdote, mas de forma rápida, como se estivesse com pressa de ir embora.

- Não, majestade - disse suavemente -, eu tive muita sorte.

- Oh. O que é isso?

- O Feixe da Fatura, majestade. Extremamente significativo, muito simbólico.

- Você poderia enfiá-lo debaixo do meu braço, por favor... Você já ouviu falar em encanamento, Dios?

O sacerdote estalou os dedos para um dos auxiliares.

- Não, majestade - respondeu, e se inclinou para a frente. - Esta é a Víbora da Sabedoria. Posso colocá-la aqui?

- É como as tinas, mas não é tão, humm, fedido.

- Parece horrível, majestade. O cheiro mantém as influências negativas à distância, é o que sempre pensei. Este, majestade, é o Cabaço das Águas dos Céus. Se pudéssemos erguer só um pouquinho o queixo...

- Isso tudo é mesmo necessário? - perguntou Teppic, confuso.

- É a tradição, majestade. Se nós pudéssemos apenas ajeitar um pouco as coisas, majestade... Aqui está a Lança Tridente das Águas da Terra. Eu acho que poderemos colocar este dedo em torno dela. Teremos que providenciar nosso casamento, majestade.

- Não sei se a gente se daria bem, Dios.

O sumo sacerdote sorriu.

- É bom fazer piadas, majestade - observou com educação. - Porém, é essencial que o senhor se case.

- Lamento que todas as garotas que eu conheço estejam em Ankh-Morpork - disse Teppic, casualmente, sabendo que em seu coração essa afirmação se referia à senhora Collar, que tinha sido a sua amada na sexta série, e a uma das criadas, que havia se encantado com ele e sempre lhe dava mais molho. (Mas... e seu coração acelerou com a lembrança... houvera o Baile Anual dos Assassinos e, como os jovens assassinos eram treinados para se moverem livremente na sociedade, esperava-se que dançassem bem, e, como veludo bem cortado e pernas longas atraíam certo tipo de mulher mais velha, eles rodopiavam a noite toda em galhardas rápidas e pavonadas de passos lentos até o ar ficar denso de almíscar e de fome. Chidder, com expressão franca e simples e jeito descontraído, sempre fazia sucesso. Durante dias passou a voltar muito tarde e começou a dormir no meio das aulas...)

- Bastante inconveniente, majestade. Precisaríamos de uma pessoa bem versada nos ritos. É claro que a nossa tia está disponível, majestade.

Houve um estrondo de coisas caindo. Dios suspirou e chamou os ajudantes para recolherem tudo.

- Será que poderíamos começar novamente, majestade? Este é o Repolho do Progresso Vegetativo...

- Desculpe - disse Teppic -, você não disse que eu deveria me casar com a minha tia, disse?

- Disse, majestade. O casamento dentro da família é uma tradição admirável de sua linhagem - lembrou Dios.

- Mas a minha tia é minha tia!

Dios revirou os olhos. Ele havia aconselhado repetidas vezes o falecido rei quanto à educação de seu filho, mas o homem era teimoso, teimoso. Agora teria que fazer isso de improviso. Os deuses o estavam testando, concluiu. Era preciso décadas para preparar um

monarca, e ele dispunha apenas de algumas semanas para fazer isso.

- Sim, majestade - disse, paciente. - É claro. E ela também é seu tio, seu primo e seu pai.

- Espera aí. Meu pai...

O sacerdote ergueu a mão para acalmá-lo.

- Detalhe técnico - explicou. - Sua tatara-tatara-avó declarou certa vez que era rei por questões de expediente político, e eu acredito que o edital não tenha sido anulado até hoje.

- Mas ela era mulher, certo?

Dios pareceu chocado.

- Oh, não, majestade. Ela é homem. Ela mesma declarou isso.

- Mas, olha, a tia de um sujeito...

- Realmente, majestade. Eu entendo, sim.

- Bom, obrigado.

- E uma pena não termos nenhuma irmã.

- Irmã!

- Isso não é suficiente para enfraquecer o sangue divino, majestade. O sol pode não gostar. Olha, isto, majestade, é a Omoplata da Higiene. Onde o senhor gostaria que eu colocasse?

O rei Teppicymon XXVII estava assistindo a seu próprio empalhamento. Seria melhor não sentir fome nesses dias. Certamente não iria querer comer frango nunca mais.

- Muito bons esses pontos, mestre.

- Fique com os dedos parados, Gern.

- Minha mãe faz costuras assim. Ela tem um avental com uma costura assim, como a da nossa múmia - continuou, puxando conversa.

- Fique parado, eu disse.

- É cheio de patos e galinhas - completou Gern, prestativo. Dil se concentrou no trabalho que tinha em mãos. Era um excelente trabalho artesanal, ele admitia sem modéstia. O Grêmio dos

Embalsamadores e Artes Afins havia lhe dado medalhas por seu trabalho.

- O senhor deve sentir muito orgulho - disse Gern.

- O quê?

- É, a nossa mãe diz que os reis continuam vivendo, por assim dizer, depois de todo esse enchimento e esses pontos. Meio que no Mundo Inferior. Com os seus pontos neles.

"E alguns sacos de palha e dois baldes de piche", pensou a sombra triste do rei. E o papel que embrulhava o almoço de Gern, embora não culpasse o rapaz, que apenas esquecera onde o havia deixado. Toda a eternidade com o papel de embrulho do sanduíche de alguém como parte dos seus órgãos vitais. Também havia metade de uma salsicha.

Ele tinha se apegado bastante a Dil, e até a Gern. Ainda parecia estar apegado a seu corpo também - ao menos se sentia desconfortável quando se distanciava mais de alguns metros dele - e assim, no curso dos últimos dias, ficara sabendo de muitas coisas sobre os dois.

Era engraçado, realmente. Havia passado toda sua vida no reino conversando com alguns sacerdotes. Sabia objetivamente que havia outras pessoas por perto - criados e jardineiros e tal -, mas eles apareciam em sua vida como bolhas. Ele estava no alto, depois vinha sua família, depois os sacerdotes e os nobres, é claro, e depois havia as bolhas. Bolhas muito boas, é claro, algumas das melhores bolhas do mundo, o conjunto de bolhas mais leais que um rei poderia querer governar. Mas continuavam sendo bolhas, apesar de tudo.

Agora ele estava completamente absorto nos detalhes cotidianos das esperanças escondidas de Dil de progredir dentro do Grêmio e nos desdobramentos da história das propostas de casamento atrapalhadas de Gern para Glwenda, a filha do cultivador de alho que morava próximo. Ouvia com um assombro fascinado a elaboração de um mundo tão cheio de distinções sutis de graus e

situações quanto o que ele havia deixado tão recentemente. Era terrível pensar que poderia nunca ficar sabendo se Gern superara as objeções do pai dela e conquistara sua futura esposa, ou se o empenho de Dil em seu trabalho - nele- lhe possibilitaria aspirar ao grau de Elevada Variação Suprema de Noventa Graus da Loja Sódica do Grêmio dos Embalsamadores e Artes Afins.

Era como se a morte fosse um aparelho óptico extraordinário que transformava até mesmo uma gota d'água num complexo acúmulo de vida.

Sentiu um impulso irresistível de aconselhar Dil sobre a política elementar ou avisar a Gern sobre os benefícios de se lavar e ter ma aparência respeitável. Tentou fazer isso diversas vezes. Eles podiam senti-lo, não havia dúvida quanto a isso. Mas apenas atribuíam o que sentiam a correntes de ar. Agora observava Dil andar até a grande mesa de bandagens e voltar com um rolo grosso de amostras que ficou segurando, pensativo ao lado do que até o rei estava preparado para ver como seu cadáver.

- Acho que tem que ser linho - disse, por fim. - Definitivamente é a cor dele.

Gern pôs a cabeça para o lado.

- Ele ficaria bem com o cru - observou. - Ou talvez morim.

- Morim não. Definitivamente, morim não. Fica muito grande nele.

- Ele poderia ficar modelado no tecido. Com o desgaste, entende?

Dil bufou.

- Desgaste? Desgaste? Você não deveria me falar sobre morim e desgaste. O que acontece se alguém pilhar a tumba daqui a mil anos e ele estiver em morim, eu gostaria de saber. Ele cairia antes de chegar ao fim do corredor, talvez sufocaria alguém, eu admito, mas aí ele estaria se desfazendo, certo? Os cotovelos sairiam logo, eu nunca me perdoaria.

- Mas o senhor estaria morto, mestre!

- Morto? O que isso tem a ver? - Dil olhou rapidamente para as amostras.

- Não. Vai ser o algodão cru. Tem bastante elasticidade, o cru. Boa tração também. Ele vai conseguir ter jogo de cintura nos corredores, caso venha a precisar.

O rei suspirou. Ele teria escolhido algo bem leve, em tafetá.

- E vá fechar a porta - acrescentou Dil. - Está ficando frio aqui dentro.

- E agora é hora - disse o sumo sacerdote - de vermos o nosso falecido pai. - Ele abriu um sorriso discreto. - Tenho certeza de que ele está ansioso para esse momento - acrescentou.

Teppic refletiu um pouco sobre isso. Não era algo que ele estava ansioso por fazer, mas pelo menos faria todo mundo parar de pensar no seu casamento com parentes. Abaixou-se, de um modo que lhe parecia majestoso, para fazer carinho em um dos gatos do palácio. Essa também não foi uma boa escolha. A criatura ficou desconfiada, revirou os olhos e mordeu os dedos dele.

- Os gatos são sagrados - observou Dios, chocado com as palavras que Teppic soltou.

_ Gatos de patas longas, pêlos prateados e expressões desdenhosas talvez sejam - disse Teppic, esfregando a mão. - Eu não sei quanto a esse tipo. Tenho certeza de que gatos sagrados não deixam íbis mortas debaixo da cama. E tenho certeza de que gatos sagrados que vivem cercados por areias sem fim não entram em casa para fazer suas necessidades nas sandálias do rei, Dios.

- Todos os gatos são gatos - Dios afirmou vagamente, e acrescentou: - Façamos o favor de nos acompanhar.

Ele o conduziu para um arco distante.

Teppic o seguiu devagar. Ele havia voltado para casa depois do que parecia ter sido décadas, e ainda não se sentia bem. O ar estava seco demais. As roupas estavam estranhas. Estava quente demais. Até as construções pareciam erradas. Os pilares, para começar. Lá em ca... lá no Grêmio, os pilares eram graciosos e canelados com

pequenos cachos de uvas de pedra e outras coisas no alto. Ali, eram uma massa compacta em forma de p^êra, na qual todas as pedras haviam descido para a base.

Meia dúzia de criados vinham atrás dele, carregando os vários itens da regalia.

Tentou imitar o modo de andar de Dios, e viu que conseguia se lembrar dos movimentos. Você vira o tronco para este lado, depois vira a cabeça para este lado e estende os braços a 45 graus do corpo, com as palmas para baixo, aí você tenta andar.

O bastão do sumo sacerdote provocava ecos quando tocava as pedras do chão. Um cego poderia andar descalço no palácio seguindo as pequenas depressões no piso que foram criadas ao longo dos anos.

- Receio que acharemos que o nosso pai mudou de alguma forma desde a última vez em que o vimos - observou Dios casualmente enquanto eles ondeavam pelo afresco da Rainha Khaput recebendo a Homenagem feita pelos Reinos do Mundo.

- Bem, sim - concordou Teppic, desnorteado pelo tom da afirmação. - Ele está morto, não está?

_ - Tem isso também - disse Dios, e Teppic percebeu que ele não estava se referindo a algo tão trivial quanto o atual estado físico do rei.

Ele ficou perdido numa admiração horrorizada. Não que Dios fosse particularmente cruel ou sem sentimentos, mas a morte era uma mera transição irritante na eterna questão da existência. O fato de que as pessoas morriam era apenas um inconveniente, como se elas não estivessem em casa quando você ligasse.

"O mundo é estranho", pensou. "É cheio de sombras intrometidas, e nunca muda. E eu faço parte disso."

- Quem é ele? - perguntou, apontando para um afresco particularmente grande, que mostrava um homem alto com um chapéu que parecia uma chaminé e uma barba que lembrava uma

corda, dirigindo uma carruagem que passava sobre um monte de outras pessoas muito menores.

- Seu nome está na cártula abaixo - respondeu Dios, com afetação.

- O quê?

- A pequena e oval, majestade.

Teppic examinou de perto os hieróglifos espremidos.

- "Águia magra, olho, linha ondulada, homem de bengala, pássaro sentado, linha ondulada" - leu. Dios estremeceu.

- Creio que devemos nos aplicar mais ao estudo das línguas modernas - observou, recuperando-se um pouco. - Seu nome é Pta-ka-ba. É ele o rei quando o Império Djel se estende do Mar Círculo ao Oceano da Margem, quando quase metade do continente presta homenagem a nós.

Teppic percebeu que o discurso do homem é que era estranho. Dios fazia de tudo para evitar usar um verbo no passado. Ele apontou para um outro afresco.

- E ela?

- Ela é a Rainha Khat-leon-ra-pta - respondeu Dios. - Ela conquista o País Quemaravilha em segredo. Esta é a época do Segundo Império.

- Mas ela está morta?

- Imagino que sim - disse o sumo sacerdote, após uma leve pausa. - Sim.

Os verbos no passado definitivamente incomodavam Dios.

- Eu aprendi sete línguas - disse Teppic, seguro de que o conhecimento das verdadeiras notas que conseguira tirar em três delas permaneceria guardado nos livros do Grêmio.

_ Verdade, majestade?

_ Ah, sim. Morporkiano, Vanglemesht, Ephebe, Laotation e... algumas outras...

_ Ah _ Dios confirmou com a cabeça, sorriu e continuou a andar pelo corredor, mancando um pouco, mas ainda mantendo o passo

como o ponteiro dos séculos. - As terras bárbaras.

Teppic olhou para o pai. Os embalsamadores haviam feito um bom trabalho. Estavam esperando que lhes dissesse isso.

Uma parte dele, que ainda vivia em Ankh-Morpok, dizia "Isto é um cadáver enfaixado, com certeza não estão achando que isso vai ajudá-lo a se recuperar. Em Ankh, você morre e o enterram ou queimam ou jogam para os corvos. Aqui, a morte significa que você diminui um pouco o ritmo e recebe as melhores comidas. Isso é ridículo. Como é possível governar um reino assim? Parece que pensam que estar morto é como estar surdo, você só tem que falar um pouco mais alto."

Mas uma segunda voz, mais velha, dizia: "Nós governamos um reino dessa forma há 7 mil anos. O mais humilde plantador de melão possui uma linhagem que faz os reis de outros lugares parecerem efeméridas. Nós éramos os donos do continente, antes de o vendermos de novo para pagar pelas pirâmides. Nós sequer pensamos em outros países que tenham menos de 3 mil anos de idade. Tudo parece funcionar".

- Olá, pai.

A sombra de Teppicymon, que o observava com atenção, atravessou a sala correndo.

- Você está bem!- disse. - Que bom ver você! Olha, isto é urgente.

Por favor, preste atenção, é sobre a morte...

- Ele diz que está feliz em vê-lo - disse Dios.

- Você consegue ouvi-lo? Eu não ouvi nada.

- Os mortos, naturalmente, falam através dos sacerdotes. Este é o costume, majestade.

- Mas ele pode me ouvir, não pode?

- É claro.

- Eu tenho pensado nesse negócio de pirâmide e, olha, não estou certo de que seja bom.

Teppic se inclinou.

- A tia mandou lembranças - disse bem alto. Pensou um pouco. - A minha tia, não a sua. - Espero, acrescentou.

- Oi! Oi! Está me ouvindo?

- Ele manda saudações do mundo além do véu - observou Dios.

- Bom, acho que mando, sim, mas OLHA, eu não quero que você tenha muito trabalho e fique construindo...

- Nós vamos construir uma pirâmide maravilhosa para você, pai. Você vai gostar muito dela. Vai ter gente para cuidar de você e tudo mais. -Teppic olhou para Dios, para se assegurar. - Ele vai gostar disso, não vai?

- Eu não QUERO isso!- gritou o rei. - Há toda uma eternidade interessante que eu ainda não conheci. Eu o proíbo de me colocar numa pirâmide!

- Ele está dizendo que isso é bastante apropriado, e que você é um filho obediente.

- Você está me vendo? Quantos dedos tem aqui? Você acha que é engraçado, não é, passar o resto da sua morte debaixo de um milhão de pedras, vendo o seu corpo cair aos pedaços? E essa a sua idéia de uma época boa?

- Está ventando muito aqui dentro, majestade. Talvez seja melhor prosseguirmos.

- De qualquer modo, você não vai ter recursos!

- E nós vamos colocar os seus afrescos e estátuas favoritos com você. Você vai gostar, não vai? - perguntou Teppic, desesperado. - Todas as suas bugigangas ao seu redor. - Ele vai gostar, não vai? - perguntou a Dios, enquanto voltavam à sala do trono. - É que, eu não sei, fiquei com uma sensação de que ele não está muito contente com isso.

- Eu lhe asseguro, majestade, ele não pode ter outro desejo senão esse.

Lá na sala do embalsamamento, o rei Teppicymon XXVII tentava dar um tapinha no ombro de Gern, sem efeito. Desistiu e sentou-se ao lado de si mesmo.

_ Não faça isso, rapaz - disse, penoso. - Nunca tenha descendentes.

E lá estava a Grande Pirâmide propriamente dita.

Os passos de Teppic ecoavam no piso de mármore enquanto ele andava ao redor da maquete. Não sabia ao certo o que deveria fazer ali. Mas os reis - desconfiava - eram sempre colocados nessa posição. Havia sempre a boa e velha esquiva, que também era conhecida como demonstração de interesse.

- Muito bem - disse. - Há quanto tempo você projeta pirâmides?

Ptaclusp, arquiteto e empreiteiro da construção de pirâmides para a nobreza, fez uma longa reverência.

- Toda a minha vida, ó luz do meio-dia.

- Deve ser fascinante - comentou Teppic.

Ptaclusp olhou de lado para o sumo sacerdote, que confirmou com a cabeça.

- Tem as suas vantagens, ó fonte das águas - arriscou. Ele não estava acostumado com reis conversando com ele como se fosse um ser humano. Sentia vagamente que algo não estava certo.

Teppic estendeu a mão na direção da maquete em seu pedestal.

- Sim - disse, incerto. - Bem. Bom. Quatro paredes e um pico pontudo. Maravilha. Classe A. Ela diz tudo, realmente. - Ainda parecia haver muito silêncio ao redor. Ele prosseguiu: - Boa aparência. Quer dizer, não há dúvida quanto a isso. Isso é... uma... pirâmide. E que pirâmide! Realmente. - Isso ainda não pareceu suficiente. Ele pensou em mais alguma coisa: -As pessoas olharão para ela daqui a séculos e dirão, dirão... isso é uma pirâmide. Humm. - Ele tossiu. - As paredes estão bem inclinadas - disse, com a voz grave. - Mas... - Dois pares de olhos se voltaram para os dele. - Humm...

Dios ergueu uma sobrancelha.

- Majestade?

- Estou me lembrando de uma vez, em que meu pai disse que, sabe, quando ele morresse, gostaria muito de, por assim dizer, ser

enterrado no mar.

Não houve o pigarrear de ofensa que ele esperava.

- Ele se referia ao delta. O solo do delta é muito mole – disse Ptaclusp. - Eu levaria meses para conseguir um alicerce decente ali. Aí tem o risco de afundar. E a umidade. Não é bom, umidade dentro da pirâmide.

- Não - interveio Teppic, suando sob o olhar fixo de Dios. - Eu acho que o que ele queria dizer era, entende, no mar.

A testa de Ptaclusp formou uma ruga.

- Complicado, isso - observou, pensativo. - Interessante a idéia. Acho que se poderia construir uma bem pequena, uma embarcação de 1 milhão de toneladas, e fazê-la flutuar com plataformas ou algo assim...

- Não - continuou Teppic, tentando não rir-, eu acho que o que ele estava querendo dizer era ser enterrado sem...

- Teppicymon XXVII quer dizer que ele gostaria de ser enterrado sem demora - disse Dios, com uma voz de seda lubrificada. - E não há dúvida de que pediria para honrar o melhor que você puder construir, arquiteto.

- Não, tenho certeza de que você entendeu errado – discordou Teppic.

O rosto de Dios congelou. Ptaclusp mudou para a expressão de cera de alguém que, de repente, não tem o que fazer. Começou a olhar para o chão como se sua sobrevivência dependesse de memorizá-lo em cada pequeno detalhe.

- Errado?

- Sem ofensa. Tenho certeza de que a sua intenção é boa. E só que, bem, ele pareceu muito claro quanto a isso quando falou e...

- Minha intenção é boa? - repetiu Dios, sentindo o gosto de cada palavra como se fossem uvas azedas. Ptaclusp tossiu. Ele havia terminado o chão. Agora, ia começar o teto. Dios respirou fundo. - Majestade, nós sempre fomos construtores de pirâmides. Todos os

nossos reis são enterrados em pirâmides. E assim que fazemos as coisas, majestade. E assim que as coisas são feitas.

- Sim, mas...

- A questão não admite controvérsias. Quem desejaria algo diferente? Lacrado com toda a habilidade contra a profanação do

Tempo - agora a seda lubrificada de sua voz se transformara em couraça, dura como o aço, zombeteira como lanças. - Protegido r todo o Tempo contra as afrontas da Mudança.

Teppic olhou para os nós dos dedos do sumo sacerdote. Eles estavam brancos, com o osso pressionando a pele como se estivesse louco para escapar.

Seu olhar subiu pelos braços vestidos de cinza para o rosto de Dios "Vocês, deuses", ele pensou, "é verdade, parece mesmo que se cansaram de esperar que ele morresse e o colocaram em conserva assim mesmo." Então seus olhos encontraram os do sacerdote, mais ou menos com um tinido.

Ele sentiu como se sua carne estivesse sendo arrancada lentamente dos ossos. Sentiu que não era mais importante que uma efemérida. Uma efemérida necessária, é claro, uma efemérida à qual seria conferido todo o devido respeito, mas, ainda assim, um inseto com todos os seus direitos. E, sob a fúria daquele olhar, com o mesmo livre-arbítrio de um pedaço de papiro num furacão.

- A vontade do rei é que ele seja sepultado numa pirâmide - afirmou Dios, no tom de voz que o Criador deve ter usado para criar a lua e as estrelas.

- Er - começou Teppic.

- A mais bela das pirâmides para o rei.

Teppic desistiu,

- Oh. Bom. Ótimo. Sim. A melhor de todas, claro.

Ptaclusp sorriu aliviado, pegou seu bloco de cera com um gesto afetado e tirou um buril das profundezas de sua peruca. O importante - ele sabia - era fechar o negócio o mais rápido possível. Deixar as coisas soltas numa situação assim poderia significar um

homem com 1.500.000 toneladas de calcário reservadas com antecedência nas mãos.

- Então será o modelo básico, digamos assim, ó água do deserto?

Teppic olhou para Dios, que estava parado fitando o nada, deixando os buldogues da Entropia submissos apenas por meio da força de vontade.

- Eu estou pensando em algo maior - arriscou, desanimado.

- Essa é a Executiva - explicou Ptaclusp. - Muito exclusiva, ó base da eterna coluna. Dura uma eternidade. A nossa oferta especial nesta era são diversas medidas de expressão paracósmica construídas na própria estrutura sem nenhum custo adicional. Ele olhou para Teppic com expectativa.

- Sim, sim. Essa está boa.

Dios respirou fundo.

- O rei exige muito mais que isso.

- Exijo? - perguntou Teppic, na dúvida.

- Certamente, majestade. É seu desejo expresso que o maior dos monumentos seja erguido para o seu pai - disse Dios, calmamente. Isso era uma competição, Teppic sabia, mas não conhecia as regras nem sabia como jogar, e ia perder.

- Ê? Ah, sim. Sim. Suponho que sim, realmente. Sim.

- Uma pirâmide sem igual ao longo do Djel. Essa é a ordem do rei. Nada mais justo e apropriado.

- Sim, sim. Algo assim. Er. Duas vezes o tamanho normal - pediu Teppic, desesperado, e teve a breve satisfação de ver Dios parecer momentaneamente sem jeito.

- Majestade?

- Nada mais justo e apropriado.

Dios abriu a boca para protestar, viu a expressão de Teppic, e fechou a boca de novo.

Ptaclusp escrevia às pressas, com o pomo de Adão sacudindo. Algo assim só acontecia uma vez numa carreira de negócios.

- Eu posso fazer um revestimento de mármore preto muito bonito do lado de fora - disse, sem olhar. - Devemos ter a quantidade exata na pedreira. Ó rei das esferas celestiais – adicionou rapidamente.

- Muito bom - aprovou Teppic.

Ptaclusp pegou um bloco novo.

- Que tal um friso fazendo um contraste, com liga de ouro e prata? Fica mais barato se for embutido já no começo; não é bom usar apenas prata e mais tarde dizer "Eu queria que fosse de..."

- Liga de ouro e prata, sim.

- E os aposentos de sempre?

- O quê?

- A câmara funerária, isto é, e a antecâmara. Eu recomendo a Memphis, muito seleta, que vem com uma sala do tesouro king-size combinada, muito prática para todas aquelas pequenas coisas não se consegue deixar para trás. - Ptaclusp virou o bloco e começou do outro lado. - E, é claro, uma suíte semelhante para a rainha, a meu ver. Ó rei que viverá para sempre.

- Eh? Ah, sim. Sim. Suponho que sim - confirmou Teppic, dando uma olhada rápida para Dios. - Tudo. Pois é.

- Aí tem os labirintos - continuou Ptaclusp, tentando manter a voz firme. - Muito em voga nesta era. Muito importantes, os labirintos, não é nada bom decidir colocar um labirinto lá dentro depois que os ladrões estiverem lá. Talvez eu seja antiquado, mas sempre escolho o Labrys. E como dizemos, "Eles podem entrar sem problemas, mas nunca sairão". Custa um pouquinho mais, mas o que é o dinheiro num momento como este? Ó mestre das águas.

"Algo que não temos", disse uma voz em tom de advertência no fundo da cabeça de Teppic. Ele a ignorou. Estava sob o domínio do destino.

- Sim - respondeu, endireitando-se. - O Labrys. Dois desses.

O buril de Ptaclusp atravessou o bloco.

- Dele e dela, ó pedra das pedras - disse com a voz quase falhando. - Muito conveniente. Com uma seleção de armadilhas da coleção? Podemos oferecer ciladas mortais, alçapões, escorregadores, bolas rolantes, lanças que caem do alto, arcos...

- Sim, sim. Queremos essas. Queremos todas elas. Todas.

O arquiteto respirou fundo.

- E com certeza o senhor precisará de todos os monolitos de costume, avenidas, esfinges cerimoniais... - começou.

- Muitos - concordou Teppic. - Deixamos tudo por sua conta.

Ptaclusp limpou a testa.

- Ótimo. Maravilhoso. - Ele assoou o nariz. - Seu pai, se me permite tomar a liberdade, ó propagador da semente, é muito afortunado de ter um filho tão zeloso. E posso acrescentar...

- Você pode ir - interveio Dios. - E nós esperamos que o trabalho comece imediatamente.

- Sem demora, eu garanto - disse Ptaclusp. - Er.

Ele parecia lutar com um dilema filosófico.

- Sim? - perguntou Dios friamente.

- E que ãh. Tem a questão do ãh. O que não quer dizer ãh. É claro, o cliente mais antigo, freguês estimado, mas o fato é que ãh. Absolutamente nenhuma dúvida quanto ao mérito do crédito ãh. Não desejaria de maneira alguma dar a entender que ãh.

Dios lançou-lhe um olhar que teria feito uma esfinge piscar e virar o rosto.

- Você deseja dizer alguma coisa? O tempo de sua majestade é extremamente limitado.

Ptaclusp mexeu o maxilar em silêncio, mas o resultado foi uma conclusão previamente estabelecida. Até mesmo deuses haviam sido reduzidos a tímidos murmurantes diante do rosto de Dios. E as cobras esculpidas em seu bastão pareciam estar encarando-o também.

- Ah. Não, não. Perdão. Eu só estava, ãh, pensando alto. Vou embora, então, com a sua licença? Com tanto trabalho a ser feito.

Ah.

Ele fez uma longa reverência.

Já estava quase do outro lado da arcada quando Dios acrescentou:

- Conclusão em três meses. A tempo para a Inundação.^[12]

- O quê?

- Você está falando com o 1.3982 monarca - disse Dios, com indiferença.

Ptaclusp engoliu seco.

- Perdão - sussurrou -, quero dizer, o quê, ó grande rei? Quero dizer, somente arrastar os blocos de pedras vai demorar. Ah. - Os lábios do arquiteto tremeram enquanto ele tentava fazer diferentes comentários e, na sua imaginação, lutava contra o olhar fixo de Dios.

- Tsort não foi construída em um dia - murmurou.

- Acreditamos que não demos as especificações detalhadas para esse trabalho - observou Dios. Ele sorriu para Ptaclusp. De alguma forma, isso era pior do que qualquer outra coisa. - Nós iremos, é claro, pagar extra.

- Mas vocês nunca pag... - Ptaclusp começou, e depois cedeu.

- As punições por não concluir o trabalho no prazo serão, é claro terríveis - lembrou Dios. - A cláusula de sempre.

Ptaclusp não teve coragem de argumentar.

- É claro - disse, totalmente derrotado. - E uma honra. Suas eminências podem me dar licença? Ainda temos algumas horas de luz do dia.

Teppic concordou.

- Obrigado. Que sua força produtiva seja verdadeiramente fértil. Sem desconsiderar a sua presença, Lorde Dios.

Eles o ouviram descer os degraus da saída correndo.

- Será magnífico. Grande demais, mas... magnífico - concluiu Dios. Ele olhou entre os pilares, para a paisagem da necrópole, na ribanceira distante do Djel.

- Magnífico - repetiu. Estremeceu de novo com a fisgada de dor em sua perna. Ah. Teria que atravessar o rio mais uma vez naquela noite, sem dúvida. Tinha sido um tolo, adiando aquilo por tantos dias. Mas seria impensável não estar em condições de servir o reino devidamente...

- Algum problema, Dios? - perguntou Teppic.

- Majestade?

- Você parecia um pouco pálido, eu achei.

Uma expressão de pânico tomou conta das feições enrugadas de Dios por segundos. Ele se endireitou.

- Eu lhe garanto, majestade, minha saúde nunca esteve melhor. Nunca, majestade!

- Você não acha que tem exagerado?

Desta vez não havia como confundir a expressão de terror.

- Exagerado em quê, majestade?

- Você está sempre apressado, Dios. O primeiro a acordar, o último a dormir. Você deveria ir com calma.

- Eu existo apenas para servir, majestade - repetiu Dios firmemente. - Existo apenas para servir.

Teppic se juntou a ele na sacada. O sol do fim da tarde brilhava numa cadeia de montanhas feita pelo homem. Esse era apenas o maciço central. As pirâmides se estendiam a partir do Delta até a segunda catarata, onde o Djel desaparecia entre as montanhas. E as pirâmides ocupavam a melhor parte da terra, perto do rio. Até os fazendeiros teriam considerado um sacrilégio dizer algo contrário.

Algumas das pirâmides eram pequenas e, feitas de blocos de pedras modelados de forma tosca, conseguiam parecer muito mais antigas do que as montanhas que cercavam o vale desde o alto deserto. Afinal, elas sempre estiveram ali. Palavras como "novas" e "antigas" não se aplicavam às montanhas. Mas aquelas primeiras pirâmides tinham sido construídas por seres humanos, pequenos sacos de água pensantes sustentados brevemente por frágeis acúmulos de cálcio, que haviam cortado rochas em pedaços e

depois, de modo doloroso, colocado-as juntas novamente com uma forma melhor. Elas eram antigas.

Ao longo dos milênios, a moda havia mudado bastante. As pirâmides mais recentes eram lisas e afiadas, ou planas e revestidas de mica. Até as mais íngremes, Teppic refletia, não chegariam a mais de 1.0 na escala de qualquer edificador, embora alguns monólitos e templos, que se reuniam ao redor da base das pirâmides feito rebocadores ao redor dos couraçados da eternidade, merecessem atenção.

"Couraçados da eternidade", ele pensou, "navegando com todo o seu peso entre as brumas do Tempo, com todos os passageiros viajando na primeira classe..."

Algumas estrelas haviam chegado cedo. Teppic olhou para elas. "Talvez", pensou, "exista vida em algum outro lugar. Nas estrelas, quem sabe. Se é verdade que há bilhões de universos empilhados à distância entre um pensamento e outro, então deve haver gente em outros lugares.

"Mas, onde quer que estejam, não importa o quanto tentem, não importa quão grandioso seja seu esforço, certamente não conseguem ser tão terrivelmente estúpidos quanto nós. Quer dizer, nós nos esforçamos. Começamos com uma centelha de estupidez, mas, ao longo de centenas de milhares de anos, realmente melhoramos."

Ele se virou para Dios, sentindo a obrigação de reparar um pouco o estrago.

_ Dá para sentir a longa vida que irradia delas, não dá? - comentou, puxando assunto. _ Perdão, majestade?

_ As pirâmides, Dios. Elas são tão antigas. Dios olhou vagamente para o outro lado do rio.

- São? Sim, suponho que sejam.

- Você terá uma?

- Uma pirâmide? Majestade, eu já tenho uma. Um de seus antepassados achou melhor assegurar o meu futuro.

- Deve ter sido uma grande honra - disse Teppic. Dios concordou de modo cortês. Os salões de luxo da eternidade geralmente eram reservados para a realeza.

- Ela é, claro, muito pequena. Muito simples. Mas suficiente para as minhas simples necessidades.

- É? - disse Teppic, bocejando. - Que bom. E agora, se você não se importa, acho que vou me recolher. O dia foi longo.

Dios fez uma reverência como se tivesse dobradiças no meio. Teppic notou que Dios tinha pelo menos cinqüenta maneiras sintonizadas de reverenciar, cada uma transmitindo nuances sutis de significado. Esta parecia ser a número 3, Eu Sou seu Humilde Criado.

- E foi um dia muito bom também, se é que posso dizê-lo, majestade.

Teppic não sabia o que dizer.

- Você achou?

- Os efeitos das nuvens no amanhecer foram especialmente impressionantes.

- Foram? Ah. Eu tenho que fazer alguma coisa em relação ao pôr-do-sol?

- Vossa majestade gosta de fazer piadas. Os pores-do-sol acontecem por si mesmos, majestade. Ha, ha.

- Ha, ha - repetiu Teppic.

Dios estalou os dedos.

- O truque está no nascer do sol.

Os pergaminhos esfarelados de Knot diziam que o grande sol laranja era comida todas as tardes pela deusa do céu, Que, que salvou uma semente a tempo de plantar um novo sol para a manhã seguinte. E Dios sabia que era assim.

O Livro de Ficar Dentro da Semente dizia que o sol era o Broto de Yay, avançando pelo céu dia a dia em Sua Busca sem fim pelas unhas do pé.^[13]

Os rituais secretos do Espelho de Fumegante consideravam que o sol era na verdade um buraco circular na bolha girante do sabão azul da deusa Nesh, abrindo-se no mundo real em chamas do outro lado, e as estrelas eram os buracos por onde a chuva passa. E Dios sabia que isso, também, era assim.

O mito popular sustentava que o sol era uma bola de fogo que dava voltas em torno do mundo todos os dias, e que o mundo era carregado pelo vazio perpétuo nas costas de uma enorme tartaruga. E Dios também sabia que era assim, embora isso trouxesse alguns problemas para ele.

E Dios sabia que Net era o Deus Supremo, e que Fon era o Deus Supremo, assim como Hast, Set, Bin, Sot, Io, Dhek e Ptooie. Que HerpetineTriskeles sozinha governava o mundo dos mortos, assim como Syncope, e Silur, o Deus Cabeça-de-Bagre, e Orexis-Nupt.

Dios era o sumo sacerdote de uma religião nacional que havia fermentado, crescido e efervescido por mais de 7 mil anos sem nunca jogar um deus fora caso ele se mostrasse útil. Sabia que muitas coisas mutuamente contraditórias eram todas verdadeiras. Se não fossem, então o rito e a crença não seriam nada, e, se eles não fossem nada, então o mundo não existia. Como resultado desse tipo de pensamento, os sacerdotes do Djel poderiam dar espaço mental para um conjunto de idéias que faria até mesmo um mecânico quântico desistir da profissão e devolver sua caixa de ferramentas.

O bastão de Dios fazia eco nas pedras enquanto ele mancava na escuridão por passagens pouco freqüentadas até emergir num pequeno píer. Depois de desamarrar o barco, o sacerdote subiu nele com dificuldade, soltou os remos e deu um impulso para as águas turvas do escuro Djel.

Suas mãos e pés estavam muito frios. "Idiota, idiota. Deveria ter feito isso antes."

O barco se sacudia lentamente no meio do rio enquanto a escuridão da noite envolvia o vale. Na margem distante, em resta a leis antigas, as pirâmides começavam a iluminar o céu.

As luzes também ardiavam tarde da noite na sede da Ptaclusp Associados, Construtores Necropólitos das Dinastias. O pai e seus filhos gêmeos estavam curvados sobre o enorme tabuleiro de cera para projetos, discutindo.

- Como se alguma vez eles pagassem - disse Ptaclusp II. - Não é apenas uma questão de não ser possível fazer, eles parecem não ter entendido a idéia. Pelo menos as dinastias como Tsort terminam de pagar em uns cem anos. Por que você não...

- Nós construímos pirâmides ao longo do Djel durante os últimos trezentos anos - observou o pai, num tom severo - e não perdemos com isso, perdemos? Não. Porque os outros reinos ficam de olho no Djel, eles dizem "essa é uma família que realmente conhece suas pirâmides, seus criados", eles dizem "nós queremos o mesmo que eles, por favor, com maçanetas". Afinal, são todos da realeza de verdade - acrescentou -, não como esses de hoje em dia... aqui, hoje, neste milênio. Eles são meio deuses também. Não se espera que a realeza autêntica pague pelo que consome. Essa é uma das marcas da verdadeira realeza, não ter nenhum dinheiro.

- Então não dá para ser mais nobre do que eles. Seria preciso inventar uma denominação - disse IIa. - Nós somos quase nobres, nesse caso.

- Você não entende o mundo dos negócios, meu filho. Você acha que é tudo uma questão de contabilidade. Olha, não é.

- E uma questão de massa. E do poder de determinar o peso.

Os dois olharam para Ptaclusp IIb, que estava sentado olhando fixamente para os esboços. Ele girava seu buril nas mãos sem parar, emendo com uma ansiedade que mal conseguia conter.

- Teremos que usar granito para as inclinações menores - disse, falando sozinho -, o calcário não agüentaria. Não com toda a circulação da energia, que será, fiiuuu, será grande. O que eu quero

dizer é que não estamos falando de lâminas de barbear aqui. Essa coisa poderia afiar um rolo de macarrão.

Ptaclusp revirou os olhos. Era a primeira geração de uma dinastia e já estava com problemas. Um dos filhos era um contador nato, o outro estava apaixonado por sua recém-inventada engenharia cósmica. Não havia nada parecido quando ele era jovem, havia apenas arquitetura. Desenhavam-se as plantas e depois se reuniam 10 mil rapazes para fazer hora extra e dobrar o trabalho no final de semana. Eles tinham apenas que empilhar coisas. Não era preciso ter uma abordagem cósmica delas.

Descendentes! Os deuses tinham achado que seria adequado dar a ele um filho que cobrava pela quantidade de ar empregado para se dizer "Bom dia" e outro que cultuava a geometria e passava noites em claro projetando aquedutos. Você apertava o cinto e economizava para mandá-los para as melhores escolas, e eles retribuía-m ficando cultos.

- Do que você está falando? - berrou.

- Considerando somente a descarga... - Ilb puxou seu ábaco para si e agitou as contas nos arames. - Digamos que a altura seja duas vezes a do modelo Executivo, o que nos deixa com uma massa de... mais as dimensões codificadas adicionais de significância oculta, conforme especificado... Não poderíamos tentar fazer algo do tipo há cem anos, percebem, não com as técnicas primitivas que tínhamos então... - Era impossível focalizar seu dedo em movimento.

IIa bufou e pegou o seu próprio ábaco.

- Calcário a dois talentos a tonelada... o desgaste das ferramentas... custo da mão-de-obra... compensação pela demora dos barcos no porto... danos causados por materiais danificados... oh, não, oh, não... adiantamento de custos... mármore preto a preço de reposição...

Ptaclusp suspirou. Dois ábacos chacoalhando, um atrás do outro o dia inteiro, um mudando a forma do mundo, e o outro lamentando

o custo. Que fim levaram os dois pedaços de madeira com fio de prumo?

As últimas contas bateram na borda dos ábacos.

- Seria um verdadeiro salto quântico na piramidologia - observou IIb, recostando-se na cadeira com um sorriso messiânico.

_ Seria um verdadeiro salto cua... - começou IIa.

- Quântico - corrigiu IIb, enchendo a boca.

- Seria um verdadeiro salto quântico na história das falências - disse IIa. - Mas teriam que inventar uma palavra para isso.

- Valeria a pena para atrair freguesia, mesmo não dando lucro - continuou IIb.

- Com certeza. Quando se trata de ter prejuízo, nós estamos sempre na liderança - disse IIa, num tom ácido.

- Ela até brilharia! Daqui a milênios as pessoas olharão para ela e dirão: "Aquele Ptaclusp, ele conhecia bem suas pirâmides".

- Elas a chamarão de A Loucura de Ptaclusp, você quer dizer!

A essa altura, os dois irmãos estavam de pé, um com o nariz a centímetros do outro.

- O seu problema, meu irmão, é que você sabe o custo de tudo e o valor de nada!

- O seu problema é que... é que... é que você não sabe!

- A humanidade deve sempre se esforçar para crescer!

- Sim, com um sólido alicerce financeiro, por Khuft!

- A busca pelo conhecimento...

- A busca pela proibidade...

Ptaclusp os deixou discutindo e ficou olhando para o quintal, onde, sob a luz trêmula das tochas, a equipe de trabalho fazia um fervoroso levantamento do estoque. Era um pequeno negócio quando seu pai o havia deixado para ele - apenas um quintal cheio de pedras e várias esfinges, obeliscos, monolitos e outros itens de estoque, e uma pilha alta de contas que nunca foram pagas, muitas delas endereçadas para o palácio, indicando de forma respeitosa que nosso cálculo de prestação de contas apresentado há novecentos

anos parecia ter o ignorado e que o pronto acerto das dívidas se fazia necessário. Mas, naquele tempo, as coisas eram prazerosas. Havia apenas ele, 5 mil operários, e a senhora Ptaclusp fazendo a contabilidade.

"Você tem que fazer pirâmides", dizia seu pai. Todo o lucro estava nas mastabas, pequenos túmulos familiares, obeliscos memoriais e serviços gerais em necrópoles, mas, se você não fizesse pirâmides, não fazia nada. O plantador de alho mais avarento que quisesse algo bem feito e duradouro, com talvez alguns acabamentos em mármore verde, mas que coubesse no seu orçamento, não iria fazer negócio com um homem que não tivesse uma pirâmide em seu currículo.

Então ele fez pirâmides, e elas eram boas, não como essas que se vêem hoje em dia, com o número do lado errado e paredes que você poderia atravessar com o pé. E, sim, de alguma forma elas foram ficando cada vez melhores.

Construir a maior pirâmide de todos os tempos...

Em três meses...

Com punições terríveis, caso ela não ficasse pronta no prazo. Dios não havia especificado quão terríveis seriam as punições, mas Ptaclusp conhecia o homem, e elas provavelmente incluiriam crocodilos. Elas seriam terríveis demais, sim...

Ele ficou olhando para as luzes oscilantes nas longas avenidas de estátuas, incluindo o maldito Mat, o Deus dos Visitantes Inesperados com Cabeça de Abutre, comprado em anos remotos e devolvido pelo cliente pelo fato de não se enquadrar nos padrões do departamento de bicos e não ter nenhum valor de troca.

A maior pirâmide de todos os tempos...

E, enquanto você se acabava para providenciar de tudo para que a nobreza tivesse seu ingresso para a eternidade, você tinha permissão para usar sua especialidade para o bem-estar dos seus, por exemplo, para ter uma piramidezinha para si e para a sra. Ptaclusp, para garantir uma transferência segura para o Mundo

Inferior? É claro que não. Mesmo o seu pai só havia conseguido a concessão de uma mastaba - embora tenha sido uma das melhores do vale, tinha que admitir. Aquela mármore de veios vermelhos tinha sido encomendado lá do País Quemaravilha; muitas pessoas tinham pedido uma igual, tinha sido bom para os negócios, como papai gostaria que fosse...

A maior pirâmide de todos os tempos...

E eles nunca se lembrariam de quem estava embaixo dela.

Não importava se a chamariam de A Loucura de Ptaclusp ou A Glória de Ptaclusp. Ela seria chamada de Ptaclusp.

Ele emergiu de sua corrente de pensamentos para ouvir seus filhos, que ainda discutiam.

Se isso o faria passar para a posteridade, arriscaria a sorte com 600 toneladas de blocos de calcário. Ao menos eles eram silenciosos.

- Calem a boca, os dois.

Eles pararam e se sentaram, resmungando.

- Eu já me decidi.

IIb fazia rabiscos involuntários com seu buril. IIa dedilhava seu ábaco.

- Nós vamos fazê-la - disse Ptaclusp, e saiu da sala com passos largos. - E o filho que não gostar da idéia será atirado na escuridão distante, onde há gemidos e ranger de dentes - virou o pescoço para dizer.

Os dois irmãos, sozinhos, olhavam-se furiosos. Por fim, IIa disse:

- O que quer dizer "quântico", afinal de contas?

IIb deu de ombros.

- Significa "adicione outro zero".

-Ah... Só isso?

Por toda a extensão do vale do Rio Djel, as pirâmides cintilavam em silêncio noite adentro, descarregando a energia acumulada durante o dia.

Grandes chamas silenciosas saíam de seus cumes e dançavam para o alto, recortadas como o fogo, frias como o gelo.

Centenas de quilômetros do deserto brilhavam com as constelações dos mortos, a aurora da Antigüidade. Mas, ao longo do Vale do Djel, as luzes corriam juntas numa única e sólida faixa de fogo.

Estava no chão e tinha um travesseiro numa ponta. Tinha ser uma cama.

Teppic se pegou duvidando disso enquanto se agitava e se virava, tentando encontrar uma parte do colchão que estivesse preparada para entrar num acordo com ele. "Isso é ridículo", pensou, "eu cresci dormindo em camas como esta. E com travesseiros entalhados em pedra. Eu nasci neste palácio, esta é a minha herança, eu tenho que estar preparado para aceitá-la...

"Eu tenho que mandar trazer uma cama decente e um travesseiro de plumas de Ankh amanhã, sem falta. Eu, o rei, digo que isso deverá ser feito."

Ele se virou e sua cabeça bateu no travesseiro com um baque surdo.

E o encanamento. Que idéia ótima era essa. Era impressionante o que podia ser feito com um buraco no chão.

Sim, encanamento. E as malditas portas. Teppic definitivamente não estava acostumado a ter vários criados atendendo a seus desejos o tempo todo e, portanto, fazer sua higiene pessoal antes de se deitar tinha sido extremamente embaraçoso. E o povo também. Ele definitivamente iria conhecer o povo. Era errada, essa coisa de ficar se escondendo nos palácios.

E como se esperava que um sujeito dormisse com o céu acima do rio brilhando feito fogos de artifício?

Finalmente, a exaustão absoluta levou seu corpo à força para uma zona entre o dormir e o acordar, e imagens loucas se espalharam por seus globos oculares.

Haveria desonra de seus antepassados quando os arqueólogos do futuro traduzissem os afrescos até então não pintados do seu reino:

"Rabisco, água constipada, linha ondulada, nádega de hipopótamo, rabisco': E, no ano do Ciclo de Cephnet, o deus do Sol Teppic Instalou Encanamento e Desprezou os Travesseiros de seus Antepassados."

Ele sonhou com Khuft - enorme, barbado, falando em relâmpagos e trovões, invocando a ira dos céus sobre seu descendente, que estava traindo o passado nobre.

Dios passou flutuando em suas visões, explicando que, de acordo com um decreto aprovado há alguns milhares de anos, era essencial que ele se casasse com um gato.

Deuses com várias cabeças disputavam sua atenção explicando detalhes sobre a natureza divina, enquanto uma voz no fundo tentava atrair sua atenção e gritava algo sobre não querer ser enterrada sob um monte de pedras. Mas ele não tinha tempo para se concentrar nisso, porque viu sete vacas gordas e sete vacas magras, uma delas tocando um trombone.

Mas esse era um sonho antigo, sonhava com isso quase todas as noites...

E depois apareceu um homem atirando flechas numa tartaruga...

E então ele estava andando pelo deserto e encontrou uma pirâmide minúscula, de apenas alguns centímetros de altura. Um vento soprou e espalhou a areia, só que não era mais um vento, era uma pirâmide crescendo, com areia caindo por suas faces cintilantes...

E ela ficou cada vez maior, maior que o mundo, até que finalmente a pirâmide era tão grande que o mundo todo era uma manchinha no centro.

E, no centro da pirâmide, algo muito estranho aconteceu.

A pirâmide ficou menor, levando o mundo com ela, e desapareceu...

É claro que, quando você é um faraó, tem sonhos obscuros de um nível muito grandioso.

Mais um dia nasceu, por cortesia do rei, que estava encolhido na cama usando suas roupas enroladas como travesseiro. Pelo labirinto de pedra do palácio, os criados do reino começavam a acordar.

O barco de Dios deslizou suavemente pela água e bateu no píer. Dios desceu e correu para o palácio, pulando três degraus de cada vez e esfregando as mãos diante da idéia de um novo dia à sua frente, cada horário e ritual conferindo exatamente com o da agenda, Tantas coisas para organizar, tantas coisas para as quais sua presença era necessária...

O escultor e fabricante de caixas de múmias principal guardou sua fita métrica.

- Você fez um bom trabalho, Mestre Dil.

Dil concordou com a cabeça. Não havia falsa modéstia entre artesãos.

O escultor lhe deu uma cutucada.

- Que time, hein? - disse. - Você coloca em conserva, eu encaixoto.

Dil concordou, mas bem mais devagar. O escultor olhou para a oval de cera em suas mãos.

- Não posso dizer que eu tenha gostado muito da máscara de morte, sabe - ele disse.

Gern, que estava trabalhando duro nas vísceras de um dos falecidos gatos da Rainha, trabalho que ele tinha recebido permissão para fazer totalmente sozinho, olhou horrorizado.

- Eu fiz com todo o cuidado - disse Dil, aborrecido.

- Essa é a questão - retrucou o escultor.

- Eu sei - admitiu com tristeza -, é o nariz, não é?

- Era mais o queixo.

- E o queixo.

- Sim.

- Sim.

Eles olharam num silêncio melancólico para o rosto de cera do faraó. O faraó também olhou.

- Nada de errado com o meu queixo.

-Você poderia colocar uma barba nele - disse Dil, finalmente. - Cobriria uma boa parte, uma barba.

- Ainda tem o nariz.

- Você poderia tirar um centímetro dele. E fazer alguma coisa com as maçãs do rosto.

- Sim.

- Sim.

Gern estava horrorizado.

- Vocês estão falando do rosto do falecido rei - protestou. - Não se pode fazer esse tipo de coisa! Além do mais, as pessoas notariam. - Ele hesitou. - Não notariam?

Os dois artesãos se entreolharam.

- Gern - começou Dil, com paciência-, certamente irão notar. Mas não dirão nada. Elas esperam que nós, er, melhoramos as coisas.

- Afinal - disse o escultor principal satisfeito -, você não acha que eles vão se aproximar e dizer "Está tudo errado, na verdade ele tinha uma cara de galinha míope", acha?

- Muito obrigado. Muito obrigado mesmo, eu devo dizer.

O faraó foi se sentar ao lado do gato. Parecia que as pessoas só tinham respeito pelos mortos quando pensavam que os mortos estavam ouvindo.

- Eu suponho - disse o aprendiz, com alguma incerteza - que ele realmente era um pouco feio, comparado com os afrescos.

- Essa é a questão, não é? - disse Dil, num tom expressivo.

O grande rosto pintado e honesto de Gern mudou levemente, como uma paisagem cheia de crateras com nuvens passando na frente. Estava ficando claro para ele que aquilo estaria sob o título de Iniciação aos Segredos da Arte Antiga.

-Vocês estão querendo dizer que até os pintores mudam o... - começou.

Dil olhou para ele com ar de reprovação.

- Nós não falamos sobre isso.

Gern tentou forçar uma expressão de seriedade respeitável.

- Oh. Sim. Entendo, mestre.

O escultor lhe deu um tapa nas costas.

- Você é um rapaz inteligente, Gern. Compreende as coisas.

Afinal, já é ruim ser feio enquanto está vivo. Imagine como deve ser terrível ser feio no Mundo Inferior.

O rei Teppicymon XXVII balançou a cabeça. "Nós todos temos que ser parecidos quando estamos vivos", ele pensou, "e agora eles fazem de tudo para que sejamos idênticos quando mortos. Que reino." Ele olhou para baixo e viu o rosto do falecido gato, que estava se limpando. Quando estava vivo, odiava essas coisas, mas agora aquele gato parecia realmente sociável. Animado, afagou sua cabeça chata. O bicho ronronou por um momento e depois tentou esfolar a mão do rei. Estava definitivamente perdido.

Ele estava ciente, com horror crescente, de que naquele momento o trio estava discutindo sobre uma pirâmide. A sua pirâmide. Seria a maior de todos os tempos. Ficaria em solo altamente fértil e inundável, num excelente local da necrópole. Faria até mesmo a maior das pirâmides parecer algo que uma criança construiria num tanque de areia. Seria cercada de jardins de mármore e obeliscos de granito. Seria o maior monumento já construído por um filho para o pai. O rei suspirou.

Ptaclusp suspirou.

Tinha sido melhor nos tempos do seu pai. Você só precisava de um monte de gente para ajudar a rolar as toras e de vinte anos, o que era conveniente porque evitava problemas para todos durante a Inundação, quando todos os campos estavam cheios de água. Agora você só precisava de um rapaz inteligente com um pedaço de giz e as palavras mágicas certas.

Veja bem, é impressionante, para quem gosta desse tipo de coisa.

Ptaclusp IIb andava ao redor do grande bloco de pedra, arrumando uma equação aqui, destacando uma inscrição hermética ali. Olhou para cima e deu um breve aceno de cabeça para o pai.

Ptaclusp correu até onde estava o rei, parado com seu séquito sobre o rochedo em frente à pedreira, o sol refletindo em sua máscara. Uma visita real, ainda por cima...

- Estamos prontos, ao seu dispor, ó arco dos céus - disse, e começou a suar, rezando para que...

Oh, deuses. O rei ia Fazê-lo se Sentir à Vontade novamente.

Ele olhou para o sumo sacerdote com uma expressão de súplica, ao que o outro respondeu com uma mera contração facial, indicando que nada daquilo era proposto por ele. Era demais, ele não era o único que havia feito objeções quanto a isso; Dil, o mestre embalsamador, havia sido submetido, ontem mesmo, a meia hora de Conversa sobre a sua Família. Estava errado, as pessoas esperavam que o rei ficasse no palácio, isso era muito...

O rei foi andando lentamente em sua direção com um ar desinteressado proposital, para fazer o mestre construtor sentir que estava entre amigos. "Oh, não", pensou Ptaclusp, "ele vai se Lembrar do meu Nome."

- Devo dizer que você fez uma quantidade enorme de trabalho em nove semanas, é um ótimo começo. Er. E Ptaclusp, não é?

Ptaclusp engoliu seco. Não havia remédio para aquilo.

- Sim, ó mão sobre as águas - respondeu - ó fonte de...

- Eu acho que "majestade" ou "alteza" está bom.

Ptaclusp entrou em pânico e olhou assustado para Dios, que estremeceu, mas depois acenou com a cabeça novamente.

- O rei deseja que você se dirija a ele de modo... - um olhar de dor atravessou seu rosto - informal. Ao modo das terras bárba... estrangeiras.

- Você deve se considerar um homem de sorte por ter filhos tão talentosos e trabalhadores - observou Teppic, olhando para o panorama movimentado da pedreira.

- Eu... sim, ó... majestade - murmurou Ptaclusp, interpretando o comentário como uma ordem. Por que os reis não podiam ficar dando ordens nas pessoas, como nos velhos tempos? Você sabia onde estava pisando, eles não ficavam fazendo charme ou tratando você como uma espécie de semelhante, como se você pudesse fazer o sol nascer também.

- Deve ser uma profissão fascinante - continuou Teppic.

- Como vossa alteza quisier, majestade. Se vossa majestade der a ordem...

- E como exatamente tudo isso funciona?

- Majestade? - perguntou Ptaclusp, horrorizado.

- Você faz os blocos voarem, não faz?

- Sim, ó majestade.

- Isso é muito interessante. Como é que você faz?

Ptaclusp quase mordeu os lábios. Revelar os segredos do Ofício? Ele estava horrorizado. Contra todas as expectativas, Dios veio em seu auxílio.

- Por meio de determinados sinais e símbolos secretos, majestade, cuja origem não é sensato indagar. É a sabedoria dos... - ele fez uma pausa - ... dos modernos.

- Muito mais rápido do que todas aquelas coisas empilhadas por aí, imagino - observou Teppic.

- Havia uma certa glória, majestade - discordou Dios. - Agora, se eu puder sugerir...?

- Ah, sim. Vá em frente, por favor.

Ptaclusp limpou a testa e correu para o canto da pedreira. Ele balançou um pedaço de pano.

Todas as coisas são definidas por nomes. Mude o nome, e você muda a coisa. E claro que há muito mais elementos envolvidos, mas, paracosmicamente, tudo se resume a isso mesmo...

Ptaclusp IIb bateu de leve na pedra com seu bastão.

O ar acima dela oscilou no calor e, derramando um pouco de poeira, o bloco se ergueu levemente até flutuar a alguns metros do

chão, mantido sob controle por meio de cordas de ancoradouro.

Isso era tudo. Teppic esperava um trovão, ou pelo menos uma bolha de fogo. Mas os operários já estavam se aglomerando ao redor de outro bloco, e dois deles estavam rebocando o primeiro em direção ao local.

- Impressionante - disse, com tristeza.

- Realmente, majestade - concordou Dios. - Agora temos que voltar ao palácio. Logo estará na hora da Cerimônia da Terceira Hora.

- Sim, sim. Tudo bem. Muito bom trabalho, Ptaclusp. Continue assim.

Ptaclusp curvou-se como uma gangorra, num misto de empolgação e confusão.

- Muito bom, vossa majestade - disse, e decidiu tentar falar sobre a grandona. - Posso mostrar a vossa majestade os projetos mais recentes?

- O rei já aprovou os projetos - interveio Dios. - E, perdoe-me se estiver errado, mas parece que a pirâmide já está em construção.

- Sim, sim, mas - insistiu Ptaclusp - ocorreu-nos que esta passagem aqui, veja, de frente para a entrada, que lugar ótimo, nós pensamos, para uma estátua de, por exemplo, do Deus das Visitas Inesperadas com Cabeça de Abutre, a um custo de praticamente...

Dios olhou rapidamente para os desenhos.

- Isso aqui seriam asas? - perguntou.

- Nenhum custo, nenhum custo. Vou dizer o que vou fazer... - disse Ptaclusp, desesperado.

- Isso é um nariz?

- Está mais para um bico, um bico. Olhe, ó sacerdote, que tal...

- Acho que não. Não. Acho que não mesmo.

Ele olhou para a pedreira à procura de Teppic, suspirou, empurrou os desenhos de volta para as mãos do construtor e saiu correndo.

Teppic havia descido por um caminho que ia até as carruagens à sua espera, olhando com curiosidade para a agitação ao seu redor, e parou para observar um grupo de operários que estavam encaixando uma pedra de canto. Eles congelaram ao sentir seu olhar sobre eles, e ficaram encabulados, observando-o.

- Muito bem - elogiou Teppic, examinando a pedra, ainda que tudo que ele soubesse sobre construção com pedras pudesse ser posto em prática num grão de areia. - Que pedra magnífica.

Voltou-se para o homem que estava mais próximo, cujo queixo caiu.

- Você é um pedreiro, não é? - perguntou. - Deve ser um trabalho interessante.

Os olhos do homem saltaram para fora. Deixou o cinzel cair.

- Erc - ele disse.

A cem metros dali, o manto de Dios se sacudia entre suas pernas enquanto ele descia pelo caminho. Ele puxou a bainha e apertou o passo, batendo as sandálias.

- Qual é o seu nome? - perguntou Teppic.

- Aaaargle - exclamou o homem, aterrorizado.

- Bem, muito bom - continuou Teppic, e pegou sua mão submissa para um aperto de mão.

- Majestade! - Dios berrou. - Não!

E o pedreiro entrou em pânico, segurando sua mão direita pelo pulso, gritando...

Teppic segurou os braços do trono e lançou um olhar furioso para o sumo sacerdote.

- Mas é um gesto de camaradagem, nada mais que isso. De onde eu venho...

- De onde você vem, majestade, é aqui! - trovejou Dios.

- Mas que horror, cortar fora? É cruel demais!

Dios deu um passo à frente. Agora sua voz voltava ao tom lubrificado de costume.

- Cruel, majestade? Mas será feito com cuidado e precisão, com drogas para eliminar a dor. Ele com certeza sobreviverá.

- Mas por quê?

- Eu expliquei, majestade. Ele não poderá usar a mão novamente sem corrompê-la. É um homem devoto e sabe muito bem disso. Veja bem, majestade, você é um deus, majestade.

- Mas você pode me tocar. Assim como os criados!

- Eu sou um sacerdote, majestade - disse Dios, com calma. - E os criados têm isenção especial.

Teppic mordeu o lábio.

- Isso é uma crueldade.

As feições de Dios não se alteraram.

- Isso não será feito - ordenou Teppic. - Eu sou o rei. Eu proíbo que isso aconteça, você entendeu?

Dios se curvou. Teppic reconheceu a reverência número 49, Desprezo Horrorizado.

- Seu desejo certamente será realizado, ó fonte de toda sabedoria. Embora, é claro, o próprio homem poderá querer tratar do problema, com a sua licença, com as próprias mãos.

- Como assim? - perguntou Teppic.

- Majestade, se os colegas dele não o tivessem impedido, ele teria feito isso sozinho. Com o cinzel, imagino.

Teppic olhou para ele e pensou "eu sou um estranho em minha própria terra".

- Entendi - disse, finalmente.

Ele pensou um pouco mais.

- Então a operação deverá ser feita com todo o cuidado, e o homem deverá receber uma pensão depois disso, entendeu?

- Como quiser, majestade.

- Uma pensão digna.

- Com certeza, majestade. Um aperto de mão de ouro, majestade - disse Dios, impassível.

- E talvez possamos arranjar-lhe algum emprego fácil no palácio?

- De pedreiro maneta, majestade? - a sobrancelha esquerda de Dios se arqueou um milímetro.

- De qualquer coisa, Dios.

- Certamente, majestade. Como queira. Eu verificarei se estamos com falta de mão-de-obra em algum departamento.

Teppic lançou-lhe um olhar furioso.

- Eu sou o rei, sabia? - perguntou de forma categórica.

- O fato me acompanha a cada hora do dia, majestade.

- Dios? - chamou Teppic, quando o sumo sacerdote estava saindo.

- Majestade?

- Eu pedi uma cama de penas de Ankh-Morpork há algumas semanas. Suponho que você não saiba o que aconteceu com ela...

Dios fez um gesto expressivo com as mãos.

- Eu suponho, majestade, que exista uma atividade pirata considerável perto da costa de Khalian.

- Sem dúvida os piratas também são responsáveis pela não-aparição do especialista do Grêmio dos Encanadores e Mergulhadores de Privadas^[14] - Teppic disse, num tom ácido.

- Sim, majestade. Ou talvez bandidos, majestade.

- Ou talvez um pássaro gigante de duas cabeças tenha dado um rasante e o tenha carregado para longe.

- Tudo é possível, majestade - disse o sumo sacerdote, com o rosto irradiando cortesia.

- Pode ir, Dios.

- Majestade. Peço licença para lembrá-lo que os emissários de Tsort e Ephebe virão na quinta hora.

- Sim. Pode ir.

Era uma coisa enrugada. Muito antiga. Ela claramente tinha sido uma coisa viva um dia. Estava parada sobre a laje como uma obscena ameixa seca.

- Era o meu maldito almoço - disse o emboçador chefe. - Eu estava ansioso para comer essa maçã.

- Mas ela não pode começar ainda - sussurrou Iib. - Ela não pode formar nódulos temporais, quer dizer, como é que ela sabe que será uma pirâmide?

- Eu abaixei a mão para pegá-la e senti uma coisa... uma coisa muito desagradável - reclamou o emboçador.

-E é um nódulo negativo - acrescentou Iib. - Não deveríamos ter isso de jeito nenhum.

- Ela ainda está lá? - perguntou Ptaclusp, e acrescentou: - Diga que sim.

- Se outros blocos tiverem sido colocados no lugar, não estará - disse seu filho, olhando à sua volta desvairado. - Quando o centro de massa variar, os nódulos serão puxados.

Ptaclusp puxou o rapaz para um canto.

- O que é que você está me dizendo? - perguntou, com um sussurro de camelo.^[15]

- Temos que fechá-la - murmurou Iib. - Queimar o tempo aprisionado. Aí não teria nenhum problema...

- Como vamos fechá-la? Ela não foi terminada, droga - disse Ptaclusp. - O que você fez? As pirâmides não começam a se acumular antes de ficarem prontas. Até serem pirâmides, entende? Energia de pirâmide, entende? Que tem esse nome por causa das pirâmides. É por isso que se chama energia de pirâmide.

- Deve ter algo a ver com a massa, ou algo do gênero - arriscou o arquiteto -, e a velocidade da construção. O tempo está ficando preso no tecido. Quer dizer, em teoria, pequenos nódulos podem ser criados durante a construção, mas eles seriam tão fracos que ficariam imperceptíveis. Se alguém ficasse em cima de um deles, talvez envelhecesse algumas horas ou rejuvenescesse ou... - sua voz começou a falhar.

- Eu me lembro de quando fizemos o túmulo de Kheneth XIV. O pintor de afrescos disse que levou duas horas para fazer a pintura do

quarto da rainha, e nós dissemos que tinham sido três dias e o multamos - disse Ptaclusp, lentamente. - Houve um rebuliço no Grêmio, eu me lembro.

_ Você acabou de dizer isso - observou I Ib.

- Dizer o quê?

- Sobre o pintor de afrescos. Um minuto atrás.

- Não, não disse. Você não poderia ter ouvido.

- Posso jurar que disse. De qualquer modo, esta situação é pior do que aquela - disse o filho. - E provavelmente voltará a acontecer.

- Podemos esperar mais coisas assim?

- Sim - disse I Ib. - Não deveríamos ter nódulos negativos, mas parece que temos. Podemos esperar fluxos rápidos e fluxos inversos, e provavelmente até loops curtos. Receio que possamos ter todos os tipos de anomalia temporal. É melhor retirarmos os homens.

- Será que você não poderia pensar numa maneira de fazê-los trabalhar em tempo rápido e pagá-los pelo tempo lento? - perguntou Ptaclusp. - E só uma idéia. Seu irmão vai sugerir isso, com certeza.

- Não! Afaste todos eles! Nós vamos colocar os blocos para dentro e fechá-la primeiro!

-Tudo bem, tudo bem. Eu só estava pensando alto. Como se já não tivéssemos problemas suficientes...

Ptaclusp foi abrindo caminho entre a multidão de operários que estava ao redor do centro. Ali, ao menos, havia silêncio. Silêncio mortal.

-Tudo bem, tudo bem. O que está acontecen... oh.

Ptaclusp I Ib espiou por cima do ombro do pai e enfiou o pulso na boca.

Era uma coisa enrugada. Muito antiga. Ela claramente tinha sido uma coisa viva um dia. Estava parada sobre a laje como uma obscena ameixa seca.

- Era o meu maldito almoço - disse o emboçador chefe. - Eu estava ansioso para comer essa maçã.

Ptaclusp hesitou. Tudo isso parecia muito familiar. Já tinha se sentido assim antes. Uma sensação inconfundível de reja vu^[16].

Ele deparou com o olhar horrorizado do filho. Juntos, apavorados com o que poderiam ver, viraram-se lentamente.

Eles se viram parados atrás deles mesmos, discutindo sobre algo que Iib estava jurando já ter ouvido antes.

Ele também estava, percebeu Ptaclusp, apavorado. "Esse aí sou eu. Eu pareço muito diferente visto de fora. E sou eu aqui também. Igualmente. Da mesma forma."

"É um loop. Igual ao do rio, um pequeno redemoinho, só que no curso do tempo. E eu acabei de passar por ele duas vezes."

O outro Ptaclusp olhou para ele.

Houve um longo e angustiante momento de tensão temporal, um ruído como o de um rato estourando uma bola de chiclete. O loop se desfez, e a figura desapareceu aos poucos.

- Eu sei o que está causando isso - murmurou Iib de modo quase incompreensível, por causa do pulso. - Eu sei que a pirâmide não está completa, mas ela estará, então os efeitos estão meio que ecoando para trás, pai, nós temos que parar isso já, a coisa é grande demais, eu estava errado...

- Cale-se. Você pode descobrir onde os nódulos se formarão? E venha para cá, todos os rapazes estão olhando. Recomponha-se, filho.

Iib pôs a mão instintivamente no ábaco que estava preso ao cinto.

- Bom, sim, provavelmente. É apenas uma função da distribuição da massa e...

- Certo - disse o construtor, com firmeza. - Comece a fazer isso. E depois peça a todos os chefes de equipe que venham falar comigo.

Houve um lampejo como o da mica no olhar de Ptaclusp. Seu maxilar estava sólido como um bloco de granito. "Talvez seja a

pirâmide que esteja me fazendo pensar assim", ele pensou, "estou pensando rápido, eu sei disso."

- E mande o seu irmão vir até aqui também - acrescentou.

"Isso é efeito da pirâmide. Estou me lembrando de uma idéia terei. Melhor não pensar muito sobre isso. Seja prático."

Ele olhou ao redor, para o terreno construído até a metade.

"Os deuses sabiam que não conseguiríamos terminar a tempo. Agora não temos que fazê-lo. Podemos demorar o tempo que quisermos!"

- Você está bem? - perguntou IIb. - Pai, você está bem?

- Foi mais um loop no tempo? - perguntou Ptaclusp, sonhando. Que idéia! Ninguém nunca mais os derrotaria num contrato, eles ganhariam bônus na conclusão, não importando quanto tempo levassem!

- Não! Pai, nós devemos...

- Mas você tem certeza de que consegue descobrir onde ocorrerão esses loops, não tem?

- Sim, eu espero que sim, mas...

- Bom. - Ptaclusp estava tremendo de excitação. Talvez eles tivessem que pagar mais aos homens, mas valeria a pena, e IIa com certeza pensaria em alguma espécie de esquema, as finanças eram tão boas quanto a mágica. Os rapazes teriam que aceitar. Afinal, haviam reclamado de trabalhar com homens livres, reclamavam de trabalhar com quemarvilhanos, reclamavam de trabalhar com qualquer um que não fosse um membro devidamente pago do Grêmio. Então eles não podiam reclamar muito de trabalharem uns com os outros.

IIb deu um passo para trás e segurou o ábaco para se acalmar.

- Pai - disse, cauteloso -, em que você está pensando?

Ptaclusp sorriu radiante para ele.

- Almas penadas.

Política era mais interessante. Teppic achava que pelo menos nesse aspecto poderia dar uma contribuição.

Djelibeybi era antigo. Respeitado. Mas também era pequeno e, em relação à força militar, o que parecia importar naqueles tempos, não possuía nenhum poder. Não tinha sido sempre assim, de acordo com Dios. Um dia ele havia comandado o mundo por meio da pura força da nobreza, quase sem precisar do exército efetivo de 25 mil homens de que dispunha naquela época grandiosa.

Agora, exercia um poder mais sutil como um estado estreito entre os impérios vastos e penetrantes de Tsort e Ephebe, cada um, ao mesmo tempo, uma ameaça e um escudo. Durante mais de mil anos, os reis ao longo do Djel tinham, com extrema diplomacia, conduta requintada e a movimentação de uma centopéia sob efeito da adrenalina, mantido a paz ao lado da parte mais agourenta do continente. O simples fato de ter 7 mil anos de existência pode ser uma arma formidável, se usada adequadamente.

- Você quer dizer que nós somos solo neutro? – perguntou Teppic.

- Tsort é uma cultura do deserto, como nós - explicou Dios, estendendo as mãos. - Nós o ajudamos a se constituir ao longo dos anos. Quanto a Ephebe... - ele torceu o nariz. - Eles têm umas crenças muito estranhas.

- Como assim?

- Eles acreditam que o mundo é governado pela geometria, majestade. Tudo são linhas, ângulos e números. Esse tipo de coisa, majestade... - Dios franziu a sobrancelha... -... pode resultar em idéias bastante insensatas.

- Ah - emendou Teppic, decidido a aprender mais sobre idéias insensatas o mais rápido possível. - Então nós estamos secretamente do lado de Tsort, sim?

- Não. É importante que Ephebe permaneça forte.

- Mas nós temos mais coisas em comum com Tsort?
- Nós deixamos que eles acreditem que sim, majestade.
- Mas nós somos uma cultura do deserto?

Dios sorriu.

- Receio que eles não levem as pirâmides a sério, majestade.

Teppic considerou tudo isso.

- Então, nós estamos do lado de quem, na verdade?

- Do nosso, majestade. Sempre existe um jeito. Lembre-se sempre, majestade, de que a sua família estava na terceira dinastia quando os nossos vizinhos entenderam, majestade, como são feitos os bebês.

A delegação de Tsort realmente parecia ter estudado a cultura de Djeli com afinco, quase com fanatismo. E ficou claro que não haviam começado a entendê-la. Havia apenas tomado emprestadas todas as partes que pareciam úteis e depois as juntaram de modo sutilmente equivocado. Por exemplo, todos eles, sem exceção, estavam usando o Andar-das-Três-Torções como representado nos frisos; ele é usado pela corte de Djeli apenas em certas ocasiões. Notavam-se caretas em seu rosto sempre que suas vértebras protestavam.

Eles também estavam usando os Khruspids da Manhã e as pulseiras da Partida, assim como o kilt do Ainda com e, não era de estranhar que até as criadas que estavam de serviço abanando escondessem os sorrisos, pares de grevas combinando!^[17]

Até mesmo Teppic teve que tossir bem rápido. Ele pensou: "É porque eles não entendem. São como crianças". Esse pensamento foi seguido por outro, que acrescentou: "Essas crianças poderiam nos apagar do mapa em uma hora".

Saindo quentinho das sinapses dos outros dois, veio um terceiro pensamento, que dizia: "São apenas roupas, pelo amor dos deuses, você está começando a levar tudo isso a sério".

O grupo de Ephebe estava vestido de forma mais sensata, com togas brancas. Guardavam certa semelhança entre eles, como se em

algun lugar do país houvesse uma pequena máquina de impressão que estampasse homens pequenos e carecas com barbas brancas encaracoladas.

Os dois grupos se posicionaram diante do trono e fizeram reverência.

- Olá - disse Teppic.

- Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardiã da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre, lhes dá boas-vindas e ordena que vocês tomem a vinho com ele - disse Dios, batendo palmas para chamar o mordomo.

- Ah, sim - concordou Teppic. - Sentem-se, por favor.

- Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardiã da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre, ordena que vocês se sentem - corrigiu Dios.

Teppic quebrou a cabeça pensando num discurso adequado. Tinha ouvido muitos deles em Ankh-Morpork. Deveriam ser os mesmos pelo mundo todo.

- Estou certo de que devemos prosseguir...

- Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardiã da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre, ordena que ouçam com atenção! - Dios trovejou.

- ... longa história de amizade...

- Ouçam todos a sabedoria de Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardiã da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre!

Os ecos enfraqueceram.

- Eu poderia falar com você um momento, Dios?

O sumo sacerdote se abaixou.

- Tudo isso é necessário? - sussurrou.

As feições aquilinas de Dios assumiram uma expressão desconcertada de quem está lutando contra um conceito estranho.

- E claro, majestade. É tradicional - explicou, por fim.

- Eu achei que eu tinha que falar com essas pessoas. Sabe como é, sobre fronteiras, comércio e coisas do tipo. Tenho pensado muito nisso e algumas idéias me vieram à cabeça. Quer dizer, será um pouco difícil, se você continuar gritando.

Dios sorriu para ele educadamente.

- Oh, não, majestade. Isso já foi tudo acertado, majestade. Eu me encontrei com eles hoje de manhã.

- O que eu devo fazer, então?

Dios fez um leve movimento circular com a mão. _ O que desejar, majestade. É normal sorrir um pouco, e fazê-los sentirem-se à vontade.

- E isso é tudo!

_ Vossa majestade poderia perguntar se eles gostam de ser diplomatas, majestade - sugeriu Dios. Ele encarou Teppic com um olhar tão inexpressivo quanto um espelho.

- Eu sou um rei - sussurrou Teppic.

- Certamente, majestade. Não seria bom manchar o ofício divino com questões enfadonhas. Amanhã, o rei presidirá uma corte suprema. Um cargo muito apropriado para um monarca, majestade.

- Ah, sim.

Foi bastante complicado. Teppic ouviu o caso com atenção, que era de um suposto roubo de gado denunciado pelas leis obtusas de Djeli. "Isso deve resumir toda a questão", pensou. "Ninguém pode descobrir de quem são os malditos bois, esse é o tipo de coisa que

os reis devem fazer. Agora, vejamos, há cinco anos, ele vendeu o boi para ele, mas acabou que..."

Ele olhava o rosto de um fazendeiro preocupado e depois o do outro. Os dois estavam apertando o chapéu de palha junto ao peito, e ambos tinham a expressão desconcertada e paralisada de homens simples que, querendo resolver seu desentendimento paroquial, viam-se agora sobre um chão de mármore, num salão enorme, com seu deus entronado diante de seus olhos. Teppic não duvidava de que os dois abririam mão, com muita alegria, de todos os seus direitos sobre a infeliz criatura, em troca de estarem a dez quilômetros dali.

"É um boi razoavelmente maduro", pensou, "e já estava na hora do abate. Mesmo que seja dele, vem engordando nas terras vizinho todos esses anos. Metade para cada um seria o certo, realmente irão se lembrar deste julgamento..." Ele ergueu a Foice da Justiça.

- Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardiã da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre, dará a decisão do julgamento! Curvem-se diante da justiça de sua Alteza, o Rei Tep...

Teppic interrompeu Dios no meio da entoação.

- Após ouvir ambos os lados - disse com firmeza, com a máscara fazendo um leve eco -, e tendo ficado impressionado com o argumento e com o contra-argumento, parece-nos muito justo que a besta em questão deva ser abatida sem demora e compartilhada com toda imparcialidade entre o acusado e o réu.

Ele se recostou no trono. "Eles me chamarão de Teppic, o Sábio", pensou. "As pessoas comuns gostam desse tipo de coisa."

Os fazendeiros lançaram-lhe um olhar longo e estupefato. Depois, como se os dois estivessem sobre plataformas giratórias, viraram-se para onde Dios estava, sentado nos degraus, num grupo de sacerdotes inferiores.

Dios se levantou, alisou seu manto, que já estava liso, e estendeu o bastão.

- Curvem-se diante da interpretação sábia de Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardião da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre. Nosso divino julgamento demanda que a besta em questão seja de propriedade de Rhumusphut. Nosso divino julgamento demanda que a besta seja sacrificada sobre o altar da Afluência dos Deuses em gratidão pela atenção ao Nosso Caráter Divino. Nosso julgamento adicional diz que tanto Rhumusphut quanto Ktoffle trabalhem por três dias adicionais nos campos do Rei em pagamento a essa decisão.

Dios ergueu a cabeça até estar olhando à altura de seu espantoso nariz diretamente para a máscara de Teppic. E ergueu as duas mãos.

- Poderosa é a sabedoria de Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardião da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre!

Os fazendeiros se curvaram em aterrorizada gratidão e se retiraram recuando entre as fileiras de guardas.

_ Dios - chamou Teppic, inabalável.

_ Majestade?

_ Você pode me dar um minuto de atenção, por favor?

_ Majestade? - repetiu Dios, materializando-se ao lado do trono.

- Não pude deixar de notar, Dios, perdoe-me se estiver errado, certo floreio na tradução há pouco.

O sacerdote pareceu surpreso.

- Na verdade, não, majestade. Eu fui o mais preciso possível ao retransmitir a sua decisão, exceto quanto a esclarecer os detalhes,

de acordo com os precedentes e a tradição.

- Como foi isso? A maldita criatura realmente pertencia a ambos!

- Mas Rhumusphut é conhecido por ser escrupuloso em suas devoções, majestade, buscando todas as oportunidades para louvar e engrandecer os deuses, enquanto Ktoffle é conhecido por abrigar pensamentos insensatos.

- O que isso tem a ver com a justiça?

- Tudo, majestade - respondeu Dios calmamente.

- Mas agora nenhum dos dois ficou com o boi!

- Certamente, majestade. Mas Ktoffle não ficou com ele porque não merece, enquanto Rhumusphut, por meio do sacrifício do boi, garantiu para si estatura mais elevada no Mundo Inferior.

- E você comerá carne hoje à noite, suponho.

Foi como um soco. Teppic poderia também ter erguido o trono e jogado em cima do sacerdote. Dios deu um passo para trás, consternado. Seus olhos eram duas poças rasas de dor. Quando ralou, havia uma aspereza brutal em sua voz.

- Eu não como carne, majestade. Ela enfraquece e deturpa a alma. Posso chamar o próximo caso, majestade?

Teppic assentiu.

- Muito bem.

O caso seguinte era uma controvérsia a respeito do aluguel de cem metros quadrados de terreno à margem do rio. Teppic ouviu com atenção. Pagava-se muito bem por terras boas para o cultivo em Djeli, já que boa parte delas era ocupada pelas pirâmides. A questão era séria.

Era especialmente séria porque o inquilino da terra, segundo a opinião geral, era trabalhador e escrupuloso, ao passo que o proprietário era claramente rico e repreensível.^[18] Infelizmente, por mais que escolhesse comparar os fatos, ele também estava certo.

Teppic pensou muito, depois olhou de soslaio para Dios. O sacerdote acenou com a cabeça para ele.

- Parece-me... - disse Teppic, o mais rápido possível, mais não rápido o suficiente.

- Curvem-se ao julgamento de Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardião da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre!

- Parece-me... a nós - repetiu Teppic -, que, levando todas as questões em consideração, além daquelas de mero arдил mortal, o resultado verdadeiro e justo para esta questão... - Ele parou. "Isto", pensou, "não é maneira de um rei falar."

- O proprietário foi pesado na balança e revelou-se insuficiente - sua voz ecoou através do orifício da boca da máscara. - Nós ficamos a favor do inquilino.

De uma só vez a corte se voltou para Dios, que realizou uma consulta sussurrada com os outros sacerdotes e depois se levantou.

- Ouçam agora a interpretação da palavra de Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardião da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre! Ptorne, o fazendeiro, pagará de imediato 18 toons de alugueis atrasados a Prince Imtebos! Prince Imtebos pagará de imediato 12 toons para o templo de oferendas dos deuses do rio! Vida longa ao rei! Tragam o próximo caso!

Teppic acenou para Dios mais uma vez.

- Faz algum sentido eu estar aqui? - perguntou, com um sussurro esquentado.

- Por favor, acalme-se, majestade. Se o senhor não estivesse aqui, como as pessoas saberiam que a justiça tinha sido feita?

_ Mas você distorce tudo que eu digo!

- Não, majestade. Vossa majestade dá o julgamento do homem. Eu interpreto o julgamento do rei.

- Entendi - disse Teppic, inflexível. - Bom, a partir de agora...

Havia certa comoção do lado de fora do salão. Estava claro que um prisioneiro do lado de fora não estava muito confiante na justiça do rei, e o rei não o culpava. Ele também não estava nem um pouco contente.

Na verdade, era uma garota de cabelos castanhos, debatendo-se nos braços de dois guardas e dando-lhes o tipo de golpe com o punho e o calcanhar que um homem se envergonharia de dar. Também não estava usando a roupa certa para isso. Não estaria bem vestida nem para ficar deitada descascando uvas.

Ela viu Teppic e, para o secreto prazer dele, lançou-lhe um olhar de puro ódio. Após uma tarde sendo tratado como uma estátua deficiente mental, era um prazer encontrar alguém preparado para se interessar por ele.

Ele não sabia o que a moça havia feito, mas, a julgar pelos golpes que estava dando nos guardas, era possível apostar com segurança que havia feito isso até o limite de sua capacidade.

Dios se curvou até o nível dos orifícios das orelhas da máscara.

- O nome dela é Ptraci. Uma criada do seu pai. Ela se recusou a tomar a poção.

- Que poção? - perguntou Teppic.

- E costume que um rei morto leve consigo os seus criados para o Mundo Inferior, majestade.

Com tristeza, Teppic concordou com a cabeça. Era um privilégio que era motivo de inveja, a única maneira pela qual um criado pobre poderia garantir a imortalidade. Ele se lembrou do funeral do avô e do clamor discreto dos criados pessoais do velho.

Seu pai tinha ficado deprimido durante dias.

- Sim, mas não é obrigatório - disse.

- Sim, majestade. Não é obrigatório.

- Meu pai tinha muitos criados.

- Eu creio que ela era a favorita, majestade.
- O que exatamente ela fez de errado, então?

Dios suspirou, como se suspira ao explicar as coisas para uma criança extremamente lenta na aprendizagem.

- Ela se recusou a tomar a poção, majestade.
- Desculpe, eu achei que você tivesse dito que não era obrigatório, Dios.

- Isso, majestade. Não é, majestade. E inteiramente voluntário. É um ato de livre arbítrio. E ela o recusou, majestade.

- Ah. Uma dessas situações. - Djelibeybi foi construída sobre esse tipo de situação. Quem tentasse entendê-las poderia ficar louco. Se um de seus ancestrais tivesse decretado que a noite era dia, as pessoas andariam por aí tateando no claro.

Ele se inclinou para a frente.

- Aproxime-se, mocinha.

Ela olhou para Dios.

- Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII...
- Temos que passar por tudo isso todas as vezes?
- Sim, majestade... Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardiã da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre ordena que você declare sua culpa!

A garota saiu do domínio dos guardas e encarou Teppic, tremendo de pavor.

- Ele me disse que não queria ser enterrado numa pirâmide. Disse que a idéia daqueles milhões de toneladas de pedras em cima dele lhe causavam pesadelos. Eu ainda não quero morrer!

- Você se recusa a tomar a poção de bom grado? – perguntou Dios.

-Sim!

- Mas, minha filha - continuou Dios -, então o rei terá que fazê-la morrer de qualquer jeito. É claro que é melhor ir de forma honrada,

para uma vida valiosa no Mundo Inferior...?

- Eu não quero ser uma criada no Mundo Inferior!

Houve um gemido de horror entre os sacerdotes reunidos.

Dios concordou.

_ Então o Comedor de Almas a levará. Majestade, confiamos no seu julgamento.

Teppic percebeu que estava olhando fixamente para a garota. Havia algo espantosamente familiar nela que ele não conseguia reconhecer ao certo.

- Deixem-na ir - ele disse.

- Sua Alteza o Rei Teppicymon XXVIII, Senhor dos Céus, Cocheiro da Carruagem do Sol, Timoneiro da Barca do Sol, Guardiã da Sabedoria Secreta, Senhor do Horizonte, Guarda do Caminho, o Mangual da Misericórdia, o Nobre de Nascimento, o Rei que Nunca Morre se pronunciou! Amanhã cedo você será atirada aos crocodilos do rio. Grande é a sabedoria do rei!

Ptraci se virou e encarou Teppic. Ele não disse nada. Não ousava, por medo do que poderia parecer.

Ela foi embora em silêncio, o que era pior que o choro ou o grito.

- Esse é o último caso, majestade - informou Dios.

- Eu vou me retirar para os meus aposentos - retrucou Teppic, friamente. - Tenho muito no que pensar.

- Então eu mandarei levar o jantar - disse o sacerdote. – Será frango assado.

- Odeio frango.

Dios sorriu.

- Não, majestade. Às quartas-feiras o rei sempre saboreia um frango, majestade.

As pirâmides chamejavam. A luz que lançavam sobre a paisagem era curiosamente reduzida, granulada, quase cinza, mas, acima da cimalha de cada sepultura, uma chama crepitava em ziguezague na direção do céu.

Um clique fraco de metal e pedra fez Ptraci saltar de um cochilo espasmódico para um estado extremamente desperto. Ela se levantou com muito cuidado e engatinhou até a janela.

Ao contrário das janelas de celas normais, que deveriam ser grandes e arejadas, necessitando apenas a remoção de algumas barras inconvenientes para garantir a fuga de qualquer prisioneiro, aquela janela era uma fenda de vinte centímetros de largura. Sete mil anos haviam ensinado aos reis do Djel que as celas deveriam ser projetadas para manter os prisioneiros do lado de dentro. O único meio que tinham de sair através dessa fenda era em pedaços.

Mas havia uma sombra contra a luz da pirâmide, e uma voz disse:

- Pssiu.

Ela ficou de pé rente à parede e tentou alcançar a fenda, que ficava no alto.

- Quem é você?

- Estou aqui para ajudá-la. Droga! Eles chamam isso de janela? Olhe, estou baixando uma corda.

Um fio grosso e sedoso, com nós em alguns pontos, caiu perto do ombro dela. Ela olhou por um ou dois segundos, tirou os sapatos de bico enrolado e agarrou-se ao fio.

O rosto do outro lado da fenda estava meio escondido por um capuz preto, e ela conseguiu distinguir apenas uma expressão de preocupação.

- Não se desespere - disse o rosto.

- Eu não estou desesperada, estava apenas tentando dormir um pouco.

- Ah, perdão. Tenho certeza disso. Irei embora, então, sim?

- Mas amanhã de manhã eu acordarei e, aí sim, vou me desesperar. Como você chegou aí, fenômeno?

- Você sabe o que é um grampo?

-Não.

- Bom, eu estou usando dois.

Eles se entreolharam em silêncio.

- Certo - disse finalmente o rosto. - Eu terei que dar a volta e entrar pela porta. Não vá embora.

E desapareceu para o alto.

Ptraci foi deslizando de volta para as pedras geladas do chão. Entrar pela porta! Ela se perguntava como ele conseguiria isso. Um humano teria que abri-la primeiro.

Ela se agachou no canto mais afastado da cela, olhando para o pequeno retângulo de madeira.

Longos minutos se passaram. Num determinado momento, ela pensou ter ouvido um barulho muito baixo, como uma respiração ofegante.

Pouco depois se ouviu um leve tinido de metal, tão sutil que estava quase além do alcance da audição.

Mais tempo enrolou-se no carretel da eternidade e então o silêncio além da cela, que antes era silêncio causado pela ausência de som, foi se tornando lentamente o silêncio causado por alguém que não fazia barulho algum.

Ela pensou: "Ele está bem ali, atrás da porta".

Houve uma pausa, durante a qual Teppic passava óleo em todos os pinos e dobradiças para que, quando desse a investida final, a porta se abrisse delicadamente, numa ausência de som de apertar o coração.

- Está me ouvindo? - perguntou uma voz na escuridão.

Ptraci se encostou ainda mais na parede.

- Olha, eu vim para salvar você.

Agora ela podia ver um vulto mais escuro contra a luz trêmula. Ele se aproximou com mais incerteza do que ela esperava de um fenômeno.

- Você vem ou não vem? Eu acabei de derrubar os guardas, não é culpa deles, mas nós não temos muito tempo.

- Eu serei jogada aos crocodilos pela manhã - sussurrou Ptraci. - Foi o próprio rei que ordenou.

- Ele provavelmente cometeu um erro.

Os olhos de Ptraci se arregalaram com uma descrença horrorizada.

- O Comedor de Almas me levará!

- Você quer isso?

Ptraci hesitou.

- Bom, então... - disse o vulto, e pegou a mão dela, que não ofereceu resistência. Levou-a para fora da cela, onde a moça quase tropeçou no corpo caído de um guarda.

- Quem está nas outras celas? - ele perguntou, apontando para a fileira de portas ao longo da passagem.

- Não sei.

- Que tal descobriremos?

O vulto encostou uma lata nos pinos e dobradiças da porta seguinte e a abriu. A luz fraca que vinha da janela estreita iluminava um homem de meia-idade, sentado de pernas cruzadas no chão.

- Estou aqui para salvá-lo - avisou o fenômeno.

O homem olhou bem para ele.

- Salvar?

- Sim. Por que você está aqui?

O homem abaixou a cabeça.

- Eu disse blasfêmias contra o rei.

- Por que você fez isso?

- Eu deixei uma pedra cair no meu pé. Agora a minha língua vai ser arrancada.

O vulto escuro balançou a cabeça num gesto de solidariedade.

- Um sacerdote o ouviu, não foi?

- Não. Eu contei para um sacerdote. Tais palavras não podem ficar impunes - explicou o homem, num tom virtuoso.

"Nós realmente somos bons nisso", pensou Teppic. "Simples animais não conseguiria agir assim. É preciso ser um humano para ser realmente burro."

- Acho que deveríamos falar sobre isso lá fora. Por que você não vem comigo?

O homem recuou e olhou bem para ele.

- Você quer que eu fuja?.

- Parece uma boa idéia, o que você acha?

O homem o encarou fixamente, mexendo os lábios em silêncio. Depois pareceu ter chegado a uma decisão:

- Guardas! - gritou.

O grito ecoou pelos corredores adormecidos do palácio. Seu suposto salvador olhou para ele sem acreditar.

- Louco. Vocês são todos loucos.

Ele saiu da cela, pegou Ptraci pela mão e correu pelas passagens sombrias. Atrás deles, o prisioneiro aproveitou ao máximo sua língua - enquanto ainda a tinha - e gritou uma torrente de pragas.

- Aonde você está me levando? - perguntava Ptraci enquanto eles passavam habilmente por um canto e andavam até um pátio cercado por pilares.

Teppic hesitou. Ele não havia pensado muito sobre o que fazer a partir desse ponto.

_ Por que eles ainda se preocupam em trancar as portas das elas? - perguntou, olhando para os pilares. - É isso o que eu quero saber. Fico surpreso que você não tenha voltado para sua cela enquanto eu estava lá dentro.

- Eu... eu não quero morrer - ela disse baixinho.

- Não a culpo.

- Você não pode dizer isso! É errado não querer morrer!

Teppic olhou para o telhado ao redor do pátio e desamarrou seu arpão.

- Acho que eu deveria voltar para a minha cela - disse Ptraci, sem fazer nenhum movimento nesse sentido. - É errado até pensar em desobedecer ao rei.

- Oh? O que está acontecendo com você, então?

- Algo ruim - ela disse vagamente.

- Você quer dizer pior do que ser jogada aos crocodilos ou ter a alma levada pelo Comedor de Almas? - perguntou Teppic, e prendeu o arpão com firmeza em alguma saliência escondida do telhado plano.

- Interessante esse argumento - reconheceu Ptraci, ganhando o Prêmio Teppic de perspicácia.

- Vale a pena refletir sobre isso, não?

Teppic testou a corda com seu peso.

- O que você está dizendo é que, se vai acontecer algo pior de qualquer jeito, você pode parar de se preocupar com certas coisas - concluiu Ptraci. - Se o Comedor de Almas vai me pegar independentemente do que eu fizer, posso também querer me livrar dos crocodilos, é isso?

- Sobe você primeiro, acho que alguém está se aproximando.

- Quem é você?

Teppic buscou algo em sua sacola. Ele havia voltado para Djeli fazia um bom tempo apenas com as roupas que estava usando, mas eram as roupas que usara durante todo o seu exame. Sentiu o peso de uma faca de arremessar Número Dois, o aço reluziu na luz trêmula. Esse era provavelmente o único artefato de aço do país. Não que Djelibeybi não conhecesse o ferro, mas, se o cobre era bom o suficiente para o seu tatara-tatara-tatara-tatara-avô, era bom para você também.

Não, os guardas não mereciam facas. Eles não tinham feito nada de errado.

Teppic pegou o pequeno saco de estrepes. Esses modelos eram pequenos, só uma polegada por prego. Os estrepes não matavam ninguém, apenas deixavam as pessoas um pouco mais lentas. Um ou dois deles na sola do pé causavam extrema lentidão e cautela em todos, menos nos entusiasmados patológicos.

Ele espalhou alguns na passagem e correu de volta para a corda, impulsionando seu corpo para cima com alguns balanços curtos. Chegou ao telhado exatamente quando os guardas principais

correram para a entrada da passagem. Esperou até ouvir o primeiro palavrão e depois recolheu a corda e correu atrás da garota.

- Eles vão nos pegar - ela disse.

- Acho que não.

- E depois o rei vai mandar que nos joguem aos crocodilos.

- Ah, não, acho que não... - Teppic parou. A idéia era intrigante. - Ele poderia - arriscou. - É muito difícil ter certeza de qualquer coisa.

- E o que devemos fazer agora?

Teppic olhou para o outro lado do rio, onde as pirâmides brilhavam. A Grande Pirâmide ainda estava sendo construída, sob a luz trêmula. Um enxame de blocos de pedra, pequenos àquela distância, pairava acima do topo. O modo como Ptaclusp estava se dedicando ao trabalho era impressionante.

"Que labareda sairá dela", pensou. "Será vista até em Ankh."

- Que coisas horríveis, não? - comentou Ptraci, atrás dele.

- Você acha?

- Elas me dão arrepios. O antigo rei as odiava, sabe. Ele dizia que prendiam o reino ao passado.

- Ele disse por quê?

- Não. Somente as odiava. Ele era um bom sujeito. Muito gentil. Não era como este novo. - Ela assoou o nariz e colocou o lenço no espaço quase insuficiente em seu sutiã de lantejoulas.

- Er, o que exatamente você tinha que fazer? Como criada, que dizer... - perguntou Teppic, examinando o panorama do telhado para esconder o embaraço. Ela deu uma risadinha. - Você não é daqui, né?

- Não. Não mesmo.

- Eu conversava com ele, principalmente. Ou apenas o escutava. Ele falava bastante, mas sempre reclamava que ninguém nunca ouvia o que ele dizia.

- É - disse Teppic, lamentando. - E era só isso, certo?

Ela olhou bem para ele e deu uma risadinha de novo.

- Ah, aquilo? Não, ele era muito gentil. Eu não teria me incomodado, você entende, eu tinha recebido todo o treinamento adequado. Era um pouco decepcionante, é verdade. As mulheres da minha família serviram ao rei durante séculos, sabe.

- Ah, é - ele conseguiu dizer.

- Eu não sei se você já viu um livro, chama-se O Palácio...

- ...Fechado - completou Teppic de modo automático.

- Eu achei que um cavalheiro como você conheceria esse livro - disse Ptraci, cutucando-o. - E uma espécie de livro didático. Bom, a minha tatarata-tatarata-avó posou para muitos desenhos. Não recentemente - acrescentou, caso ele não tivesse entendido realmente -, quer dizer, isso seria um pouco repugnante, pois ela morreu há 25 anos. Quando era mais jovem. Eu me pareço muito com ela, todo mundo diz.

- Ah - concordou Teppic.

- Ela era famosa. Ela conseguia colocar o pé atrás da cabeça, sabe. E eu também. Eu estou no Nível Três.

-Ah?

- O antigo rei me disse uma vez que os deuses davam senso de humor às pessoas para compensar a falta de sexo. Acho que ele estava um pouco chateado nesse dia.

- Ah- - Só se via a parte branca dos olhos de Teppic.

- Você não fala muito, não é?

A brisa da noite soprava o perfume dela na direção dele. Ptraci usava perfume como quem usava um aríete.

- Temos que encontrar um lugar para você se esconder - sentenciou Teppic, concentrando-se em cada palavra. - Você não tem pais ou algo assim?

Ele tentou ignorar o fato de que, sob a luz trêmula, sem sombras, ela parecia brilhar, mas não foi muito bem-sucedido.

- Bom, a minha mãe ainda trabalha em algum lugar do palácio. Mas eu acho que ela não seria muito solidária.

- Temos que tirar você daqui - insistiu Teppic, fervoroso. - Se hoje você puder se esconder em algum lugar, posso roubar alguns cavalos, um barco ou algo assim. Aí você pode ir para Tsort, Ephebe ou algum lugar desses.

- Estrangeiro, você quer dizer? Acho que eu não ia gostar disso.

- Comparado ao Mundo Inferior?

- Bom, falando desse jeito, é claro... - Ela segurou o braço dele. - Por que você me salvou?

- Er? Porque estar vivo é melhor do que estar morto, eu acho.

- Eu li até o número 46, O Congresso das Cinco Formigas Auspiciosas - disse Ptraci. - Se você tiver um iogurte, nós podemos...

- Não! Quer dizer, não. Não aqui. Deve ter gente procurando por nós, já está quase amanhecendo.

- Não precisa gritar assim! Eu só estava tentando ser gentil.

- Sim. Bom. Obrigado. - Teppic se soltou e olhou desesperadamente por um balaústre para dentro de um dos numerosos poços de luz do palácio. - Este leva à oficina do embalsamador. Deve haver muitos lugares para se esconder ali. - Ele desenrolou o fio mais uma vez.

O poço dava origem a várias salas. Teppic encontrou uma cheia de bancos e com raspas de madeira no chão. Uma porta levava a outra sala cheia de caixas de múmias, todas elas com o mesmo rosto dourado de boneca que ele havia conhecido e odiado. Ele bateu de leve em algumas delas e levantou a tampa da mais próxima.

- Ninguém em casa. Você poderia descansar bem aqui dentro. Eu posso deixar a tampa aberta para entrar um pouco de ar.

- Você não acha que eu me arriscaria? E se você não voltar?

- Eu voltarei esta noite - assegurou Teppic. - E... e verei se hoje, em algum momento, posso deixar um pouco de comida e água para você.

Ela estava na ponta dos pés, com as pulseiras tilintando do tornozelo até a libido de Teppic. Ele olhou para baixo de modo

involuntário e viu que todas as unhas do pé estavam pintadas.

Lembrou-se de Cheesewright contando a eles, atrás dos estábulos, no intervalo do almoço, que as garotas que pintavam as unhas do pé eram... bom, ele não conseguia se lembrar bem, mas parecia realmente inacreditável quando o amigo contou.

- Parece muito duro - ela disse.

- O quê?

- Se eu tiver que me deitar aí dentro, vou ter que colocar umas almofadas.

- Eu vou colocar umas raspas de madeira aí! Mas vá rápido! Por favor!

- Tudo bem. Mas você vai voltar, não vai? Promete?

- Sim, sim! Prometo!

Ele colocou um pedaço de madeira na beira da caixa para deixar o ar entrar, pôs a tampa em cima e saiu correndo. O fantasma do rei o viu sair.

O sol nascia. Enquanto a luz dourada se espalhava sobre o vale fértil do Djel, as chamas das pirâmides ficaram pálidas e se tornaram dançarinas fantasmas contra o céu cada vez mais iluminado. Elas estavam agora acompanhadas de um barulho. Ele estivera lá o tempo todo, agudo demais para os ouvidos mortais, um som que agora descia do distante e ultra-sônico...

... KKKkkkkkkkhhiiii...

O grito veio do céu, uma casca fina de som como o arco de um violino sendo arrastado pela superfície áspera do cérebro.

... kkkhhiiiiiii...

Ou uma unha molhada arranhando um nervo exposto, diziam alguns. Dava para acertar o relógio com ele, diriam outros, se soubessem o que era aquilo.

... kiiü...

Ele ficava cada vez mais profundo, à medida que a luz do sol passava sobre as pedras, indo de grito de gato a rosnado de cachorro.

...ii... ii... ii...

As chamas se apagaram. ... opa.

>

- Bela manhã, majestade. Acredito que tenha dormido bem.

Teppic acenou com a mão para Dios, mas não disse nada. O barbeiro estava executando a Cerimônia da Partida com a Barba Feita.

O barbeiro tremia. Até pouco tempo atrás, ele era apenas um pedreiro maneta e desempregado. Então o terrível sumo sacerdote o chamou e ordenou que fosse o barbeiro do rei, mas isso significava tocar o rei. Mas não havia problema, porque estava tudo acertado pelos sacerdotes e nada mais teria que ser decepado. No geral, estava melhor do que ele esperava, e era uma grande honra ser maneta e ser responsável pela barba do rei.

- O senhor não foi incomodado de forma alguma? – perguntou o sumo sacerdote. Seus olhos examinavam o quarto, rastreados pela suspeita. Era surpreendente que pequenas linhas de pedra fundida não se soltassem da parede.

-Muiii...

- Se vossa majestade pudesse ficar parada, ó imortal - disse o barbeiro, no tom suplicante de alguém que está certo de que fará uma visita ao trato alimentar de um crocodilo se talhar uma orelha.

- Não ouviu nenhum barulho estranho, majestade? - insistiu Dios. Ele se afastou de repente para ver atrás do biombo de pavão dourado no outro canto do quarto.

-Nãã.

- Vossa majestade parece um pouco enfermo esta manhã, majestade - disse Dios. Ele se sentou no banco com as chitas entalhadas dos dois lados. Sentar-se na presença do rei, exceto em ocasiões cerimoniais, não era algo permitido. Significava, no entanto, que ele poderia espiar sob a cama baixa de Teppic.

Dios estava confuso. Apesar das dores e da falta de sono, Teppic sentia-se estranhamente alegre. Ele limpou o queixo.

- E a cama. Acho que já mencionei isso. Os colchões, sabe. Eles têm penas dentro. Se o conceito não for familiar, pergunte aos piratas de Khali. Metade deles já deve estar dormindo naqueles colchões de pena de ganso a esta altura.

- Vossa majestade gosta de fazer piadas.

Teppic sabia que não podia ir mais longe, mas foi mesmo assim.

- Algo errado, Dios?

-Alguns canalhas invadiu o palácio na noite passada. A garota Ptraci desapareceu. -Isso é muito perturbador.

- Sim, majestade.

- Provavelmente um pretendente, um admirador ou algo assim.

O rosto de Dios parecia uma pedra.

- Possivelmente, majestade.

- Os crocodilos sagrados vão continuar famintos, então.

"Mas não por muito tempo", pensou Teppic. "Vá andando até a ponta de qualquer um dos pequenos píeres perto da margem, deixe sua sombra se formar sobre o rio, e a água amarelada de lama se transformará, por mágica, em seres amarelados de lama." Eles pareciam toras grandes e encharcadas, mas a principal diferença era que as toras não abrem numa das pontas para morder suas pernas. Os crocodilos sagrados do Djel eram o depósito de lixo do reino, patrulheiros do rio e eventual necrotério.

Não poderiam ser descritos simplesmente como grandes. Se um desses bichos imensos fosse levado de lado pela correnteza, formaria uma represa no rio.

O barbeiro saiu de fininho. Dois pajens entraram na ponta dos pés.

- Eu esperava uma reação natural de vossa majestade – Dios continuou, como um veio de água em profundas cavernas de calcário.

- Que ótimo - disse Teppic, examinando as roupas do dia. - Qual era, exatamente?

- Uma busca detalhada no palácio, cômodo por cômodo.

- Com certeza. Faça isso, Dios.

Minha expressão está perfeitamente franca", ele disse a si mesmo. "Eu não mexi um único músculo do rosto. Eu sei que não mexi. Ele pode me ler como um monólito. Eu consigo encará-lo."

- Obrigado, majestade.

- Imagino que estejam a quilômetros de distância a esta altura. Quem quer que sejam. Ela era apenas uma criada, não era?

- É inimaginável que qualquer um desobedeça às suas ordens! Não existe ninguém no reino que ousaria fazer isso! Eles pagariam com a alma! Serão caçados, majestade! Caçados e destruídos!

Os pajens se agacharam atrás de Teppic. Isso não era uma simples raiva. Era ira. Verdadeira, antiga e clássica ira. E crescente. Ela crescia como um monte de luas reunidas.

- Você está se sentindo bem, Dios?

Dios havia se virado para olhar para o outro lado do rio. A Grande Pirâmide estava quase pronta. A visão dela parecia acalmá-lo ou, pelo menos, estabilizá-lo em algum nível mental.

- Sim, majestade. Obrigado. - Ele respirou fundo. - Amanhã, vossa majestade terá o prazer de presenciar o fechamento da pirâmide. Uma ocasião significativa. É claro que vai demorar um pouco até as câmaras internas ficarem prontas.

- Ótimo, ótimo. E agora de manhã, acho, eu gostaria de visitar o meu pai.

- Tenho certeza de que o falecido rei ficará encantado em vê-lo, majestade. É seu desejo que eu o acompanhe.

-Oh.

Tão implacável quanto a Terceira Lei do Chão é o fato de que não existe um bom Grão-Vizir. Uma predileção pelo falatório e pela intriga parece ser parte da especialização nesse trabalho.

Os altos sacerdotes tendem a ser colocados na mesma categoria. Eles têm que encarar a suposição implícita de que, assim que recebem o estranho chapéu, devem começar a dar ordens estranhas - por exemplo, princesas têm que ser amarradas em pedras para monstros marinhos itinerantes e bebês têm que ser atirados ao mar.

Isso é uma calúnia grave. Ao longo de toda a história do Disco, a maioria dos sumos sacerdotes era de homens sérios, devotos e escrupulosos, que deram o melhor de si para interpretar os desejos dos deuses, às vezes estripando e esfolando vivas centenas de pessoas em um dia para se certificar de que estavam fazendo absolutamente a coisa certa.

O caixão do rei Teppicymon XXVII estava exposto para visitação pública. Era feito de forífo, esmeraldina, esquécia e delfinina, incrustado com jade cor-de-rosa e sodira, e era perfumado defumado com muitas resinas e perfumes raros...

Sua aparência era muito imponente, mas - o rei refletiu - não valia a pena morrer por ele. Ele saiu e começou a perambular pelo pátio.

Um novo participante entrava no drama da sua morte.

Grinjer, o fabricante de miniaturas.

Ele sempre pensara sobre as miniaturas. Até mesmo um fazendeiro humilde esperava ser enterrado com uma coleção de rebanhos artesanais, que se tornaria real de alguma forma no Mundo Inferior. Muitos homens tinham que se contentar com uma vaca que neste mundo parecia um porta-torradas para garantir uma manada com pedigree no outro. Os nobres e reis tinham a coleção completa, incluindo miniaturas de carroças, casas, barcos e qualquer coisa que fosse grande demais ou inconveniente para colocar dentro do túmulo. Uma vez do lado de lá, elas se transformariam, de algum modo, no artigo original.

O rei franziu a testa. Quando estava vivo, ele sabia que isso era verdade. Jamais duvidara por um momento...

Grinjer pôs a língua para fora enquanto, com muito cuidado, colocava, com uma pinça, um remo minúsculo numa trirreme de rio em escala perfeita de 1/80. Todas as superfícies planas de sua parte da oficina tinham um amontoado de animais e artefatos anões. Alguns dos mais impressionantes estavam pendurados em arames no teto.

O rei já havia averiguado, por meio de conversas que ouvira, que Grinjer tinha 26 anos, não conseguia encontrar nada que interrompesse o aumento inexorável de sua acne, e morava com a mãe. Em casa, à noite, fazia as miniaturas. Por baixo da grossa camada de sua mente, tinha esperanças de encontrar uma garota legal, que entenderia a importância absoluta de acertar cada detalhe de uma carroça de bois cerimonial de seis rodas, que seguraria seu pote de cola e estaria sempre pronta com um polegar em riste toda vez que alguma coisa precisasse ser apertada com força até a cola secar.

Ele percebeu as trombetas e a agitação geral atrás dele. E as ignorou. Parecia sempre haver muito rebuliço ultimamente. De acordo com sua experiência, isso sempre acontecia por motivos triviais. As pessoas simplesmente não sabiam quais eram suas prioridades. Estava esperando havia dois meses por alguns gramas de resina varneti e isso não parecia incomodar ninguém. Aparafusou seus óculos numa posição mais confortável e encaixou um remo diminuto no lugar certo.

Alguém estava parado ao lado dele. Bom, bem que estava precisando de uma ajuda...

- Você poderia colocar o dedo aqui - disse, sem olhar. – Só por um minuto, até a massa secar,

Parecia ter havido uma queda brusca na temperatura. Ele olhou e viu uma máscara de ouro sorridente. Logo atrás dela, vinha Dios, cujo rosto estava um pouco sombrio, na opinião de especialista de Grinjer, variando de um número 13 (carne pálida) ao número 37 {Pôr-do-sol roxo, Cintilante).

-Oh.

- Está ficando muito bom - observou Teppic. - O que é isso?

Grinjer olhou para ele. Depois olhou para o barco.

- E uma trirreme no estilo khaliano, de oitenta pés, com convés em forma de cauda de peixe e proa abalroada - respondeu de modo automático.

E ficou com a impressão de que se esperava mais dele. Pensou em algo mais adequado.

- Ela tem mais de quinhentas peças - acrescentou. – Cada tábuas do convés foi cortada individualmente, veja.

- Fascinante - disse Teppic. - Bom, eu não quero atrapalhá-lo. Continue se dedicando ao seu trabalho.

- A vela abre de verdade. Veja, se você puxar esta cordinha, a...

A máscara havia saído de perto. No lugar dela estava Dios.

Ele olhou rapidamente para Grinjer, o que indicava que ainda se ouviria falar sobre aquilo por aí, e correu para alcançar o rei. Assim o fez também o fantasma de Teppicymon XXVII.

Os olhos de Teppic giravam por trás da máscara. Lá estava a porta aberta da sala dos caixões. Ele conseguia enxergar exatamente o que continha Ptraci, o pedaço de madeira ainda estava sob a tampa.

- Nosso pai, no entanto, está aqui, majestade - disse Dios.

Ele conseguia se mover silenciosamente, como um fantasma.

- Ah, sim.

Teppic hesitou e foi até a caixa grande sobre a armação. Ficou olhando para ela por algum tempo. O rosto dourado na tampa se parecia com todas as outras máscaras.

- Muito grande a semelhança, majestade - sugeriu Dios.

- SÍ... imm - concordou Teppic. - Suponho que sim. Ele parece definitivamente mais feliz. Suponho.

- Olá, meu garoto - disse o rei. Ele sabia que ninguém podia ouvi-lo, mas se sentia feliz ainda assim. Era melhor que falar sozinho.

Teria tempo mais que suficiente para isso.

- Eu acho que ela realça o que há de melhor nele, ó comandante dos céus - observou o escultor chefe.

- Faz com que eu pareça uma boneca de cera constipada.

Teppic inclinou a cabeça para o lado.

- Sim - disse com incerteza. - Sim. Er. Bom trabalho.

Ele se virou um pouco para olhar através da porta mais uma vez. Dios fez um sinal para os guardas que estavam dos dois lados do corredor.

- Com a sua licença, majestade - disse, com educação.

-Hum?

- Os guardas continuarão a busca.

- Certo. Oh...

Dios foi até o caixão de Ptraci, ladeado pelos guardas. Ele segurou a tampa, empurrou-a para trás e disse:

- Vejam! O que encontramos?

Dil e Gern juntaram-se a ele. Eles olharam para dentro.

- Raspas de madeira - disse Dil.

Gern deu uma fungada:

- Mas o cheiro é bom.

Os dedos de Dios tamborilaram na tampa. Teppic nunca o havia visto perdido antes. O homem começou a bater nas laterais da caixa, aparentemente procurando compartimentos escondidos. Ele fechou a tampa com cuidado e olhou estupefato para Teppic, que, pela primeira vez, ficou muito feliz porque a máscara não revelava sua expressão facial.

- Ela não está aí dentro - disse o antigo rei. - Ela saiu para fazer suas necessidades quando os homens saíram para tomar o café-da-manhã.

"Ela deve ter saído pelo telhado", disse Teppic a si mesmo. "Então, onde estará agora?"

Dios examinou toda a sala cuidadosamente e, depois, após balançar para a frente e para trás feito uma agulha de bússola, fixou

o olhar no caixão de múmia do rei. Era grande. Era espaçoso. Havia algo de inevitável nele.

Atravessou a sala com alguns passos e levantou a tampa.

- Não precisa bater - resmungou o rei. - Eu não vou a lugar algum.

Teppic arriscou uma olhada. A múmia do rei estava completamente sozinha.

- Você tem certeza de que está se sentindo bem, Dios?

- Sim, majestade. Cuidado nunca é demais, majestade. Nota-se que não estão aqui, majestade.

- Parece que você está precisando respirar um pouco de ar puro - aconselhou Teppic, censurando-se por fazer isso, mas fazendo assim mesmo. Dios perdido era uma visão que causava pavor e um pouco de constrangimento. Dava um medo instintivo de que as coisas perdessem a estabilidade.

- Sim, majestade. Obrigado, majestade.

- Sente-se um pouco. Alguém lhe trará um copo de água. Depois nós vamos inspecionar a pirâmide.

Dios se sentou.

Houve um barulho terrível de algo pequeno se estilhaçando.

- Ele se sentou no barco - disse o rei. - E a primeira vez que eu o vejo fazer uma coisa engraçada.

A pirâmide deu um novo significado à palavra "pesado". Ela inclinava a paisagem ao seu redor. Teppic teve a impressão de que seu peso estava deformando as coisas, esticando o reino como uma bola de chumbo sobre um lençol de borracha.

Ele sabia que aquela era uma idéia ridícula. Por maior que fosse a pirâmide, era minúscula comparada a, digamos, uma montanha.

Mas era grande, muito grande. De qualquer modo, esperava-se que as montanhas fossem grandes, a estrutura do universo estava costumada com a idéia. A pirâmide era uma coisa construída, e muito maior do que se esperava de uma coisa construída.

Também era muito fria. O mármore preto de suas paredes lançava um brilho branco de geada sob o sol quente da tarde. Ele foi tolo o bastante para tocá-la e deixar uma camada de pele na superfície.

- Está congelada!

- Ela já está sendo armazenada, ó hálito do rio - disse Ptaclusp, que estava suando. - É o breguete, o efeito de limite.

- Notei que você interrompeu os trabalhos nas câmaras fúnebres - observou Dios.

- Os homens... a temperatura... os efeitos de limite... meio arriscado demais... - murmurou Ptaclusp. - Er.

Teppic olhou de um para o outro.

- O que está acontecendo? Está havendo problemas?

- Er - respondeu Ptaclusp.

- Você está muito adiantado em relação ao programado. Fantástico - elogiou Teppic. - Você se dedicou imensamente ao seu trabalho.

- Er. Sim. Só isso.

Houve um silêncio, exceto pelos ruídos dos homens trabalhando e pelo leve chiado que o ar fazia ao tocar a pirâmide.

- Com certeza ficará tudo bem quando colocarmos a cimalha - o construtor de pirâmides finalmente conseguiu dizer. - Uma vez que estiver chamejando devidamente, não haverá problemas. Er.

Ele apontou para a cimalha de eletro. Era bem menor do que se esperava, apenas cerca de um metro de largura, e estava sobre dois cavaletes.

- Devemos colocá-la amanhã - disse Ptaclusp. - Vossa majestade ainda nos honrará com a cerimônia de fechamento? - Tenso, pegou a ponta de seu manto e começou a torcê-la. - Haverá bebidas - lembrou, gaguejando. - E uma espátula de prata que se poderá levar pra casa. Todo mundo vai gritar viva e jogar o chapéu para o alto.

- Certamente - disse Dios. - Será uma honra.

- E para nós também, vossa majestade - concordou Ptaclusp, com toda lealdade.

- Eu quis dizer para você - corrigiu o sumo sacerdote. Ele se virou para o enorme pátio entre a base da pirâmide e o rio, que estava cercado de estátuas e monolitos que celebravam os imensos feitos do rei Teppicymon^[19], e apontou:

- E você pode se livrar daquilo - acrescentou. Ptaclusp lançou um olhar de infeliz inocência. - A estátua - explicou Dios -, é a ela que estou me referindo.

- Oh. Ah. Bem, nós pensamos que, uma vez que o senhor a visse no lugar certo, entende, sob a iluminação correta, e considerando que Mat, o Deus de Cabeça de Abutre, é muito...

- Ela sai.

- Está certo o senhor, vossa reverência - disse Ptaclusp, infeliz.

Aquele era, no momento, o menor dos problemas, mas, para piorar as coisas, estava começando a achar que a estátua o estava seguindo. Dios se inclinou para perto dele.

19- Os entalhadores precisavam ter muita imaginação. O último rei tinha vários atributos elogiáveis, mas realizar grandes feitos não estava entre eles. O balanço de seu reinado indicava: Número de territórios inimigos subjugados sob as rodas de sua carruagem = 0. Número de tronos esmagados sob suas sandálias = 0. Por outro lado: Reinados de terror = 0. Número de vezes que seu próprio trono foi esmagado sob as sandálias do inimigo = 0. Basicamente, sua vida tinha sido um grande zero a zero.

- Você não viu uma jovem em algum lugar no terreno, viu? - perguntou.

- Nenhuma mulher no local, meu senhor - respondeu Ptaclusp. - Traz má sorte.

- Esta estava vestida de forma provocante - insistiu o sumo sacerdote.

- Não, nenhuma mulher.

- O palácio não fica longe, não é? Deve haver muitos lugares para se esconder por aqui - continuou Dios, insistente.

Ptaclusp engoliu seco. Ele sabia disso, tudo bem. O que quer que tenha tomado conta dele...

- Eu lhe garanto, reverendíssimo.

Dios franziu a testa para ele e depois se virou para onde Teppic, corno se pôde confirmar, não estava mais.

_ Por favor, peça a ele para não apertar a mão de ninguém - pediu o construtor, enquanto Dios corria atrás do lampejo distante da luz do sol no ouro. O rei parecia ainda não ter se acostumado com a idéia de que a última coisa que as pessoas queriam era um homem do povo. Os trabalhadores que não conseguiam sair da frente a tempo colocavam as mãos para trás rapidamente.

Agora sozinho, Ptaclusp se abanava e cambaleava de volta para a sombra de sua tenda.

Onde, esperando para falar com ele, estavam Ptaclusp Ha, Ptaclusp Ha, Ptaclusp IIa e Ptaclusp Ha. Ptaclusp sempre se sentia apreensivo na presença de contadores, e quatro juntos era muito ruim, especialmente quando eles eram todos a mesma pessoa. Três Ptaclusp IIb também estavam lá. Os outros dois, a menos que já fossem três a essa altura, estavam no terreno.

Ele balançou as mãos num gesto conciliatório.

- Tudo bem, tudo bem. Quais são os problemas de hoje? Um dos IIas puxou para si uma pilha de blocos de cera.

- Você tem alguma idéia, pai - começou, usando aquele tom de voz agudo e crítico que os contadores usam para introduzir algo inesperado e muito caro -, do que seja cálculo?

- Diga você - disse Ptaclusp, inclinando-se no banquinho.

- É o que eu tive que inventar para lidar com a folha de pagamento, pai - respondeu outro IIa.

- Eu achava que aquilo fosse álgebra - duvidou Ptaclusp.
- Nós superamos a álgebra na semana passada - explicou um terceiro IIa. - Agora é cálculo. Eu tive que dar mais quatro loops para conseguir elaborar isso, e três de mim estão trabalhando com...
- ele olhou para os irmãos... - contabilidade quântica.
- Pra que serve isso? - perguntou o pai, fatigado.
- Semana que vem - o contador chefe olhou para o bloco de cima -, por exemplo. Você conhece Rthur, o pintor de afrescos?
- O que tem ele?
- Ele... quer dizer, eles... apresentaram uma conta de dois anos de trabalho.
- Oh.
- Disseram que fizeram isso na terça. Levando em consideração a natureza fractal do tempo, segundo eles.
- Eles disseram isso? - perguntou Ptaclusp.
- É incrível o que eles conseguem aprender - disse um dos contadores, encarando os arquitetos paracósmicos.
- Ptaclusp hesitou.
- Quantos deles existem?
- Como vamos saber? Nós sabemos que havia 55. Depois ele saiu de controle. Nós com certeza o vimos muito por aí. – Dois dos IIa se reclinaram na cadeira e esticaram o dedo, o que é sempre um mau sinal para alguém que tenha qualquer coisa a ver com dinheiro. - O problema é - um deles continuou - que, após o entusiasmo inicial, muitos operários fizeram loops não oficiais de si mesmos para poderem ficar em casa e mandarem a si próprios trabalhar em seu lugar.
- Mas isso é ridículo - Ptaclusp protestou, cansado. - Eles não são pessoas diferentes, estão fazendo isso com eles mesmos.
- Isso nunca deteve ninguém, pai - disse IIa. – Quantos homens pararam de beber de forma estúpida aos vinte anos para salvar um estranho da morte por cirrose hepática aos quarenta?
- Houve um silêncio enquanto eles tentavam compreender isso.

- Um estranho...? - perguntou Ptaclusp, incerto.

- Eu quis dizer ele mesmo mais velho - explicou IIa. – Isso era filosófico - acrescentou.

- Um dos pedreiros espancou a si mesmo ontem - disse um dos IIbs, com tristeza. - Estava brigando consigo mesmo por causa da esposa. Agora está enlouquecendo porque não sabe se é uma versão anterior de si mesmo ou o que ele vai ser no futuro. Está com medo de chegar perto de si mesmo. Também tem coisas piores. Pai, nós estamos pagando 40 mil pessoas e empregando apenas 2 mil.

- Isso vai nos levar à falência, é isso o que você vai dizer - concluiu Ptaclusp. - Eu sei. E tudo culpa minha. Eu só queria deixar alguma coisa pra vocês, sabe. Eu não esperava tudo isso. Parecia fácil demais.

Um dos IIas pigarreou.

- Não... ãh... é tão ruim assim - disse calmamente.

- Como assim?

O contador pôs uma dúzia de moedas de cobre sobre a mesa.

- Bem, er. Veja, eh, ocorreu-me, já que está havendo toda essa mudança no tempo, que não são apenas as pessoas que podem sofrer loops e, er, olha, está vendo essas moedas?

Uma moeda desapareceu.

- Todas elas são a mesma moeda, não são? - disse um de seus irmãos.

- Bem, sim - respondeu o Ha, muito sem graça, porque interferir no fluxo divino do dinheiro era contrário à sua religião pessoal. - A mesma moeda a intervalos de cinco minutos.

- E você está usando esse truque para pagar os homens - disse Ptaclusp, vagaroso.

- Não é um truque! Eu dou dinheiro a eles - exclamou IIa , afetado. - O que acontece com ele depois não é responsabilidade minha, é?

- Não estou gostando nada disso.

- Não se preocupe. No fim, tudo se iguala - disse um dos IIas. - Todos ficam com o que estão recebendo.

- Sim. É disso que eu tenho medo - insistiu Ptaclusp.

- E apenas uma forma de deixar o seu dinheiro trabalhar para você - explicou outro filho. - Isso provavelmente é quantum.

- Ah, bom - disse Ptaclusp, vacilante.

- Vamos colocar o último bloco esta noite, não se preocupe - disse um dos IIbs. - Depois que ele descarregar seu poder, todos nós poderemos ficar sossegados.

- Eu disse ao rei que o faríamos amanhã.

Os Ptaclusp IIbs empalideceram em unísono. Apesar do calor, de repente parecia ter ficado muito mais frio dentro da tenda.

- Hoje à noite, pai. Você certamente quer dizer hoje à noite.

-Amanhã- corrigiu Ptaclusp, com firmeza. - Eu providenciei um toldo, e as pessoas que vão atirar flores de lótus. Vai ter uma banda. Alarmes, trombetas e pratos. E discursos e comes e bebes depois. É assim que sempre fizemos. Atrai novos clientes. Eles gostam de ver os detalhes.

- Pai, você viu o modo como ela absorve... você viu como congelou...

- Deixa absorver. Nós, Ptaclusps, não vamos fechar uma pirâmide como quem termina o muro de um jardim. Nós não concluímos o trabalho no meio da noite. As pessoas esperam pela cerimônia.

-Mas...

- Não estou mais ouvindo. Já ouvi demais sobre essas inovações. Amanhã. Eu mandei fazer a placa de bronze, as cortinas de veludo e tudo mais.

Um dos IIas deu de ombros.

- Não adianta discutir com ele. Eu estou três horas na frente. Eu me lembro desta reunião. Nós não conseguimos mudar a opinião dele.

- Eu estou duas horas na frente - disse um dos clones. - Eu também me lembro que você disse isso.

Além das paredes da tenda, a pirâmide soltava um chiado de tempo acumulado.

Não existe nada de místico em relação ao poder das pirâmides.

As pirâmides são represas na corrente do tempo. Modelada e projetada de forma correta, com as devidas medidas paracósmicas colocadas a prumo, o potencial temporal da grande massa de pedra pode ser desviado para acelerar ou fazer voltar o tempo em uma área muito pequena, da mesma forma como um aríete hidráulico pode causar o bombeamento da água contra o fluxo.

Os construtores originais, que eram obviamente anciãos e portanto sábios, sabiam muito bem disso, e todo o propósito de uma pirâmide construída de forma correta era atingir o tempo nulo absoluto na câmara central, de modo que um rei mortal, ali colocado, viveria realmente para sempre - ou, pelo menos, nunca chegaria a morrer de verdade. O tempo que deveria ter passado na câmara era armazenado no volume da pirâmide e liberado a cada 24 horas.

Após algumas eras, as pessoas se esqueceram disso e passaram a achar que era possível atingir o mesmo efeito através de: a) rituais, b) colocar pessoas em conserva, e c) armazenagem de suas partes internas num vaso.

Isso raramente funciona.

E assim a arte da sintonização das pirâmides se perdeu, e todo o conhecimento se tornou um apanhado de regras mal-interpretadas e reminiscências nebulosas. Os antigos eram sábios demais para construir pirâmides muito grandes. Elas causariam coisas muito estranhas que fariam meras flutuações no tempo parecerem pequenas.

Aliás, ao contrário da opinião popular, as pirâmides não afiam lâminas de navalha. Elas apenas as levam de volta para quando não estavam cegas. Provavelmente por causa do quantum.

Teppic estava deitado sobre as camadas rochosas de sua cama, ouvindo atentamente.

Havia dois guardas do outro lado da porta, outros dois na sacada e - estava impressionado com a prudência de Dios - um no telhado. Podia ouvi-los tentando não fazer barulho.

Mal conseguira protestar. Se havia canalhas vestidos de preto tentando entrar no palácio, a pessoa do rei tinha que ser protegida. Isso era inegável.

Ele saiu do sólido colchão e deslizou pelo crepúsculo até a estátua de Bést, o Deus com Cabeça de Gato, num canto, abriu sua cabeça e retirou o traje de assassino. Vestiu-se rapidamente, amaldiçoando a falta de espelhos, e depois caminhou até uma pilastra e espreitou atrás dela.

O único problema, até onde ele podia ver, seria não rir. Ser um soldado em Djelíbeybi não era uma profissão de alto risco. Nunca houve sinal de rebelião interna e, uma vez que cada um dos vizinhos poderia esmagar o reino de forma instantânea pela força de seus exércitos, não havia nenhum sentido em selecionar guerreiros sagazes e hostis. Na verdade, a última coisa que os sacerdotes queriam era soldados entusiasmados. Soldados entusiasmados sem nenhuma batalha para travar ficam logo entediados e começam a ter pensamentos perigosos - como poderiam governar melhor a pátria, por exemplo.

Em vez disso, o emprego atraía homens grandes e pesados, o tipo de homem que conseguiria ficar parado feito uma pedra durante horas seguidas sem ficar entediado, homens com a constituição física de um touro e processos mentais correspondentes. Um excelente controle da bexiga também era desejável.

Ele saiu para a sacada.

Teppic havia aprendido a não se mover de forma furtiva. Milhões de anos sendo devorada por criaturas que sabem se mover de forma furtiva tornaram a humanidade muito boa em localizar movimentos furtivos. Também não era suficiente não fazer nenhum barulho, porque pequenos fragmentos móveis de silêncio sempre

despertavam suspeita. O truque era deslizar pela noite com uma segurança discreta, assim como o ar.

Havia um guarda logo na saída do quarto. Teppic passou deslizando por ele e subiu cuidadosamente pela parede. Ela era decorada com um complexo baixo-relevo dos triunfos dos antigos monarcas, então Teppic usou sua família para ajudá-lo a subir.

Sentiu o sopro da brisa do deserto quando colocou a perna sobre o parapeito e atravessou em silêncio o telhado, que ainda estava quente. O ar tinha um cheiro de recém-cozido, com nuances de tempero.

Era uma sensação estranha estar se arrastando pelo telhado do próprio palácio, tentando evitar os próprios guardas, envolvido numa missão que transgredia diretamente as próprias ordens e sabendo que, se fosse apanhado, teria que mandar jogar a si mesmo para os crocodilos sagrados. Afinal, tudo indicava que ele já havia ordenado que não tivessem piedade quando fosse capturado.

Isso de alguma forma trazia uma emoção extra.

Havia certa liberdade lá nos telhados, o único tipo de liberdade disponível para um rei do vale. Ocorreu-lhe que os camponeses sem terra lá embaixo, no delta, tinham mais liberdade do que ele, embora seu lado revoltado e não majestoso dissesse "sim, liberdade para pegar qualquer doença de sua escolha, passar fome o quanto quiserem e morrer da febre mais desagradável que lhes desse na telha". Mas liberdade, de certo modo.

Um leve ruído no imenso silêncio da noite o atraiu para o canto do telhado próximo da beira do rio. O Djel se derramava sob o luar, vasto e oleoso.

Havia um barco no meio do rio, voltando da margem mais distante e da necrópole. O vulto que remava era inconfundível. As chamas trêmulas brilhavam na careca.

"Um dia", pensou Teppic, "eu o seguirei. Descobrirei o que ele faz do lado de lá. Se ele atravessar à luz do dia, é claro."

À luz do dia, a necrópole era meramente sombria, como se o universo inteiro tivesse fechado mais cedo. Ele já a havia explorado, perambulando pelas ruas e becos que conseguiam ser paradas e empoeiradas não importando qual era o tempo do outro lado, o lado vivo das águas. Dava sempre a sensação de algo abafado, o que provavelmente não é de se admirar. Os assassinos gostavam da noite de modo geral, mas a noite da necrópole era outra coisa. Ou melhor, era a mesma coisa, mas muito mais que as outras noites. Além disso, era a única cidade do Disco onde um assassino não conseguia arrumar emprego.

Ele chegou ao poço de luz do pátio do embalsamador e investigou o que havia lá embaixo. Um momento depois, aterrissou suavemente no chão e passou rapidamente para a sala das caixas.

- Olá, rapaz.

Teppic abriu a tampa do caixão. Ainda estava vazio.

- Ela está dentro de um deles lá nos fundos - disse o rei. - Nunca tive muito senso de direção.

O palácio era enorme. Teppic mal conseguia se orientar dentro dele à luz do dia. Considerou suas chances de conduzir uma busca no breu total.

- E um traço de família, sabe. Seu avô teve que mandar pintar as palavras Esquerda e Direita nas sandálias, chegava a esse ponto.

Sorte sua que você puxou a sua mãe. Era estranho. Ela não falava, despejava as palavras. Não era capaz de manter um simples pensamento na cabeça por mais de dez segundos. Seu cérebro parecia estar conectado diretamente à boca, de modo que, assim que um pensamento entrava em sua cabeça, o dizia em voz alta. Comparada às senhoras que havia conhecido em Ankh, que se deleitavam divertindo jovens assassinos e os regalavam com iguarias caras, falando com eles sobre questões importantes e delicadas enquanto seus olhos brilhavam feito fiandeiras de cristais de carbureto e seus lábios começavam a reluzir... comparada a elas, era tão vazia quanto um, quanto uma, bom, quanto uma coisa vazia. No

entanto, ele notava que queria desesperadamente encontrá-la. A absoluta complacência dela era como uma droga. A lembrança do peito dela não tinha nada a ver com a questão.

- Estou feliz por você ter voltado para buscá-la - disse o rei, vagamente. - Ela é sua irmã, sabe. Meio-irmã, quero dizer. Às vezes me arrependo de não ter me casado com a mãe dela, mas, sabe como é, ela não era nobre. Uma mulher brilhante, a mãe dela.

Teppic tentou escutar. Lá estava novamente: um leve ruído de respiração, apenas ouvido por causa do silêncio profundo da noite. Ele se esforçou para chegar aos fundos da sala, ouviu mais uma vez, e ergueu a tampa de uma caixa.

Ptraci estava encolhida na parte mais baixa, dormindo profundamente com a cabeça sobre o braço.

Ele encostou a tampa na parede com cuidado e tocou seu cabelo. Ela murmurou alguma coisa ainda dormindo e se ajeitou numa posição mais confortável.

- Er, acho que é melhor você acordar - sussurrou.

Ela mudou de posição novamente e murmurou algo como: "Wstftgl".

Teppic hesitou. Nem seus instrutores nem Dios o haviam preparado para isso. Ele conhecia pelo menos setenta formas diferentes de matar uma pessoa dormindo, mas nenhuma para acordá-la primeiro.

Ele a cutucou no que parecia a área menos embaraçosa de sua pele. Ela abriu os olhos.

- Oh - ela disse. - É você. - E bocejou.

- Eu vim para levá-la embora. Você dormiu o dia todo.

- Eu ouvi alguém falando - ela disse, espreguiçando-se de uma maneira que fez Teppic olhar rapidamente para o outro lado.

- Era aquele sacerdote, aquele que tem uma cara de águia careca. Ele é realmente horrível.

- E mesmo, né? - concordou Teppic, com um alívio intenso por ouvir alguém dizer aquilo.

- Então eu só fiquei quieta. E lá estava o rei. O novo rei.

- Oh. Ele esteve aqui, não foi? - disse Teppic, vacilante. A mágoa na voz dela foi como uma faca de apunhalar Número Quatro no coração dele.

- Todas as meninas dizem que ele é muito esquisito - acrescentou, enquanto ele a ajudava a sair da caixa. - Você pode me tocar, viu? Eu não sou feita de porcelana.

Ele firmou o braço dela, sentindo uma dolorosa necessidade de um banho frio e uma corrida rápida pelos telhados.

- Você é um assassino, não é? - continuou. - Eu me lembrei disso depois que você foi embora. Um assassino de terras estrangeiras. Todo de preto. Você veio para matar o rei?

- Bem que eu queria. Ele está começando a me dar nos nervos. Olha, você poderia tirar as pulseiras?

- Por quê?

- Elas fazem muito barulho quando você anda.

Até os brincos de Ptraci pareciam bater as horas quando ela mexia a cabeça.

- Eu não quero - ela respondeu. - Eu me sentiria nua sem elas.

- Você está quase nua com elas - sussurrou. - Por favor!

- Ela sabe tocar saltério - disse o fantasma de Teppicymon XXVII, a troco de nada. - Não muito bem, na verdade. Ela chegou à página cinco de Pequenas Peças para Dedos Miúdos.

Teppic se arrastou pela passagem de saída da sala do embalsamador e tentou ouvir alguma coisa. O silêncio que reinava no palácio era quebrado apenas pela respiração pesada e pelo eventual tinido atrás dele quando Ptraci tirava suas jóias. Ele engatinhou de volta.

- Mais rápido, por favor - disse ele -, nós não temos muito...

Ptraci estava chorando.

- Er- disse Teppic. - Er.

- Algumas delas foram presentes da minha avó - explicou Ptraci, fungando. - O velho rei também me deu algumas. Esses brincos

estão na minha família há séculos. Como você se sentiria se tivesse que fazer isso?

- Veja bem, as jóias não são simplesmente algo que ela usa - disse o fantasma de Teppicymon XXVII. - São parte de quem ela O que estou dizendo?", ele acrescentou para si mesmo. "Isso provavelmente é um Insight. Por que é tão mais fácil pensar quando se está morto?"

- Eu não uso jóias - respondeu Teppic.

- Você tem todos esses punhais e coisas do tipo.

- Bom, eu preciso deles para realizar o meu trabalho.

- Então, pronto.

- Olha, você não precisa deixá-las aqui, você pode colocá-las na minha sacola. Mas agora temos que ir. Por favor!

- Adeus - disse o fantasma com tristeza, vendo-os sair furtivamente para o pátio. Ele flutuou de volta para seu cadáver, que não era a melhor das companhias.

A brisa estava mais forte quando chegaram ao telhado. Também estava mais quente e seca.

Do outro lado do rio, uma ou duas das pirâmides mais antigas já estavam emanando suas chamas, mas elas eram fracas e pareciam apresentar algum problema.

- Estou sentindo uma coceira - disse Ptraci. - Qual é o problema?

- Parece que teremos uma tempestade - disse Teppic, olhando fixamente para o outro lado do rio, para a Grande Pirâmide. O seu negrume havia se intensificado, tornando-a um triângulo de escuridão profunda no meio da noite. Vultos corriam ao redor de sua base feito loucos vendo o manicômio pegar fogo.

- O que é uma tempestade?

- É muito difícil descrever - ele respondeu, num tom de preocupação. - Você consegue ver o que eles estão fazendo lá?

Ptraci apertou os olhos para o outro lado do rio.

- Eles estão muito agitados.

- Parece mais um estado de pânico, na minha opinião.

Mais algumas pirâmides se iluminaram, mas, em vez de se lançarem direto para o alto, as chamas tremulavam e oscilavam para trás e para a frente, impelidas por ventos estranhíssimos.

Teppic estremeceu.

- Vamos lá. Vamos embora daqui.

Eu disse que deveríamos ter tampado esta noite - gritou Ptaclusp Iib por cima dos gritos da pirâmide. - Eu não consigo suspendê-lo agora, a turbulência lá em cima deve estar terrível!

O gelo do dia fervia o mármore preto, que já estava quente ao toque. Ele olhou diretamente para a cimalha e depois para seu irmão, que ainda estava de pijama.

- Onde está o pai?

- Eu mandei um de nós ir acordá-lo - respondeu Ha.

- Quem?

- Um de vocês, na verdade.

- Oh. - Iib olhou mais uma vez para a cimalha. - Ela não é tão pesada. Dois de nós poderíamos erguê-la até lá. - Ele lançou um olhar inquisitivo.

- Você deve estar louco. Mande alguns dos operários fazerem isso.

- Eles fugiram todos...

Rio abaixo, outra pirâmide tentou acender sua chama, soltou alguns estalos e depois expeliu uma labareda alta e incompleta, que formou um arco no céu e se estendeu até o topo da própria Grande Pirâmide.

- Agora ela está interferindo nas outras! - gritou Iib. - Vamos. Nós temos que apagá-la, é o único jeito!

A cerca de um terço da altura dos lados da pirâmide, um ziguezigue azul estalado formou um arco voltaico que bateu numa esfinge de pedra. O céu acima ferveu.

Os dois irmãos levantaram a pedra entre eles e cambalearam até os andaimes, enquanto a poeira ao seu redor rodopiava em estranhas formas.

- Você está ouvindo? - perguntou Iib enquanto entravam correndo na primeira plataforma.

- O quê, você está falando do espaço-tempo entrando em parafuso?

O arquiteto olhou para o irmão com uma leve admiração. Não era o tipo de comentário que um contador faria. Depois seu rosto retomou a expressão de leve terror.

- Não, não é isso.

- Bom, o som do próprio ar sendo sujeitado a torturas horríveis?

- Não é isso também - disse Iib, vagamente perturbado. - Estou falando do som de rachadura.

Três outras pirâmides lançaram suas descargas, que crepitaram nas nuvens turbulentas lá no alto e se derramaram sobre o mármore preto acima deles.

- Não estou ouvindo nada - observou Ha.

- Eu acho que está vindo da pirâmide.

- Bom, você pode encostar o ouvido nela se quiser, mas eu não encosto.

O andaime balançava na tempestade enquanto eles subiam mais uma escada devagar e com muito cuidado, com a cimalha pesada sacudindo entre eles.

- Eu disse que não deveríamos fazer isso - resmungou o contador, enquanto a pedra escorregava para cima de seus dedos dos pés. - Não deveríamos ter construído isso.

- Cale-se e levante a sua ponta, está bem?

Assim, uma escada trêmula após a outra, os irmãos Ptaclusp subiam pelos flancos da Grande Pirâmide em meio a precauções e discussões, enquanto os túmulos menores ao longo do Djel se acendiam um após o outro e o céu se ondulava com linhas de tempo que chiavam com o calor.

Foi mais ou menos nesse momento que o maior matemático do mundo, deitado numa aconchegante flatulência em seu estábulo abaixo do palácio, parou de ruminar e percebeu que alguma coisa

muito errada estava acontecendo com os números. Com todos os números.

O camelo olhava para Teppic por cima do nariz. Sua expressão deixava claro que, dentre todas as pessoas que ele menos gostaria que o montassem, Teppic estava no topo da lista. Porém, os camelos olhavam assim para todo mundo. Eles possuem uma maneira muito democrática de lidar com a raça humana. Odeiam todos os seus integrantes, sem fazer nenhuma distinção de classe ou credo.

Este parecia estar mastigando sabão.

Teppic olhou, entretido, para a extensão sombria dos estábulos reais, que já haviam chegado a conter cem camelos. Ele teria dado mundo por um cavalo, e um continente de dimensões razoáveis um pônei. Mas os estábulos tinham agora apenas um punhado de carruagens de batalha caindo aos pedaços, relíquias de glórias do passado, um elefante idoso, cuja presença era um tanto misteriosa, e esse camelo. Ele parecia ser um animal extremamente ineficiente. Estava gasto nos joelhos.

- Bom, então é isso - disse a Ptraci. - Não ouse tentar o rio durante a noite. Eu poderia ajudá-la a atravessar a fronteira.

- Essa sela está colocada direito? - perguntou Ptraci. - Está muito estranha.

- Ela está sobre um animal muito esquisito. Como vamos montar nele?

- Eu já vi os condutores de camelos trabalhando – ela respondeu.
- Acho que eles apenas batem muito forte nele com um pedaço de pau.

O camelo se ajoelhou e olhou para ela com um ar de convencimento.

Teppic deu de ombros, empurrou as portas para o mundo externo e deparou com o rosto de cinco guardas.

Ele recuou. Os guardas avançaram. Três deles estavam segurando pesados arcos de Djel, que conseguiam fazer uma flecha atravessar uma porta ou transformar um hipopótamo furioso num

espetinho ambulante de três toneladas. Os guardas nunca tinham precisado atirá-las em seres humanos, mas pareciam estar prontos para considerar a idéia.

O capitão dos guardas deu um tapinha no ombro de um dos homens e disse:

- Vá avisar o sumo sacerdote.

Ele encarou Teppic com firmeza.

- Jogue todas as suas armas no chão.

- O quê, todas elas?

- Sim. Todas elas.

- Isso pode demorar um pouco - disse Teppic, cautelosamente.

- E mantenha as mãos onde eu possa vê-las - acrescentou o capitão.

- Isso poderia criar um impasse - arriscou Teppic. Passou os olhos pelos guardas. Ele conhecia uma enorme variedade de métodos de combate desarmado, mas nenhum deles previa o fato de o oponente estar prestes a atirar uma flecha em você ao menor movimento. Mas ele provavelmente poderia se jogar para os lados e, assim que tivesse a cobertura dos estábulos dos camelos, poderia esperar o momento propício.

Mas isso deixaria Ptraci exposta. Além disso, ele não poderia sair lutando contra seus próprios guardas. Esse não era um comportamento aceitável, nem mesmo para um rei.

Houve um movimento atrás dos guardas e Dios entrou em seu campo de visão, silencioso e inevitável como um eclipse lunar. Ele segurava uma tocha acesa, que refletia fantásticos pontos de luz em sua careca.

-Ah - disse. - Os canalhas foram capturados. Bom trabalho. - Ele acenou para o capitão. - Atirem-nos aos crocodilos.

- Dios? - disse Teppic, enquanto dois dos guardas baixaram seus arcos e caíram sobre ele.

- Você disse algo?

- Você sabe quem eu sou. Não seja tolo.

O sumo sacerdote ergueu a tocha.

- Você está por cima de mim, rapaz - disse. – Metaforicamente falando, é claro.

- Isso não é engraçado. Eu ordeno que diga a eles quem eu sou.

- Como queira. Este assassino - disse Dios, e a sua voz tinha o talhe e a marca de uma lança térmica - matou o rei.

- Eu sou o rei, droga. Como poderia matar a mim mesmo?

- Nós não somos burros. Esses homens sabem que o rei não anda escondido pelo palácio à noite, nem se associa com criminosos condenados. Só resta descobrir como você se livrou do corpo.

Seus olhos se fixaram no rosto de Teppic, e Teppic percebeu que o sumo sacerdote havia realmente enlouquecido de vez. Era um tipo raro de loucura, causado pelo fato de uma pessoa ser ela mesma durante tanto tempo que os hábitos da sanidade são marcados no cérebro através de queimaduras. "Quantos anos será que ele realmente tem?", pensou.

– Esses assassinos são criaturas astutas - disse Dios. -Tomem cuidado com ele.

Houve um estrondo ao lado do sacerdote. Ptraci havia tentado atirar um aguilhão de camelo, mas errou a mira.

Quando todos voltaram a olhar, Teppic havia desaparecido. Os guardas que estavam ao seu lado caíam lentamente no chão, gemendo.

Dios sorriu.

- Peguem a mulher - gritou, e o capitão correu e agarrou Ptraci, que não tinha tentado fugir. Dios se abaixou e pegou o aguilhão.

- Há mais guardas do lado de fora- ele disse. -Tenho certeza de que você vai perceber isso. Seria de seu interesse dar um passo à frente.

- Por quê? - perguntou Teppic, na escuridão. Ele remexia na bota, procurando sua zarabatana.

- Depois você será atirado aos crocodilos sagrados, por ordem do rei.

- Que honra, hein? - disse Teppic, agitado, atarraxando as peças.
- Certamente existem coisas piores - respondeu Dios.

Na penumbra, Teppic passava os dedos pelos códigos em alto relevo nas saliências dos dardos. A maioria dos venenos realmente espetaculares teria evaporado ou se dissolvido, tornando-se inofensivos a esta altura, mas havia uma quantidade de poções menos potentes preparadas para dar a seus clientes apenas uma boa noite de sono. Um assassino pode ter que passar por alguns guarda-costas atentos para chegar à pessoa que sepultará. Sepultá-los também era considerada uma indelicadeza.

- Você poderia nos soltar - sugeriu Teppic. - Acho que é isso que você quer fazer, não é? Para que eu vá embora e nunca mais volte, não é? Para mim, está ótimo.

Dios hesitou.

- Você deveria dizer "E deixar a garota ir embora".
 - E isso também.
 - Não. Eu estaria falhando no meu dever para com o rei.
 - Pelo amor de deus, Dios, você sabe que eu sou o rei!
 - Não. Eu tenho uma imagem muito clara do rei. Você não é o rei
- disse o sacerdote.

Teppic espiou acima da baía do camelo. O camelo espiou acima de seu ombro.

E aí o mundo ficou louco.

Tudo bem, ficou mais louco ainda.

Agora todas as pirâmides estavam fazendo suas chamas arderem, enchendo o céu com sua luz fuliginosa enquanto os irmãos Ptaclusp lutavam para chegar à plataforma de construção principal.

Ha caiu sobre as tábuas, respirando ofegante como um idoso. A alguns metros dali, a parede inclinada estava quente demais para ser tocada, e não já havia nenhuma dúvida em sua mente de que a pirâmide estava rachando, como um barco velejando num temporal. Ele nunca havia realmente prestado muita atenção na mecânica em

relação ao custo da construção das pirâmides, mas estava muito certo de que o barulho era tão errado quanto II mais II serem V.

Seu irmão estendeu a mão para pegar a cimalha, mas a afastou quando saíram pequenas faíscas de seus dedos.

- Dá para sentir o calor. É espantoso!

- Por quê?

- Aquecer uma massa como essa. Quer dizer, só a tonelagem...

- Eu não estou gostando disso, Dois-bê - IIa disse, com a voz trêmula. - Vamos deixar esta pedra aqui e ir embora? Tenho certeza de que não terá problema, e amanhã de manhã podemos mandar uma turma até aqui. Eles saberão exatamente o que...

Suas palavras foram abafadas quando outra chama estalou no céu e atingiu a coluna de ar dançante quinze metros acima deles. Ele se agarrou ao andaime.

- Isso vai entrar em ebulição - disse IIb. - Estou fora.

- Espere um pouco - pediu IIb. - O que está chiando? Pedra não faz chiado.

- Todo o maldito andaime está sacudindo, não seja louco! -

Ele olhava de olhos arregalados para o irmão. - Diga que é o andaime - suplicou.

- Não, agora tenho certeza. Está vindo de dentro.

Eles olharam um para o outro, e em seguida para a frágil escada que levava à ponta, ou onde a ponta deveria estar.

- Vamos! - gritou IIb. - Ela não está conseguindo soltar a chama, está tentando encontrar maneiras de descarregar...

Houve um som tão alto quanto o gemido de continentes.

Teppic sentiu. Ele sentiu que sua pele tinha ficado alguns números menor. Sentiu alguém segurando suas orelhas e tentando arrancar sua cabeça.

Ele viu o capitão dos guardas cair de joelhos no chão, lutando para tirar o capacete, e pulou para fora da baía.

Tentou pular para fora da baía. Deu tudo errado, e ele caiu pesado num chão que parecia não se decidir se ia virar uma parede.

Conseguiu ficar de pé e foi puxado para o lado numa dança desajeitada pelo estábulo, tentando manter o equilíbrio.

Os estábulos se estendiam e encolhiam como uma imagem num espelho distorcido. Ele havia visto alguns em Ankh, quando os três gastaram meia moeda cada um para visitar as maravilhas transitórias do Empório das Viagens de Tirar o Fôlego do Dr. Mooner. Mas lá você sabia que era apenas o espelho retorcido que deixava sua cabeça parecendo uma salsicha e as pernas, duas bolas de futebol. Teppic bem que gostaria de poder acreditar que o que estava acontecendo ao seu redor admitiria uma explicação tão inofensiva. Provavelmente seria necessário um espelho giratório para fazer as coisas parecerem normais.

Ele correu com pernas de bala puxa-puxa até Ptraci e o sumo sacerdote enquanto o mundo se expandia e se espremia a sua volta, e se sentiu momentaneamente grato ao ver a garota se contorcer ao ser segurada por Dios e dar uma bela pancada na orelha dele.

Teppic se movimentava como se estivesse num sonho, com as distâncias mudando, como se a realidade fosse algo elástico. O passo seguinte fez com que ele colidisse com os dois. Segurou o braço de Ptraci e cambaleou de volta para o estábulo do camelo, onde a criatura ainda estava ruminando e observando a cena com a coisa mais parecida com um leve interesse que um camelo já demonstrou, e agarrou seu cabresto.

Ninguém parecia estar interessado em pará-los enquanto ajudavam um ao outro a passar pela porta e sair pela noite louca.

- Fica mais fácil se você fechar os olhos - disse Ptraci.

Teppic tentou. Funcionou. Um trecho do pátio que seus olhos diziam ser um retângulo tremido cujos lados vibravam feito cordas de arco se transformou em, bom, apenas um pátio que estava sob seus pés.

- Nossa, que idéia inteligente! Como você pensou nisso?

- Eu sempre fecho os olhos quando estou com medo.

- Bom método.

- O que está acontecendo?

- Não sei. E não quero descobrir. Acho que ir embora daqui seria uma idéia extremamente sensata. Como é mesmo que você disse que se faz um camelo ajoelhar? Eu tenho algumas coisas pontudas.

O camelo, que tinha uma compreensão muito apurada da linguagem humana no que dizia respeito a ameaças, ajoelhou-se com graça. Eles subiram a bordo e a paisagem começou a balançar outra vez quando o animal se ergueu novamente.

O camelo sabia perfeitamente bem o que estava acontecendo. Três estômagos e um sistema digestivo parecido com uma fábrica de destilação industrial proporcionavam muito tempo para pensar.

Não é à toa que a matemática avançada tende a ser desenvolvida em países quentes. É por causa da ressonância mórfica de todos os camelos, que têm aquela expressão de desprezo e aqueles famosos lábios torcidos, resultado natural de uma habilidade para resolver equações de segundo grau.

De modo geral, não se percebe que os camelos têm aptidão natural para a matemática avançada, particularmente no que envolve a balística. Isso evoluiu como um traço de sobrevivência, da mesma forma como a coordenação entre as mãos e os olhos dos humanos, a camuflagem de um camaleão e a conhecida habilidade dos golfinhos para salvar banhistas se afogando, se houver alguma chance de que dividi-los em dois com a boca possa ser visto e comentado de forma desfavorável por outros humanos.

O fato é que os camelos são muito mais inteligentes do que os golfinhos.^[20]

Este camelo, particularmente, resultado de milhões de anos de evolução seletiva para produzir uma criatura que podia contar os grãos de areia sobre os quais andava e fechar as narinas à vontade, e sobreviver sob o sol escaldante durante muitos dias sem água, chamava-se Seu Desgraçado.

E era, na verdade, o maior matemático do mundo.

Seu Desgraçado estava pensando: "Parece haver uma instabilidade dimensional crescente aqui, variando de zero a quase 45 graus, pelo jeito. Que interessante. O que será que está causando isso? V é igual a 3. τ é igual a χ sobre 4. Nhamnhamnham. κ sobre y é um Bicho Fedorento^[21], o domínio tensor diferencial com quatro coeficientes imaginários spin..."

Ptraci bateu na cabeça dele com sua sandália.

- Vamos! Mexa-se! - gritou. Seu Desgraçado pensou: "Então, H à potência de ativação é igual a V sobre s . Nhamnhamnham. Assim, em notação hipersilógica..."

Teppic olhou para trás. As estranhas distorções na paisagem pareciam estar diminuindo, e Dios estava...

Dios estava saindo do palácio com pressa, e havia conseguido encontrar alguns guardas cujo medo de desobedecer superava o terror de um mundo misteriosamente distorcido.

Seu Desgraçado ficou parado, ruminando imperturbavelmente..."Nhamnhamnham, o que nós dá uma oscilação redutora interessante. Qual seria o período disso? Se o período for igual a x . Nhamnhamnham. Tempo igual a t . Seja o período inicial..."

Ptraci pulou para cima e para baixo no pescoço dele e chutou com força com os calcanhares, uma ação que teria feito qualquer antropóide macho uivar e bater a cabeça contra a parede.

- Ele não se mexe! Você não pode bater nele?

Teppic desceu a mão com toda a força que pôde sobre o couro de Seu Desgraçado, levantando uma nuvem de poeira e amortecendo todos os nervos de seus dedos. Foi como bater num saco grande cheio de cabides.

- Vamos lá - resmungou.

Dios ergueu a mão.

- Pare, em nome do rei! - gritou.

Uma flecha bateu com um som surdo na corcunda de Seu Desgraçado.

"... é igual a 6,3 recorrente. Reduza. Isso nós dá... ai... 314 segundos..."

Seu Desgraçado virou o longo pescoço. Suas enormes sobrancelhas peludas fizeram curvas acusadoras enquanto seus olhos amarelos se apertaram e se fixaram no sumo sacerdote. Ele deixou de lado o interessante problema por um momento e apreendeu as matemáticas antigas e familiares que sua raça havia aperfeiçoado cem anos atrás:

"Se a distância for igual a 12 metros, a velocidade do vento, igual a 2. Vetor um-oito. Nham. Se a glutinosidade for igual a 7..."

Teppic sacou uma faca de arremessar.

Dios respirou fundo. "Ele vai ordenar que atirem em nós", pensou Teppic. "Em meu próprio nome, em meu próprio reino, vou levar um tiro."

"... Angulo dois-cinco. Nham. Fogo."

Foi um estouro magnífico. A saliva da ruminação tinha uma louvável força de sustentação e de rotação, e bateu com um som como... um som como meio quilo de grama semidigerida batendo no rosto de alguém. Não poderia soar como mais nada.

O silêncio que se seguiu equivaleria a uma ovação entusiasmada.

A paisagem começou a ficar distorcida novamente. Aquele claramente não era um lugar para ficar por muito tempo. Seu Desgraçado olhou para as patas dianteiras.

"As pernas são iguais a quatro..."

Ele começou a correr com dificuldade. Os camelos aparentemente têm mais joelhos do que qualquer outra criatura, e Seu Desgraçado corria feito um motor a vapor, com muitos

movimentos desordenados nos ângulos certos na direção do movimento acompanhados de um acúmulo violento de ruídos digestivos.

- Maldito animal estúpido - murmurou Ptraci, enquanto se distanciavam do palácio aos solavancos -, mas parece que ele finalmente captou a idéia.

"... repetição de medida invariável à razão de 3,5/z. Do que ela está falando? Maldito Animal mora lá em Tsort..."

Embora eles balançassem pelo ar como se estivessem unidos por um elástico frouxo, as patas de Seu Desgraçado cobriam muito chão, e já estavam pulando pelas ruas adormecidas e cheias de terra da cidade.

- Está começando de novo, não está? - disse Ptraci. - Vou fechar os olhos.

Teppic concordou. As casas quentes de tijolo refratário ao redor deles estavam fazendo a dança lenta de espelho mais uma vez, e a estrada subia e descia de uma forma que a terra firme não tinha nenhum direito de fazer.

- E como o mar - ele disse.

- Não consigo ver nada - retrucou Ptraci com firmeza.

- Como o mar. O oceano. Sabe? As ondas.

- Já ouvi falar. Alguém está nos seguindo?

Teppic se virou sobre a sela.

- Não que eu consiga enxergar. É como se...

Dali ele conseguia ver, além do vulto longo e baixo do palácio e do outro lado do rio, a própria Grande Pirâmide. Ela estava quase escondida atrás de nuvens escuras, mas o que conseguia ver dela definitivamente não estava certo. Ele sabia que ela tinha quatro lados, mas conseguia ver todos os oito.

Parecia estar entrando e saindo de foco, o que ele sentiu instintivamente ser uma coisa perigosa para alguns milhões de toneladas de pedra. Sentiu a necessidade urgente de estar muito

longe dela. Até uma criatura estúpida como o camelo parecia ter a mesma idéia.

Seu Desgraçado estava pensando... "Delta ao quadrado. Assim, a pressão dimensional k resultará numa transformação de noventa graus em Chi ($16/x/pu$) t por um conjunto-K de quaisquer três invariáveis. Ou quatro minutos, mais ou menos dez segundos..."

O camelo olhou para as grandes almofadas embaixo de suas patas.

Se a velocidade for igual a galope.

- Como é que você fez para ele fazer isso? - perguntou Teppic.

- Não fiz! Ele está fazendo sozinho! Segura firme!

Isso não era fácil. Teppic havia colocado a sela no camelo, mas deixou de lado o arreio. Ptraci tinha uns punhados de pêlo de camelo para se segurar. Tudo que ele tinha eram punhados de Ptraci. Não importava onde tentava pôr as mãos, elas encontravam carne quente e macia. Nada em sua educação o havia preparado para isso. Por outro lado, toda a educação de Ptraci a havia preparado exatamente para aquilo. Seus cabelos longos batiam no rosto dele e tinham o cheiro sedutor de um perfume raro.^[22]

- Você está bem? - ele gritou, superando o barulho do vento.

- Eu estou me segurando com os joelhos!

- Isso deve ser difícil!

- Eu tive um treinamento especial!

Os camelos galopam jogando as patas o mais longe deles possível e depois correndo para alcançá-las. Com as juntas dos joelhos

estalando feito castanholas, Seu Desgraçado chacoalhava violentamente pela estrada inclinada, saindo do vale, e ia girando pelo caminho da garganta estreita que levava, sob o desfiladeiro íngreme e alto de calcário, ao alto deserto que havia do outro lado.

Atrás dele, atormentada de forma desmedida pelo fluxo inexorável da geometria, impossibilitada de descarregar o peso do Tempo, a Grande Pirâmide gritava, erguia-se da sua base e, com seu

volume dando golpes no ar, tão incontrolável quanto algo completamente incontrolável, girou exatamente noventa graus e fez algo pervertido com o espaço-tempo.

Seu Desgraçado corria pelo desfiladeiro, o pescoço esticado ao máximo, as imensas narinas se abrindo como os orifícios de um esguicho potente.

- Ele está aterrorizado! - gritou Ptraci. - Os animais sempre sentem esse tipo de coisa!

- Que tipo de coisa?

- Incêndios na floresta e coisas do tipo!

- Nós não temos nenhuma árvore!

- Bem, enchentes e... e essas coisas! Eles têm um estranho instinto natural!

"... Phi 1700 [u/v]. Lateral e/v. Igual a uma porção de sete a doze..."

O som os atingiu. Era tão silencioso quanto um relógio de dente-de-leão batendo à meia-noite, mas tinha pressão. Passou por cima deles, sufocante como veludo, nauseante como um salame de porco passado.

E foi embora.

Seu Desgraçado diminuiu o ritmo para uma caminhada, um procedimento complicado, que envolvia instruções precisas para uma pata de cada vez.

Havia um sentimento de alívio, uma sensação de estresse liberado.

Seu Desgraçado parou. No brilho que precede o amanhecer, havia localizado uma moita de pés de sifácias espinhentas que cresciam entre as pedras do caminho.

••• ângulo esquerdo. X igual a 37. Y igual a 19. Z igual a 43. Morder..."

A paz baixou. Não havia som algum, exceto os arrotos da digestão do camelo e o gorjeio distante de uma coruja do deserto.

Ptraci deslizou para fora da montaria e aterrissou desajeitada.

- Meu traseiro - anunciou para o deserto em geral - se resume a um bolha enorme.

Teppic desceu num pulo e fez uma meia-corrida, meio-cambaleio até as pedras na lateral da estrada, depois correu pelo planalto de calcário rachado até conseguir uma visão do vale.

Ele não estava mais lá.

Ainda estava escuro quando Dil, o mestre embalsamador, acordou, o corpo zunindo com a sensação de que algo estava errado. Desceu da cama, vestiu-se com pressa e empurrou a cortina que servia de porta.

A noite estava suave e aveludada. Por trás do zumbido dos insetos havia outro som, um barulho de algo fritando, um chiado débil no limite da audição.

Talvez tivesse sido isso o que o acordara.

O ar estava morno e úmido. Ondulações de névoa subiam do rio, e...

As pirâmides não estavam chamejando.

Ele havia crescido nesta casa: tinha estado na família dos mestres embalsamadores durante milhares de anos, e tinha visto as pirâmides lançarem suas chamas com tanta freqüência que já nem as notava mais, não mais do que percebia a própria respiração. Mas agora elas estavam escuras e silenciosas, e o silêncio gritava e a escuridão brilhava.

Mas essa não era a pior parte. Quando os seus olhos horrorizados encararam o céu vazio acima da necrópole, viram as estrelas, e no que as estrelas estavam presas.

Dil ficou aterrorizado. E depois, quando teve tempo para pensar, ficou com vergonha de si mesmo. "Afinal", pensou, "é o que sempre me disseram haver ali. E plausível. Eu só estou vendo direito pela primeira vez.

"Ali. Isso faz eu me sentir melhor? "Não."

Ele se virou e saiu correndo pela rua, as sandálias batendo, até chegar à casa de Gern e sua numerosa família. Arrastou o aprendiz,

sob protestos, do colchão comum e o puxou para a rua. Olhou para o céu e sussurrou:

- Diga o que você está vendo!

Gern apertou os olhos.

- Estou vendo as estrelas, mestre.

- Onde elas estão, garoto?

Gern relaxou um pouco.

- É simples, mestre. Todo mundo sabe que as estrelas estão no corpo da deusa Nept, que forma um arco desde... oh, minha nossa!

- Você também está vendo?

- Oh, mãe - sussurrou Gern, e ficou de joelhos.

Dil balançou a cabeça, concordando. Ele era um homem religioso. Era um grande conforto saber que os deuses estavam lá. Saber que eles estavam aqui é que era a parte terrível.

Porque o corpo de uma mulher formava um arco acima dos céus, levemente azulado, levemente sombrio à luz das estrelas pálidas.

Ela era enorme, suas medidas eram interplanetárias. A sombra entre seus peitos galácticos era uma nebulosa escura, a curva de seu ventre, uma vasta camada de gás brilhante, seu umbigo, a incandescência escura e fervente na qual as estrelas estavam nascendo. Ela não estava sustentando o céu. Ela era o céu.

Seu enorme rosto entristecido, de cabeça para baixo, acompanhando a curva do horizonte, estava voltado diretamente para Dil. E Dil percebeu que existem poucas coisas que abalam tanto uma crença quanto ver, de forma clara e precisa, o objeto daquela crença. Não é preciso ver, ao contrário do que diz a sabedoria popular, para crer. A visão é onde a crença termina, porque ela não se faz mais necessária.

- Oh, deuses - gemeu Gern.

Dil bateu no braço dele.

- Pare com isso. E venha comigo.

- Oh, mestre, o que faremos?

Dil olhou ao redor, para a cidade adormecida. Ele não tinha a menor idéia.

- Nós vamos até o palácio - disse, com firmeza. - Isso provavelmente é um engodo do, da, da escuridão. De qualquer modo, o sol logo nascerá.

E saiu andando, desejando que pudesse mudar de lugar com Gern e demonstrar apenas um sinal de terror desarticulado. O aprendiz o seguiu numa espécie de rastejo galopante.

- Eu consigo ver as sombras nas estrelas, mestre! Você consegue vê-las, mestre? Perto da beira do mundo, mestre!

- Apenas névoas, garoto - disse Dil, mantendo seu olhar resolutamente diante dele e sustentando uma postura digna, como é de se esperar de um Defensor da Porta da Esquerda da Loja Sódica e detentor de diversas medalhas por execução de bordados.

- Ali. Veja, Gern, o sol está nascendo!

Eles pararam e observaram.

Então Gern choramingou, bem baixinho.

Uma grande bola de fogo subia pelo céu, muito devagar. E ela estava sendo puxada por um besouro rola-bosta maior do que os mundos.

3

O LIVRO DO NOVO FILHO

O SOL NASCEU E, COMO ESSE não era o Reino Antigo, ele era uma mera bola de gás ardente. A noite púrpura do alto deserto evaporou sob seu clarão de maçarico. Os lagartos correram para as rachaduras nas pedras. Seu Desgraçado se assentou sob uma sombra escassa do que restara dos arbustos de sífácia, observou a paisagem com ar de arrogância, e começou a ruminar e calcular raízes quadradas de base 7.

Teppic e Ptraci finalmente encontraram a sombra de uma saliência de calcário e se sentaram carrancudos, olhando para as ondas de calor que oscilavam junto às pedras.

- Eu não entendo - disse Ptraci. - Você já procurou em todos os lugares?

- Estamos falando de um país! Ele não pode simplesmente ter caído num maldito buraco no chão!

- Onde ele está, então? - perguntou Ptraci, num tom equilibrado.

Teppic resmungou. O calor batia como um martelo, mas ele andou até ultrapassar os rochedos, como se 480 quilômetros quadrados pudessem talvez estar escondidos debaixo de uma pedra ou atrás de um arbusto.

O fato era que a trilha se embrenhara entre os penhascos, mas quase imediatamente emergira de novo, continuando do outro lado das dunas dentro do que claramente parecia ser Tsort. Ele reconheceu uma esfinge corroída pelo vento que havia sido

colocada como um marcador de fronteiras. Dizia a lenda que ela rondava pela fronteira em épocas de grandes dificuldades nacionais, embora a lenda não soubesse ao certo o porquê.

Ele sabia que tinham galopado para Ephebe. Deveria estar olhando para o vale fértil e salpicado de pirâmides do Djel que se localizava entre os dois países.

Passara uma hora procurando por ele.

Era inexplicável. Era estranho. Era também extremamente embaraçoso.

Protegeu os olhos da luz e olhou pela milésima vez para o cenário silencioso e escaldante. E virou a cabeça. E viu Djelibeybi.

Apareceu no seu campo de visão por um instante. Teppic fechou os olhos com força e o viu novamente, um lampejo rápido de coloração nebulosa que desaparecia assim que se concentrava nele.

Minutos depois, Ptraci olhou para fora da sombra e viu Teppic ficar de quatro. Quando ele começou a virar as pedras do chão, ela decidiu que estava na hora de ele sair do sol.

Teppic tirou a mão dela de seu ombro e gesticulou impaciente.

- Eu achei! - Tirou uma faca da bota e começou a bater nas pedras.

- Onde?

- Aqui!

Ela pôs a mão cheia de anéis na testa dele. -Ah, sim. Entendi. Sim. Bom. Agora eu acho melhor você ir para a sombra.

- Não, estou falando sério! Aqui! Olhe!

Ela se agachou e olhou para a pedra, para fazer a vontade dele.

- Tem uma rachadura - disse, duvidando.

- Olhe para ela, está bem? Você tem que virar a cabeça e olhar meio que pelo canto do olho. - A adaga de Teppic bateu na rachadura, que não era mais do que uma linha tênue na rocha.

- Bom, ela vai longe - disse Ptraci, olhando para o pavimento ardente.

- Vai até a Segunda Catarata do Delta - disse Teppic. - Ajuda se você cobrir os olhos com a mão. Por favor, tente uma vez. Por favor!

Ela pôs a mão hesitante e olhou obediente para a pedra.

Finalmente, disse:

-Assim não dá, eu não consigo... veeer...

Ela ficou imóvel por um momento e depois se atirou de lado nas pedras. Teppic parou de tentar forçar a faca para dentro da rachadura e engatinhou até a moça.

- Eu estava quase conseguindo! - lamentou-se. - Você viu? - ele perguntou, esperançoso.

Ela fez que sim com a cabeça e, com muito cuidado, se levantou e recuou.

-Você teve a sensação de que seus olhos estavam sendo virados do avesso? - insistiu Teppic.

- Sim - respondeu Ptraci friamente. - Pode me dar as minhas pulseiras, por favor?

- O quê?

- As minhas pulseiras. Você colocou no bolso. Eu quero de volta, por favor.

Teppic deu de ombros, e buscou as pulseiras no bolso. A maioria era de cobre, com algumas partes de esmalte lascado. Aqui e ali o artesão havia tentado, sem muito sucesso, fazer algo interessante com arame torcido e pedaços informes de vidro colorido. Ela pegou os adornos e os colocou nos pulsos.

- Elas têm algum significado oculto?

- O que significa oculto? - ela disse, com um tom vago.

- Ah. Então para que você precisa delas?

- Eu já disse. Eu não me sinto adequadamente vestida sem elas.

Teppic deu de ombros e voltou a mexer com a faca na rachadura.

- Por que você está fazendo isso?

Ele parou e pensou.

- Eu não sei. Mas você viu o vale, não viu?

- Sim.

- Bom, então?

- Então o quê?

Teppic revirou os olhos.

-Você não achou um pouco, bem, estranho? Um país inteiro simplesmente meio que desaparecer? Caramba, é uma coisa que não se vê todos os dias, pelo amor de Deus!

- Como eu deveria saber? Nunca estive fora do vale antes. Eu não sei como deveria ser olhando de fora. E eu não falo palavrão.

Teppic balançou a cabeça.

- Eu acho que eu vou, sim, me deitar um pouco na sombra. No que sobrou dela - acrescentou, porque a luz metálica do sol estava queimando as sombras. Ele cambaleou até as rochas e olhou para ela.

- O vale inteiro simplesmente se fechou - conseguiu dizer, finalmente. -Todas aquelas pessoas...

- Eu vi pessoas cozinhando no fogo - disse Ptraci, abaixando-se ao lado dele.

-Tem a ver com a pirâmide. Ela estava muito estranha pouco antes de irmos embora. E mágica, ou geometria, ou alguma coisa desse tipo. Como é que você acha que vamos conseguir voltar?

- Eu não quero voltar. Por que eu iria querer voltar? Para mim, isso significaria crocodilos. Eu não vou voltar, não só por causa dos crocodilos.

- Humm. Talvez eu pudesse perdoá-la ou algo do gênero.

- Ah, sim - disse Ptraci, olhando para as unhas. - Você disse que era o rei, não foi?

- Eu sou o rei! É o meu reino que está... - Teppic hesitou, sem saber em que direção apontar o dedo - em algum lugar. Eu sou o rei dele.

- Você não se parece com o rei.

- Por que não?

- Ele usava uma máscara de ouro.

- Era eu!

- Então você mandou me jogarem para os crocodilos?

- Sim! Quer dizer, não. - Teppic hesitou. - Quer dizer, o rei mandou. Eu, não. De certa forma. Enfim, fui eu quem salvou você - acrescentou com um tom galante.

-Aí está, então. De qualquer modo, se você fosse o rei, seria um deus também. Você não está agindo muito como um deus no momento.

- Sim? Bem. Er. - Teppic hesitou mais uma vez. A mentalidade literal de Ptraci significava que as frases inocentes tinham que ser examinadas com cuidado antes de serem jogadas no mundo.

- Eu sou basicamente bom em fazer o sol nascer. Mas eu não sei como. E os rios. Se você quiser que algum rio encha, eu sou o seu homem. Deus, quero dizer.

Ele acabou ficando em silêncio quando um pensamento lhe ocorreu.

- Eu queria saber o que está acontecendo lá sem mim.

Ptraci se levantou e saiu andando na direção do desfiladeiro.

- Aonde você vai?

Ela se virou.

- Bom, senhor Rei ou Deus ou assassino, ou o que quer que seja, você consegue fazer água?

- O quê, aqui?

- Estou falando de água para beber. Pode ser que exista um rio escondido nessa rachadura, ou não, mas nós não conseguimos chegar até ele, certo? Então temos que ir a algum lugar onde isso seja possível. É tão simples. Eu diria que até um rei conseguiria entender.

Ele correu atrás dela, até os rochedos onde Seu Desgraçado estava deitado com a cabeça e o pescoço rentes ao chão, agitando as orelhas no calor e ociosamente aplicando a Teoria das Integrais Transitórias de Sua Criatura Grotasca a uma sucessão de promissores números cissóides. Ptraci o chutou de modo irritante.

- Você sabe onde tem água, então? - perguntou Teppic.

"... e/27. 17 quilômetros..."

Ptraci olhou fixamente para ele, com olhos pintados com Kohl.

- Quer dizer que você não sabe? Você ia me levar para o deserto e não sabe onde tem água?

- Bom, na verdade eu esperava trazer um pouco comigo!

- Você nem pensou nisso!

- Ouça, você não pode falar comigo assim! Eu sou um rei! - Teppic parou. - Você está absolutamente certa. Eu nem pensei nisso. No lugar de onde venho, a água abunda. Desculpe-me.

Ptraci enrugou a testa.

- A água faz o quê?

- Não, eu quero dizer que lá tem água em grande quantidade. Você sabe. Porque chove quase todos os dias.

- Que bobagem. De onde você vem?

Teppic parecia infeliz.

- Eu venho de Ankh-Morpork. Eu comecei aqui. - Ele olhou para baixo, para a estrada. - Aqui, se você soubesse o que estava procurando, poderia ver uma leve rachadura passando pelas pedras.

Ela subia pelo desfiladeiro dos dois lados, uma nova falha vertical da espessura de uma linha que por acaso continha um reino e um rio com 7 mil anos de história.

Ele odiava cada minuto que passara lá. E agora havia sido trancado do lado de fora. E, exatamente porque não podia, queria voltar.

Teppic foi andando até lá e pôs a mão sobre um olho. Balançando um pouco a cabeça, dava para ver...

Passava rapidamente pelo campo e desaparecia. Tentou mais algumas vezes, mas não conseguiu mais vê-lo.

"E se eu talhasse todas as pedras? Não", pensou, "isso é bobagem. É uma linha. Não se pode entrar numa linha. Uma linha não tem espessura. Fato conhecido da geometria."

Ele ouviu Ptraci se aproximando, e no momento seguinte as mãos dela estavam em seu pescoço. Por um segundo ele se

perguntou como ela conhecia o Aperto Mortal Catártico, e em seguida os dedos da garota estavam massageando suavemente seus músculos e as tensões derretendo sob afago dela, habilidoso como manteiga sob uma faca quente. Ele tremeu quando a tensão passou.

- Isso é bom.

- Nós somos treinadas para isso. Seus tendões estão presos feito bolas de pingue-pongue num barbante.

Teppic se deixou cair, agradecido, numa das pedras grandes que se espalhavam na base do despenhadeiro e deixou o ritmo dos dedos dela desatar os problemas da noite.

- Eu não sei o que fazer - murmurou. - Isso é bom.

-A função de uma criada não é só descascar uvas. A primeira lição que aprendemos é: quando o mestre tiver um dia longo e difícil, esse não é o melhor momento de sugerir o Congresso da Raposa e do Caqui. Quem disse que você tem que fazer alguma coisa?

- Eu me sinto responsável. -Teppic mudou de posição como um gato.

- Se você soubesse onde tem um saltério, eu poderia tocar algo relaxante. Eu fui até "Piquenique dos Gnomos", do Livro I.

- É que um rei não deveria deixar seu reino desaparecer desse jeito.

- Todas as outras meninas sabem fazer acordes e tudo mais - disse Ptraci, pensativa, massageando os ombros dele. - Mas o antigo rei sempre dizia que preferia me ouvir. Ele dizia que o deixava animado.

- Quero dizer, ele será chamado de O Reino Perdido - continuou Teppic, sonolento. - E como é que eu vou me sentir?

- Ele dizia que gostava de me ouvir cantar também. As outras pessoas diziam que o meu canto parecia um bando de abutres que acabaram de encontrar um jumento morto.

- Eu quero dizer, rei de um Reino Perdido. Seria terrível. Eu tenho que consegui-lo de volta.

Seu Desgraçado virou sua cabeça imensa vagarosamente, para acompanhar o vôo de uma varejeira errante. No fundo de seu cérebro, pequenas colunas com números vermelhos tremulavam detalhando vetores, velocidade e elevação. A conversa entre seres humanos raramente o interessava, mas lhe passava pela cabeça que os machos e as fêmeas sempre se davam melhor quando um não ouvia tudo que o outro dizia. Entre os camelos era muito mais simples.

Teppic olhava para a linha na pedra. Geometria. Era isso.

- Nós vamos a Ephebe. Eles sabem tudo sobre geometria e tem umas idéias muito absurdas. Eu preciso de idéias absurdas neste momento.

- Por que você carrega todas essas facas e essas coisas? Realmente?

- Hã? Perdão?

-Todas essas facas. Por quê? Teppic pensou naquilo.

- Acho que eu não me sinto adequadamente vestido sem elas.

-Ah.

Ptraci pensou respeitosamente num novo assunto para a conversa. Introdução aos Assuntos para uma Conversação Divertida também fazia parte das funções de uma criada. Ela nunca tinha sido muito boa nisso. As outras meninas conseguiam pensar em uma variedade de assuntos surpreendente: desde os hábitos de acasalamento dos crocodilos até especulação sobre a vida no Mundo Inferior. Ela achava pesado começar a falar sobre o tempo.

- Então você já matou muita gente, eu imagino.

-Hã?

- Como assassino, não é? Você ganha para matar pessoas. Já matou muitas? Sabia que você enrijece muito os músculos das costas?

- Eu acho que eu não deveria falar sobre isso.

- Eu deveria saber. Se nós vamos atravessar o deserto juntos e tudo mais. Mais de cem?

- Por Deus, não.
- Bom, então, menos de cinqüenta?

Teppic virou para o outro lado.

- Olha, até mesmo os assassinos mais famosos nunca mataram mais de trinta pessoas a vida inteira.

- Menos de vinte, então?

-- Sim.

- Menos de dez?

- Eu acho que seria melhor pensar em um número entre zero e dez.

- Desde que eu saiba. Essas coisas são importantes.

Eles caminharam de volta até Seu Desgraçado. Mas agora parecia ser Teppic quem tinha algo em mente.

- Todo esse senado... - ele disse.

- Congresso - ela corrigiu.

- Você... er... mais de cinqüenta pessoas?

- Existe um nome diferente para esse tipo de mulher – disse Ptraci, mas sem muito rancor.

- Desculpe. Menos de dez?

- Digamos um número entre zero e dez.

Seu Desgraçado cuspiu. A cinco metros dali, a varejeira foi apanhada no ar com precisão e colada à pedra que estava atrás dela.

- Impressionante como eles fazem isso, não? - comentou

Teppic. - Instinto animal, eu suponho.

Seu Desgraçado lançou um olhar arrogante para ele debaixo de seus cílios-da-extensão-do-deserto e pensou:

"... Se $z = eiO$. Nhamnhamnham. Então, $dz = ie[iO] dO = izdO$ ou $dO = dz/iz$..."

Ptaclusp, ainda de pijama, vagava a esmo entre os destroços aos pés da pirâmide.

Ela zumbia feito uma turbina. Ele não sabia por quê, não sabia nada a respeito do vasto consumo de energia que havia distorcido

as dimensões em noventa graus e que os estava mantendo ali, contra pressões terríveis, mas pelo menos as perturbadoras mudanças temporais haviam parado. Havia menos filhos por perto do que havia antes. Na verdade, talvez ficasse contente em encontrar um ou dois.

Primeiro encontrou a cimalha, que estava despedaçada, com seu revestimento de eletro se soltando. Em sua queda do alto da pirâmide, havia atingido a estátua de Mat, o Deus com Cabeça de Abutre, curvando-o pela metade e dando-lhe uma expressão suave de surpresa.

Um fraco gemido o levou a puxar os restos de uma tenda. Rasgou a lona pesada e descobriu Iib, que fez uma expressão de surpresa na luz cinzenta.

- Não funcionou, pai! - ele se lamentou. - Nós quase conseguimos lá em cima, e depois a coisa toda simplesmente se desfigurou!

O construtor levantou uma barra de metal de cima das pernas do filho.

- Alguma coisa quebrada? - disse, com calma.

- Apenas arranhões, eu acho. - O jovem arquiteto se sentou, tremendo, e estendeu o pescoço para olhar ao redor.

- Onde está o Dois-a? Ele estava mais alto do que eu, quase no topo...

- Eu o encontrei - disse Ptaclusp.

Os arquitetos não são conhecidos por sua atenção às nuances sutis de significados, mas Iib ouviu a entrelinha na voz de seu pai.

- Ele não está morto, está? - sussurrou.

- Acho que não. Não tenho certeza. Ele está vivo. Mas. Ele está se mexendo... está se mexendo... bom, é melhor você ver. Acho que aconteceu alguma coisa quantum com ele.

Seu Desgraçado caminhou de forma lenta e pesada a cerca de 1,247 metros por segundo, resolvendo complexas coordenadas conjugadas para evitar o tédio enquanto suas patas imensas em forma de prato trituravam a areia.

A falta de dedos foi outro estímulo para o desenvolvimento intelectual dos camelos. O desenvolvimento matemático entre os seres humanos sempre foi retido pela tendência instintiva que as pessoas têm, quando se deparam com algo realmente complexo em matéria de polinômios triformes ou diferenciais paramétricas, de contar nos dedos. Os camelos começaram desde sempre contando números.

Os desertos foram uma grande ajuda também. Não existem muitas distrações. No que diz respeito aos camelos, o caminho para um desenvolvimento intelectual vigoroso foi não ter muito o que fazer.

Ele chegou ao topo da duna, olhou com aprovação acima das areias que rolavam adiante e começou a pensar em logaritmos.

- Como é Ephebe? - perguntou Ptraci.

- Eu nunca estive lá. Parece que é governada por um Tirano.

- Espero que não nos encontremos com ele, então.

Teppic balançou a cabeça.

- Não é assim. Eles têm um novo Tirano a cada cinco anos, e fazem uma coisa com ele primeiro. - Ele hesitou. - Eu acho que eles o elegendem.

- Isso é algo parecido com o que fazem com os gatos e touros e essas coisas?

-Er.

- Você sabe. Para fazer com que parem de brigar e fiquem mais calminhos.

Teppic estremeceu.

- Para ser sincero, não tenho certeza. Mas acho que não. Eles têm uma coisa que usam para fazer isso, acho que se chama mocracia, e significa que todo mundo no país inteiro pode dizer quem será o novo Tirano. Um homem, um... - Ele parou. A aula de história política parecia muito distante e tinha introduzido conceitos jamais ouvidos em Djelibeybi ou em Ankh-Morpork.

Fez uma tentativa, pelo menos: - Um homem, um veto.

- Isso é para eleger, então?

Ele deu de ombros. Poderia ser, pelo que ele sabia.

- Mas a questão é que todo mundo pode fazer isso. Eles têm muito orgulho disso. Todo mundo tem... - hesitou de novo, certo agora de que as coisas estavam confusas... - o veto. Exceto as mulheres, é claro. E as crianças. E os criminosos. E os escravos. E as pessoas burras. E pessoas de origem estrangeira. E as pessoas que não têm aprovação porque, er, por várias razões. E muitas outras pessoas. Mas todo mundo, fora eles, É uma civilização muito esclarecida.

Ptraci considerou um pouco a questão.

- E isso é uma mocracia, então?

- Eles a inventaram em Ephebe, sabe - explicou Teppic, com uma sensação obscura de que deveria defendê-la.

- Aposto que tiveram problemas para exportá-la - disse Ptraci, com firmeza.

O sol não era apenas uma bola de estêreo em chamas puxada pelo céu por um besouro gigante. Também era um barco. Dependia de como você olhasse para ele.

A luz estava errada. Parecia chocha, como a água que fica num copo durante semanas. Não havia nenhum encanto nela. iluminava, mas sem vida. Como o brilho do luar, e não como a luz do dia.

Mas Ptaclusp estava mais preocupado com o filho.

- Você sabe o que há de errado com ele?

Seu outro filho mordeu o buril com tristeza. Sua mão estava doendo. Tinha tentado tocar o irmão, e o choque seguido de um

estalo arrancara a pele de seu dedo.

- Talvez eu saiba - arriscou.

- Você pode curá-lo?

- Acho que não.

- O que é isso, então?

- Bom, pai, quando nós estávamos no alto da pirâmide... bem, quando ela não estava conseguindo lançar a sua chama... sabe, tenho certeza de que ela retorceu... o tempo, sabe, é apenas uma outra dimensão... humm.

Ptaclusp revirou os olhos.

- Chega desse papo de arquiteto, garoto. O que tem de errado com ele?

- Eu acho que ele está com as dimensões desajustadas, pai. O tempo e o espaço se misturaram um pouco para ele. E por isso que está andando de lado o tempo todo.

Ptaclusp IIb deu um sorrisinho corajoso para o pai.

- Ele sempre andava para os lados.

O filho suspirou.

- Sim, pai. Mas isso era normal. Todos os contadores andam assim. Agora ele está andando de lado porque, bom, é como o Tempo é para ele.

Ptaclusp franziu a testa. Andar suavemente para os lados não era o único problema de IIa. Ele também estava plano. Não plano como um cartão, com a parte da frente, a de trás e a borda - mas plano em qualquer direção.

- Isso me faz pensar exatamente naquelas pessoas nos afrescos - disse. - Onde está a profundidade dele, ou qualquer que seja o nome disso?

- Acho que está no Tempo, pai - respondeu IIb, sem ação. - No dele, não no nosso.

Ptaclusp andou ao redor do filho, notando que o achatamento o seguia aonde quer que fosse. Ele coçou o queixo.

- Então ele pode andar no Tempo, não é? - disse lentamente.

- Pode ser possível, sim.

- Você acha que poderíamos convencê-lo a ir passear até alguns meses atrás e nos dizer para não construirmos aquela maldita pirâmide?

- Ele não consegue se comunicar, pai.

- Não mudou muita coisa, então.

Ptaclusp se sentou no pedregulho com a cabeça entre as mãos. As coisas tinham realmente chegado a esse ponto. Um filho normal e burro, o outro chato feito uma sombra. E que tipo de vida poderia ter o pobre filho achatado? Ele passaria pela vida sendo usado para abrir fechaduras, tirar o gelo dos pára-brisas e dormir sem gastar dinheiro nos armários de calças dos quartos de hotéis.^[23] Ser capaz de passar por baixo das portas e ler livros sem abri-los não seria uma compensação muito boa.

Ha deslizou de lado, um desenho plano na paisagem.

- Nós podemos fazer alguma coisa? Enrolá-lo em forma de canudo ou algo assim?

Iib deu de ombros.

- Nós poderíamos colocar alguma coisa no caminho. Pode ser uma boa idéia. Evitaria que algo pior viesse a acontecer com ele porque, er, não daria tempo de acontecer. Acho.

Eles empurraram a estátua dobrada de Mat, o Deus com Cabeça de Abutre, no caminho do achatado. Depois de um ou dois minutos, seu impulso para o lado o levou a bater nela. Uma grossa faísca azul saiu e derreteu uma parte da estátua, mas o movimento cessou.

- Por que as faíscas? - perguntou Ptaclusp.

- E apenas uma luz fraca, eu acho.

Ptaclusp não havia chegado aonde estava hoje - não, ele teria que corrigir -, não havia chegado aonde ele tinha estado na noite passada sem ter que, no final, ver as vantagens das situações menos plausíveis.

- Ele vai economizar com roupas - disse, devagar. - Quer dizer, pode apenas pintá-las.

- Eu acho que você não entendeu a idéia de verdade, pai - disse Iib, cansado. Ele se sentou ao lado do pai e olhou para o palácio do outro lado do rio.

- Tem alguma coisa acontecendo lá - observou Ptaclusp. -

- Você acha que eles notaram a pirâmide?

- Eu não ficaria surpreso. Afinal, ela se moveu noventa graus.

Ptaclusp olhou para trás e balançou a cabeça devagar, concordando.

- Engraçado isso. Tem um pouco de instabilidade estrutural ali.

- Pai, isso é uma pirâmide! Nós deveríamos ter deixado ela se acender! Eu disse. As forças envolvidas, bem, elas são muito...

Uma sombra caiu sobre eles. Eles olharam em volta. Olharam para cima. Olharam um pouco mais acima.

- Oh, minha nossa - disse Ptaclusp. - É Mat, o Deus com Cabeça de Abutre...

Ephebe estava diante deles, um poema clássico com mármore brancos descansando sobre seu penhasco numa baía de azul brilhante...

- O que é isso? - perguntou Ptraci, depois de examiná-lo criticamente por algum tempo.

- É o mar - respondeu Teppic. - Eu lhe disse, lembra? Ondas e coisas do tipo.

- Você disse que era tudo verde e encrespado.

- Às vezes fica.

- Humm. - O tom de voz insinuava que ela não aprovava o mar, mas, antes que pudesse explicar por quê, ouviram o som de vozes exaltadas. Estavam vindo de trás de uma duna próxima. Havia uma placa na duna.

Dizia, em várias línguas: ESTAÇÃO DE TESTE DE AXIOMAS.

Abaixo dela, em letras um pouco menores, acrescentava-se: CUIDADO: POSTULADOS NÃO RESOLVIDOS.

Quando estavam lendo o aviso, ou pelo menos quando Teppic estava lendo e Ptraci não estava, ouviram um som metálico vindo de trás da duna, seguido de um clique, seguido de um silvo de uma flecha acima das cabeças. Seu Desgraçado olhou brevemente para a flecha no alto e virou a cabeça para olhar fixamente para uma pequena área de areia.

Um segundo depois, a flecha bateu ali.

Então ele examinou o peso nas suas patas e fez um pequeno cálculo, o qual revelou que duas pessoas haviam sido subtraídas de suas costas. Mais adições indicaram que elas haviam sido somadas à duna.

- Por que você fez isso? - perguntou Ptraci, cuspiendo areia.

- Alguém atirou em nós!

- Eu não diria isso. Quer dizer, eles não sabiam que estávamos aqui, sabiam? Você não precisava ter me puxado desse jeito.

Teppic reconheceu o fato, com muita relutância, e subiu com cuidado a face íngreme da duna. As vozes estavam discutindo de novo.

- Desistir?

- Nós simplesmente não acertamos todos os parâmetros.

- Eu sei o que nós não conseguimos acertar.

- E o que é, diga, por favor.

- Não temos mais nenhuma maldita tartaruga. E isso o que não temos.

Teppic ergueu a cabeça cuidadosamente acima do topo da duna. Viu uma grande área de terreno limpo, cercada por complicadas fileiras de marcadores e bandeiras. Havia uma ou duas construções, a maioria formada por jaulas, e algumas outras construções intrincadas que não conseguia identificar. No meio de tudo isso,

havia dois homens - um era pequeno, gordo e rosado, o outro era alto e esbelto, com um indefinível ar de autoridade. Estavam usando lençóis. Agrupados ao redor deles, e sem usar muita coisa, havia um grupo de escravos. Um deles estava segurando um arco.

Alguns estavam segurando tartarugas em pedaços de pau. Elas pareciam um pouco patéticas, algo como pirulitos de tartaruga.

- Ainda assim, é cruel - disse o homem alto. - Coitadinhas. Elas parecem tão tristes com as perninhas balançando.

- É logicamente impossível acertá-las com a flecha! - O homem gordo ergueu as mãos. - Não deveria ser assim. Você deve estar me dando o tipo errado de tartaruga - acrescentou, num tom de acusação. - Nós deveríamos tentar de novo com tartarugas mais rápidas.

- Ou flechas mais lentas?

- É possível, é possível.

Teppic começou a sentir uma leve agitação perto de seu queixo. Havia uma pequena tartaruga passando correndo por ele. Tinha várias marcas no casco.

- Vamos tentar pela última vez - disse o gordo. Ele se virou para os escravos. - Esse lote, vá procurar aquela tartaruga.

O pequeno réptil olhou para Teppic com um misto de súplica e esperança. Ele olhou para a tartaruga, depois a ergueu com cuidado e colocou atrás de uma pedra.

Ele deslizou pela duna, de volta para onde estava Ptraci.

- Tem uma coisa muito estranha acontecendo ali. Estão atirando em tartarugas.

- Por quê?

- Sei lá. Parecem pensar que a tartaruga deveria ser capaz de fugir.

- O quê, de uma flecha?

- Como eu disse. Muito estranho. Fique aqui. Eu assobio se for seguro me seguir.

- O que você vai fazer se não for seguro?

- Gritar.

Ele subiu a duna mais uma vez e, depois de tirar o máximo de areia possível das suas roupas, levantou-se e acenou com seu pequeno chapéu para a pequena multidão. Uma flecha tirou o chapéu de suas mãos.

- Opa! - disse o homem gordo. - Desculpa!

Ele atravessou correndo a areia pisada até onde Teppic estava, olhando para os próprios dedos.

- Disparou sem querer - disse, ofegante. - Mil desculpas, não percebi que estava carregado. O que você vai pensar de mim?

Teppic respirou fundo.

- Meu nome é Xenó - arfou o homem gordo, antes de conseguir falar. - Você se machucou? Nós colocamos placas de aviso, tenho certeza. Você entrou pelo deserto? Deve estar com sede. Quer beber alguma coisa? Quem é você? Você não viu uma tartaruga por aí, viu? Malditos animais rápidos, vão feito um raio, ninguém segura as danadinhas.

Teppic soltou a respiração.

- As tartarugas? Nós estamos falando daquelas, daquelas pedras com patas?

- Isso mesmo, isso mesmo - confirmou Xenó. - Tire os olhos delas por um segundo e vum

- Vum - Teppic conhecia tartarugas. Havia tartarugas no Antigo Reino. Elas podiam ser chamadas de várias coisas - vegetarianas, pacientes, cuidadosas, até mesmo de maníacas sexuais extremamente dedicadas e persistentes -, mas nunca, até hoje, de rápidas. Rápida era uma palavra especialmente associada às tartarugas porque elas não o eram.

- Você tem certeza?

O animal mais rápido na face do Disco, a tartaruga comum - disse Xenó, mas ele parecia bastante astuto. – Logicamente falando, é claro - acrescentou^[24]

O homem alto acenou com a cabeça para Teppic.

- Não repare nele, garoto. Ele só está se protegendo por causa do acidente na semana passada.

-A tartaruga ganhou sim da lebre - disse Xenó, mal-humorado.

- A lebre estava morta, Xenó - lembrou pacientemente o homem alto. - Porque você atirou nela.

- Eu estava mirando na tartaruga. Sabe como é, tentando combinar dois experimentos, reduzir o tempo precioso de pesquisa, aproveitar ao máximo a disponibilidade... - Xenó gesticulava com o arco, que agora tinha outra flecha.

- Com licença - disse Teppic. - Você poderia baixá-lo um minuto? Eu e a minha amiga viemos de longe e seria bom não levar outro tiro.

"Esses dois parecem inofensivos", pensou, e quase acreditou nisso. Ele assobiou. Com a deusa, Ptraci deu a volta na duna, levando Seu Desgraçado. Teppic duvidava da possibilidade de as roupas dela terem algum bolso, mas ela parecia ter conseguido retocar a maquiagem, retocar o Kohl dos olhos e ajeitar o cabelo. Foi rebolando até onde estava o grupo feito uma serpente num chão escorregadio, determinada a impressionar os estranhos com a força de sua personalidade. Também estava segurando algo na outra mão.

;- Ela achou a tartaruga! - exclamou Xenó. - Muito bem!

O réptil se enfiou dentro do casco. Ptraci ficou brava. Ela não tinha muita coisa no mundo, a não ser ela mesma, e não gostava de ser aclamada como uma mera portadora de testudinídeos.

O homem alto suspirou.

- Sabe, Xeno, não posso deixar de achar que você pegou o lado errado do pau com toda essa questão de tartarugas e flechas.

O homenzinho olhou com raiva para ele.

- O seu problema, Ibid, é achar que é a maldita autoridade em todos os assuntos.

Os Deuses do Antigo Reino estavam despertando.

A crença é uma força. É uma força frágil, em comparação com a gravidade. Quando se trata de mover montanhas, a gravidade vence sempre. Mas ela ainda existe, e agora que o Antigo Reino estava fechado em si mesmo, flutuando livre do resto do universo, pairando para longe do consenso geral que é exaltado sob o nome de realidade, o poder da crença estava se fazendo sentir.

Durante 7 mil anos, o povo de Djelibeybi havia acreditado em seus deuses.

Agora os deuses existiam. Havia, por assim dizer, o conjunto completo.

E o povo do Reino Antigo estava aprendendo que, por exemplo, Vut, o Deus da Noite com Cabeça de Cachorro, tem uma aparência muito mais agradável pintado num vaso do que quando todos os seus vinte metros, rosnando e fedendo, estão pulando na rua.

Dios se sentou no salão do trono, a máscara de ouro do rei sobre os joelhos, olhando através do ar sombrio. O grupo de sacerdotes inferiores ao redor da porta finalmente criou coragem para se aproximar dele, com a mesma disposição geral com que se aproxima de um leão rosnando. Ninguém se preocupa mais com a manifestação física de um deus do que seus sacerdotes. É como receber uma visita inesperada da auditoria.

Apenas Koomi ficou um pouco afastado dos outros. Ele estava pensando muito. Pensamentos estranhos e originais se amontoavam em caminhos neurais raramente visitados, seguindo em direções impensáveis. Queria ver aonde iam parar.

- Ó Dios - murmurou o sumo sacerdote de Ket, o Deus da Justiça com Cabeça de Íbis -, qual é a ordem do rei? Os deuses estão avançando pela terra, e estão brigando e quebrando casas, ó Dios. Onde está o rei? O que ele nos mandaria fazer?

- É - disse o sumo sacerdote de Scrab, o Propulsor da Bola do Sol. E sentiu que se esperava algo mais dele. - E em verdade - acrescentou - vossa santidade terá notado que o sol está balançando porque todos os Deuses do Sol estão brigando por ele, e... - ele arrastou os pés - a abençoada Scrab fez uma retirada estratégica e fez, er, um desembarque não planejado na cidade de Hort. Algumas construções suavizaram sua queda.

- Justamente - continuou o sumo sacerdote de Thrrp, o Cocheiro do Sol. - Pois, como todos sabem, o meu mestre é o verdadeiro deus do...

Suas palavras enfraqueceram.

Dios estava tremendo, seu corpo balançando lentamente para a frente e para trás. Seus olhos encaravam o vazio. Suas mãos apertavam a máscara com força suficiente para deixar impressões digitais no ouro, e seus lábios balbuciavam sem emitir sons as palavras do Ritual da Segunda Hora, que haviam sido proferidas naquele horário durante milhares de anos.

- Acho que foi o choque - disse um dos sacerdotes. - Ele sempre foi tão obstinado nos seus costumes.

Os outros se apressaram para mostrar que havia pelo menos uma coisa sobre a qual poderiam dar conselhos.

- Mande trazer um copo de água.

- Coloque um saco de papel na cabeça dele.

- Sacrifique uma galinha embaixo do nariz dele.

Eles ouviram um barulho de apito agudo, o estouro distante de uma explosão, e um longo silvo. Alguns anéis de vapor entraram no salão.

Os sacerdotes correram para a sacada, deixando Dios em seu trauma enervante, e viram que a multidão ao redor do palácio

estava olhando para o céu.

- Poderia parecer - disse o sumo sacerdote de Cephut, Deus da Cutelaria, que achava que poderia ter uma visão mais descontraída da situação imediata - que Thrrp deixou cair a bola e foi bloqueado de forma surpreendente por Jeht, o Barqueiro da Órbita Solar.

Eles ouviram um burburinho distante, como se alguns bilhões de varejeiras-azuis estivessem se retirando em pânico, e uma enorme sombra escura passou pelo local.

- Mas - disse o sumo sacerdote de Cephut -, aí vem Scrab de novo... sim, ele está engordando... Jeht ainda não o viu, ele segue confiante na direção do meridiano... e aí vem Sessifet, Deusa da Tarde! Isso é uma surpresa! Que surpresa! Uma jovem deusa, ainda para estabelecer a sua marca, quanta promessa ali, este é um lance surpreendente, eunucos e senhores, e... sim... Scrab ficou para trás! Ele ficou para trás!... -As sombras dançavam e giravam nas pedras da sacada. - ... e... o que é isso? Os deuses mais velhos estão, não existe outra palavra para isso, estão se unindo contra esses impetuosos recém-chegados! Mas a valente jovem Sessifet agüenta firme, ela está explorando a fraqueza... ela entrou... e está voltando agora, voltando, Gil e Scrab parecem estar brigando, ela tem um céu limpo e, sim, sim... sim!... é meio-dia! É meio-dia! É meio-dia! Silêncio. O sacerdote percebeu que todos estavam olhando para ele.

Então alguém disse:

- Por que você está gritando nesse rolo de papiro?

- Desculpa. Não sei o que me deu.

A sacerdotisa de Sarduk, Deusa das Cavernas, bufou para ele.

- E se um deles tivesse perdido? - soltou.

- Mas... mas... - engoliu seco. - Não é possível, é? Não mesmo? Nós todos devemos ter comido alguma coisa, ou ficado no sol por muito tempo, ou algo do gênero. Porque, quer dizer, todo mundo sabe que os deuses não são... quer dizer, o sol é uma grande bola de gás em chamas, não é, que gira em torno do mundo inteiro todos

os dias e, e, e os deuses... bem, você sabe, existe uma necessidade muito real nas pessoas de acreditar, e não me entenda mal aqui...

Koomi, mesmo com um zunido na cabeça cheia de pensamentos de traição, foi mais rápido no entendimento do que seus colegas.

- Peguem-no, rapazes! - gritou.

Quatro sacerdotes agarraram o pobre adorador da cutelaria pelos braços e pernas, correram com ele até o canto da sacada a toda velocidade e o atiraram por cima do parapeito para dentro das águas lamacentas do Djel.

Ele emergiu falando coisas incoerentes.

- Pra que vocês foram fazer isso? - perguntou. - Todos vocês sabem que eu estou certo. Nenhum de vocês realmente...

As águas do Djel abriram uma mandíbula preguiçosa, e ele desapareceu na mesma hora em que o enorme vulto em forma de asa de Scrab passou zumbindo de modo ameaçador acima do palácio e foi zunindo na direção das montanhas.

Koomi enxugou a testa.

- Essa foi por um triz - disse. Seus colegas concordaram, olhando para as ondulações que diminuía aos poucos. De repente, Djelibeybi não era lugar para a dúvida honesta. A dúvida honesta poderia fazer com que você fosse apanhado e seus braços e pernas, arrancados.

- Er - disse um deles. - Mas Cephut vai ficar muito aborrecido, não vai?

- Viva Cephut! - gritaram em coro. Por via das dúvidas.

- Não vejo por quê - rosnou um sacerdote mais velho, atrás do grupo. - Maldito artista da faca e do garfo.

Eles o agarraram, ainda protestando, e o atiraram no rio. -Viva...

- E pararam. - Era o sumo sacerdote de onde mesmo?

- Bunu, o Deus dos Bodes com Cabeça de Bode? Não era?

- Viva Bunu, provavelmente - gritaram em coro, enquanto os crocodilos sagrados retornavam feito submarinos.

Koomi ergueu as mãos, implorando. Dizem que o momento revela o homem. Ele era o tipo de homem que se revelava em momentos tortuosos e desagradáveis, e por baixo da sua careca certas conclusões começavam a se desdobrar, como as coisas que ficam aprisionadas por anos dentro das pedras. Não tinha certeza sobre quais seriam elas, mas estavam na maior parte relacionadas ao assunto de deuses, da nova era, da necessidade de uma mão firme no leme, e possivelmente a inserção de Dios entre os crocodilos mais próximos. O simples pensamento o encheu de um prazer proibido.

- Irmãos! - gritou.

- Com licença - interveio a sacerdotisa de Sarduk.

- E irmãs...

- Obrigada.

-... regozijemos! - Os sacerdotes reunidos ficaram em silêncio total. Essa era uma abordagem radical que até o momento não lhes havia ocorrido. E Koomi olhou para os rostos virados para cima e sentiu uma emoção que nunca havia sentido antes. Eles estavam terrivelmente assustados, e esperavam que ele... ele... lhes dissesse o que fazer. - Sim! E, realmente, em verdade, a hora dos deuses...

- ... e deusas...

- ... sim, e deusas chegou. Er. O que mais? Bom, quando chegasse a hora da verdade, ele ia dizer a eles o que fazer? Então ele pensou: "Não importa. Desde que eu pareça confiante o suficiente. O velho Dios sempre os conduziu, nunca tentou liderá-los. Sem ele, estariam vagando por aí feito ovelhas".

- E, irmãos, e irmãs, é claro, temos que nos perguntar, temos que nos perguntar, nós, er, sim. - Sua voz cresceu de novo, com uma nova segurança. - Sim, nós temos que perguntar a nós mesmos por que os deuses estão por perto. E, sem dúvida, isso está acontecendo porque não temos sido assíduos o suficiente em nosso culto, nós temos, er, cobiçado ídolos em forma de estátuas.

Os sacerdotes se entreolharam. Tinham cobiçado? Como é que se faz isso, na verdade?

- E, sim, e quanto aos sacrifícios? Houve um tempo em que os sacrifícios eram sacrifícios, não uma bagunça com galinhas e flores.

Isso provocou algumas tosses na platéia.

- Nós estamos falando sobre as criadas, por acaso? – perguntou um dos sacerdotes, sem muita certeza.

- ã-ran.

- E rapazes inexperientes também, certamente - emendou rapidamente. Sarduk, que era uma das deusas mais antigas, cujas adoradoras femininas aprontavam coisas nada boas nos bosques sagrados, lembrou-se de momentos em que andava por algum lugar, amaldiçoados até a raiz, e seus olhos se encheram de água.

O coração de Koomi se acelerou.

- Bem, por que não? As coisas eram melhores nessa época, não eram?

- Mas, er, eu pensei que tivéssemos parado com esse tipo de coisa. Diminuição da população e assim por adiante.

Ouviu-se um som monstruoso de água espirrando no rio. Tzut, o Deus com Cabeça de Cobra do Alto Djel, surgiu na superfície e passou a observar os sacerdotes reunidos de forma atenta e solene. Depois, Fhez, o Deus com Cabeça de Crocodilo do Baixo Djel, emergiu ao seu lado e fez uma tentativa corajosa de arrancar sua cabeça com uma mordida. Os dois afundaram numa coluna de pingos d'água e numa onda baixa que se derramou sobre a sacada.

- Ah, mas talvez a população tenha diminuído porque nós piramos de sacrificar virgens, de ambos os sexos, é claro – disse Koomi, com pressa. - Vocês já pensaram nas coisas sob esse ponto de vista?

Eles pensaram. E depois pensaram de novo.

- Eu acho que o rei não aprovaria... - opinou um dos sacerdotes, com cautela.

- O rei? - gritou Koomi. - Onde está o rei? Mostrem-me o rei! Perguntem a Dios onde está o rei!

Houve um estrondo perto de seus pés. Ele olhou para baixo horrorizado enquanto a máscara de ouro balançava no chão e rolava na direção dos sacerdotes. Eles se dispersaram correndo, feito pinos de boliche.

Dios caminhou até a luz do cobijado sol com o rosto vermelho de fúria.

- O rei está morto - disse.

Koomi se inclinava sob a pressão da raiva, mas se recuperou de forma magnífica.

- Então, o seu sucessor - começou.

- Não há sucessor - continuou Dios. Ele olhou para o céu.

Poucas pessoas conseguem olhar diretamente para o sol, mas, sob o veneno do olhar de Dios, o próprio sol deve ter se retraído e virado o rosto. Os olhos de Dios miraram ao longo daquele nariz espantoso como um telescópio duplo.

Para o ar em geral, ele disse:

-Vindo aqui como se fossem os donos do lugar. Como eles ousam?

O queixo de Koomi caiu. Ele começou a protestar, e um olhar de um kilowatt fez com que silenciasse.

Koomi buscou apoio entre a multidão de sacerdotes, que estavam ocupados examinando suas unhas ou olhando atentamente para um espaço não muito distante. A mensagem foi clara. Estava sozinho. No entanto, se por algum motivo vencesse a batalha das preferências, ficaria cercado de pessoas garantindo-lhe que estiveram do lado dele o tempo todo.

- De qualquer modo, eles são os donos do lugar.

- O quê?

- Eles, er, são os donos do lugar, Dios - repetiu Koomi. Ele fraquejou. - Eles são os deuses do Lugar-comum, Dios!

- Eles são os nossos deuses - corrigiu Dios, impaciente. – Nós não somos o povo deles. Eles são os meus deuses e aprenderão a fazer as coisas conforme as instruções!

Koomi desistiu do ataque direto. Não dava para encarar aquele olhar de safira, não dava para agüentar o nariz de machado e, mais do que tudo, não se podia esperar que nenhum homem quebrasse a superfície da aterrorizante retidão de caráter de Dios.

- Mas... - ele ainda conseguiu dizer.

Dios fez, com a mão trêmula, um gesto para que ficasse em silêncio.

- Eles não têm o direito! Eu não dei nenhuma ordem! Eles não têm o direito!

- Então o que você vai fazer?. - perguntou Koomi.

As mãos de Dios se abriram e se fecharam em espasmos. Ele se sentiu como um monarca se sentiria - um bom monarca, um monarca que tivesse recortado todas as imagens dos membros da realeza e as colocado num álbum, um monarca que não admitia ouvir nenhuma palavra sobre eles, eles fizeram um excelente trabalho e ninguém pode levantar a voz contra eles - como se de repente todos os membros da realeza aparecessem na sua sala de estar e comesçassem a mudar os móveis de lugar. Ele sentiu falta da necrópole e do silêncio frio entre seus velhos amigos, e de um sono rápido, depois do qual poderia pensar com muito mais clareza...

O coração de Koomi disparou. O desconforto de Dios era uma fenda que, com os devidos cuidado e atenção, poderia ser aberta ainda mais. Mas não dava para usar um martelo. Numa disputa cara a cara, Dios poderia vencer o mundo.

O velho homem estava tremendo novamente.

- Eu não suponho que tenha que dizer a eles como governar em Hereunder - disse. - Eles não devem supor que possam me dar instruções sobre como governar o meu reino.

Koomi deixou de lado seu argumento traiçoeiro para estudos posteriores e lhe deu um tapinha suave nas costas.

- Você está certo, é claro - disse. Os olhos de Dios giraram.

- Estou? - perguntou, desconfiado.

- Tenho certeza de que, como guia espiritual do rei, você encontrará um caminho. Você tem o nosso total apoio, ó Dios. - Koomi acenou para todos os sacerdotes, que concordaram em coro de todo o coração. Se não era possível contar com os reis e os deuses, era sempre possível contar com o velho Dios. Não havia um deles que não preferisse a fúria incerta dos deuses a uma repreensão de Dios. Ele os amedrontava de forma bastante humana e positiva, como nenhuma outra entidade sobrenatural jamais fizera. Dios acertaria as coisas.

- E nós não damos atenção a esses rumores loucos sobre o desaparecimento do rei. Eles são, sem dúvida, exageros precipitados, sem fundamento - continuou Koomi.

Os sacerdotes concordavam enquanto, na mente de cada um, um pequeno rumor começava a criar vida.

- Que rumores? - perguntou Dios com o canto da boca.

-Então, esclareça-nos, mestre, quanto ao caminho que devemos seguir agora - pediu Koomi.

Dios vacilou.

Ele não sabia o que fazer. Para ele, esta era uma experiência nova. Isso era uma Mudança.

Tudo que ele podia pensar, tudo que estava exercendo pressão em sua cabeça eram as palavras do Ritual da Terceira Hora, as quais havia pronunciado a esta hora havia... quanto tempo? E ele já devia ter ido descansar havia muito tempo, mas nunca era o momento certo, nunca aparecia ninguém capacitado, ficariam perdidos sem ele, o reino afundaria, estaria decepcionando a todos e, assim, atravessava o rio... jurava todas as vezes que seria a última, mas nunca era, não quando o desânimo tomava conta de seu corpo e as décadas se tornavam... mais longas. E agora, quando seu reino precisava dele, as palavras de um Ritual haviam ficado gravadas nos

caminhos de seu cérebro e confundiam todas as tentativas de pensamento.

- Er- ele disse.

Seu Desgraçado ruminava rápido. Teppic o havia amarrado perto demais de uma oliveira, que estava recebendo uma poda terminal. Às vezes o camelo parava, olhava um pouco para as gaivotas que circulavam por toda parte na cidade de Ephebe e as atingia com uma explosão curta e mortal de caroços de azeitona.

Estava estudando um conceito novo e interessante da física Thau-dimensional, que unificava o tempo, o espaço, o magnetismo, a gravidade e, por algum motivo, os brócolis. Ele fazia, de forma periódica, sons como o de pedreiras distantes, mas que apenas indicavam que todos os estômagos estavam funcionando perfeitamente.

Ptraci se sentou sob uma árvore, alimentando a tartaruga com folhas de parreira.

O calor rachava as paredes brancas da taverna, mas, pensou Teppic, "como era diferente do Reino Antigo. Lá, até o calor era velho. O ar era mofado e sem vida, comprimia como um vício, sentia-se que era feito de séculos de ebulição. Aqui, é impregnado pela brisa do mar. É infiltrado pelos cristais de sal. Carrega uma alusão interessante ao vinho - mais do que uma alusão, na verdade, porque Xeno já estava na sua segunda ânfora. Esse é o tipo de lugar em que as coisas arregaçam as mangas e começam".

- Mas eu ainda não entendi a questão da tartaruga - disse, com um pouco de dificuldade. Ele havia dado seu primeiro gole do vinho ephebiano, e ele parecia ter polido as paredes de sua garganta.

- E mui' simples - começou Xeno. - Olha, digamos que este caroço de azeitona é uma flecha e este, e este... - procurava algo, ansioso e incerto - ... e esta gaivota atordoada é a tartaruga, certo? Agora, quando você atira a flecha, ela vai daqui até a gaiv... a tartaruga, estou certo?

- Suponho que sim, mas...

- Mas, desta vez, a gaiv... a tartaruga se moveu um pouco, não se moveu? Estou certo?

- Suponho que sim - respondeu Teppic, sem ação. Xeno fez um olhar de triunfo.

- Então, a flecha tem que avançar um pouco mais, não tem? Para onde a tartaruga está agora. Enquanto isso, a tartaruga voo... andou, não muito, eu admito, mas não precisa ser muito. Estou certo? Então a flecha tem que ir um pouco mais longe, mas a questão é que, quando ela chegar aonde a tartaruga está agora, a tartaruga não está mais lá. Então, se a tartaruga continuar andando, a flecha nunca irá acertá-la. Ela vai estar sempre cada vez mais próxima, mas nunca vai acertá-la. CQD.

- Você está certo? - perguntou Teppic de modo automático.

- Não - interveio Ibid friamente. - Existe uma dúzia de espetos de tartarugas para provar que ele está errado. O problema do meu amigo é que não sabe a diferença entre um postulado e uma metáfora da existência humana. Ou um buraco no chão.

- Ela não acertou ontem - soltou Xeno.

- Sim, eu estava vendo. Você mal puxou a corda. Eu vi você - disse Ibid.

Eles começaram a discutir novamente.

Teppic olhou para sua caneca de vinho. "Esses homens são filósofos", pensou. Eles haviam dito isso a ele. Então, o cérebro deles deve ser tão grande que eles têm espaço para idéias nas quais ninguém mais se concentraria por mais de cinco segundos. Quando estavam indo para a taverna, Xeno havia explicado a ele, por exemplo, por que era logicamente impossível cair de uma árvore.

Teppic havia explicado o desaparecimento do reino, mas não havia revelado sua posição sobre o caso. Não tinha muita experiência nesses assuntos, mas tinha uma idéia muito clara de que reis que deixavam de ter um reino não tinham chances de agradar muito nos países vizinhos. Havia um ou dois assim em Ankh-Morpork, nobres destituídos que haviam fugido de seu reino quando

de repente se tornaram perigosos para o seio acolhedor de Ankh, carregando consigo apenas as roupas do corpo e algumas carroças de jóias. A cidade, é claro, recebia bem todos - independentemente da raça, cor, classe ou credo - que gastassem quantias incriveis de dinheiro. Porém, o enterro de monarcas excedentes era uma fonte de trabalho regular para o Grêmio dos Assassinos. Havia sempre alguém em sua terra natal que queria se certificar de que os monarcas depositos assim permanecessem. Geralmente era um caso de um herdeiro hoje, que deixava de sê-lo no outro dia.

- Eu acho que ele teve problemas de geometria - disse, esperançoso. - Ouvi dizer que vocês são bons em geometria por aqui - acrescentou. - Talvez vocês possam me dizer como voltar.

- Geometria não é o meu forte - reconheceu Ibid. - Como você deve saber.

- Perdão?

- Você não leu o meu Princípios do Governo Ideal?

- Infelizmente, não.

- Ou o meu Discurso sobre a Fatalidade Histórica?.

- Não.

Ibid pareceu abatido. -Oh.

- Ibid é uma autoridade reconhecida em tudo - explicou Xeno. - Exceto em geometria. E em decoração de interiores. E lógica elementar. - Ibid o olhou com raiva.

- E você, então? - perguntou Teppic.

Xeno secou a caneca.

- Eu estou mais envolvido com o teste autodestrutivo de axiomas. O cara que você procura é Pthagonal. Um homem muito engenhoso com os ângulos.

Ele foi interrompido pelo barulho de cascos. Vários cavaleiros passaram galopando pela taverna numa velocidade temerária e seguiram pelas sinuosas ruas de pedras da cidade. Pareciam muito excitados com alguma coisa.

Ibid tirou uma gaivota atordoada de sua taça de vinho e a colocou sobre a mesa. Ele parecia pensativo.

- Se o Reino Antigo realmente desapareceu...

- Desapareceu - confirmou Teppic com firmeza. - Não dá para se enganar com esse tipo de coisa.

- Então, isso significa que a nossa fronteira está concomitante com a de Tsort - concluiu Ibid, grave.

- Perdão?

- Não existe nada entre nós - explicou o filósofo. - Oh, minha nossa! Isso significa que seremos forçados a entrar em guerra.

- Por quê?

Ibid abriu a boca, parou, virou-se para Xenó.

- Por que isso significa que seremos forçados a entrar em guerra?

- Imperativo histórico - explicou Xenó.

- Ah, sim. Eu sabia que era alguma coisa do tipo. Receio que seja inevitável. É uma pena, mas é isso.

Houve uma barulheira quando outro grupo de cavaleiros dobrou a esquina, descendo a ladeira desta vez. Usavam o capacete de plumas da tropa de Ephebe e gritavam com entusiasmo.

Ibid se acomodou no banco e cruzou os braços.

- Esses devem ser os homens do Tirano - disse, enquanto a tropa galopava pelos portões da cidade em direção ao deserto. - Ele os está enviando para ver o que está havendo, pode contar com isso.

Teppic sabia sobre a inimizade entre Ephebe e Tsort, é claro. O Reino Antigo havia se beneficiado tremendamente dela, providenciando para que os mercadores dos dois lados tivessem um lugar seguro onde realizar o comércio um com o outro. Ele tamborilou com os dedos na mesa.

- Vocês não lutam uns com os outros há milhares de anos. Eram países minúsculos nessa época. Foi apenas uma briguinha. Agora vocês são imensos. As pessoas podem se machucar. Isso não os preocupa?

- E uma questão de orgulho - disse Ibid, mas sua voz tinha um toque de incerteza. - Eu acho que não há muita escolha.

- Foi aquela maldita vaca de madeira, ou algo do tipo - lembrouXeno. - Eles nunca nos perdoaram por isso.

- Se nós não os atacarmos, eles nos atacam primeiro - continuou Ibid.

- Isso mesmo - confirmou Xeno. - Então é melhor retaliarmos antes que eles tenham a chance de nos surpreender.

Os dois filósofos se entreolharam com desconforto.

- Por outro lado - ponderou Ibid -, a guerra dificulta o pensamento.

-Tem isso também - concordou Xeno. - Especialmente para as pessoas mortas.

Houve um silêncio embaraçoso, quebrado apenas pela voz de Ptraci cantando para a tartaruga e pelo eventual guincho das gaivotas feridas.

- Que dia é hoje? - perguntou Ibid.

- Terça - respondeu Teppic.

- Eu acho que pode ser uma boa idéia você vir para o simpósio. E toda terça. As maiores mentes de Ephebe estarão lá. Tudo isso requer uma reflexão.

Ele olhou para Ptraci.

- Porém - disse -, a sua jovem não poderá comparecer, naturalmente. Fêmeas são absolutamente proibidas. O cérebro delas fica superaquecido.

O Rei Teppicymon XXVII abriu os olhos. "Maldita escuridão", pensou.

E percebeu que podia ouvir o próprio coração batendo, mas abafado e, de alguma forma, mais distante.

E aí se lembrou.

Ele estava vivo. Ele estava vivo de novo. E, desta vez, estava em pedaços.

De algum modo, presumia que as pessoas eram colocadas em ordem novamente quando chegavam ao Mundo Inferior, como um dos kits de Grinjer.

"Recomponha-se, homem", pensou. "Depende de você juntar as suas forças. Certo. Havia pelo menos seis vasos. Então os meus olhos estão em um deles. Tirar a tampa seria excelente, para podermos ver com o que estamos mexendo. Isso vai envolver braços, pernas e dedos. Isso vai ser realmente complicado."

Ele se esticou, com as juntas enrijecidas, e localizou algo pesado. Parecia que a coisa ia sair do lugar, então ele posicionou o outro braço, muito desajeitado, e empurrou. Houve um baque distante, e uma sensação definitiva de que havia uma abertura acima dele. Ele se sentou, sem parar de ranger.

Os lados do caixão cerimonial ainda o cercavam, mas, para sua surpresa, descobriu que um movimento lento com o braço os tirava do caminho como se fossem de papel. "Deve ter sido toda a conserva e os enchimentos", pensou. "Aumentam um pouco o seu peso."

Ele foi tateando até a ponta da prancha, baixou as pernas pesadas ao chão e, após uma pausa pelo hábito de ficar um pouco ofegante, deu seu primeiro impulso titubeante de recém-zumbi.

É extremamente difícil andar com pernas de palha quando o cérebro que dá as coordenadas se encontra num jarro a três metros de distância, mas ele conseguiu chegar até a parede e seguiu tateando até ouvir um barulho de estilhaço, o qual indicava que ele havia alcançado a prateleira dos jarros. Ele apalpou, retirou a tampa do primeiro vaso e enfiou a mão com cautela.

"Devem ser cérebros", pensou, meio fora de si, "porque a semolina não é tão pastosa assim. Eu peguei os meus próprios pensamentos, ha,ha."

Ele investigou mais um ou dois vasos, até uma explosão de luz do dia lhe informar que havia encontrado os próprios olhos ali

dentro. Ele viu sua própria mão enfaixada entrar no vaso, ficar gigantesca e retirá-los cuidadosamente.

"Essas parecem ser as partes mais importantes", pensou. "O resto pode esperar para depois. Talvez até quando eu precisar comer e tudo mais."

Ele se virou e percebeu que não estava sozinho. Dil e Gern o observavam. Para se espremerem ainda mais no canto mais distante da sala, teriam que ter a coluna vertebral triangular.

- Ah. Olá, gente boa - disse o rei, consciente de que sua voz estava um pouco cavernosa. - Eu sei tanto sobre vocês, gostaria de apertar sua mão. - Ele olhou para baixo. - Só que elas estão muito cheias no momento - acrescentou.

- Gkkk - disse Gern.

- Vocês não poderiam fazer uma pequena remontagem, poderiam? - pediu o rei, virando-se para Dil. - Aliás, os seus pontos parecem estar segurando firme. Parabéns, homem.

O orgulho profissional atravessou a barreira de terror de Dil.

- Você está vivo?

- Era essa a idéia, não era? - perguntou o rei.

Dil concordou. Certamente era. Ele sempre acreditara que aquilo fosse verdade. Apenas nunca esperava que realmente acontecesse. Mas aconteceu, e as primeiras palavras, bem, quase as primeiras palavras que haviam sido ditas foram um elogio ao seu bordado. Seu peito inchou. Nenhuma outra pessoa do Grêmio havia sido parabenizada pelo próprio receptor.

- Preste atenção - disse a Gern, cujas omoplatas estavam fazendo uma tentativa determinada de escavar a parede até o outro

lado. - Ouça o que foi dito para o seu mestre.

O rei parou. Estava começando a ficar claro para ele que as coisas não estavam muito certas. Era óbvio que o Mundo Inferior era como este mundo, só que melhor, e não havia dúvida de que

havia muitos criados e coisas assim. Mas, de modo geral, estava muito parecido demais com este mundo. Ele tinha certeza de que Dil e Gern ainda não deveriam estar lá. De todo modo, sempre soubera que as pessoas comuns tinham seu próprio Mundo Inferior, onde poderiam ficar mais tranquilas e se juntar às outras de sua mesma espécie, sem se sentirem constrangidas ou deslocadas socialmente.

- Estão me ouvindo? Pode ser que eu tenha perdido algum detalhe por aqui. Vocês não estão mortos, estão?

Dil não respondeu de imediato. Algumas das coisas que havia visto até então, naquele mesmo dia, deixaram-no um pouco em dúvida sobre o assunto. No fim, porém, foi forçado a admitir que provavelmente estava vivo.

- Então, o que está acontecendo? - perguntou o rei.

- Nós não sabemos, ó rei - respondeu Dil. - Não mesmo. Tudo se tornou realidade, ó fonte das águas!

- Tudo o quê?

-Tudo!

-Tudo?

- O sol, ó senhor. E os deuses! Oh, os deuses! Eles estão por toda parte, ó mestre do céu!

- Nós entramos pelas portas dos fundos - explicou Gern, que estava de joelhos. - Perdoe-nos, ó senhor da justiça, que voltou para trazer sua sabedoria. Perdoe-me por mim e Glwenda, foi um momento de, como é que se diz, paixão louca, não conseguimos nos controlar. Também fui eu...

Dil acenou e obrigou-o a fazer um silêncio respeitoso.

- Com licença - disse à múmia do rei. - Poderíamos trocar uma palavra em particular? De homem para...

- Cadáver? - completou o rei, tentando facilitar as coisas. - Certamente.

Eles foram andando até o outro lado da sala.

- O fato é, ó gracioso rei de... - começou Dil, num sussurro conspiratório.

- Acho que podemos dispensar tudo isso - disse o rei rapidamente. - Os mortos não fazem cerimônia. "Rei" está ótimo.

- O fato é, então... rei - começou Dil, sentindo uma leve emoção com esse tratamento imparcial - que o jovem Gern pensa que é tudo culpa dele. Eu disse a ele várias vezes que os deuses não iriam se dar a todo esse trabalho apenas por causa de um garoto em desenvolvimento e seus anseios, se é que o senhor está me entendendo. - Ele fez uma pausa, e acrescentou com cuidado: - Eles não fariam, não é?

- Não pensariam nisso nem por um minuto. Caso contrário, não largariam do nosso pé.

- É o que eu disse a ele - confirmou Dil, com um alívio imenso. - Ele é um bom rapaz, senhor, acontece apenas que sua mãe é um pouco estranha em relação à religião. Eles não largariam do nosso pé, essas foram exatamente as minhas palavras. Eu ficaria muito grato se o senhor pudesse ter uma conversa com ele, senhor, sabe como é, para tranquilizá-lo...

- Seria um prazer - concordou o rei, com cortesia.

Dil se aproximou um pouco mais.

- O fato é, senhor, que esses deuses, senhor, têm algo de errado. Nós temos visto, senhor. Pelo menos, eu tenho. Eu subi no telhado. Gern não, ele se escondeu embaixo do banco. Tem algo de errado com eles, senhor!

- Qual é o problema deles?

- Bem, eles estão aqui, senhor! Isso não está certo, está? Quer dizer, estarem aqui de verdade. E estão apenas andando por aí, brigando entre eles e gritando com as pessoas. - Ele olhou para os lados antes de continuar. - Cá entre nós, senhor, eles não parecem muito inteligentes.

O rei concordou com a cabeça.

- O que os sacerdotes estão fazendo a respeito?

- Eu os vi jogando uns aos outros no rio, senhor. O rei concordou mais uma vez.

- Parece que está certo. Eles finalmente estão tomando juízo.

- Sabe o que eu acho, senhor? - perguntou Dil, com seriedade. - Tudo aquilo em que acreditamos está se tornando realidade. E eu também ouvi outra coisa, senhor. Hoje de manhã, se é que foi hoje de manhã, o senhor me entende, porque o sol está por toda parte, senhor, e não é o tipo certo de sol, mas hoje de manhã alguns dos soldados tentaram sair pela estrada de Ephebe, senhor, e sabe o que eles descobriram?

- O que eles descobriram?

- Que a estrada de saída, senhor, leva para dentro! - Dil deu um passo para trás, para ilustrar melhor a gravidade das revelações.

- Eles foram parar entre os rochedos e, de repente, estavam na estrada de Tsort. Tudo meio que se curva de volta para si mesmo. Nós estamos presos aqui, senhor. Presos aqui dentro com os nossos deuses.

"E eu estou preso no meu corpo", pensou o rei. "Tudo aquilo em que acreditamos é verdade? E aquilo em que acreditamos não é o que pensamos acreditar. Quero dizer, nós achamos que acreditamos que os deuses são sábios e justos e poderosos, mas o que realmente acreditamos é que eles são como o nosso pai depois de um dia longo. E nós achamos que acreditamos que o Mundo Inferior é uma espécie de paraíso, mas na verdade acreditamos que ele é aqui mesmo, e que vamos a ele no nosso corpo, e eu estou nele e nunca vou conseguir sair. Nunca, jamais."

- O que o meu filho tem a dizer sobre tudo isso?

Dil tossiu. Essa tosse é um presságio. Na língua espanhola, usa-se um ponto de interrogação de cabeça para baixo para dizer que o que você está prestes a escutar é uma pergunta. Esse era o tipo de tosse que dizia que o que você estava prestes a ouvir era um canto fúnebre.

- Não sei como lhe dizer isso, senhor.

- Fale, homem.

- Senhor, dizem que ele está morto, senhor. Dizem que ele se matou e fugiu.

- Se matou?

- Sinto muito, senhor.

- E fugiu depois?

- De camelo, dizem.

- Nossa família leva uma vida agitada após a morte, não? - observou o rei friamente.

- Perdão, senhor?

- Digo, as duas afirmações seriam mutuamente excludentes.

O rosto de Dil virou uma lacuna vazia, mas bem-intencionada.

- Ou seja, as duas não podem ser verdadeiras - preencheu o rei, para ajudar.

- ã-ran - disse Dil.

- Sim, mas eu sou um caso especial - explicou o rei, impaciente. - Neste reino acredita-se que você só vive após a morte se for uma múm...

Ele parou.

Era horrível demais para pensar. No entanto, pensou por algum tempo.

Depois ele disse:

- Temos que fazer alguma coisa a respeito.

Dil disse:

- A respeito do seu filho, senhor?

- Não se preocupe com o meu filho, ele não está morto, senão eu saberia - soltou o rei. - Ele sabe se cuidar, é o meu filho. Estou preocupado é com os meus ancestrais.

- Mas eles estão mortos... - começou Dil.

Já foi observado que Dil tinha uma imaginação muito precária. Para um trabalho como o dele, a falta de imaginação era essencial. Mas o olho de sua mente se abriu para um panorama de pirâmides estendendo-se ao longo do rio, e o ouvido de sua mente se curvava e atravessava portas tão sólidas que nenhum ladrão podia penetrar.

E ele ouviu algo arranhando.

E ele ouviu algo martelando.

E ouviu os gritos abafados.

O rei pôs um braço enfaixado sobre seu ombro trêmulo.

- Eu sei que você é bom com uma agulha na mão, Dil. Diga-me: como você é com uma marreta?

Copolymer, o maior contador de histórias do mundo, recostou-se na cadeira e sorriu para as maiores cabeças do mundo, reunidas em torno de uma mesa.

Teppic adicionara mais um pingo de conhecimento ao conjunto de seu saber. "Simpósio" significava um lanche com garfo e faca.

- Bem - disse Copolymer, e deu início à história das Guerras Tsortianas.

- Vejam, o que aconteceu foi que ele a havia levado para casa, e o pai dela, que não era o velho rei, mas o anterior a ele, o que tinha o treco, casou-se com uma garota de um lugar no caminho para Elharib. Ela era vesga, como era mesmo o nome dela, começava com P. ou L. Enfim, uma dessas letras. O pai dela tinha uma ilha lá na baía, Papylos, acho. Não, minto, era Crinix. Enfim, o rei, o outro rei, juntou um exército, e eles... Eleonor, esse era o nome dela. Ela era vesga, sabe. Mas muito atraente, dizem. Quando eu digo se casou imagino que não precise entrar em detalhes aqui. Quer dizer, não era muito oficial. Er. Enfim, tinha um cavalo de madeira, e depois que eles entraram no... Eu já falei sobre esse cavalo? Era um cavalo. Tenho certeza de que era um cavalo. Talvez fosse uma galinha. Só falta eu esquecer o meu próprio nome! Era uma idéia de um fulano, daquele que mancava. Sim. Quer dizer, ele era manco da perna. Eu já falei dele? Teve uma luta. Não, essa era outra, acho. Sim. Enfim, esse porco de madeira, uma esperteza danada, eles fizeram com uma coisa. Está na ponta da língua. Madeira. Mas isso foi depois, sabe. A luta! Quase ia me esquecendo da luta. Sim. Uma

luta boa demais. Todo mundo batendo nos escudos e gritando. A armadura do coiso brilhava feito uma armadura brilhante. Uma luta e tanto, essa luta. Entre o coisinho, não o que mancava, e o outro, fulano, que mancava. Vocês sabem. Aquele camarada, ele tinha a língua presa. Espera, acabei de lembrar, ele era de alguma outra ilha. Não ele. O outro, que mancava. Não queria ir, disse, estava bravo. E claro, ele estava com muita raiva, com certeza. Também! Uma vaca de madeira! Como disse o sujeito, o rei, não, não aquele rei, o outro, ele viu o bode, e disse "Eu temo os ephebianos, especialmente quando eles estão bravos o bastante para deixar um rebanho de madeira à sua porta, isso é que é ter cara de pau, devem pensar que a gente nasceu ontem, bota fogo nele". E, é claro, o sujeito tinha dado um cutucão perto das costas do bicho e passado a espada em todo mundo, isso é que é dar risada. Eu já disse que ele tinha a língua presa? Dizem que ele era lindo, mas tem gosto pra tudo. Sim. Enfim, foi assim que aconteceu. Agora, é claro, o sujeito, acho que o nome dele era Melycanus, ele mancava, queria ir pra casa, bem, quem não iria querer, eles estavam lá havia anos, ele já não era mais um garoto. Foi por isso que inventou aquela coisa toda do negócio de madeira. Sim. Mentira, Lavaelous era o do joelho. Muito boa essa luta, pode acreditar. Ele entrou num estado silencioso de satisfação consigo mesmo.

- Muito boa a luta - murmurou e, com um leve sorriso, caiu no sono.

Teppic percebeu que estava de boca aberta. Fechou. Ao redor da mesa, alguns comensais esfregavam os olhos.

- Mágica - disse Xeno. - Pura mágica. Cada palavra é um adorno no pavilhão do Tempo.

- É o jeito dele de se lembrar de cada detalhe. Que precisão - murmurou Ibid.

Teppic olhou para a extensão da mesa e depois cutucou Xeno.

- Quem é o pessoal?

- Bom, o Ibid você já conhece. E o Copolymer. Aquele ali é o Iesope, o maior contador de fábulas do mundo. E aquele é o Antiphon, o maior escritor de peças de comédia do mundo.

- Onde está Pthagonal?-perguntou Teppic. Xeno apontou para a cabeceira da mesa, onde um homem com uma expressão carrancuda bebia sem parar e tentava determinar o ângulo entre dois pedaços de pão.

- Eu apresento você a ele depois.

Teppic olhou para as cabeças carecas e longas barbas brancas ao redor, que pareciam ser um distintivo do cargo. A careca e a barba longa pareciam indicar que, o que quer que houvesse entre elas, deveria estar tinindo de sabedoria. A única exceção era Antiphon, que parecia ser feito de carne de porco.

"Eles são grandes mentes", disse a si mesmo. "Esses são os homens que estão tentando entender como o mundo se encaixa, não por meio da mágica, não por meio da religião, mas colocando o cérebro em qualquer fenda que encontrem e tentando abri-la com uma alavanca."

Ibid bateu na mesa pedindo silêncio.

- O Tirano declarou guerra contra Tsort - disse. - Agora, consideremos o lugar da guerra na república ideal. Seria necessário...

- Com licença, você poderia passar o aipo? - pediu Iesopo. - Obrigado.

- ... a república ideal, como eu estava dizendo, baseada nas leis fundamentais que governam...

- E o sal. Está do lado do seu cotovelo.

- ... nas leis fundamentais, ou seja, as que governam todos os homens. Agora, não há dúvida de que a guerra... Você pode parar com isso, por favor?

- É o aipo - explicou Iesopo, mastigando com cuidado. - Com aipo não dá para evitar.

Xeno olhou desconfiado para o que havia em seu garfo.

- Isso é lula - disse. - Eu não pedi lula. Quem pediu lula? -... sem dúvida - repetiu Ibid, erguendo a voz -, sem dúvida, isso nos coloca diante...

- Eu acho que isso é cuscuz de carneiro - disse Antiphon.

- A lula era sua?

- Eu pedi marida e dolmades.

- Eu pedi o carneiro. Passe para cá, por favor.

- Eu não me lembro de ninguém ter pedido todo esse pão de alho - continuou Xeno.

- Olha, alguns de nós estão tentando discutir um conceito filosófico aqui - disse Ibid, com sarcasmo. - Não queremos interrompê-los, não é?

Alguém atirou um pedaço de pão na cabeça dele.

Teppic olhou para o que havia em seu garfo. Os frutos do mar eram algo desconhecido no reino, e o que estava em seu garfo tinha pregas e ventosas demais para ser considerado seguro. Ele ergueu uma folha de parreira cozida com extremo cuidado e teve certeza de que viu alguma coisa correr para trás de uma azeitona.

"Ah. Mais uma coisa para se lembrar, então. Os ephebianos faziam vinho com qualquer coisa que conseguiram colocar em um balde e comiam qualquer coisa que não conseguisse sair dele."

Ele empurrou a comida para o canto do prato. Parte dela voltou para o lugar.

E os filósofos não ouviam uns aos outros. E não conseguiam se ater a um assunto. Isso provavelmente é a mocracia funcionando.

Um pedaço de pão passou por ele de repente. "Ah, e eles ficam muito empolgados."

Ele notou a presença de um homenzinho magro sentado à sua frente, mastigando de modo afetado algum tentáculo anônimo. Com a exceção de Pthagonal, o geômetra, que agora estava calculando com ar sombrio o raio do prato, era a única pessoa que não estava dizendo o que pensava com a voz no volume máximo. Às vezes,

fazia pequenas anotações num pedaço de papiro e colocava dentro da toga.

Teppic se inclinou para o outro lado da mesa. Do outro lado, Iesope, estimulado por eventuais caroços de azeitona e pedaços de pão, começou uma longa fábula sobre uma raposa, um peru, um ganso e um lobo, que tinham feito uma aposta para ver quem conseguiria ficar mais tempo debaixo d'água com uma pedra pesada presa aos pés.

- Com licença - disse Teppic, erguendo um pouco a voz acima da falação. - Quem é você?

O homenzinho olhou para ele com timidez. Tinha orelhas extremamente grandes. Sob uma luz específica, poderia ser confundido com um jarro bem fino.

- Eu sou Endos - disse.

- Por que você não está filosofando?

Endos fatiou um estranho molusco.

- Na verdade, eu não sou filósofo.

- Ou escrevendo uma peça de teatro humorística, ou algo do gênero?

- Infelizmente não. Eu sou um Ouvinte. Endos, o Ouvinte, como sou conhecido.

- Fascinante - disse Teppic, automaticamente. - E isso implica fazer o quê?

- Ouvir.

- Só ouvir?

- É para isso que eles me pagam - explicou Endos. - Às vezes eu balanço a cabeça. Ou sorrio. Ou balanço a cabeça e sorrio ao mesmo tempo. Para incentivar, sabe. Eles gostam disso.

Teppic sentiu que precisava fazer um comentário nesse momento.

- Nossa - disse.

Endos balançou a cabeça de modo encorajador e sorriu, sugerindo que, de todas as coisas que poderia estar fazendo no mundo, naquele minuto, não havia nada tão interessante e importante quanto ouvir Teppic falar. Tinha algo a ver com suas orelhas. Pareciam um vasto buraco negro auricular implorando para ser preenchido com palavras.

Teppic sentiu uma necessidade irresistível de contar a ele tudo sobre sua vida, esperanças e sonhos...

- Aposto - disse - que eles lhe pagam uma quantidade incrível de dinheiro.

Endos abriu um sorriso estimulante.

- Você ouviu Copolymer contar a história dele muitas vezes?

Endos balançou a cabeça e sorriu, embora houvesse um leve sinal de dor no fundo de seus olhos.

- Eu imagino que suas orelhas desenvolvem superfícies ásperas protetoras com o tempo.

Endos balançou a cabeça.

- Continue, continue - insistiu.

Teppic olhou para Pthagonal, que estava desenhando, de mau humor, ângulos retos em sua pasta de taramasalata.

- Eu adoraria ficar e ouvir você me ouvindo o dia inteiro. Mas tem um homem ali com quem eu gostaria de falar.

- Que maravilha - disse Endos, fazendo uma anotação rápida e voltando a atenção para uma conversa do outro lado da mesa.

Um filósofo havia afirmado que, embora a verdade fosse a beleza, a beleza não era necessariamente a verdade, e uma briga havia começado. Endos ouviu com atenção.^[25]

Teppic foi andando ao lado da mesa até onde Pthagonal estava sentado, numa tristeza sem remédio, e no momento examinando com desconfiança um pires.

Teppic olhou por cima do ombro dele.

- Acho que eu vi algo se mexendo aí - disse.

- Ah - exclamou o geômetra, tirando a rolha de uma ânfora com o dente. - O jovem misterioso de preto vindo do reino perdido .

- Eu tinha esperanças de que o senhor poderia me ajudar a encontrá-lo. Ouvi dizer que o senhor possui idéias bastante incomuns em Ephebe.

- Tinha que acontecer - disse Pthagonal. Ele puxou um compasso de pontas fixas de dentro das dobras de seu manto e mediu o pires com uma expressão pensativa. - Você acha que é uma constante? Esse é um conceito deprimente.

- Perdão?

- O comprimento da circunferência é dividido pelo diâmetro, sabe. Deveriam ser três vezes. Você acha que sim, não é? Mas não. Três vírgula um, quatro, um e mais um monte de algarismos. E a coisa não tem fim. Você sabe o quanto isso me deixa louco?

- Imagino que o deixe extremamente louco - disse Teppic, educadamente.

- Certo. Isso me diz que o Criador usou o tipo de círculo errado. Não é nem um número próprio! Quer dizer, três e meio ainda vai, dá para respeitar. Ou três vírgula três. Isso pareceria certo - ele não tirava o olhar melancólico de cima da torta.

- Desculpe-me, o senhor disse algo como "isso tinha que acontecer"?

- O quê? - perguntou Pthagonal, das profundezas de sua tristeza.

- Pi-res! - acrescentou.

- O que tinha que acontecer? - Teppic emendou.

- Você não pode brincar com a geometria, meu amigo. Pirâmides? Coisas perigosas. É procurar confusão. Quer dizer - Pthagonal estendeu o braço não muito firme para pegar a taça de vinho -, por quanto tempo achavam que iam continuar construindo pirâmides cada vez maiores? Quer dizer, de onde acham que vem a energia? Quer dizer - ele soluçou -, você já esteve nesse lugar, não esteve? Já notou como tudo parece lento por lá?

- Ah, sim - disse Teppic, sem entender muito.

- Isso é porque o tempo é sugado, entende? Pirâmides. Eles têm que acendê-la. Luz trêmula, é como chamam. Açam que é coisa linda! E o tempo deles que eles estão queimando!

- Tudo que sei é que o ar parece que foi fervido numa meia. E nada muda de verdade, mesmo quando não permanece do mesmo jeito.

- Certo - confirmou Pthagonal. - A razão é que o tempo é passado. Elas gastam todo o tempo passado, várias e várias vezes.

As pirâmides pegam todo o tempo novo para si. E, se você não deixar as pirâmides soltarem sua chama, a energia acumulada irá... - ele parou. - Eu suponho - continuou - que ela escaparia ao longo de um negócio, uma fenda. No espaço.

- Eu estava lá antes de o reino ter, er, ido embora - contou Teppic. - Pensei ter visto uma grande pirâmide se mover.

- Aí está, então. Ela provavelmente moveu as dimensões ao seu redor em noventa graus - explicou Pthagonal, com a segurança dos bêbados de fato.

- Você quer dizer que o comprimento é a altura e a altura é a largura?

Pthagonal balançou um dedo oscilante.

- Não, não, não. De modo que o comprimento é a altura e a altura é a extensão e a extensão é a largura e a largura é... - arrotou - o tempo. E outra dimensão, percebe? Quatro desgraçadas. O tempo é uma delas. Noventa negócios em relação às outras três. Graus, quero dizer. Só que, só que isso não pode existir neste mundo dessa forma, então o lugar teve que estourar para fora um pouco, entende? Caso contrário, você teria pessoas envelhecendo ao andar de lado. - Ele olhou com tristeza para o fundo de sua caneca. - E a cada aniversário você envelheceria um quilômetro - acrescentou. Teppic olhou para ele consternado.

- Assim é o tempo e o espaço para vocês - continuou Pthagonal. - Você pode acabar mudando tudo de lugar se não tomar cuidado. Três vírgula quatorze. Que tipo de número é esse?

- Parece horrível.

- Certo, droga! Em algum lugar - Pthagonal começava a se inclinar para o lado -, em algum lugar alguém construiu um universo com um valor belo e respeitável de, de - ele olhava confuso para a mesa -, de um pir's. Não um maldito número que nunca chega ao fim, que espécie de...

- Eu quis dizer que é horrível as pessoas envelhecerem somente por andarem!

- Mas eu num sei. Você pode ir dar uma volta até onde tinha dezoito anos. Ou dar um passeio para ver como ficará quando tiver setenta. Mas viajar na largura é que seria o verdadeiro truque.

Pthagonal deu um sorriso vago e depois, bem devagar, desmaiou em cima do jantar, pelo menos da parte que não conseguiu sair da frente.^[26]

- Isso não vai dar certo - disse Ibid. - O Tirano não irá nos ouvir. Nem o povo. De qualquer modo... - ele olhou para Antiphon -, nós não estamos todos de acordo nesse assunto.

- Os malditos tsortianos estão precisando aprender uma lição - disse Antiphon, severo. - Não existe espaço para duas potências importantes neste continente. Eles também não têm espírito esportivo, os desgraçados; só porque nós roubamos a rainha deles.

O bom humor da juventude, o amor vencerá...

Copolymer acordou.

-Vocês entenderam errado - disse, com voz suave. -A grande guerra, isso foi porque eles roubaram a nossa rainha. Qual era mesmo o nome dela, teve o atrevimento de lançar mil camelos, começava com A ou T ou...

- Foram eles que roubaram? - gritou Antiphon. - Desgraçados!

- Tenho quase certeza - disse Copolymer.

Teppic se inclinou e se virou para Endos, o Ouvinte. Ele ainda estava jantando, com o ar de alguém que está determinado a

preservar a digestão.

- Endos?

O Ouvinte colocou a faca e o garfo cuidadosamente um de cada lado do prato. -Sim?

- Eles são loucos mesmos, não são? - perguntou Teppic, cansado.

- Isso é extremamente interessante - disse Endos. - Continue, por favor. Ele enfiou a mão timidamente dentro da toga e tirou um pedaço de pergaminho, o qual empurrou com delicadeza para Teppic.

- O que é isso?

- Minha conta. Cinco minutos de Escuta Atenciosa. A maioria dos senhores possui uma conta mensal, mas eu soube que você partirá amanhã de manhã, sim?

Teppic se desesperou. Ele foi se afastando da mesa e entrou no jardim frio que cercava a fortaleza de Ephebe. Estátuas brancas de mármore de ephebianos antigos fazendo coisas heróicas sem roupas se projetavam entre as folhagens e aqui e ali havia estátuas de deuses ephebianos. Era difícil diferenciar uns dos outros. Teppic sabia que Dios dizia coisas duras sobre os ephebianos pelo fato de terem deuses que tinham a mesma aparência das pessoas. "Se os deuses se parecessem com pessoas quaisquer", costumava dizer, "como as pessoas saberiam como tratá-los?"

Teppic havia gostado bastante da idéia. Segundo a lenda, os deuses dos ephebianos eram exatamente como os humanos, exceto pelo fato de usarem sua divindade para fazer coisas que os humanos não tinham coragem de fazer. O truque favorito dos deuses ephebianos, ele se lembrava, era se transformar em algum animal para obter favores das mulheres ephebianas bem posicionadas. E um deles havia supostamente se transformado num chuveiro de ouro em busca de sua futura mulher. Tudo isso levantava questões interessantes sobre a vida noturna na sofisticada Ephebe.

Ele encontrou Ptraci sentada na grama sob um álamo, dando comida para a tartaruga. Olhou para o animal com desconfiança, no

caso de ser um deus experimentando com a sua aparência. Não parecia um deus. Se fosse um deus, estaria fingindo incrivelmente bem.

Ptraci estava dando uma folha de alface para ela.

- Minha querida ptartaruginha - disse, e depois olhou para cima.

- Oh, é você - disse, inexpressiva.

-Você não perdeu muita coisa- lamentou Teppic, caindo na grama. - Eles são um bando de malucos. Quando eu saí, estavam estraçalhando os pratos.

- Isso é uma ptradição ao final de uma refeição ephebiana - explicou Ptraci.

Teppic parou para pensar.

- Por que não antes?

- E depois eles provavelmente dançam ao som do bourzuki - acrescentou Ptraci. - Acho que é um tipo de cachorro.

Teppic se sentou com a cabeça entre as mãos.

- Devo dizer que você fala ephebiano muito bem.

- Grapta.

- Mas ainda tem um pouco de sotaque.

- Os idiomas fazem parte do treinamento. E a minha avó me disse que um ptração de sotaque estrangeiro é mais fascinante.

- Nós aprendemos a mesma coisa - disse Teppic. - Um assassino deve ser sempre um pouco estrangeiro, não importa onde esteja. Eu sou bom nisso - acrescentou com um tom amargo.

Ela começou a massagear o pescoço dele.

- Eu fui até o porto - disse. -Tem aquelas coisas que parecem umas balsas grandes, sabe, camelos do mar...

- Navios - disse Teppic.

- E eles vão para todos os lugares. Nós poderíamos ir a qualquer lugar que quiséssemos. O mundo é o nosso ptesouro de pérolas, se quisermos.

Teppic contou a ela sobre a teoria de Pthagonal. Ela não pareceu surpresa.

- Como um velho lago no qual não entra nenhuma água nova - observou. - Então todas as pessoas dão voltas e mais voltas no mesmo velho lago. Deve ser como a água usada no banho de outras pessoas.

- Eu vou voltar.

Os dedos dela interromperam a habilidosa massagem nos músculos de Teppic.

- Nós poderíamos ir a qualquer lugar - repetiu. - Nós temos profissão. Poderíamos vender aquele camelo. Você poderia me levar para conhecer essa ptal de Ankh-Morpork. Seria interessante.

Teppic se perguntava sobre o efeito que Ankh-Morpork teria sobre a garota. Depois pensou nos efeitos que ela teria sobre a idade. Estava definitivamente... desabrochando. Lá no Reino Antigo, aparentemente não havia tido nenhuma idéia original exceto a escolha da próxima uva a ser descascada, mas, desde que saíra de lá, parecia ter mudado. Seu queixo não havia mudado. Ainda era bem pequeno e, tinha que admitir, muito bonito. Mas estava de alguma forma mais perceptível. Ela costumava olhar para o chão quando falava com ele. Ainda não olhava para ele o tempo todo enquanto falava, mas agora era porque estava pensando em outra coisa.

Ele percebeu que estava constantemente querendo dizer, com educação, sem enfatizar de forma alguma, apenas como um lembrete muito de leve, que ele era rei. Mas tinha a impressão de que ela diria que não ouviu e pediria para ele repetir, por favor, e, se ela estivesse olhando para ele, nunca seria capaz de dizer aquilo duas vezes.

- Você poderia ir - ele disse. - Você se daria bem. Eu poderia lhe dar alguns nomes e endereços.

- E o que você faria?

- Eu morro de medo de pensar no que está acontecendo lá na minha terra - disse Teppic. - Eu deveria fazer alguma coisa.

- Você não pode. Por que tentar? Mesmo se não quisesse ser um assassino, há muitas coisas que você poderia fazer. E você disse que o homem disse que não dá mais para entrar lá. Eu odeio pirâmides.

- Com certeza deve haver pessoas lá com quem você se importa. P

- Se elas estiverem mortas, não há nada que eu possa fazer a respeito. E, se estiverem vivas, não há nada que eu possa fazer a respeito. Então, não farei.

Teppic ficou olhando para ela numa espécie de admiração horrorizada. Era um belo resumo de como estavam as coisas. Ele simplesmente não conseguia passar a pensar daquele jeito. Seu corpo havia estado longe havia sete anos, mas o seu sangue havia estado no reino por mil vezes mais tempo. Certamente tinha sentido vontade de deixá-lo para trás, mas essa era a questão. O reino ainda estaria lá. Mesmo se o tivesse evitado pelo resto de sua vida, o lugar ainda seria uma espécie de âncora.

- Eu me sinto tão triste com isso - repetiu. - Desculpe-me. Isso é tudo que eu preciso. Até mesmo voltar por cinco minutos apenas para dizer, bem, que eu não voltarei. Deve ser tudo culpa minha.

- Mas não existe caminho de volta! Você ficará sem fazer nada e triste, como aqueles reis depostos dos quais você falou. Virará um mendigo de alta classe. Você mesmo disse que não existe nada mais inútil do que um rei sem um reino. Pense a respeito.

Eles andaram pelas ruas da cidade ao pôr-do-sol, em direção ao porto. Todas as ruas da cidade davam no porto.

Alguém estava colocando uma tocha no farol, que era mais uma das Mais de Sete Maravilhas do Mundo e havia sido construído a partir de um projeto de Pthagonal, que usava a Regra de Ouro e os Cinco Princípios Estéticos. Infelizmente, havia sido construído no lugar errado, porque colocá-lo no lugar certo teria comprometido o visual do porto, mas os marinheiros em geral concordaram que o

farol era bonito e era algo para ficarem olhando enquanto esperavam para serem rebocados das rochas.

A parte do porto que ficava abaixo dele estava apinhada de navios. Teppic e Ptraci foram escolhendo onde pisar, entre engradados e trouxas, até chegarem ao longo muro de guarda curvado, porto calmo de um lado, agitado com as ondas do outro. Acima deles, o farol iluminava e faíscava.

Aqueles barcos estariam indo a lugares dos quais ele havia apenas ouvido falar, sabia disso. Os ephebianos eram grandes comerciantes. Ele poderia voltar para Ankh e pegar seu diploma, e então o mundo seria realmente o molusco de sua escolha, e tinha uma variedade de facas para abri-lo.

Ptraci pôs sua mão sobre a dele.

E não haveria nada dessa história de se casar com parentes. Os meses em Djelibeybi já pareciam um sonho, um desses sonhos circulares dos quais você nunca parece conseguir se livrar e que faz a insônia parecer uma idéia interessante. Por outro lado, aqui estava o futuro, desenrolando-se diante dele como um tapete.

O que um sujeito precisava num momento como esse era de um sinal, uma espécie de livro de instruções. O problema da vida era que não se tinha a chance de praticar antes de fazer para valer. Você apenas...

- Minha nossa! E o Teppic, não é?

A voz estava se dirigindo a ele na altura do tornozelo. Uma cabeça apareceu acima da pedra do quebra-mar, seguida rapidamente pelo corpo. Um corpo extremamente bem vestido, no qual não havia sido feita nenhuma economia em termos de pedras preciosas, peles, sedas e rendas, desde que todas elas, cada uma delas, fosse preta.

Era Chidder.

- O que ele está fazendo agora? - perguntou Ptaclusp.

Seu filho inclinava a cabeça para os lados, devagar, acima das ruínas de um pilar, e observava Mat, o Deus com Cabeça de Abutre,

- Está farejando algo. Acho que gosta da estátua. Honestamente, pai, por que você tem que comprar uma coisa dessas?

- Ela fazia parte do lote de mercadorias com desconto - explicou Ptaclusp. - De qualquer modo, achei que ela agradaria.

- A quem?

- Bom, ele está gostando.

Ptaclusp IIb arriscou mais um ângulo de observação da monstruosidade desajeitada que ainda pulava entre as ruínas.

- Diga que pode ficar com ela, se ele for embora - sugeriu. - Diga que pode ficar com ela, mas haverá um custo.

Ptaclusp estremeceu.

- Haverá um desconto. Uma taxa de abatimento especial para os nossos clientes sobrenaturais.

Ele olhou para o céu. Do esconderijo deles, nas ruínas do campo de construção, com a Grande Pirâmide ainda zumbindo feito uma central elétrica atrás deles, haviam tido uma visão excelente da chegada dos deuses. A princípio, os vira com certo grau de serenidade. Os deuses seriam bons clientes, sempre quiseram templos e estátuas. Poderia negociar diretamente, eliminando o intermediário.

E aí lhe ocorreu que um deus, quando ficasse insatisfeito com o produto, como poderia ficar - talvez o reboco não estivesse exatamente da forma especificada, ou talvez um canto do templo estivesse um pouco baixo por conta de areias movediças inesperadas -, um deus não iria simplesmente pedir em voz alta para falar com o gerente. Não, um deus saberia exatamente onde você estava e iria direto ao ponto. Além disso, sabia-se que os deuses eram maus pagadores. Assim como os humanos, é claro, mas estes não esperavam você morrer para acertar as contas.

Seu olhar se voltou para o outro filho, uma silhueta pintada apoiada na estátua. Sua boca era um O de espanto congelado, e Ptaclusp tomou uma decisão.

- Já estou cheio de pirâmides. Lembre-me, rapaz. Se nós chegarmos a sair dessa, chega de pirâmides. Nós temos que fazer as coisas do nosso jeito. Acredito que seja hora de diversificar os negócios.

- Isso é o que eu venho lhe falando há séculos, pai! Eu disse, uns poucos aquedutos novos farão um tremendo...

- Sim, sim, eu me lembro. Sim. Aquedutos. Todos aqueles arcos e coisas do tipo. Ótimo. O que eu não consigo me lembrar é onde você disse que se coloca o caixão.

- Pai!

- Não se preocupe comigo, rapaz. Acho que estou ficando louco.

Não é possível que eu tenha visto uma múmia e dois homens ali, carregando marretas...

Realmente era Chidder.

E ele tinha um barco.

Teppic sabia que mais adiante na costa, o Serif de Al-Khali morava no fabuloso palácio do Rhoxie, que diziam ter sido construído em uma noite por um gênio e ficou famoso em mitos e lendas pelo seu esplendor.^[27] O Sem Nome era o Rhoxie afluyente, mas muito mais. Seu criador tinha complexo de ouro, e havia tentado todos os truques com tinta dourada, pilares retorcidos e cortinas caras para fazê-lo parecer menos um navio e mais um quarto de mulher que tivesse colidido com um tipo de teatro altamente suspeito.

Na verdade, era preciso um olhar de assassino sobre detalhes escondidos para notar o modo inocente com que a decoração espalhafatosa escondia o casco lustroso e o fato de que, mesmo quando se somava o espaço da cabine e do porão de carga, ainda parecia haver muito espaço não explicado. A água ao redor daquilo que Ptraci chamou de parte pontuda ficava ondulada de forma estranha, mas seria totalmente ridículo suspeitar que um navio de carga tão óbvio teria um ferrão escondido embaixo d'água, ou que um mero trabalho de cinco minutos com um machado transformaria

essa Fortaleza flutuante em algo que poderia escapar de quase qualquer outra coisa flutuante e que faria os poucos que conseguissem alcançá-lo lamentarem profundamente.

- Impressionante - disse Teppic.

- E só a aparência, na verdade.

- Sim. Estou vendo.

- Nós somos pobres comerciantes.

Teppic concordou.

- Geralmente se diz: comerciantes pobres, porém honestos.

Chidder deu um sorriso de comerciante.

- Bom, acho que vamos ficar apenas com "pobres" no momento. Mas como vai você? Da última vez que nos vimos, você estava indo ser o rei de um lugar que ninguém nunca havia ouvido falar. E quem é essa jovem adorável?.

- O nome dei... - começou Teppic.

- Ptraci - disse Ptraci.

- Ela é uma cri... - começou Teppic.

- Ele deve ser uma princesa real - interrompeu Chidder, com voz suave. - E para mim seria um grande prazer se ela, na verdade se ambos jantassem comigo hoje. Refeição humilde de marinheiros, eu sinto muito, mas nós vamos levando, nós vamos levando.

- Não é ephebiana, é?

- Biscoitos de marinheiros, carne salgada, esse tipo de coisa - disse Chidder, sem tirar os olhos de Ptraci. Onde estavam desde que ela subira a bordo. Então ele riu. Era a velha risada conhecida de Chidder, não exatamente sem humor, mas claramente sob total controle dos centros cerebrais superiores do dono. - Que coincidência incrível. E nós íamos partir ao amanhecer também. Posso oferecer-lhes uma troca de roupa? Vocês dois parecem um tanto, er, manchados da viagem.

- Roupas grosseiras de marinheiros, eu imagino - disse Teppic.

- Como convém a um humilde mercador, corrija-me se eu estiver errado.

Na verdade, Teppic foi levado a um pequeno camarote mobiliado de forma tão requintada e cuidadosa quanto um ovo decorado com jóias, no qual havia, sobre a cama, uma variedade de roupas que poderiam ser encontradas em todos os lugares do Mar Círculo. E verdade que todas pareciam ser de segunda mão, mas lavadas e passadas com capricho e remendadas de tal forma que mal se podiam notar os cortes de espada. Ele olhou com atenção para os ganchos na parede e o leve remendo na madeira, que indicava que várias coisas estiveram um dia penduradas ali e foram removidas com pressa.

Ele saiu para o estreito corredor e encontrou Ptraci. Ela havia escolhido um vestido de corte vermelho como os que tinham estado na moda em Ankh-Morpork havia dez anos, com mangas bufantes, vastos suportes escondidos e babados do tamanho de pedras de moinho.

Teppic aprendeu algo novo: as mulheres atraentes, vestidas com algumas tiras de gaze e alguns metros de seda, podiam parecer muito mais desejáveis quando totalmente vestidas, do pescoço ao tornozelo. Ela deu um giro experimental.

- Tem um monte de coisas desse tipo lá dentro - disse. - É assim que as mulheres se vestem em Ankh-Morpork? É como usar uma casa. Você quase não sua com isso.

- Olha, sobre o Chidder - começou Teppic, com pressa. - Bem, ele é um bom rapaz e tudo mais, mas...

- Ele é muito gentil, não é?

- Bem. Sim. Ele é - Teppic admitiu, desanimado. - Ele é um velho amigo.

- Que legal.

Um dos tripulantes se materializou no final do corredor e fez uma reverência para que entrassem no camarote cerimonial. Seu ar de velho servente era prejudicado apenas pelas marcas cruzadas de

cicatrizes na cabeça e algumas tatuagens que faziam as ilustrações de O Palácio Fechado parecerem figuras de um manual do tipo "faça você mesmo" para a montagem de prateleiras. As coisas que conseguia que elas fizessem quando flexionava os bíceps deixariam tavernas do porto inteiras fascinadas durante horas, e ele não percebia que o pior momento de toda a sua vida estava a alguns minutos de ocorrer.

- Tudo isso é muito agradável - disse Chidder, servindo-se de vinho. Ele acenou com a cabeça para o homem tatuado. - Pode servir a sopa, Alfonz - acrescentou.

- Olha, Chiddy, você não é um pirata, é? - perguntou Teppic, desesperado.

- É isso que está preocupando você? - Chidder deu seu sorriso preguiçoso.

Não era só aquilo que estava preocupando Teppic, mas o páreo estava duro. Ele fez que sim com a cabeça.

- Não, não somos. Nós só preferimos, er, evitar a burocracia sempre que possível. Entende? Não queremos que as pessoas se preocupem em ter que saber tudo que fazemos.

- Só que tem todas essas roupas...

- Ah. Nós somos muitos atacados por piratas. Por isso o meu pai mandou construir o Sem Nome. Eles sempre se assustam. E a coisa toda é moralmente confiável. Nós pegamos o navio deles, os saques e quaisquer prisioneiros que são resgatados e lhes damos uma carona para casa a preços competitivos.

- O que você faz com os piratas?

Chidder olhou para Alfonz.

- Isso depende de futuras possibilidades de emprego. Meu pai sempre diz que devemos oferecer ajuda a um homem que esteja sem sorte. Sob certas condições. Como estão os negócios do reino?

Teppic contou a ele. Chidder ouviu com atenção, dando grandes goles de vinho.

- Então, é isso - disse, por fim. - Nós ouvimos dizer que haveria uma guerra. É por isso que estamos partindo esta noite.

- Eu não culpo você.

- Não, eu quero dizer, para organizar o comércio. Com os dois lados, naturalmente, porque nós somos estritamente imparciais. As armas produzidas neste continente são realmente repugnantes. Perigosas demais. Você deveria vir conosco também.

Você é uma pessoa de grande valor.

- Nunca me senti com menos valor do que neste exato momento - disse Teppic, desanimado.

Chidder olhou para ele, perplexo.

- Mas você é um rei!

- Bom, sim, mas...

- De um país que tecnicamente ainda existe, mas que na verdade não é atingível por homens mortais?

- Infelizmente, sim.

- E você pode criar leis para, bem, moeda e impostos, sim?

- Imagino que sim, mas...

- E você acha que não tem valor? Minha nossa, Tep, nossos contadores provavelmente têm que pensar em cinquenta maneiras diferentes de... bom, fico com as mãos suadas só de pensar nisso. Meu pai provavelmente vai pedir para mudarmos o escritório central para lá, para começar.

- Chidder, eu expliquei. Você sabe. Ninguém consegue entrar.

- Isso não importa.

- Não importa?

- Não, porque o nosso escritório principal será em Ankh e pagaremos os impostos no lugar que quisermos. Tudo que precisamos é de um endereço oficial, não sei, a avenida das Pirâmides, ou algo assim. Aceite a minha dica e não desista de nada até o meu pai lhe dar um cargo na diretoria. Você é nobre mesmo, isso sempre impressiona...

Chidder continuou falando. Teppic sentiu as roupas esquentarem.

"Então era isso. Você perdia o seu reino, e aí ele valia muito porque era um paraíso fiscal, você ganhava um cargo na diretoria, o que quer que fosse isso, e com isso estaria tudo certo."

Ptraci neutralizou a situação agarrando o braço de Alfonz quando ele servia o faisão.

- O Congresso do Cão Afetuoso e dos Dois Biscoitinhos! – ela exclamou, examinando a complexa tatuagem. - É difícil ver isso hoje em dia. Não está bem feita? Dá até para distinguir o iogurte.

Alfonz congelou, e depois corou. Ver o rubor se espalhar pela grande cabeça cheia de cicatrizes era como ver o sol nascer sobre uma cadeia de montanhas.

- Qual é a do outro braço?

Alfonz, que dava a impressão de que seus outros empregos incluíam ser um bate-estaca, murmurou algo e, muito timidamente, mostrou o antebraço para ela.

- Na verdade não é apropriado para senhoras - sussurrou.

Ptraci empurrou o pêlo espesso como uma exploradora ávida enquanto Chidder olhava para ela boquiaberto.

- Oh, eu conheço essa - disse, com indiferença. - Está em 130 Dias de Pseudópolis. É fisicamente impossível. - Ela soltou o braço do homem e retomou sua refeição. Após um momento, olhou para Teppic e Chidder.

- Não liguem para mim - ela disse, alegre. - Continuem, por favor.

- Alfonz, por favor, vá colocar uma camisa adequada - pediu Chidder, com a voz rouca.

Alfonz se afastou, olhando fixamente para o braço.

- Er. O que eu estava, er, dizendo? - perguntou Chidder. - Desculpe. Perdi o fio da meada. Er. Tome mais vinho, Tep.

Ptraci não apenas fez descarrilar o trem do pensamento, ela rachou os trilhos, pôs fogo nas estações e derreteu as pontes para esmagá-las. E assim o jantar foi diminuindo de velocidade na torta

de carne, nos pêssegos frescos, nos ouriços-do-mar cristalizados e em conversas casuais e incoerentes sobre os velhos tempos no Grêmio. Três meses tinham se passado. Parecia uma vida. Três meses no Reino Antigo era uma vida.

Depois de algum tempo, Ptraci bocejou e foi para seu camarote, deixando os dois sozinhos com uma garrafa de vinho nova. Chidder observou-a saindo num silêncio de admiração.

- Há muitas como ela lá na sua terra?

- Não sei - admitiu Teppic. - Pode ser. Elas geralmente ficam espalhadas pelo palácio descascando uvas ou abanando.

- Ela é impressionante. Vai tomar Ankh de assalto. Com uma aparência dessa e uma mente como a... - Ele hesitou. - Ela é...? Quero dizer, vocês dois estão...? -Não.

- Ela é muito bonita.

- Sim.

- Uma espécie de cruzamento entre uma dançarina do templo e uma serra de fita.

Eles pegaram as taças e subiram para o convés, onde algumas luzes da cidade pareciam pálidas, contrastando com o brilho das estrelas. A água estava lisa, calma, quase oleosa.

A cabeça de Teppic estava começando a girar devagar. O deserto, o sol, duas camadas lustrosas de vinho ephebiano de resina de pinheiro revestindo seu estômago e uma garrafa de vinho normal estavam se juntando para perturbar suas sinapses.

- Eu devo dizer - conseguiu falar, apoiando-se na amurada - que você está se dando bem.

- Está tudo certo. O comércio é muito interessante. Sabe como é, desenvolver mercados. A esgrima da competição no setor da pirataria. Você deveria vir com a gente, rapaz. E onde está o futuro, é o que meu pai diz. Não com os magos e os reis, mas com pessoas empreendedoras que tenham dinheiro para contratá-los. Sem querer ofender, você me entende.

- Nós somos tudo que sobrou - disse Teppic para sua taça de vinho. - De todo o reino. Eu, ela e um camelo que cheira a tapete velho. Um reino antigo, perdido.

- Ainda bem que não era novo - disse Chidder. - Pelo menos as pessoas aproveitaram bem.

- Você não sabe como é. E como uma pirâmide grande inteira. Mas de cabeça para baixo, entende? Toda aquela história, todos aqueles ancestrais, todo o povo, tudo se afunilando para mim. Bem na parte de baixo.

Ele caiu dentro de um rolo de corda quando Chidder tentava lhe passar a garrafa e dizia:

- Isso faz você pensar, não faz? Existem todas essas cidades e reinos por aí. Como Ee, no Grande Nef. Países inteiros desaparecidos. Que estão lá, em algum lugar. Talvez as pessoas tenham começado a marcar bobeira com a geometria, o que você acha?

Teppic roncava.

Após alguns momentos, Chidder cambaleou para a frente, derrubou a garrafa vazia para o lado - ela fez um baque e por alguns segundos um caminho de bolhas perturbou a calma - e cambaleou até o quarto.

Teppic sonhou.

E no sonho ele estava num lugar alto, mas sem firmeza, porque estava se equilibrando sobre os ombros de seu pai e de sua mãe, e abaixo deles conseguia ver os avós, e abaixo deles seus ancestrais se estendiam e continuavam a formação de uma vasta pirâmide da humanidade, cuja base se perdia entre as nuvens.

Podia ouvir o murmúrio de gritos de ordem e instruções que flutuavam até ele.

Se você não fizer nada, nós nunca teremos existido.

- Isto é apenas um sonho - disse, e saiu de lá para entrar num palácio onde um homenzinho moreno de tanga estava comendo figos, sentado num banco.

- E claro que é um sonho. O mundo é o sonho do Criador. Tudo são sonhos, diferentes tipos de sonhos. Eles deveriam lhe dizer algo. Como: "não coma lagosta antes de dormir". Coisas do tipo. Você teve o sonho das sete vacas?

- Sim - confirmou Teppic, olhando à sua volta com admiração. Ele havia sonhado uma excelente arquitetura. - Uma delas estava tocando um trombone.

- No dia que eu sonhei, ela estava fumando charuto. Esse é um conhecido sonho ancestral.

- O que significa?

O homenzinho tirou uma semente que tinha entre os dentes.

- Não faço idéia. Eu daria o meu braço direito para descobrir. Aliás, acho que não nos conhecemos. Eu sou Khuft. Fundei este reino. Você sonha um excelente figo.

- Eu estou sonhando você também?

- Pior que sim. Eu tinha um vocabulário de oitocentas palavras, você acha que eu realmente estaria falando assim? Se você está querendo um pouco de conselho ancestral útil, esqueça. Isto é um sonho. Não posso lhe dizer nada que você mesmo não saiba.

- Você é o fundador?

- Sou eu.

- Eu... achei que você fosse diferente.

- Como assim?

- Bom... na estátua...

Khuft balançou a mão, impaciente.

- Aquilo se resume apenas a relações públicas. Quer dizer, olhe para mim. Eu tenho uma aparência patriarcal?

Teppic fez um exame crítico.

- Não com essa tanga - admitiu. - Ela está um pouco, bem, surrada.

- Ela passou por anos de guerra.

- Ainda assim, imagino que ela tenha sido tudo que você conseguiu pegar quando fugia da perseguição - disse Teppic,

ansioso para demonstrar seu lado compreensivo.

Khuft pegou mais um figo e lançou um olhar enviesado.

- Como é que é?

- Você estava sendo perseguido. Por isso fugiu para o deserto.

- Ah, sim. Você está certo. Pior que está. Eu estava sendo perseguido por causa das coisas em que acreditava.

- Isso é terrível.

Khuft cuspiu.

- Pior que é. Eu acreditava que as pessoas não notariam que eu havia vendido camelos com dentes de gesso antes de sair da cidade.

Isso demorou um pouco para fazer sentido, mas depois a idéia conseguiu descer, com toda a firmeza de um bloco de concreto na areia movediça.

- Você é um criminoso?

- Bom, criminoso é uma palavra feia, se é que você me entende - disse o pequeno ancestral. - Eu preferiria empreendedor. Eu estava à frente do meu tempo, esse era o problema.

- E você estava fugindo? - insistiu Teppic, sem forças.

- Não teria sido uma boa idéia ficar por lá.

- "E Khuft, o pastor de camelos, perdeu-se no Deserto e lá se abriu diante dele, como uma Dádiva dos Deuses, um Vale do qual brotava Leite e Mel" - citou Teppic numa voz profunda. E acrescentou: - Eu sempre pensei que deve ter ficado tudo terrivelmente grudento.

- Lá estava eu, morrendo de sede, todos os camelos fazendo um alvoroço, berrando de sede e, no minuto seguinte, chuá, um enorme vale, juncos, hipopótamos, tudo. Do nada. Quase fui derrubado pelo estouro da manada.

- Não! - exclamou Teppic. - Não foi assim! Os deuses do vale ficaram com pena de você e o acompanharam até o vale, não foi? - Ele ficou quieto, surpreso com o tom de súplica em sua voz.

Khuft lançou um olhar de desprezo.

- Ah, é? E eu simplesmente dei de cara com cem quilômetros de rio no meio do deserto que ninguém mais havia notado. É fácil deixar passar uma coisa dessas, cem quilômetros de vale de rio no meio do deserto, não é? Não que eu fosse olhar os dentes de um camelo dado, você me entende, eu fui buscar a minha família e o resto dos rapazes o mais rápido possível. Não fiquei pensando no passado.

- Num minuto não estava lá, e no outro estava?

- Isso mesmo. Difícil de acreditar, não?

- Não - respondeu Teppic. - Não. Na verdade, não.

Khuft o cutucou com um dedo enrugado.

- Eu sempre achei que os camelos tinham feito aquilo. Eu sempre achei que eles meio que fizeram tudo aparecer, como se estivesse potencialmente lá, sem estar de fato, mas precisasse apenas daquele pequeno esforço para se tornar realidade. Os camelos são engraçados.

- Eu sei.

- Mais estranhos que os deuses. Algum problema?

- Desculpe, é que tudo isso é um pouco chocante. Quer dizer, eu pensei que nós fôssemos realmente nobres. Quer dizer, nós somos mais nobres do que qualquer um.

Khuft tirou uma semente de figo que estava entre dois tocos pretos que, por estarem dentro da sua boca, provavelmente tinham que ser chamados de dentes. Depois cuspiu.

- Isso depende de você - ele disse, e desapareceu.

Teppic andou pela necrópole, as pirâmides eram uma silhueta em forma de serra contra o fundo de escuridão. O céu era o corpo de uma mulher formando um arco, e os deuses estavam no horizonte. Não pareciam com os deuses que estavam pintados nas paredes havia milhares de anos. Tinham uma aparência pior. Pareciam mais velhos que o Tempo. Afinal, os deuses raramente se intrometiam nas questões dos homens. Mas havia outras coisas que eram notórias por isso.

- O que eu posso fazer? Eu sou apenas humano - disse em voz alta.

Alguém disse: Não apenas.

Teppic acordou ao som do guincho estridente das gaivotas.

Alfonz, que estava com uma camisa de manga comprida e a expressão de quem pretendia nunca mais tirá-la, estava ajudando vários outros homens a desfraldarem as velas do Sem Nome. Ele olhou para Teppic em sua cama de cordas e acenou com a cabeça.

Estavam em movimento. Teppic se sentou e viu o porto de Ephebe se distanciar em silêncio sob a luz acinzentada da manhã.

Sentou-se desequilibrado, suspirou, apertou a cabeça, saiu correndo e deu um mergulho por cima da amurada.

Heme Krona, dono do estábulo "Camelos São Vocês", deu uma volta ao redor de Seu Desgraçado, cantarolando. Examinou os joelhos do camelo. Deu um chute experimental em uma de suas patas. Num movimento rápido, que pegou Seu Desgraçado totalmente de surpresa, arreganhou a boca do animal e examinou seus grandes dentes amarelos, e depois pulou para trás.

Pegou uma tábua de uma pilha num canto, mergulhou uma escova num pote de tinta preta e, depois de um momento pensando, escreveu com cuidado: ÚNICO DONO.

Depois de considerar um pouco mais, acrescentou: VEJA! BAIXA QUILOMETRAGEM.

Estava começando a escrever BOM CORREDOR quando Teppic chegou cambaleando e se apoiou, batendo, no batente da porta. Poças d'água se formaram ao redor de seus pés.

- Eu vim pegar o meu camelo.

Krona suspirou.

- Ontem à noite você disse que voltaria em uma hora. Eu terei que cobrar por um dia inteiro de aluguel, certo? Além disso, dei uma polida nele e limpei as patas, serviço completo. São cinco cercas, OK, emir?

- Ah - Teppic bateu no bolso. - Olha, eu saí de casa com um pouco de pressa, sabe. Acho que estou sem nenhum dinheiro comigo.

- Parece justo, emir. - Krona voltou para a sua tábua. - Como é que se escreve ANOS DE GARANTIA?

- Eu vou mandar o dinheiro.

Krona lhe deu o sorriso desmoralizador de quem já viu de tudo - asnos com a pelagem refeita, elefantes com presas de gesso, camelos com corcovas falsas presas com cola - e conhece as profundezas envenenadas do espírito humano quando se trata de fazer negócios.

- Conta outra, rajá. Essa não cola.

Teppic remexeu em sua túnica.

- Eu poderia lhe dar esta faca valiosa.

Krona deu uma rápida olhada e torceu o nariz.

- Desculpe, emir. Não dá. Sem pagamento, não tem camelo.

- Eu poderia lhe dar a faca com a ponta virada para você - disse Teppic, desesperado, sabendo que a mera ameaça poderia levá-lo à expulsão do Grêmio. Ele talvez estivesse ciente de que a ameaça não era muito boa. As ameaças não faziam parte do currículo da escola do Grêmio.

E Krona tinha, sentados em fardos de palha nos fundos do estábulo, dois homens grandes que estavam começando a se interessar pelos procedimentos. Pareciam irmãos mais velhos de Alfonz.

Todas as garagens de veículos de qualquer tipo em qualquer lugar no multiverso os têm. Eles nunca são exatamente cavaleiros, mecânicos, clientes ou funcionários. Sua função nunca é clara. Mastigam palha ou fumam de um modo furtivo. Se houver coisas como jornais por perto, eles as lêem, ou pelo menos olham as figuras.

Eles começaram a observar Teppic com atenção. Um deles pegou dois tijolos e começou a jogá-los para cima e para baixo.

- Você é um rapaz jovem, posso ver - disse Krona, com educação. - Você está apenas começando na vida, emir. Não quer arranjar confusão. - Ele deu um passo para a frente.

A cabeça grande e peluda de Seu Desgraçado se virou para olhar. Nas profundezas de seu cérebro, colunas de pequenos números subiam com um zumbido novamente.

- Olha, me desculpa, mas eu preciso pegar o meu camelo de volta. E uma questão de vida ou morte!

Krona acenou com a mão para os dois homens estranhos.

Seu Desgraçado o chutou. Seu Desgraçado tinha idéias muito concisas sobre pessoas que colocavam a mão em sua boca. Além disso, havia visto os tijolos, e todo camelo sabia qual era o resultado da soma de dois tijolos. O chute foi bom, com os dedos bem abertos, potente e aparentemente lento. Levantou Krona e o deixou sobre uma pilha de lixo imundo de estábulo ainda quente.

Teppic correu, afastou-se da parede, pegou Seu Desgraçado pelo pêlo empoeirado e caiu com todo o seu peso sobre o pescoço dele.

- Sinto muito - disse para o que podia ver de Krona. - Eu realmente vou mandar dinheiro para você.

Seu Desgraçado, a essa altura, estava rodopiando sem parar. Os companheiros de Krona ficaram para trás enquanto patas que pareciam pratos giravam pelo ar.

Teppic se inclinou para a frente e sussurrou para uma das orelhas que balançavam loucamente.

- Nós vamos para casa.

Eles haviam escolhido a primeira pirâmide ao acaso. O rei examinou o cartaz que estava na porta.

- "Abençoada seja a Rainha Far-re-ptah" - leu Dil, prestativo -, "Soberana dos Céus, Senhora do Djel, Mestre do..."

- Vovó Pooney - disse o rei. - Esta serve. - Ele olhou para a expressão pasma deles. - É como eu costumava chamá-la quando eu era pequeno. Não conseguia dizer Far-re-ptah, sabe. Bom, prossiga, então. Pare de olhar com cara de bobo. Derrube a porta.

Gern suspendeu a marreta, incerto.

- É uma pirâmide, mestre - disse, apelando para Dil. – Elas não devem ser abertas.

- O que você sugere, rapaz? Enfiamos uma faca de mesa na fenda e a sacudimos? - perguntou o rei.

- Abra, Gern - disse Dil. - Vai ficar tudo bem.

Gern deu de ombros, cuspiu nas mãos, que estavam, na verdade, úmidas de suor por causa do terror, e deu o golpe.

- De novo - ordenou o rei.

A grande laje fazia um estrondo cada vez que a marreta batia nela, mas era de granito e se mantinha firme. Algumas lascas de argamassa se desprendiam, e os ecos voltavam, de um lado para o outro, pelas avenidas fantasmas da necrópole.

- De novo.

Os bíceps de Gern se mexiam como tartarugas na graxa.

Desta vez, houve um estrondo como resposta, o que poderia ser causado por uma tampa pesada batendo no chão ao longe.

Eles ficaram parados em silêncio, ouvindo um barulho lento de algo se arrastando dentro da pirâmide.

- Devo bater de novo, majestade? - perguntou Gern. Os dois fizeram um gesto para que ele ficasse em silêncio.

O arrastar ficou mais próximo.

Em seguida a pedra se moveu. Ela emperrou uma ou duas vezes, mas, ainda assim, se moveu, lentamente, revolvendo-se para o lado, de modo que apareceu uma fenda de escuridão. Dil conseguiu ver apenas uma sombra mais escura nas trevas.

- Sim? - disse ela.

- Sou eu, vó - disse o rei.

A sombra ficou imóvel.

- O quê, o pequeno Pootle? - perguntou, desconfiada.

O rei não quis olhar para Dil.

- Isso mesmo, vó. Nós viemos soltar a senhora.

- Quem são esses homens? - disse a sombra, com petulância.

- Eu não tenho nada, meu jovem - disse para Gern. - Eu não guardo nenhum dinheiro na pirâmide, e você pode baixar a arma, ela não me assusta.

- Eles são criados, vovó.

- Eles têm identificação? - murmurou a senhora idosa.

- Eu os estou identificando, vó. Nós viemos soltar a senhora.

- Eu estava contando as horas - disse a falecida rainha, saindo à luz do sol. Ela estava exatamente como o rei, exceto pelo invólucro de múmia mais cinzento e empoeirado. - Eu tive que ir descansar um pouco, e fiquei. Ninguém se importa com você quando está morta. Aonde vamos?

- Soltar os outros - respondeu o rei.

- Idéia danada de boa. - A velha rainha correu para alcançar o passo dele. - Então este é o Mundo Inferior, hein? A melhora não é muito grande. - Ela cutucou Gern com o cotovelo. - Você também tá morto, rapaz?

- Não, senhora - respondeu Gern, com a voz trêmula de alguém andando numa corda bamba acima do abismo da loucura.

- Não vale a pena. Fique esperto.

- Sim, senhora.

O rei atravessou os pavimentos antigos se arrastando até a próxima pirâmide.

- Esse eu conheço - disse a rainha. - Estava aqui na minha época. Rei Ashk-ur-men-tep. Terceiro Império. Para que a marreta, jovem?

- Por favor, senhora, eu tenho que bater na porta, senhora.

- Não precisa bater. Ele nunca sai daí.

- Meu assistente quer dizer quebrar os fechos, senhora - explicou Dil, querendo ser agradável.

- Quem é você? - perguntou a rainha.

- Meu nome é Dil, ó rainha. Embalsamador mestre.

- Ah, é mesmo? Eu preciso de você para fazer alguns remendos.

- Será uma honra e um privilégio, ó rainha.

- Sim, será - ela concordou e se virou, rangendo, para Gern. - Pode martelar, jovem!

Impelido pela ordem, Gern girou a marreta num arco longo e rápido. Ela passou em frente ao nariz de Dil, fazendo um ruído como o de uma perdiz, e esmagou o fecho.

O que surgiu, quando a poeira baixou, não estava vestido de acordo com as últimas tendências. As faixas estavam marrons e se esfarelando e, Dil observou com preocupação profissional, começando a afrouxar nos cotovelos. Quando ele falava, era como a abertura de antigos caixões.

- Acordei-me. E havia luz. É este o Mundo Inferior?

- Parece que não - respondeu a rainha.

- Isto é tudo?

- Não vale muito a pena morrer para isso, não é? - lamentou a rainha.

O antigo rei concordou, mas com um movimento suave da cabeça, como se estivesse com medo que ela caísse.

- Algo há de ser feito.

Ele se virou para olhar para a Grande Pirâmide, e apontou com o que um dia havia sido um braço.

- Quem repousa ali?

- É minha, na verdade - esclareceu Teppicymon, chegando para a frente. - Acho que não nos conhecemos. Eu ainda não fui enterrado, meu filho a construiu para mim. Foi contra a minha opinião, acredite.

- É uma cousa nefasta. Eu senti sua construção. Mesmo no sono profundo da morte, senti. É grande o bastante para enterrar o mundo.

- Eu queria ser enterrado no mar - disse Teppicymon. - Eu odeio as pirâmides.

- Não odeias - corrigiu Ashk-ur-men-tep.

- Me desculpe, mas eu odeio - insistiu o rei, com educação.

- Não odeias. O que sentes agora é uma leve antipatia. Apenas quando ficas deitado dentro de uma pirâmide durante mil anos, tu

começas a entender o que é odiar.

Teppicymon estremeceu.

- O mar. Esse é o local. Você apenas vai se dissolvendo.

Eles partiram para a próxima pirâmide. Gern mostrou o caminho. Seu rosto era uma pintura, possivelmente um rosto pintado tarde da noite por um artista que obteve sua inspiração com receita médica. Dil ia em seguida. Ia de cabeça erguida. Sempre teve esperança de poder vencer na vida e lá estava ele, andando no meio de reis.

Bem, arrastando-se com reis.

Era mais um belo dia no alto deserto. Os dias eram sempre belos, se por belo se pode querer dizer temperatura do ar como a de um forno e areia para torrar castanhas.

Seu Desgraçado corria rápido, principalmente para manter as patas fora do chão pelo maior tempo possível. Por um momento, enquanto subiam vacilantes pelas colinas, fora do Oásis de oliveiras e retalhos de campos de Ephebe, Teppic pensou ter visto o Sem Nome como uma pinta minúscula no mar azul. Mas podia ter sido apenas um reflexo numa onda.

Depois estava no topo, num mundo amarelo e cor-de-ferrugem. Por um momento, árvores atrofiadas se mantinham firmes contra a areia, mas a areia venceu e seguiu marchando triunfante, duna após duna.

O deserto não era apenas quente, era silencioso. Não havia pássaros, nenhum sussurro de criaturas orgânicas ocupadas em sobreviver. À noite pode ser que tenha havido lamentos de insetos, mas eles estavam muito abaixo da superfície da areia, defendendo-se do ardor do dia, e o céu amarelo e a areia amarela se transformavam numa câmara sem eco na qual a respiração de Seu Desgraçado soava como uma máquina a vapor.

Teppic havia aprendido muitas coisas desde que partira do Reino Antigo, e estava prestes a aprender mais uma. Todas as autoridades no assunto concordam que, ao atravessar o deserto escaldante, é bom usar um chapéu.

Seu Desgraçado passou para o trote bamboleante que um camelo de corrida de primeira consegue manter por horas.

Após uns três quilômetros, Teppic viu uma coluna de poeira atrás da duna à frente. Finalmente chegaram atrás do principal corpo do exército ephebiano, sacudindo ao lado de meia dúzia de elefantes de batalha, com as plumas dos capacetes balançando na brisa de fornalha. Fizeram uma saudação, por princípios gerais, quando Teppic passou.

Elefantes de batalha! Teppic suspirou. Tsort também tinha decidido usar elefantes de batalha. Os elefantes de batalha estavam na moda ultimamente. Não eram muito bons para nada, exceto para pisotear a própria tropa quando entravam em pânico, o que por sinal era inevitável. As mentes militares dos dois lados haviam respondido produzindo elefantes cada vez maiores. Os elefantes eram imponentes.

Por algum motivo, muitos desses elefantes estavam puxando grandes carroças cheias de toras de madeira.

Ele prosseguiu em marcha lenta enquanto o sol estava no ponto mais alto e - isso não era comum - pontos azuis e roxos começavam a aparecer, suaves, no horizonte.

Outra coisa estranha estava acontecendo. O camelo parecia estar atravessando o céu. Talvez isso tivesse algo a ver com o barulho retumbante em seus ouvidos.

Será que deveria parar? Mas aí o camelo poderia fraquejar...

Passava muito do meio-dia quando Seu Desgraçado cambaleou até a sombra escaldante de uma saliência de calcário que um dia marcara os limites do vale e caiu lentamente na areia. Teppic rolou para fora de seu lombo.

Um destacamento de ephebianos estava olhando, separado por um espaço estreito, na direção de um número muito próximo de tsortianos que estavam do outro lado. De vez em quando, dependendo de como parecia estar a situação, um deles balançava uma lança.

Quando Teppic abriu os olhos, foi para ver as assustadoras máscaras de bronze de diversos ephebianos o examinando. As bocas de metal estavam fechadas em terríveis risos de escárnio e desprezo. As sobrancelhas reluzentes estavam arqueadas numa raiva mortal.

Um deles disse:

- Ele está voltando a si, sargento.

Um rosto de metal que parecia a fúria dos céus se aproximou, preenchendo o campo de visão de Teppic.

- Nós saímos sem chapéu, não foi, meu filho? - disse a máscara, numa voz alegre que ecoava de maneira estranha dentro do metal. - Com pressa de se atracar com o inimigo, foi?

O céu girava ao redor de Teppic, mas um pensamento se agitou na frigideira de sua mente, apoderou-se de suas cordas vocais e disse em voz baixa:

- O camelo!

- Você deveria ser preso, tratando-o desse jeito - disse o sargento, balançando o dedo para ele. - Nunca vi nenhum nesse estado.

- Não o deixem beber! - Teppic se sentou de uma vez, com grandes gongos soando e fogos de artifício quentes e pesados estourando dentro de seu crânio. As cabeças de capacete se entreolharam.

- Deuses, ele deve ter algo muito forte contra os camelos - comentou um deles.

Teppic se levantou com muito esforço e saiu andando pela areia até onde estava Seu Desgraçado, que tentava resolver a complexa equação que o permitiria ficar de pé. Sua língua estava para fora, e ele não estava se sentindo bem.

Um camelo em apuros não é uma criatura tímida. Ele não fica pelos bares, bebendo sozinho e devagar. Não liga para velhos amigos para chorar as mágoas. Não fica na fossa, nem escreve

longos poemas comoventes sobre a Vida e como ela é horrível vista de uma pocilga qualquer. Ele não sabe o que é angústia.

Tudo que um camelo possui é um par de pulmões de potência industrial e uma voz que parece uma manada de jumentos sendo serrados ao meio.

Teppic avançou em meio aos gritos. Seu Desgraçado levantava a cabeça e a virava de um lado para o outro, formando um triângulo. Seus olhos se reviravam loucamente enquanto ele fazia o truque dos camelos de parecer olhar para Teppic com as narinas.

Ele cuspiu.

Ele tentou cuspir.

Teppic pegou seu cabresto e puxou.

- Vamos lá, seu desgraçado. Tem água, você consegue sentir o cheiro. Você está sentindo o cheiro. Tudo que você precisa fazer é descobrir um jeito de chegar até ela!

Ele se virou para os soldados reunidos. Olhavam para ele com expressões de assombro, sem contar os que não haviam tirado o capacete e estavam olhando para ele com expressões de fúria metálica.

Teppic apanhou um odre de água de um deles, tirou a tampa e o tombou no chão diante do nariz contraído do camelo.

- Tem um rio aqui - sussurrou. - Você sabe onde ele está, tudo que tem a fazer é ir até lá!

Os soldados olharam ao redor, nervosos. Assim o fizeram também vários tsortianos, que haviam chegado um pouco mais perto para ver o que estava acontecendo.

Seu Desgraçado ficou de pé, joelhos tremendo, e começou a girar num círculo. Teppic o segurou.

"... se d é igual a 4", pensou Seu Desgraçado desesperadamente. "Se $a \cdot d$ é igual a 90. se $\text{não-}d$ é igual a 45..."

- Preciso de um graveto! - gritou Teppic, enquanto passava girando pelo sargento. - Eles nunca entendem nada, a menos que você bata neles com um pedaço de pau. É como uma pontuação para os camelos!

- Serve uma espada?

-Não!

O sargento hesitou, depois passou a sua lança para Teppic.

Ele a pegou pela ponta, lutou para se equilibrar, e depois bateu com jeito na lateral do camelo, erguendo uma nuvem de poeira e pêlos.

Seu Desgraçado parou. Suas orelhas viraram feito antenas de radar. Ele olhou para o muro de pedras, revirando os olhos. Então, quando Teppic agarrou um punhado de pêlos e se ergueu, o camelo começou a trotar.

"... Pense em fractais..."

- Ei, você vai bater no... - começou o sargento.

Silêncio. E continuou assim por muito tempo.

O sargento mudou de posição, irrequieto. Depois olhou para o outro lado das rochas, para os tsortianos, e atraiu a atenção do líder deles. Por meio do entendimento silencioso que é compartilhado por centuriões e sargentos em toda parte, andaram um na direção do outro pela extensão das rochas e pararam perto da rachadura quase imperceptível no rochedo.

O sargento tsortiano passou a mão sobre ela.

- Podia ter algum pêlo de camelo, não é? Ou algo assim.

- Ou sangue - disse o ephebiano.

- Eu calculo que seja um desses fenômenos inexplicáveis.

- Ah, então está tudo bem.

Os dois homens ficaram olhando fixamente para a pedra por algum tempo.

- Como uma miragem - disse o tsortiano, querendo ajudar.

- Algo do tipo, sim.

- Eu pensei ter ouvido uma gaivota também.

- Nada a ver. Não tem gaivota por aqui.

O tsortiano tossiu educadamente e olhou para seus homens. Depois chegou mais perto.

- O resto do seu pessoal virá correndo para cá, imagino.

O ephebiano se aproximou um pouco mais e, quando falou, foi com o canto da boca, enquanto os olhos permaneciam totalmente ocupados em olhar para as pedras.

- Isso mesmo. E os seus também, não é?

- Sim. Imagino que teremos que massacrá-los se os nossos chegarem aqui primeiro.

- Igualmente, não ficaria surpreso. Não podemos evitar.

- Algo do tipo, realmente - concordou o tsortiano.

O outro concordou.

- Engraçado esse mundo, se você parar para pensar.

- Você acertou em cheio, certo. - O sargento afrouxou um pouco a armadura sobre o peito, contente por não estar no sol. - Estão bem de razão do seu lado?

- Ah, sabe como é. Não se pode ficar reclamando.

- Como nós, na verdade.

- Porque, se você for reclamar, eles ficam ainda pior.

- Exatamente como os nossos. Olhe, vocês não têm figos do lado de vocês, têm? Eu estava precisando de um figo.

- Desculpa.

- Achei que não custava nada perguntar.

- Temos muitas tâmaras, se servirem para você.

- Nós estamos bem de tâmaras, obrigado.

- Desculpa.

Os dois homens ficaram parados por algum tempo, perdidos nos próprios pensamentos. Então o ephebiano vestiu o capacete de

novo, e o tsortiano ajustou o cinto.

- Está bem, então.

- Está bem, então.

Eles endireitaram os ombros, ergueram o queixo e saíram marchando. Um momento depois, viraram-se com elegância e, trocando o rápido movimento de um sorriso constrangido, seguiram, cada qual para seu lado.

4

O LIVRO DAS 101 COISAS QUE UM MENINO PODE FAZER

TEPPIC ESPERAVA... o quê?

Talvez o som de carne batendo na rocha. Talvez, embora isso estivesse no limite máximo das expectativas, a visão do Reino Antigo estendendo-se abaixo dele.

Ele não esperava névoas úmidas e geladas.

Sabe-se hoje, por meio da ciência, que existem muito mais dimensões do que as quatro clássicas. Os cientistas dizem que isso normalmente não se manifesta no mundo porque as dimensões extras são muito pequenas e se curvam sobre si mesmas, e que, uma vez que a realidade é fractal, a maior parte dela está comprimida em si mesma. Isso pode significar que o universo está mais cheio de mistérios do que sonhamos chegar a entender ou, o mais provável, que os cientistas inventam as coisas à medida que o tempo passa.

Mas o multiverso é cheio de dimensõezinhas, playgrounds da criação onde criaturas da imaginação podem fazer a festa sem serem derrubadas pela realidade. Às vezes, quando passam pelos buracos da realidade, dão de cara com este universo e dão origem a mitos, lendas e acusações de embriaguez e desordem.

E foi por uma dessas que Seu Desgraçado, por meio de um erro de cálculo trivial, entrou trotando.

A lenda estava quase certa. A Esfinge realmente espreitava nas fronteiras do reino. A lenda só não havia sido precisa quanto ao de fronteira a que se referia.

A Esfinge é uma criatura irreal. Ela existe somente porque foi imaginada. Sabe-se muito bem que num universo infinito todas as coisas que podem ser imaginadas têm que existir em algum lugar e, uma vez que muitas delas não são coisas que deveriam existir numa estrutura de espaço e tempo bem ordenada, elas são jogadas para uma dimensão secundária. Isso pode, em parte, explicar o mau humor crônico da Esfinge, embora qualquer criatura criada com o corpo de um leão, peito de mulher e asas de águia tenha uma séria crise de identidade e não precise de muito para ficar nervosa.

Então, ela inventou o enigma.

Através de diversas dimensões, ele garantiu entretenimento considerável e inúmeras refeições à Esfinge.

Teppic não sabia disso quando guiava Seu Desgraçado pelos redemoinhos de névoas, mas os ossos que iam esmagando já proporcionavam detalhes suficientes.

Muitas pessoas haviam morrido ali. E era razoável supor que os mais recentes haviam visto os restos dos anteriores e teriam, portanto, agido de modo furtivo. E isso não havia funcionado.

Não faria muito sentido ficar passando muito devagar, então. Além disso, algumas das rochas que haviam surgido entre a neblina tinham uma forma muito desoladora. Esta aqui, por exemplo, tinha a aparência exatamente igual à de...

- Pare - disse a Esfinge.

Não havia nenhum som a não ser o gotejar da névoa e o eventual ruído de sucção de Seu Desgraçado tentando extrair a umidade do ar.

- Você é um esfinge - observou Teppic.

- A Esfinge - corrigiu a Esfinge.

- Nossa. Nós temos uma quantidade enorme de estátuas suas lá em casa. - Teppic olhou para cima, e depois mais para cima. - Eu

achei que você fosse menor - acrescentou.

- Curve-se, mortal - ordenou a Esfinge. - Estás na presença da sábia e terrível. - Ela pestanejou. - Eram boas, essas estátuas?

- Elas não fazem jus a você - admitiu Teppic, com sinceridade.

- Você acha mesmo? As pessoas geralmente erram o nariz. O meu ângulo melhor é o lado direito, segundo me dizem, e... - A Esfinge percebeu que estava se desviando do assunto. Ela tossiu com ar severo. - Para poder passar por mim, ó mortal, você deve decifrar o meu enigma.

- Por quê?

- O quê? - A Esfinge ficou surpresa. Ela não havia sido projetada para esse tipo de coisa. - Por quê? Por quê? Porque sim. Porque, espera aí, sim, porque eu vou arrancar a sua cabeça se você não decifrar. Sim, acho que é isso.

- Certo - concordou Teppic. - Vamos ouvi-la, então.

A Esfinge limpou a garganta com um barulho que parecia um caminhão vazio reduzindo a marcha numa pedreira.

- O que é que anda com quatro pernas pela manhã, duas pernas à tarde e três pernas à noite? - perguntou a Esfinge, com ar convencido.

Teppic parou para pensar.

- Essa é difícil - disse, por fim.

- A mais difícil.

- Humm.

- Você nunca vai acertar.

- Ah - disse Teppic.

- Você poderia tirar as roupas enquanto pensa? As linhas têm feito uma bagunça com os meus dentes.

- Não existe um tipo de animal que faz a perna crescer de novo depois que elas foram...

- Está indo pelo caminho totalmente errado - advertiu a Esfinge, estendendo as garras.

-Oh.

- Você não tem a menor idéia, não é?

- Ainda estou pensando.

- Você nunca vai acertar.

- Você está certa. - Teppic olhou fixamente para as garras.

Esse não é realmente um animal de luta", disse a si mesmo, confiante, "ela é superdotada, com certeza. Além disso, seus peitos vão atrapalhar, mesmo se o cérebro não for o problema."

- A resposta é: "O Homem" - disse a Esfinge. - Agora, não comece uma briga, por favor, isso faz liberar elementos químicos desagradáveis na circulação sangüínea.

Teppic desviou do golpe da pata.

- Espera aí, espera aí. Como assim, o homem?

- E fácil. O bebê engatinha de manhã, fica de pé à tarde e à noite é um velho que anda com uma bengala. Boa essa, não?

Teppic mordeu o lábio.

- Nós estávamos falando de um dia?. - perguntou, com um ar duvidoso.

Houve um longo silêncio embaraçoso.

- É aquele negócio, figura de linguagem - explicou a Esfinge, irritada, dando outro bote.

- Não, não, olha, espera um minuto. Eu queria que nós fôssemos muito claros quanto a isso, certo? Quero dizer, seria no mínimo justo, certo?

- Não há nada de errado com o enigma. Ele é bom demais. Tinha esse há cinqüenta anos, da esfinge e do lobinho. - Ela pensou um pouco. - Pintinho - corrigiu.

- E um bom enigma - concordou Teppic, tranqüilizador. - Muito profundo. Muito comovente. Toda a condição humana em poucas palavras. Mas você tem que admitir, isso tudo não acontece com um indivíduo num dia, acontece?

- Bom. Não - a Esfinge admitiu. - Mas isso dispensa explicações dentro do contexto. Um elemento de analogia dramática está presente em todos os enigmas - acrescentou, com o ar de quem

havia ouvido a frase havia muito tempo e tinha gostado bastante, mas não a ponto de deixar de comer seu criador.

- Sim - disse Teppic agachando-se e procurando um lugar para sentar na areia úmida -, mas existe coerência interna dentro da metáfora? Digamos, por exemplo, que a média de expectativa de vida seja setenta anos, certo?

- Certo - repetiu a Esfinge, com o tom incerto de alguém que deixou o vendedor entrar em casa e agora considera com arrependimento um futuro no qual certamente irá comprar um seguro de vida.

- Certo. Bom. Então o meio-dia corresponderia aos 35 anos, estou certo? Agora, considerando que a maioria das crianças começa a andar com mais ou menos um ano, a referência às quatro pernas realmente não é adequada, você não concorda? Quer dizer, passa-se a maior parte da manhã sobre duas pernas. De acordo com sua analogia... - ele fez uma pausa e algumas contas com um conveniente fêmur... - ... apenas cerca de vinte minutos imediatamente a partir de zero hora, meia hora, no máximo, se passa sobre quatro pernas. Estou certo? Seja justa. -Bem...

- Pelo mesmo motivo, não se estaria usando uma bengala às seis da tarde, porque a idade seria apenas, er, 52 - disse Teppic, calculando impetuosamente. - Na verdade não seria necessário nenhum auxílio para caminhar até pelo menos nove e meia, eu acho. Assumindo-se que uma vida inteira se passasse em um dia, o que é, acredito que eu já tenha mencionado, ridículo. Desculpe-me, superficialmente parece bom, mas não funciona.

- Bem - disse a Esfinge, mas desta vez irritada -, não sei o que eu posso fazer a respeito. Não tenho mais nenhum outro. Nunca precisei de outro, esse era o único que eu tinha.

- Você só precisa alterá-lo um pouco, só isso.

- Como assim?

- Apenas deixe-o um pouco mais realista.

- Humm. - A Esfinge coçou a juba com a garra. - Certo - disse, duvidosa. - Eu acho que poderia perguntar: O que é que anda com quatro pernas...

- Metaforicamente falando - interrompeu Teppic.

- Quatro pernas, metaforicamente falando - concordou a Esfinge -, por cerca de...

- Vinte minutos, acho que concordamos.

- ... Ok, certo, vinte minutos de manhã, com duas pernas...

- Mas eu acho que dizer "de manhã" é forçar um pouco as coisas. Pouco depois da meia-noite, tecnicamente é madrugada, mas no sentido prático ainda é a noite anterior, o que você acha?

Um olhar de pânico vidrado surgiu no rosto da Esfinge.

- O que você acha? - ela conseguiu dizer.

- Vamos apenas pensar no que temos que mudar, tudo bem? O que, metaforicamente falando, anda com quatro pernas logo após a meia-noite, com duas durante a maior parte do dia...

- ... excetuando anomalias - interrompeu a Esfinge, de forma patética, ansiosa para mostrar que estava dando alguma contribuição.

- Ótimo, com duas pernas, excetuando anomalias, até por volta da hora da ceia, quando começa a andar com três pernas...

- Eu já vi pessoas usando duas bengalas - lembrou a Esfinge, querendo ajudar.

- Certo. Que tal: quando continua a andar com duas pernas ou qualquer auxílio protético de sua escolha?

A Esfinge pensou um pouco.

- Si-imm - disse, séria. - Isso parece dar conta de todas as casualidades.

-Bem?

- Bem, o quê?

- Bem, qual é a resposta?

A Esfinge olhou sem expressão, e em seguida mostrou as presas.

- Ah, não. Você não vai me pegar assim. Você acha que eu sou idiota? Você tem que me dizer a resposta.

- Oh, droga.

- Pensou que ia me pegar, não foi?

- Desculpa.

- Você achou que ia me deixar toda confusa, não é? - a Esfinge sorriu mostrando os dentes.

- Valia a pena tentar.

- Não posso culpá-lo. Então, qual é a resposta?

Teppic coçou o nariz.

- Não faço idéia. A menos que, e isso é só um chute, você entende: O Homem.

A Esfinge olhou para ele com raiva.

- Você já esteve aqui, não é? - disse, em tom de acusação.

-Não.

- Então tem alguém contando a resposta por aí, certo?

- Quem poderia ter contado? Alguém já conseguiu acertar a resposta do enigma?

-Não!

- Bom, então. Não poderiam ter contado, poderiam.

As garras da Esfinge raspam as pedras com irritação.

- Eu acho que é melhor você ir andando, então - murmurou.

- Obrigado,

- Eu ficaria agradecida se você não contasse para ninguém, por favor - acrescentou a Esfinge, com frieza na voz. - Eu não gostaria de estragar tudo com as outras pessoas.

Teppic subiu numa pedra e de lá para o lombo de Seu Desgraçado.

- Não se preocupe com isso - garantiu, estimulando o camelo a seguir em frente. Ele não pôde deixar de notar os lábios da Esfinge se mexendo em silêncio, como se ela estivesse tentando entender alguma coisa.

Seu Desgraçado havia percorrido apenas uns vinte metros ou mais quando ouviu um berro furioso atrás dele. Pelo menos uma vez se esqueceu da regra de etiqueta que diz que os camelos devem ser atingidos com um pedaço de pau antes de fazer qualquer coisa. Todas as quatro patas bateram na areia e deram um impulso.

Os sacerdotes estavam ficando irracionais.

Os deuses não estavam apenas desobedecendo. Estavam ignorando-os.

Os deuses sempre os ignoraram. Era necessário um poder de persuasão muito grande para convencer um deus de Djelíbeybi a obedecer a alguém. E os sacerdotes tinham que ser rápidos. Por exemplo, se você empurrasse uma pedra do alto de um despenhadeiro, então um pedido rápido para que os deuses a fizessem cair seria atendido com certeza. Da mesma forma, os deuses garantiam que o sol se poria e as estrelas apareceriam. Qualquer requerimento para que os deuses fizessem com que os coqueiros crescessem com as raízes debaixo da terra e as folhas no alto certamente seria aceito com cortesia. De maneira geral, qualquer sacerdote que estivesse preocupado com esse tipo de coisa poderia garantir alto nível de satisfação.

No entanto, uma coisa era os deuses ignorarem as pessoas quando estavam distantes e invisíveis, e outra muito diferente era quando estavam passeando pelas redondezas. Fazia você se sentir um idiota.

- Por que eles não ouvem? - perguntou o sumo sacerdote de Teg, o deus com Cabeça de Cavalos da agricultura. Estava em prantos. Teg havia sido visto pela última vez num campo, arrancando espigas de milho e gargalhando.

Os outros sumos sacerdotes não estavam muito melhor. Rituais consagrados pelo tempo já haviam enchido o ar do palácio com uma fumaça doce azul e cozinhado variados tipos de rebanho vivo, o

suficiente para acabar com a fome no mundo, mas os deuses estavam se estabelecendo no Reino Antigo como se fossem seus donos e as pessoas dentro dele não passassem de insetos.

E a multidão ainda estava do lado de fora. A religião havia governado o Reino Antigo durante boa parte de seus 7 mil anos. No fundo dos olhos de cada sacerdote presente havia uma imagem gráfica do que aconteceria se as pessoas chegassem a pensar, por um momento, que ela não governava mais.

- E então, Dios - disse Koomi -, nós nos voltamos para você. O que você nos diria para fazer agora?

Dios se sentou nos degraus do trono e olhou com tristeza para o chão. Os deuses não ouviam. Ele sabia disso. Mais do que ninguém. Mas antes isso não importava. Você apenas passava pelas mudanças e pensava numa resposta. Era o ritual que importava, não os deuses. Os deuses estavam lá para fazerem o papel de megafone. Quem mais as pessoas ouviriam?

Enquanto lutava para pensar com clareza, suas mãos faziam os movimentos do Ritual da Sétima Hora, guiadas por comandos neurais rígidos e imutáveis como cristais.

- Vocês já tentaram de tudo?

-Tudo que o senhor aconselhou, ó Dios - respondeu Koomi. Ele esperou até que a maioria dos sacerdotes estivesse olhando para eles e, com voz mais alta, continuou: - Se o rei estivesse aqui, intercederia por nós.

Ele encarou a sacerdotisa de Sarduk. Não havia discutido as coisas com ela. Na verdade, o que havia para ser discutido? Mas ele tinha uma suspeita de que havia algum sentimento comum ali. Ela não parecia gostar muito de Dios, mas tinha menos medo dele do que os outros.

- Eu lhe disse que o rei está morto.

- Sim, eu ouvi. Ainda assim, parece não haver nenhum corpo, ó Dios. No entanto, nós acreditamos no que o senhor diz, afinal é o

grande Dios quem fala, e nós jamais prestamos atenção em rumores maliciosos.

Os sacerdotes estavam em silêncio. Rumores maliciosos também? E alguém já havia mencionado rumores, não é? Havia definitivamente alguma coisa errada ali.

- Aconteceu muitas vezes no passado - disse a sacerdotisa, aproveitando a deixa. - Quando um reino era ameaçado ou quando o rio não enchia, o rei ia interceder junto aos deuses. Era enviado para interceder junto aos deuses.

O toque de satisfação em sua voz deixava claro que se tratava de uma viagem sem volta.

Koomi sentiu um calafrio de prazer e horror. Ah, sim. Bons tempos. Alguns reinos haviam experimentado a idéia do rei sacrificai havia muito tempo. Alguns anos de festividades e governo, depois chop... e dava-se passagem para uma nova administração.

- Em tempos de crise, possivelmente, qualquer clérigo de nascimento seria suficiente - ela continuou.

Dios ergueu a cabeça, sua expressão espelhava a agonia de seus tendões.

- Entendo. E quem passaria a ser o sumo sacerdote, então?

- Os deuses escolheriam - disse Koomi.

- Eu suponho que escolheriam - repetiu Dios, amargo. - Eu tenho um pouco de dúvida quanto à sabedoria da escolha.

- Os mortos podem falar com os deuses no Mundo Inferior - disse a sacerdotisa.

- Mas os deuses estão todos aqui - lembrou Dios, lutando contra o latejar em suas pernas, o qual insistia que, a essa hora, deveriam estar andando pelo corredor central a caminho da supervisão do Ritual do Céu Inferior. Seu corpo clamava pelo consolo de estar atravessando o rio. E, uma vez do outro lado do rio, nunca mais retornar... mas ele sempre havia dito isso.

- Na ausência do rei, o sumo sacerdote se encarrega das sua. obrigações. Não é assim, Dios? - perguntou Koomi.

Era. Estava escrito. Não era possível reescrever, uma vez que havia sido escrito. Ele havia escrito. Havia muito tempo.

Dios pendeu a cabeça. Isso era pior do que encanamento, era pior do que qualquer coisa. E ainda assim, e ainda assim... atravessar o rio...

- Muito bem, então. Eu tenho um último pedido.

- Sim? - a voz de Koomi tinham um timbre diferente, já era a voz de um sumo sacerdote.

- Eu desejo ser enterrado no... - Dios começou, e foi interrompido por um murmúrio daqueles sacerdotes que conseguiam olhar para o outro lado do rio. Todos os olhares se voltaram para a margem distante e escura.

As legiões dos reis de Djelibeybi marchavam.

Eles sacudiam, mas iam muito rápido. Havia pelotões, batalhões deles. Não precisavam mais da marreta de Gern.

- Foi a conserva - disse o rei, enquanto viam meia dúzia de ancestrais manusear um brasão com mãos de múmia. - Ela enrijece a gente.

Alguns dos mais antigos estavam ficando entusiasmados demais e começavam a atacar as pirâmides, na verdade conseguindo colocar alguns blocos em lugares mais altos do que estavam. O rei não os culpava. Devia ser horrível ser considerado morto, saber que não estava e ficar trancado na escuridão.

"Nunca vão me colocar dentro de um negócio desses", jurou.

Finalmente chegaram, como uma onda, a mais uma pirâmide. Era pequena, baixa, escura, meio escondida entre montes de areia, e os blocos não eram sequer de alvenaria, e sim de pedras, com as quais haviam sido feitos quadrados irregulares. Claramente havia sido construída antes de o Reino dominar a arte de fazer pirâmides. Era pouco mais que uma pilha de pedras.

Entalhados no lacre da porta, tortos e fundos, havia hieróglifos do Reino Ur: KHUFT MANDOU ME FAZEREM. A PRIMEIRA.

Diversos ancestrais se juntaram em volta dela.

- Minha nossa - disse o rei. - Isso pode estar indo longe demais.

- A Primeira - sussurrou Dil. - A Primeira do Reino. Antes não havia ninguém aqui senão hipopótamos e crocodilos. De dentro dessa pirâmide, setenta séculos olham para nós. Mais velho do que qualquer coisa...

- Sim, sim, está bem - disse Teppicymon. - Não é preciso se empolgar. Ele era um homem, assim como cada um de nós.

- "E Khuft, o pastor de camelos, olhou para o vale"... - começou Dil.

- Sete mil anos depois, ele deve querer olhar para ela novamente - disse Ashk-ur-men-tep asperamente.

- Ainda assim - continuou o rei. - Parece um pouco...

- Os mortos são todos iguais - justificou Ashk-ur-men-tep. - Você, jovem mancebo. Traga-o para fora.

- Quem, eu? - perguntou Gern. - Mas ele foi o pri...

- Sim, nós todos já sabemos de tudo isso - interrompeu Teppicymon. - Vá em frente, já estão todos impacientes. Assim como ele deve estar, espero.

Gern revirou os olhos e suspendeu a marreta. Quando estava prestes a descê-la sobre o fecho, Dil se jogou para a frente, fazendo com que Gern caísse no chão, estendendo a virilha num esforço para não enterrar a marreta na cabeça de seu mestre.

- Ela está aberta! - disse Dil. - Olhe! O fecho está virado para o lado!

- Quer dizer que ele está fora?.

Teppicymon correu e pegou a porta da pirâmide. Ela se mexeu facilmente. Depois examinou a pedra abaixo dela. Por mais abandonada e encoberta que estivesse, alguém havia tomado o cuidado de manter limpa a passagem de entrada para a pirâmide. E a pedra estava bastante gasta, como se fosse pela passagem de muitos pés.

Esse não era, pela natureza das coisas, o estado normal das condições de uma pirâmide. A questão toda era que, uma vez

dentro, você estava dentro.

As múmias examinaram a entrada desgastada e rangeram de surpresa umas para as outras. Uma das mais antigas, que mal conseguia se manter inteira, fez um ruído que parecia um cupim que tivesse finalmente conquistado uma árvore podre.

- O que ela disse? - perguntou Teppicymon.

A múmia de Ashk-ur-men-tep traduziu:

- Ela disse que isto é fantasmagórico - repetiu em voz baixa

O falecido rei concordou.

- Eu vou entrar para dar uma olhada. Vocês dois, vivos venham comigo.

O queixo de Dil caiu.

- Ora, vamos lá, homem - insistiu Teppicymon, forçando a porta para trás. - Olha, eu não estou com medo. Mostre um pouco de determinação. Todos os outros estão com medo.

- Mas nós vamos precisar de luz - protestou Dil.

As múmias mais próximas pularam para trás de uma vez quando Gern tirou, timidamente, um acendedor do bolso.

- Precisaremos de algo para queimar - disse Dil. As múmias se arrastaram mais para trás, resmungando.

- Tem tochas aqui dentro - reparou Teppicymon, a voz um pouco abafada. - E pode mantê-las longe de mim, rapaz.

A pirâmide era pequena, sem labirintos, sem armadilhas, apenas uma passagem de pedra subindo. Trêmulos, esperando ver a qualquer momento terrores indescritíveis pularem na frente deles, os embalsamadores seguiam o rei numa câmara pequena e quadrada que cheirava a areia. O teto estava preto de fuligem.

Não havia nenhum sarcófago lá dentro, nenhum caixão de múmia, nenhum terror, descritível ou indescritível. O centro do piso estava ocupado por um bloco mais elevado, com um cobertor e um travesseiro em cima.

Nenhum dos dois parecia particularmente estranho. Era quase decepcionante.

Gern estendeu o pescoço para olhar ao redor.

- Muito legal, realmente. Aconchegante.

- Não - contestou Dil.

- Ei, mestre, rei, venham ver - pediu Gern, dando uma corridinha até uma das paredes. - Olhem. Tem alguém rabiscando coisas. Olhem, cheio de marquinhos pela parede toda.

- E nesta parede-disse o rei -, e no chão. Tem alguém contando algo. Cada grupo de dez está riscado, estão vendo? Tem alguém contando alguma coisa. Muitas coisas. - Ele se afastou um pouco.

- Que coisas? - perguntou Dil, olhando para trás.

- Muito estranho - continuou o rei. Ele se inclinou para a frente, _ Mal dá para identificar as inscrições que estão embaixo.

- O senhor consegue ler, rei? - perguntou Gern, demonstrando um entusiasmo que Dil considerava desnecessário.

- Não. É um dos dialetos realmente antigos. Não consigo entender um maldito hieróglifo que seja - respondeu Teppicymon. - Eu não acho que exista uma única pessoa viva hoje que possa lê-lo.

- É uma pena - disse Gern.

- Verdade - concordou o rei, e suspirou. Eles ficaram parados num silêncio desconsolado.

- Então, talvez pudéssemos perguntar a um dos mortos? - continuou Gern.

- Er. Gern - disse Dil, chegando para trás.

O rei deu um tapa nas costas do aprendiz, empurrando-o para a frente.

- Muito inteligente a sua idéia! Só precisamos trazer um dos ancestrais realmente antigos. Oh - ele fraquejou. - Não vai dar. Ninguém conseguirá entendê-los...

- Gern! - disse Dil, com os olhos cada vez maiores.

- Não, não tem problema, rei - prosseguiu Gern, apreciando a recém-descoberta liberdade de pensamento -, porque, a razão é que todo mundo entende alguém, e tudo que temos de fazer é encontrar essas pessoas entre eles.

- Garoto brilhante. Garoto brilhante.

- Gern!

Os dois olharam para ele espantados.

- Você está bem, mestre? Você está todo branco.

- A t... - gaguejou Dil, rígido de pavor.

- A o quê, mestre?

-At... olhe para a t...

- Ele está precisando se deitar - disse o rei. - Eu conheço o tipo.

É do tipo artista. Altamente sensível.

Dil respirou fundo.

- Olhe para a maldita tocha, Gern - gritou. Eles olharam.

Sem nenhum rebuliço, transformando suas cinzas pretas em palha seca, a tocha estava queimando ao contrário.

;O Reino Antigo se estendia diante de Teppic, e era irreal.

Ele olhou para Seu Desgraçado, que havia enfiado o focinho numa nascente na margem da estrada e estava fazendo um barulho igual ao da última gota no copo de milkshake.^[28] Seu Desgraçado parecia bastante real. Não existe nada que pareça mais concreto do que um camelo. Mas a paisagem tinha um ar incerto, como se não tivesse chegado a se decidir sobre estar ou não ali.

Exceto pela Grande Pirâmide. Ela estava instalada a meia distância, tão real quanto o alfinete que prende uma borboleta a uma tábua. Conseguia parecer extremamente sólida, como se estivesse absorvendo toda a solidez da paisagem para si.

Bom, ele estava aqui. Onde quer que fosse.

Como é que se matava uma pirâmide?

Ele estava trabalhando com a hipótese de que, ao fazê-lo, tudo voltaria imediatamente ao lugar. Para dentro do reservatório de tempo recirculado do Reino Antigo.

Observou os deuses durante algum tempo, perguntando-se que diabo eram aquelas coisas e por que não pareciam ter importância.

Eles não pareciam nem um pouco mais reais do que a terra sobre a qual caminhavam, ocupados com suas próprias missões incompreensíveis. O mundo não passava de um sonho. Teppic se sentiu incapaz de se surpreender com qualquer coisa. Se sete vacas gordas tivessem passado na sua frente, não teria olhado duas vezes.

O sol estava finalmente baixando. Os deuses da noite e da madrugada prevaleciam sobre os deuses da luz do dia, mas a luta havia sido longa e, quando se pensava sobre todas as coisas que poderiam acontecer com ele agora - ser comido por deusas, carregado em barcos embaixo do mundo, e assim por diante -, as chances de que não fosse visto de novo eram grandes.

Não havia ninguém visível quando entrou na área do estábulo. Seu Desgraçado seguiu tranqüilo até seu lugar no estábulo e puxou um punhado de feno com delicadeza. Havia pensado em algo interessante sobre distribuições bivariantes.

Teppic deu um tapinha em seu lombo, fazendo subir mais uma nuvem de poeira, e subiu os amplos degraus que levavam ao palácio propriamente dito. Ainda não havia nenhum guarda, nenhum criado. Nenhuma alma viva.

Entrou sem ser notado no próprio palácio, como um ladrão à luz do dia, e seguiu até a oficina de Dil. Estava vazia, e parecia que um ladrão com um gosto muito peculiar havia entrado em ação recentemente lá dentro. O salão do trono cheirava a galinha, e, pela aparência das coisas, os cozinheiros haviam se retirado com pressa.

A máscara de ouro dos reis de Djelíbeybi, levemente deformada, havia rolado para um canto. Ele a pegou do chão e, desconfiado, raspou sua superfície com uma das facas. O ouro descascou, expondo um brilho cinza-prateado.

Ele havia suspeitado daquilo. Simplesmente não havia tanto ouro por aí. A máscara parecia pesada como chumbo porque, bem, ela era de chumbo. E se perguntou se algum dia ela havia sido toda de ouro, e qual ancestral a havia feito, e por quantas pirâmides ela

havia pagado. Ela provavelmente simbolizava uma coisa ou outra. Talvez não simbolizasse nada. Apenas simbolizava a si mesma.

Um dos gatos sagrados estava escondido embaixo do trono. Alisou as orelhas e cuspiu em Teppic quando ele se abaixou para passar a mão em sua cabeça. As coisas não haviam mudado tanto assim.

Ainda não tinha encontrado ninguém. Ele foi andando até a sacada.

E lá estavam as pessoas, uma grande massa silenciosa olhando para o rio sob a luz passageira cor de chumbo. Enquanto Teppic observava, uma pequena frota de barcos e balsas partia da margem próxima.

Nós deveríamos ter construído pontes", pensou. "Mas nós achamos que isso iria atravancar o rio."

Ele se soltou devagar do parapeito da sacada, caiu sobre a terra lotada de gente e foi andando entre as pessoas.

E toda a força da crença delas o penetrou.

O povo de Djelibeybi pode ter tido idéias conflituosas a respeito de seus deuses, mas a fé que tinha em seu rei havia permanecido inabalável durante milhares de anos. Para Teppic, era como entrar num barril cheio de álcool. Ele o sentiu se derramar sobre ele até as pontas dos dedos estalarem e subir pelo seu corpo até transbordar por seu cérebro, trazendo não onipotência, mas a sensação de onipotência, o forte sentimento de que, apesar de não saber tudo, ele logo saberia e já chegara a saber uma vez.

Havia sido assim lá em Ankh, quando tinha sido fisgado pela divindade. Mas aquilo fora apenas um lampejo. Agora havia a força sólida da crença real por trás.

Olhou para baixo, de onde vinha um ruído, e viu brotos verdes nascendo na areia seca ao redor de seus pés.

"Caramba", pensou. "Eu realmente sou um deus."

"Isso poderia ser muito embaraçoso."

Ele foi abrindo caminho no meio da multidão até chegar à margem do rio e parou ali entre os pés de milho que se avolumavam. Quando a multidão percebeu, os que estavam mais próximos caíram de joelhos e um círculo de pessoas que se jogavam de modo reverente se espalhou a partir de Teppic como as ondulações que se formam sobre a água.

"Mas eu nunca quis isso! Só queria ajudar as pessoas a viverem mais felizes, com encanamento. Queria que alguma coisa fosse feita nas áreas decadentes do centro da cidade. Eu só queria que eles tivessem bem-estar, e perguntar a eles como aproveitavam a vida. Eu achava que escolas poderiam ser uma boa idéia para que eles não se jogassem no chão para adorar alguém apenas porque tinha pés verdes.

"E eu queria fazer algo em relação à arquitetura..."

À medida que a luz empalidecia no céu, como o aço esfriando, a pirâmide ficava, de alguma forma, ainda maior do que antes. Se você tivesse que projetar algo para dar a impressão evidente de magnitude, a pirâmide seria ideal. Havia uma multidão de vultos ao seu redor, inidentificáveis sob a luz cinzenta.

Teppic olhou à sua volta para a multidão prostrada até ver alguém com o uniforme da guarda do palácio.

- Você, homem, de pé - ordenou.

O homem o olhou com temor, mas se ergueu trêmulo e tímido.

- O que está acontecendo aqui?

- Ó rei, que és o senhor do...

- Acho que não temos tempo... - interrompeu Teppic. - Eu sei quem eu sou, eu quero saber o que está acontecendo.

- Ó rei, nós vimos os mortos andando! Os sacerdotes foram falar com eles.

- Os mortos andando?

- Sim, ó rei.

- Você quer dizer pessoas não-vivas, é isso?

- Sim, ó rei.

- Oh. Bem, obrigado. Você foi muito sucinto. Não muito informativo, mas sucinto. Tem algum barco por perto?

- Os sacerdotes pegaram todos eles, ó rei.

Teppic podia ver que isso era verdade. Os píeres perto do palácio costumavam ficar apinhados de barcos, e agora estavam todos vazios. Quando olhou para a água, ela formou dois olhos e um longo bico para lembrar-lhe que nadar no Djel era tão praticável quanto pregar a neblina na parede.

Olhou para a multidão. Todas as pessoas estavam olhando para ele com ar de expectativa, convencidas de que ele saberia o que fazer no momento seguinte.

Teppic se virou para o rio, estendeu as mãos diante dele, apertou-as com força e as abriu lentamente.

Houve um barulho de sucção úmida, e as águas do Djel se apartaram diante dele. Houve um suspiro por parte da multidão, mas seu espanto não era nada comparado à surpresa de uma dúzia de crocodilos, que ficaram tentando nadar em pleno ar, a três metros do chão.

Teppic desceu o barranco e passou pela lama grossa, esquivando-se das caudas que batiam violentamente perto dele enquanto os répteis caíam pesadamente no leito do rio.

O Djel se elevou como dois muros cáqui, fazendo com que ele passasse por um beco úmido e sombrio. Aqui e ali havia fragmentos de ossos, escudos velhos, pedaços de lanças, partes de barcos. Ele pulava e fintava os escombros seculares.

A sua frente, um crocodilo grande e robusto, pego de surpresa, deu um impulso para fora do muro de água, se agitou feito louco no ar e baqueou no lodo. Teppic pisou com tudo sobre seu focinho e seguiu em frente.

Atrás dele, alguns dos cidadãos mais apressados, vendo as criaturas perplexas abaixo deles, começaram a procurar por pedras. Os crocodilos haviam sido os mestres incontestáveis do rio desde os

tempos primordiais, mas, se fosse possível tirar um pouco o atraso em um curto espaço de tempo, certamente valeria a pena.

O som dos monstros do rio iniciando a longa jornada para o mundo das malas e sapatos rompeu atrás de Teppic enquanto ele chapinhava para subir a ribanceira do outro lado.

Uma fila de ancestrais atravessava a câmara, passando pelos corredores escuros e saindo nas areias. Ela estava cheia de sussurros nas duas direções, um som seco, como o do vento soprando papel velho.

Dil se deitou na areia. Gern abanava seu rosto com um pedaço de pano.

- O que eles estão fazendo? - murmurou.

- Lendo a inscrição - explicou Gern. - Você tinha que ver, mestre! O que estava lendo agora, ele é praticamente um...

- Sim, sim, está bem - disse Dil, esforçando-se para se levantar.

- Ele tem mais de 6 mil anos de idade! E o seu neto está escutando o que ele diz, e contando para o neto dele, que está contando para o neto de...

- Sim, sim, está...

- "E Khuft-também-disse-Para-o-Primeiro, O-que-podemos-Nós-dar-Para-Você, Que-Nos-Ensinou-os-Caminhos-Corretos" - disse Teppicymon^[29], que estava no final da fila. - "E-o-Primeiro-Falou, e-Isto-Ele-Falou, Construa-para-Mim-uma-Pirâmide, Para-Que-Eu-Possa-Descansar, e-Construa-A-com-Essas-Dimensões, Para-que-Seja-Apropriada. E-Assim-Foi-Feito, e-O-Nome-do-Primeiro-era..."

Mas não havia nenhum nome. Era apenas um murmúrio de vozes elevadas, discussões, xingamentos antigos sendo transmitidos ao longo da fila de ancestrais dissecados como uma faísca ao longo de uma trilha de pólvora. Até chegar a Teppicymon, que explodiu.

O sargento ephebiano, transpirando em silêncio na sombra, viu o que em parte já esperava e temia completamente. Havia uma coluna de poeira no horizonte do outro lado.

A força principal dos tsortianos estava chegando lá primeiro.

Ele se levantou, acenou com uma postura profissional para seu correlato do outro lado e olhou para o punhado de homens sob seu comando.

- Eu preciso de um mensageiro para levar, er, uma mensagem até a cidade - disse. Uma floresta de mãos se ergueu. O sargento suspirou e escolheu o jovem Teleprompter, que ele sabia estar sentindo saudade da mãe.

- Corra como vento. Embora eu imagine que não seja preciso lhe dizer, certo? E então... e então...

Ele ficou parado com os lábios se mexendo em silêncio enquanto o sol percorria as rochas da passagem estreita e quente, e alguns insetos zumbiam nos pequenos arbustos. Sua educação não havia incluído um curso de Últimas Palavras Célebres.

Ergueu o olhar na direção do lar.

- Vá, diga aos ephebianos...

Os soldados aguardavam.

- O quê? - perguntou Teleprompter após algum tempo. -

Vá e diga a eles o quê?

- Vá e diga a eles: por que ainda não vieram?

No horizonte próximo, mais uma coluna de poeira avançava.

O sargento relaxou, como o ar saindo de um balão.

Era assim que deveria ser. Se fosse haver um massacre, deveria ser compartilhado por ambos os lados.

A cidade dos mortos surgia diante de Teppic. Depois de Ankh-Morpork, que era quase o seu oposto (em Ankh, até a roupa de cama era viva), era provavelmente a maior cidade do Disco. Suas

ruas eram as mais agradáveis e sua arquitetura, a mais majestosa e digna de admiração.

Em termos de população, a necrópole ultrapassava as outras cidades do Reino Antigo, mas seus habitantes não saíam muito às ruas e não havia nada para fazer no sábado à noite.

Até agora.

Agora ela fervilhava.

Teppic observava do alto de um obelisco queimado pelo vento enquanto os exércitos cinza e marrom, e aqui e ali esverdeados, dos falecidos passavam abaixo dele. Os reis haviam sido democráticos. Depois que as pirâmides foram esvaziadas, algumas gangues haviam voltado a atenção para as pirâmides menores, e agora a necrópole realmente tinha seus comerciantes, nobres e artesãos. Não que houvesse, nem de longe, alguma forma de distingui-los.

Eles estavam, em honra de um cadáver, seguindo para a Grande Pirâmide. Ela se agigantava como um carbúnculo acima das outras construções menos importantes. E todos pareciam muito nervosos com alguma coisa.

Teppic desceu com suavidade sobre o teto plano de uma mastaba, deu uma corrida até a beirada, afastou uma esfinge decorativa para abrir espaço - não sem um momento de preocupação, mas esta parecia bastante inerte - e dali ficou à distância de um arremesso de arpéu até um dos andares mais baixos de uma pirâmide de degraus.

A luz alongada do controverso sol cortava a paisagem enquanto ele saltava de monumento em monumento, ziguezagueando acima do exército que se arrastava.

Atrás dele apareciam brotos transitórios nas pedras antigas, formando pequenas rachaduras em sua superfície e murchando e morrendo em seguida.

"Foi para isso", dizia seu sangue ao tinir pelo corpo, "que você foi treinado." Nem mesmo Mericet poderia lhe dar uma nota baixa por isso. Movimentando-se rapidamente nas sombras acima da cidade

silenciosa, correndo como um gato, encontrando apoios para as mãos que teriam deixado surpresa uma lagartixa - e, no destino final, uma vítima.

Realmente, tratava-se de 1 bilhão de toneladas de pirâmide, e até agora o maior cliente de um sepultamento havia sido Patrício, Déspota de Quirm, com 23 pedras.

Um obelisco monumental, onde estavam gravadas em baixo-relevo as conquistas de um rei havia 4 mil anos, e que teria sido mais pertinente se a areia carregada pelo vento não tivesse corroído seu nome, servia bem de escada, sendo preciso apenas um habilidoso arremesso de arpéu do alto, indo parar entre os dedos esticados de um monarca esquecido, para fornecer-lhe um arco longo e suave até o teto do túmulo.

Correndo, escalando e balançando, enfiando grampos de ferro apressadamente, Teppic prosseguiu.

Ínfimos pontos de fogo entre o calcário marcavam as fileiras dos exércitos inimigos. Por mais profunda e estilizada que fosse a inimizade entre os dois impérios, ambos mantinham a antiga tradição de que a guerra não devia ser conduzida à noite, nem durante o período de colheita ou chuvoso. Era importante o suficiente para ser reservada para ocasiões especiais. Partir para ela com martelos e pinças apenas reduzia a coisa toda a uma farsa.

Quando chegou a hora do crepúsculo, dos dois lados da linha ouvia-se o som agitado do trabalho com madeira em andamento.

Dizem que os generais estão sempre prontos para lutar a última luta de novo. Milhares de anos haviam se passado desde a última guerra entre Tsort e Ephebe, mas os generais têm boa memória e desta vez estavam prontos.

Dos dois lados da linha, cavalos de madeira estavam tomando forma.

- Ele se foi - disse Ptaclusp IIb, deslizando da pilha de entulho. - Já não era sem tempo - reclamou seu pai. - Ajude-me a dobrar o seu irmão. Tem certeza de que isso não vai machucá-lo?

- Bom, se fizermos com cuidado, ele não poderá se mover no Tempo, ou seja, em extensão, para nós. Então, se não passar nenhum tempo para ele, nada poderá machucá-lo.

Ptaclusp pensou nos velhos tempos, quando a construção de pirâmides consistia simplesmente em empilhar um bloco no outro, e tudo que deveria ser lembrado era colocar menos em cima, à medida que a pilha ia subindo. E agora ela significava tentar fazer uma dobra em um de seus filhos.

- Certo - disse, duvidoso. - Vamos logo embora daqui. – Ele subiu cuidadosamente sobre os escombros para olhar, quando a vanguarda dos mortos surgia de trás da pirâmide menor e mais próxima.

O seu primeiro pensamento foi: "pronto, eles estão vindo reclamar".

Tinha feito o melhor possível. Nem sempre era fácil construir tendo que economizar. Talvez nem todas as padieiras estivessem de acordo com os projetos, talvez a qualidade do reboco interno não correspondesse sempre às expectativas, mas...

Não é possível que todos queiram reclamar. Não tantos assim.

Ptaclusp IIb subiu atrás dele. Seu queixo caiu.

- De onde estão vindo todos eles?

- Você é o especialista. Diga você.

- Eles estão mortos?

Ptaclusp examinou alguns dos manifestantes mais próximos.

- Se não estiverem, alguns estão pelo menos terrivelmente doentes.

- Vamos sair correndo daqui!

- Para onde? Para o alto da pirâmide? - A Grande Pirâmide se agigantava atrás deles, sua palpitação preenchia o ar. Ptaclusp olhou fixamente para ela. - O que vai acontecer hoje à noite?

- O quê?

- Bem, ela vai... fazer a mesma coisa que já fez... de novo? IIb olhou para ele.

- Não sei.
- Você pode descobrir?
- Só esperando. Eu não tenho sequer certeza do que ela já fez até agora.
- Nós vamos gostar?
- Acho que não, pai. Minha nossa.
- O que foi agora?
- Olhe ali.

Seguindo ao encontro da marcha dos mortos, arrastando-se atrás de Koomi feito a cauda atrás do cometa, vinham os sacerdotes.

Estava quente e escuro dentro do cavalo. Também estava muito cheio de gente.

Eles esperavam, suando.

O jovem Teleprompter gaguejava:

- O que vai acontecer agora, sargento?

O sargento tentou mexer o pé. A atmosfera teria provocado claustrofobia numa sardinha.

- Bom, rapaz. Eles nos descobrirão, entende, e ficarão tão impressionados que nos arrastarão com eles até a sua cidade, e depois, quando estiver escuro, nós os surpreenderemos e os passaremos a fio de espada. Ou passaremos a espada neles. Uma coisa ou outra. E então saquearemos a cidade, queimaremos os muros e espalharemos sal pelo chão. Você se lembra, rapaz, eu lhe mostrei como era na sexta-feira.

-Ah.

A umidade pingava de um grande número de testas. Alguns dos homens tentavam escrever uma carta para casa, arrastando o buril na cera que estava quase derretendo.

- E depois, o que vai acontecer, sargento?
- Ora, rapaz, depois voltaremos para casa como heróis.

-Ah.

Os outros soldados se sentaram, apáticos, olhando para as paredes de madeira. Teleprompter mudava de posição, irrequieto,

ainda preocupado com alguma coisa.

- Minha mãe disse para voltar com o escudo, sargento.

- Que bom, meu rapaz. Esse é o espírito.

- Mas nós ficaremos bem. Não ficaremos, sargento?

O sargento olhou para a escuridão fétida.

Após algum tempo, alguém começou a tocar gaita.

Ptaclusp virou um pouco a cabeça, parando de olhar para a cena, e uma voz em seu ouvido disse:

- Você é o construtor de pirâmides, não é?

Mais uma figura havia se juntado a eles em seu esconderijo. Estava vestida de preto e se movia de forma a fazer o andar de um gato parecer uma banda de um homem só.

Ptaclusp fez que sim com a cabeça, incapaz de falar. Ele havia tido choques suficientes para um único dia.

- Bom, desliga. Desliga já.

I Ib se inclinou para a frente.

- Quem é você?

- Meu nome é Teppic.

- O quê, como o rei?

- Sim. Exatamente como o rei. Agora, desligue esse negócio.

- Mas é uma pirâmide! Não dá para desligar uma pirâmide! - disse I Ib.

- Bom, então acenda a chama.

- Nós tentamos fazer isso ontem à noite. - I Ib apontou para a cimalha estraçalhada. - Desenrole o Dois-a, papai.

Teppic observou o irmão liso.

- Isso é um tipo de pôster de colocar na parede, né? - disse, finalmente.

I Ib olhou para baixo. Teppic viu o movimento e olhou para baixo também. Ele estava com brotos verdes até o tornozelo.

- Desculpe. Eu não consigo parar com isso.

- Deve ser desagradável - observou Iib, exaltado. - Eu sei como é, uma vez eu tive uma verruga, nada era capaz de fazer com que ela sumisse.

Teppic se acocorou perto da pedra rachada.

- Essa coisa. Qual é o significado? Quer dizer, ela é coberta de metal. Por quê?

- É preciso haver uma ponta afiada para a chama - explicou Iib.

- Só isso? Isso é de ouro, não é?

- É eletro. Liga de ouro e prata. A cimalha tem que ser feita de eletro.

Teppic puxou a lâmina de metal.

- Isso não é só metal - disse, com um tom suave.

- Sim. Bem - começou Ptaclusp. - Nós descobrimos, er, que o ouropel funciona do mesmo modo.

- Vocês não poderiam usar algo mais barato? Como aço?

Ptaclusp olhou com desdém. O dia não tinha sido bom, a sanidade era uma lembrança distante, mas havia certos fatos que ele sabia com certeza.

- Não duraria mais de um ou dois anos. Com o sereno e tudo mais. Não teria sentido. Não duraria mais que duzentas ou trezentas vezes.

Teppic encostou a cabeça na pirâmide. Estava fria e zumbia. Ele achava que podia ouvir, por baixo da pulsação, um tom levemente elevado.

A pirâmide se elevava acima dele. Iib poderia ter dito que aquilo era porque as paredes se inclinavam a precisos 56 graus e que um efeito conhecido como talude fazia a pirâmide parecer ainda mais alta do que na verdade era. Ele provavelmente teria usado palavras como perspectiva e altura virtual também.

O mármore preto era liso como vidro. Os pedreiros haviam feito um bom trabalho. As frestas entre os painéis lustrosos eram de uma espessura em que mal caberia uma faca. Mas, ainda assim, largas o suficiente para tanto.

- E uma vez só? - perguntou.

Koomi roía as unhas, perturbado.

- Fogo - disse. - Isso os fará parar. Eles são muito inflamáveis. Ou água. Provavelmente se dissolverão.

- Alguns deles estavam destruindo pirâmides - observou o sumo sacerdote de Juf, o Deus do Papiro com Cabeça de Naja.

- As pessoas sempre retornam do mundo dos mortos com um mau humor tão grande - disse outro sacerdote.

Koomi observava o exército cada vez mais próximo com espanto crescente.

- Onde está Dios?

O velho sumo sacerdote foi empurrado para a frente da multidão.

- O que eu devo dizer a eles? - perguntou Koomi.

Seria errado dizer que Dios sorriu. Essa não era uma ação exigida dele com freqüência. Mas sua boca se dobrou nos cantos e seus olhos ficaram meio cobertos.

- Você poderia dizer a eles que novos tempos exigem novos homens. Você poderia dizer que é o momento de dar lugar a pessoas jovens com idéias novas. Você poderia dizer que eles já estão ultrapassados. Poderia dizer tudo isso.

- Eles vão me matar!

- Será que estariam tão ansiosos assim pela sua eterna companhia?

- Você ainda é o sumo sacerdote!

- Por que você não conversa com eles? Não se esqueça de dizer que serão arrastados gritando e esperneando até o Século da Naja. - Ele entregou o bastão para Koomi. - Ou qualquer que seja o nome deste século - acrescentou.

Koomi sentiu o olhar dos irmãos e irmãs reunidos voltado para ele. Limpou a garganta, ajeitou o manto e se virou para encarar as múmias.

Estavam entoando algo, uma palavra, várias vezes sem parar. Ele não conseguia entender muito bem, mas parecia algo que as havia

deixado num estado de fúria.

Ergueu o bastão, e as cobras esculpidas na madeira pareciam vivas de modo surpreendente sob a luz uniforme.

Os deuses do Disco - e aqui entenda-se os deuses do grande consenso, que realmente existem em seu lar, Dunmanifestin, o seu Valhalla semi-isolado na montanha central impossivelmente alta, onde passam o tempo observando as trapalhadas insignificantes dos mortais e organizando petições sobre como o afluxo dos Gigantes do Gelo fez diminuir o valor das propriedades nas regiões celestiais sempre foram fascinados pela incrível habilidade humana de dizer exatamente a coisa errada na hora errada.

Não se referem a erros corriqueiros como "É perfeitamente seguro" ou "Cão que ladra não morde", mas frases pequenas e simples que interferem em situações complicadas com o mesmo efeito de uma barra de aço jogada na superfície de uma turbina a vapor de 3 mil rpm e 660 megawatts.

E os conhecedores da tendência da humanidade de colocar a sola do pé no lugar onde deveria estar sua língua concordam que, quando os envelopes do júri forem abertos, a elegante performance de Hoot Koomi em "Fora daqui, suas sombras abomináveis" será um forte concorrente na categoria "os cumprimentos mais estúpidos de todos os tempos".

A primeira fileira de ancestrais parou e foi empurrada um pouquinho para a frente pela pressão dos que estavam atrás.

O rei Teppicymon XXVII, que, pelo consenso geral entre os outros Teppicymons, era o porta-voz, cambaleou para a frente sozinho e ergueu o trêmulo Koomi pelos braços.

- O que você disse?

Koomi revirou os olhos. Sua boca abriu e fechou, mas a sua voz optou sabiamente por não sair.

Teppicymon encostou o rosto enfaixado no nariz pontudo do sacerdote.

- Eu me lembro de você - disse entre dentes. - Eu já o vi dando unções por aí. Um tratante, sem dúvida nenhuma. Eu me lembro de ter pensado isso.

E olhou com raiva para os outros.

-Vocês são todos sacerdotes, não são? Vieram pedir desculpas, não é? Onde está Dios?

Os ancestrais se empurraram para a frente, resmungando. Quando a pessoa está morta há centenas de anos, não fica muito inclinada a sentir generosidade para com as pessoas que garantiram que ela teria ótimos momentos. Houve um tumulto no meio da multidão quando o Rei Psam-nut-kha, que havia passado 5 mil anos sem nada para olhar que não fosse a parte interna de uma tampa, foi contido pelos colegas mais novos.

Teppicymon voltou sua atenção para Koomi, que não havia saído do lugar.

- Sombras abomináveis, não é?

- Er - disse Koomi.

- Ponha-o no chão - Dios tirou o bastão dos dedos frouxos de Koomi com delicadeza e disse: - Eu sou Dios, o sumo sacerdote. Por que vocês estão aqui?

Sua voz era perfeitamente calma e racional, com nuances de autoridade preocupada, porém incontestável. Era um tom de voz que os faraós do Djel haviam escutado durante milhares de anos, uma voz que havia ordenado os dias, determinado os rituais, dividido o tempo em segmentos cuidadosamente dirigidos, interpretado a vontade dos deuses para os homens. Era o som da autoridade, que avivava lembranças antigas entre os ancestrais e os deixava constrangidos, arrastando os pés.

Um dos faraós mais recentes cambaleou para a frente.

- Seu desgraçado - gritou. - Você nos vestiu e nos trancou, um por um, e continuou vivo. As pessoas achavam que o nome estava sendo passado para descendentes, mas o tempo todo era você. Quantos anos você tem, Dios?

Não se ouviu nenhum som. Ninguém se mexeu. Uma brisa agitou um pouco a poeira. Dios suspirou.

- Eu não tive a intenção. Não havia muito o que fazer. Nunca havia horas suficientes no dia. De verdade, eu não percebi o que estava acontecendo. Achei que fosse reanimador, nada mais, não suspeitei de nada. Eu notava a passagem dos rituais, e não dos anos.

- Essa longevidade vem de família, não é? – perguntou Teppicymon, com sarcasmo.

Dios o encarou, movendo os lábios.

- Família - disse finalmente, a voz mais suave do que a impostação normal. - Família. Sim. Eu devo ter tido uma família, não é mesmo? Mas, sabe como é, eu não me lembro. A memória é a primeira coisa que se perde. As pirâmides parecem não preservá-la, por mais estranho que isso pareça.

- Esse é Dios, o escritor das notas de rodapé da história? perguntou Teppicymon.

- Ah. - O sumo sacerdote sorriu. - A memória sai da cabeça. Mas ela está à minha volta em toda parte. Em cada pergaminho e em cada livro.

- Essa é a história do reino, homem!

- Sim. A minha memória.

O rei relaxou um pouco. Uma absoluta fascinação horrorizada desfez o nó da fúria.

- Quantos anos você tem?

- Acho que... 7 mil anos. Mas às vezes parece muito mais.

- Sete mil anos de verdade?

- Sim.

- Como é que um homem pode agüentar tanto?

Dios deu de ombros.

- Sete mil anos se passam normalmente, um dia de cada vez.

Lentamente, com um eventual estremecimento, ele se apoiou em um joelho e estendeu seu bastão com as mãos trêmulas.

- O reis - disse. - Eu sempre existi apenas para servir.

Houve uma longa e embaraçosa pausa.

- Nós destruiremos as pirâmides - avisou Far-re-ptah, chegando para a frente.

- Vocês destruirão o reino - disse Dios. - Eu não posso permitir isso.

- Você não pode permitir isso?

- Sim. O que será de nós sem as pirâmides?

- Falando em nome dos mortos - disse Far-re-ptah -, nós seremos livres.

- Mas o reino será apenas mais um pequeno território - lamentou Dios e, para horror deles, os ancestrais viram lágrimas em seus olhos. -Tudo que mais estimamos, vocês deixarão à mercê do tempo. Na incerteza. Sem governo. Sujeito a mudanças.

- Então ele pode tentar a sorte - ironizou Teppicymon. - Saia da frente, Dios.

Dios ergueu o bastão. A cobra ao redor dele se desenrolou e sibilou para o rei.

- Parado aí.

Um relâmpago escuro estalou entre os ancestrais. Dios olhou para o bastão, perplexo. Ele nunca havia feito aquilo antes. Mas 7 mil anos de seus sacerdotes acreditaram, no fundo do coração, que o bastão de Dios poderia governar este mundo e o próximo.

No silêncio súbito houve um leve tinido, no alto, de uma faca sendo enfiada entre duas placas de mármore preto.

A pirâmide pulsava sob Teppic, e o mármore estava liso como gelo. A inclinação interna não era a ajuda que esperava.

"A coisa", ele disse a si mesmo, "não é olhar para cima ou para baixo, mas para a frente, para o mármore, parcelando a altura impossível em fragmentos possíveis. Exatamente como o tempo. É

assim que sobrevivemos à infinitude - nós a matamos ao dividi-la em pequenas partes."

Estava ciente dos gritos abaixo dele, e olhou rapidamente por cima do ombro. Mal estava a um terço da subida, mas conseguia ver as multidões do outro lado do rio, uma massa acinzentada salpicada com pálidas bolhas de rostos virados para cima. Próximo dali, o pálido exército dos mortos, diante do pequeno grupo de sacerdotes, com Dios à frente deles. Havia uma espécie de discussão acontecendo.

O sol estava no horizonte.

Ele se esticou para cima, localizou a próxima fenda, encontrou um apoio para a mão...

Dios avistou a cabeça de Ptaclusp observando por cima dos escombros e mandou dois sacerdotes trazerem-no para perto. Iib veio atrás, com o irmão, dobrado com cuidado, embaixo do braço.

- O que esse menino está fazendo? - Dios perguntou.

- O Dios, ele disse que ia acender a chama da pirâmide - respondeu Ptaclusp.

- Como ele vai conseguir fazer isso?

- Ó senhor, disse que colocará a cimalha antes que o sol se ponha.

- Isso é possível? - Dios perguntou, voltando-se para o arquiteto. Iib hesitou.

- Pode ser.

- E o que acontecerá? Nós voltaremos para o mundo lá de fora?

- Bem, isso depende. Se o efeito dimensional possibilitar a formação da catraca, por assim dizer, e ficar estável, ou se, pelo contrário, a pirâmide atuar como um pedaço de borracha sob tensão...

Ele começou a gaguejar até parar de falar, diante da intensidade do olhar de Dios.

- Eu não sei - admitiu.

- Voltar para o mundo de fora - disse Dios. - Não o nosso mundo. O nosso mundo é o Vale. O nosso mundo é feito de ordem. Os homens precisam de ordem.

Ele ergueu o bastão.

- Aquele é o meu filho! - gritou Teppicymon. - Não ouse tentar fazer nada! Aquele é o rei!

As fileiras de ancestrais oscilaram, mas não conseguiram quebrar o encanto.

- Er, Dios - disse Koomi.

Dios se virou, as sobrancelhas arqueadas.

- Você disse alguma coisa?

- Er, se aquele for o rei, er eu... quer dizer, nós... achamos que talvez você devesse deixá-lo prosseguir. Er, você não acha que seria realmente uma boa idéia?

O bastão de Dios deu um coice, e os sacerdotes sentiram as ondas frias do constrangimento congelarem seus membros.

- Eu dei a minha vida para o reino - disse o sumo sacerdote. - E a dei muitas e muitas vezes. Tudo que ele é hoje, fui eu que criei. Não posso abandoná-lo agora.

E então ele viu os deuses.

Teppic subiu com cuidado mais alguns metros e depois esticou o braço para baixo bem devagar para tirar a faca do mármore. Mas aquilo não ia dar certo. A escalada com facas era para ser usada nas passagens complicadas e curtas, e era sempre desagradável, porque indicava que você havia escolhido o caminho errado. Não era para esse tipo de situação, a menos que você tivesse um número ilimitado de facas.

Ele estava olhando por cima do ombro novamente quando estranhas sombras em listras passaram vibrando sobre a face da pirâmide.

Os deuses estavam voltando do pôr-do-sol, onde estiveram envolvidos na sua eterna disputa.

Cambaleavam e vacilavam pelos campos e bambuzais, seguindo na direção da pirâmide. Por mais que fossem quase descerebrados, entendiam o que ela era. Talvez até entendessem o que Teppic estava tentando fazer. Seus rostos de animais variados faziam com que fosse difícil ter certeza, mas pareciam bastante aborrecidos.

- Você vai conseguir controlá-los, Dios? - perguntou o rei. -Você dirá a eles que o mundo deveria ser imutável?

Dios olhou para as criaturas acotovelando umas às outras enquanto atravessavam o rio com dificuldade. Havia dentes demais, línguas para fora demais. As partes deles que eram humanas estavam se perdendo no caminho. Um deus da justiça com cabeça de leão - Put, Dios lembrou o nome dele - estava usando as suas escamas como um chicote para bater em um dos deuses do rio. Chefet, o Deus dos Metais com Cabeça de Cachorro, rosnava e atacava seus colegas a esmo com seu martelo. "Este é Chefet", pensou Dios, "o deus que eu havia criado para ser um exemplo para os homens na arte dos fios de arame, da delicadeza e dos detalhes."

Mas tinha dado certo. Ele se aproximara de uma massa de incultos e mostrara a eles tudo que podia lembrar sobre as artes da civilização e os segredos das pirâmides. Naquela ocasião, precisou de deuses.

O problema com os deuses é que, depois que um número suficiente de pessoas começa a acreditar neles, eles passam a existir de fato. E o que passa a existir não é o que se pretendia originalmente.

"Chefet, Chefet", pensou Dios. "Fabricante de anéis, tecelão dos metais. Agora ele está fora da nossa cabeça, e veja como as suas unhas se transformaram em garras... Não foi assim que o imaginei."

- Pare - ordenou. - Eu ordeno que você pare! Você me obedecerá. Eu o criei! Também lhes falta gratidão.

O Rei Teppicymon sentiu a energia ao seu redor diminuir quando Dios voltou toda a sua atenção para questões eclesiásticas. Ele olhou

para a pequena silhueta na metade do caminho de subida da pirâmide, viu-a titubear.

Os outros ancestrais também viram isso e, como se fossem um só cadáver, sabiam o que fazer. Dios poderia esperar.

Eram uma família.

Teppic ouviu o estalo do cabo embaixo de seu pé, escorregou um pouco e ficou pendurado por uma das mãos. Tinha outra faca enfiada um pouco acima dele, mas... não, nada bom. Não a alcançava. Para efeitos práticos, seus braços pareciam pedaços curtos de uma corda úmida. Agora, se esticasse os membros quando escorregasse, talvez fosse capaz de reduzir o suficiente...

Ele olhou para baixo e viu os escaladores vindo em sua direção, numa onda que rolava para cima.

Os ancestrais subiram a face da pirâmide em silêncio, como plantas trepadeiras, cada nova fileira se colocando em posição sobre os ombros da geração abaixo, enquanto os mais jovens subiam por cima deles. Mãos esqueléticas seguraram Teppic enquanto a onda de edificadores se dividiu ao redor dele, e ele foi meio puxado e meio empurrado para cima da parede inclinada.

Vozes que pareciam o ranger de sarcófagos encheram seus ouvidos, gemendo incentivos.

- Muito bem, rapaz - grunhiu uma múmia desintegrando-se, puxando-o para cima de seus ombros. - Você me faz lembrar de mim, quando estava vivo. Para você, filho.

- Peguei - disse o cadáver acima, erguendo Teppic com facilidade com o braço esticado. - Este espírito de família é ótimo, garoto. Saudações do seu tatará-tarará-tatará tio, embora eu não espere que você se lembre de mim. Subindo.

Outros ancestrais subiam, passando por Teppic, enquanto ele era erguido de mão em mão. Dedos antigos com a força do aço o seguravam firmemente e o içavam para o alto.

A pirâmide estava ficando estreita.

Lá embaixo, Ptaclusp observava atentamente.

- Que mão-de-obra. Olhe para isso, os que estão embaixo estão sustentando o peso todo!

- Pai - chamou Iib. - Acho que é melhor correremos. Aqueles deuses estão chegando perto.

-Você acha que poderíamos empregá-los? - ponderou Ptaclusp, ignorando-o. - Eles estão mortos, provavelmente não exigirão salários muito altos e...

- Pai!

- ... meio que pré-fabricadas...

- Você disse "chega de pirâmides", pai. "Nunca mais", você disse. Agora vamos!

Teppic subiu com dificuldade até o alto da pirâmide, apoiado pelos dois últimos ancestrais. Um deles era seu pai.

- Acho que você não conheceu a sua bisavó - comentou, indicando o corpo enfaixado mais baixo, que deu um aceno de cabeça meigo para Teppic. Ele abriu a boca.

- Não temos tempo - ela disse. - Você está indo bem.

Ele olhou para o sol, que, profissional experiente que era, escolheu aquele momento para se pôr atrás do horizonte. Os deuses haviam atravessado o rio, seu avanço prejudicado apenas pela tendência de empurrar e atropelar uns aos outros, e vinham tropeçando por entre as construções da necrópole. Alguns se aglomeraram no local onde Dios havia estado.

Os ancestrais foram descendo, deslizando pirâmide abaixo com a mesma velocidade com que haviam subido, deixando Teppic sozinho sobre uma pedra de alguns metros quadrados.

Algumas estrelas apareceram.

Ele viu figuras brancas lá embaixo quando os ancestrais saíram correndo em alguma missão pessoal deles, trôpegos e a uma velocidade surpreendente em direção à faixa mais larga do rio.

Os deuses perderam o interesse em Dios, esse pequeno e estranho humano com um pedaço de pau e voz estridente. O deus mais próximo, a coisa com cabeça de crocodilo, atirou-se à praça

diante da pirâmide, olhou com os olhos semicerrados para Teppic e se esticou na direção dele. Teppic procurou uma faca, perguntando-se qual delas seria apropriada para deuses...

E, ao longo do Djel, as pirâmides começaram a soltar seu estoque escasso de tempo acumulado.

Sacerdotes e ancestrais fugiram quando o chão começou a tremer. Até os deuses pareciam desnorteados.

I Ib agarrou o braço do pai e o arrastou.

- Vamos embora! - gritou em seu ouvido. - Não podemos estar aqui quando ela disparar! Senão você vai ser colocado para dormir num cabide!

Em volta deles, algumas outras pirâmides lançaram suas chamas trêmulas, coisas finas e frágeis que mal eram visíveis sob a luz vermelha do fim da tarde.

- Pai! Eu disse que temos que ir embora!

Ptaclusp foi arrastado de costas pelo chão de pedra, ainda olhando fixamente para o contorno disforme da Grande Pirâmide.

- Tem alguém parado ali, olhe - disse, e apontou para um vulto sozinho na praça.

I Ib examinou a figura na escuridão.

- É apenas Dios, o sumo sacerdote. Espero que tenha algum plano em mente, melhor não se intrometer nos assuntos dos sacerdotes, agora vamos embora, por favor.

O deus-com-cabeça-de-crocodilo virava o focinho para a frente e para trás, tentando mirar em Teppic sem a vantagem da visão binocular. Assim de perto, seu corpo era levemente transparente, como se alguém tivesse esboçado todas as linhas e depois ficado entediado antes de fazer o sombreado. Ele pisou num pequeno túmulo, transformando-o em pó.

Uma mão que parecia um aglomerado de canoas com garras passou por cima de Teppic. A pirâmide tremeu e a pedra sob seus pés ficou quente, mas ela estava firmemente decidida a não lançar sua chama.

A mão desceu. Teppic ficou apoiado em um joelho e, no desespero, ergueu a faca acima de sua cabeça com as duas mãos.

A luz refletiu por um momento na ponta da lâmina e depois a Grande Pirâmide lançou sua chama.

Para começar, ela o fez em absoluto silêncio, lançando uma espiral de chama de torturar a vista, que transformou o reino inteiro num conjunto de linhas cruzadas de sombra preta e luz branca, uma chama que poderia ter transformado qualquer espectador não apenas num pilar de sal, mas numa combinação completa de condimentos à sua escolha. Explodiu feito um dente-de-leão aberto, silenciosa como a luz estelar, ardente como uma super-nova.

Apenas depois de ter banhado a necrópole com sua luminosidade impossível por alguns segundos veio o som, e era o tipo de som que ganha mais energia dentro dos ossos, passa por dentro de cada célula do corpo e tenta, com algum sucesso, virá-las do avesso. Era alto demais para ser chamado de barulho. Existem sons que são tão altos que isso impede que sejam ouvidos, e era esse tipo de som.

Finalmente, dignou-se a sair das escalas cósmicas e se tornou simplesmente o som mais alto que todas as pessoas que o escutaram jamais conheceram.

O barulho parou, enchendo o ar com o misterioso tinido metálico do silêncio repentino. A luz apagou, cortando a noite com imagens residuais azuis e roxas. Esses não eram o silêncio e a escuridão da conclusão, mas da pausa, como o momento de equilíbrio em que uma bola arremessada perde a aceleração, mas não sabe que ainda está sob o efeito da gravidade e, por um breve instante, acredita que o pior já passou.

Desta vez, ela foi anunciada por um apito penetrante saído do céu aberto e um redemoinho no ar que virou um brilho, que virou uma chama, que virou uma chama trêmula que queimava para baixo, para dentro da pirâmide, perfurando a massa de mármore preto. Pontas de relâmpagos estouravam para fora e iam parar nas sepulturas menores ao seu redor, de modo que serpentes de fogo

branco queimavam seu caminho de pirâmide em pirâmide através da necrópole, e o ar se enchia do fedor de pedra queimando.

No meio da tempestade de fogo, a Grande Pirâmide pareceu se erguer alguns centímetros, num raio de incandescência, e virar noventa graus. Isso era quase com certeza o tipo de ilusão de óptica que pode ocorrer mesmo que ninguém esteja olhando.

E depois, com uma lentidão ilusória e considerável dignidade, explodiu.

A palavra seria quase grosseira demais. O que ela fez foi: partiu-se em fragmentos de maneira notável, e os pedaços do tamanho das unidades da construção se afastaram com leveza uns dos outros, voando serenamente para fora da necrópole. Alguns deles atingiram outras pirâmides, causando sérios estragos de maneira preguiçosa e despreocupada, e depois ricochetearam em silêncio até chegarem a parar atrás de uma pequena montanha de entulhos.

Só depois disso veio o estrondo. Ele continuou por um bom tempo.

A poeira cinzenta rolava sobre o reino.

Ptaclusp se levantou com dificuldade e seguiu tateando, cauteloso, até esbarrar em alguém. Estremeceu ao se lembrar do tipo de pessoas que havia visto andando por aí recentemente, mas os pensamentos não vinham facilmente porque algo parecia tê-lo atingido na cabeça recentemente...

- É você, rapaz? - arriscou.

- É você, pai?

- Sim.

- Sou eu, pai.

- Fico feliz que seja você, filho.

- Você consegue ver alguma coisa?

- Não. É tudo névoa e sombra.

- Graças aos deuses, achei que fosse eu.

- Mas você, não é? Você disse.
- Sim, pai.
- O seu irmão está bem?
- Ele está seguro dentro do meu bolso, pai.
- Bom. Desde que nada aconteça com ele.

Caminharam com passos curtos, atravessando pequenos obstáculos de alvenaria que mal conseguiam enxergar.

- Alguma coisa explodiu, pai - disse Iib, devagar. – Acho que foi a pirâmide.

Ptaclusp esfregou a parte de cima da cabeça, da qual duas toneladas de pedras voadoras haviam ficado a um dezesseis avôs de um centímetro de prepará-lo para uma de suas próprias pirâmides.

- Foi aquele cimento safado que nós compramos do Merco, o ephebiano, eu imagino...

-Acho que isso foi um pouco pior do que uma padieira defeituosa, pai. Na verdade, acho que foi muito pior.

- Ela parecia um pouco coisada, um pouco arenosa...

- Você deveria encontrar um lugar para se sentar, pai - aconselhou Iib, com o máximo de delicadeza. - Aqui está o Dois-a.

Segure-o bem.

Ele seguiu se arrastando sozinho, escalando uma laje que desconfiou ser de mármore preto. O que ele queria, decidiu, era um sacerdote. Eles tinham que ser úteis para alguma coisa, e este parecia ser o tipo de coisa para a qual se precisaria de um sacerdote. Para consolo, ou quem sabe - ele sentia de forma confusa -, para bater com uma pedra na cabeça deles.

O que encontrou, em vez disso, foi uma pessoa de quatro, tossindo. Iib ajudou-o - era definitivamente um homem; por um momento, teve medo de que fosse uma coisa - e sentou-o num outro pedaço de, sim, quase com certeza, de mármore.

- Você é sacerdote? - perguntou, tateando os escombros.

- Eu sou Dil. Embalsamador chefe - murmurou o vulto.

- Ptaclusp I Ib, aqui... - I Ib começou e depois, suspeitando que os arquitetos não seriam muito bem vistos por ali durante algum tempo, corrigiu-se rapidamente. - Eu sou engenheiro. Você está bem?

- Não sei. O que aconteceu?

- Eu acho que a pirâmide explodiu - disse I Ib, de modo espontâneo.

- Nós estamos mortos?

- Eu diria que não. Afinal, você está andando e falando.

Dil sentiu um arrepio.

- Isso não é nenhuma garantia, acredite. O que faz um engenheiro?

- Ah, constrói aquedutos - respondeu I Ib, rapidamente. - É a profissão do futuro, sabe.

Dil se levantou, um pouco trêmulo.

- Eu preciso beber alguma coisa. Vamos encontrar o rio.

Antes, encontraram Teppic.

Ele estava agarrado a uma pequena parte de uma pirâmide que havia feito uma cratera de tamanho razoável ao aterrissar.

- Eu o conheço - disse I Ib. - É o rapaz que estava no alto da pirâmide. Isso é ridículo, como ele pode ter sobrevivido àquilo?

- E por que todo esse milho brotando também? - perguntou- se Dil.

- E, talvez haja algum tipo de efeito se a pessoa estiver bem no centro da chama ou algo do gênero - ponderou I Ib, pensando em voz alta. - Uma espécie de área tranqüila ou coisa do tipo, como no meio de um redemoinho de água... - Ele foi pegar o bloco de cera num movimento instintivo, e depois parou. Um homem nunca entenderia as coisas nas quais se metia. - Ele está morto?

- Não olhe para mim - respondeu Dios, chegando para trás. Por sua cabeça estavam passando as profissões alternativas agora abertas para ele. Tapeçaria parecia interessante. Pelo menos as

cadeiras não se levantavam e saíam andando depois de serem estofadas.

Iib se inclinou sobre o corpo.

- Olhe o que ele tem na mão - disse, abrindo os dedos devagar. - É um pedaço de metal derretido. Para que ele usava isso?

... Teppic sonhava.

Ele viu sete vacas gordas e sete vacas magras, e uma delas estava andando de bicicleta.

Viu alguns camelos cantando, e a música esticava as rugas da realidade.

Viu um dedo escrevendo na parede da pirâmide: Partir é fácil. Voltar requer (cont. na próxima parede).

Andou em volta da pirâmide, onde o dedo continuava: Uma vontade firme, porque é muito mais difícil. Obrigado.

Teppic pensou nisso e lhe ocorreu que ainda havia uma coisa a fazer. Antes nunca soubera como, mas agora podia ver que eram apenas números, arranjados de forma especial. Tudo que era mágico era apenas uma forma de descrever o mundo com palavras que ele não poderia ignorar.

Ele deu um grunhido fazendo um esforço.

Houve um breve momento de velocidade.

Dil e Iib olharam ao redor enquanto longos feixes de luz brilhavam através da névoa e da poeira, transformando a paisagem em ouro velho.

E o sol nasceu.

O sargento abriu cautelosamente a escotilha na barriga do cavalo. Quando a rajada de lanças não se materializou, mandou Teleprompter tirar a escada de corda, desceu por ela e olhou para o frio deserto matinal.

O novo recruta o seguiu e ficou parado, pulando de uma sandália a outra, sobre a areia que agora estava quase congelando e estaria fritando na hora do almoço.

- Lá - disse o sargento, apontando -, está vendo as formações tsortianas, rapaz?

- Para mim, parece uma fila de cavalos de madeira, sargento - observou Teleprompter. - O da ponta está sobre uma base que balança.

- E onde estão os oficiais. Esses tsortianos devem achar que somos bobos. - O sargento saiu para uma caminhada, batendo os pés com força, respirou um pouco de ar fresco e voltou para a escada.

- Vamos, rapaz.

- Por que nós temos que subir de volta?

O sargento parou, o pé sobre um degrau de corda.

- Tenha um pouco de bom senso, garoto. Eles não virão pegar os nossos cavalos se nos virem andando por aqui, virão? Não faz sentido.

- O senhor tem certeza de que eles virão? - perguntou Teleprompter. O sargento franziu a testa para ele.

- Olhe, soldado, qualquer um que seja estúpido o suficiente para pensar que nós vamos arrastar um monte de cavalos cheios de soldados para a nossa cidade certamente é louco o suficiente para arrastar os nossos para a cidade deles. CQD.

- CQD, sargento?

- Significa suba de volta pela maldita escada, rapaz.

Teleprompter fez continência.

- Permissão para ser dispensado antes, sargento?

- Dispensado do quê?

- Dispensado, sargento - insistiu Teleprompter, num tom de desespero. - Quero dizer, está um pouco apertado dentro do cavalo, sargento, se é que o senhor me entende.

- Você terá que aprender um pouco sobre força de vontade, se quiser ficar entre os soldados a cavalo, garoto. Sabia disso?

- Sim, sargento - respondeu Teleprompter, infeliz.

- Você tem um minuto.

- Obrigado, sargento.

Quando a escotilha se fechou acima dele, Teleprompter foi andando de lado até uma das patas pesadas do cavalo e lhe deu um uso que não era seu propósito original.

E foi enquanto ele estava olhando vagamente para a frente, perdido em sua contemplação Zen, como ocorre em momentos como este, que houve um leve estalo no ar e um vale de rio inteiro se abriu diante dele.

Não é o tipo de coisa que deveria acontecer com um rapaz atento. Especialmente um rapaz que tem que lavar o próprio uniforme.

Uma brisa de mar soprou no reino insinuando - não, definitivamente berrando sinais de sal, moluscos e terras cobertas pela maré e cheias de sol. Algumas aves marinhas bastante confusas rodavam acima da necrópole, onde o vento passava entre as construções caídas e cobria de areia os monumentos aos antigos reis, e os pássaros diziam mais com uma simples evacuação intestinal do que Ozymandias jamais conseguiu dizer.

O vento tinha um toque frio, não desagradável. As pessoas que consertavam os danos causados pelos deuses sentiram uma necessidade de voltar o rosto para ele, como os peixes num lago se voltam para um afluxo de água clara e fresca.

Ninguém trabalhava na necrópole. A maioria das pirâmides havia estourado sua parte superior para fora e ficava soltando fumaça lentamente, como vulcões recentemente extintos. Aqui e ali, placas de mármore preto se espalhavam pela paisagem. Uma delas quase havia decapitado uma excelente estátua de Mat, o Deus com Cabeça de Abutre.

Os ancestrais haviam desaparecido. Ninguém se oferecia para ir procurá-los.

Por volta do meio-dia, um navio surgiu no Djel a todo pano. Era um navio enganoso. Parecia chafurdar como um hipopótamo gordo e desprotegido, mas depois de observá-lo durante algum tempo qualquer um perceberia que ele estava se aproximando extremamente rápido. Baixou âncora diante do palácio.

Após algum tempo, desceu um bote.

Teppic se sentou no trono e observou a vida no reino se recompor, como um espelho despedaçado que é montado e reflete a mesma luz de sempre de maneiras novas e inesperadas.

Ninguém sabia ao certo de acordo com quais argumentos ele estava no trono, mas não havia nenhuma outra pessoa ávida por ocupá-lo, e era um alívio ouvir as instruções sendo dadas com uma voz clara e confiante. É impressionante como as pessoas obedecem quando se usa um tom de voz claro e confiante, e o reino estava acostumado com uma voz clara e confiante.

Além disso, dar ordens fazia com que ele parasse de pensar em certas coisas. Como, por exemplo, o que iria acontecer depois. Mas ao menos os deuses haviam voltado a não existir, o que fazia com que fosse muito mais fácil acreditar neles, e a grama parecia não mais estar crescendo sob seus pés.

"Talvez eu possa reconstruir o reino", pensou. "Mas, depois, o que eu posso fazer com ele? Se pelo menos pudéssemos encontrar Dios. Ele sempre sabia o que fazer, essa era a principal característica dele."

Um guarda abria caminho por entre a multidão confusa de sacerdotes e nobres.

- Com licença, majestade. Um mercador está aqui para falar com vossa majestade. Ele diz que é urgente.

- Agora, não, homem. Há representantes do exército de Tsort e Ephebe vindo falar comigo daqui a uma hora, e há muitas coisas a serem feitas antes. Não posso ficar falando com um vendedor qualquer que esteja de passagem. O que ele está vendendo?

- Tapetes, majestade.

- Tapetes?

Era Chidder, sorrindo feito uma melancia cortada, seguido por vários tripulantes do navio. Entrou no salão olhando para os afrescos e as tapeçarias nas paredes. Porque ele era Chidder, provavelmente estava avaliando o preço. Quando chegou perto do trono, já estava fazendo dois riscos abaixo do total.

- Belo lugar - disse, resumindo milhares de anos de acervo arquitetônico em meras quatro sílabas. -Você nunca vai adivinhar o que aconteceu. Por acaso nós estávamos navegando pela costa e de repente havia um rio. Num minuto desfiladeiros, no minuto seguinte rio. "Que engraçado", pensei. "Aposto que o velho Teppic está por aí em algum lugar."

- Onde está Ptraci?

- Eu soube que você andou reclamando da falta de conforto em casa, então nós compramos este tapete para você.

- Eu disse onde está Ptraci?

A tripulação se afastou, deixando um sorridente Alfonz para cortar os fios que amarravam o tapete e abri-lo.

Ele se desenrolou rapidamente pelo chão numa lufada de poeira, traças e, finalmente, Ptraci, que continuou rolando até sua cabeça bater na bota de Teppic.

Teppic a ajudou a se levantar e tentou tirar pedaços de penugem do seu cabelo enquanto ela oscilava para a frente e para trás. Ela o ignorou e se voltou para Chidder, vermelha de raiva e falta de ar.

- Eu podia ter morrido aqui dentro! - gritou. - Como aconteceu com muitas outras coisas, pelo cheiro! E o calor!

- Você disse que deu certo com a Rainha não-sei-de-onde, Ram-Jam-Hurrah, ou sei lá o quê - respondeu Chidder. - Não me culpe, na minha terra se usa um colar ou algo assim.

-Aposto que ela tinha um tapete decente - desdenhou Ptraci. - Não uma coisa encalhada há malditos seis meses.

- Você tem sorte que tínhamos um - disse Chidder, com voz suave. - A idéia foi sua.

- Hã - começou Ptraci. Ela se virou para Teppic. - Olá. Isso era para ser uma surpresa assustadoramente original.

- Funcionou - disse Teppic, veemente. - Funcionou de verdade.

Chidder estava deitado num sofá-cama na varanda do palácio enquanto três criadas se revezavam para descascar uvas para ele. Havia uma jarra de cerveja na sombra. Ele dava um sorriso amável.

Sobre um cobertor ali perto, Alfonz estava deitado de bruços, sentindo-se extremamente constrangido. A Mestra das Mulheres havia descoberto que, além das tatuagens nos braços, suas costas eram uma história ilustrada das práticas exóticas, e havia trazido as meninas para uma aula. Ele às vezes estremecia, quando o ponteiro dela espetava itens de especial interesse, e enfiava os dedos com firmeza em suas grandes orelhas cheias de cicatrizes para não ouvir as gargalhadas.

Na outra ponta da varanda, com a privacidade concedida por um acordo subentendido, Teppic estava sentado ao lado de Ptraci. As coisas não estavam indo bem.

- Tudo mudou - ele disse. - Eu não serei o rei.

- Você é o rei. Não se pode mudar as coisas.

- Eu posso. Posso abdicar. É muito simples. Se eu não for mesmo o rei, posso ir a qualquer lugar que quiser. Se eu for o rei, então dou a palavra final e assim posso abdicar. Se nós podemos mudar de sexo por um decreto, certamente podemos mudar de cargo. Eles podem encontrar um parente meu para assumir o posto. Eu devo ter dúzias deles.

- O posto? Bom, enfim, você havia dito que tinha apenas uma tia.

Teppic franziu a testa. A tia Cleph-ptah-re não era, pensando bem, o tipo de monarca de que um reino precisava para um recomeço. Ela tinha muitas opiniões arrojadas sobre uma variedade de assuntos, mas a maioria delas envolvia esfolar vivas as pessoas que condenava. E isso significava a maioria das pessoas com menos de 35 anos, para começar.

- Bom, alguma outra pessoa. Não deve ser difícil, nós sempre parecemos ter tido mais nobres que o necessário. E só encontrar um que tenha tido o sonho das vacas.

- Ah, o que tem vacas gordas e vacas magras? – perguntou Ptraci.

- Sim. É uma coisa ancestral.

- É uma praga, isso sim. Uma delas está sempre sorrindo e tocando uma trompa.

- Para mim parece um trombone.

- E uma trompa cerimonial, se você olhar bem.

- Bom, imagino que cada um veja um pouco diferente. Eu acho que isso não importa. - Ele suspirou e observou o Sem Nome sendo descarregado. Parecia ter um número de colchões de plumas maior que o esperado, e algumas das pessoas que desciam a prancha confusas estavam segurando caixas de ferramentas e pedaços de cano.

- Acho que você terá dificuldades - observou Ptraci. - Você não pode dizer: "Todos aqueles que tiverem sonhos com vacas, por favor, dêem um passo à frente". Entregaria o jogo.

- Eu não posso ficar por aqui até acontecer de alguém mencionar o sonho, posso? Seja razoável - ele soltou. - Quantas pessoas provavelmente dirão "ei, eu tive um sonho estranho com umas vacas ontem à noite"? Fora você, é claro.

Eles se entreolharam.

- E ela é minha irmã? - perguntou Teppic.

Os sacerdotes confirmaram com a cabeça. Coube a Koomi colocar em palavras. Ele havia acabado de passar dez minutos examinando os arquivos com a Mestra das Mulheres.

- A mãe dela era, er, a favorita do seu falecido pai. Ele se interessou imensamente pela criação dela, como você sabe, e, er, parece que... sim. Ela pode ser sua tia, é claro. As concubinas nunca foram muito boas com documentos. Mas é mais provável que seja sua irmã.

Ptraci olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas.

- Isso não faz nenhuma diferença, faz? - ela sussurrou.

Teppic olhou para o chão.

- Sim. Na verdade, faz. - Ele olhou para ela. - Mas você pode ser rainha - acrescentou. E olhou bravo para os sacerdotes.

- Não pode? - declarou com firmeza.

Os sumos sacerdotes se entreolharam. Depois olharam para Ptraci, que estava sozinha, com os ombros tremendo. Pequena, treinada para a vida no palácio, acostumada a obedecer ordens... Eles olharam para Koomi.

- Ela seria ideal - o sacerdote disse. Houve um murmúrio de concordância confiante repentino.

- Aí está, então - concluiu Teppic, confortador. Ela olhou para ele com raiva. Ele recuou. - Então, eu vou indo. Não preciso levar nada, está tudo bem.

- Vai indo assim?. - ela perguntou. - Isso é tudo! Não há nada para você dizer?

Ele hesitou, já a caminho da porta. "Você poderia ficar", disse a si mesmo. "Mas não daria certo. Seria uma confusão terrível. Você provavelmente acabaria dividindo o reino entre vocês dois. Só o fato de que o destino os colocou juntos não significa que o destino tenha acertado. De qualquer modo, você esteve fora."

- Os camelos são mais importantes que as pirâmides - disse, devagar. - É algo de que você deve sempre se lembrar.

Ele saiu correndo enquanto ela estava procurando alguma coisa para atirar nele.

O sol chegou ao pico do meio-dia sem besouros, e Koomi pairava sobre o trono como Mat, o Deus cora Cabeça de Abutre.

- Será do agrado de vossa majestade confirmar a minha sucessão como sumo sacerdote.

- O quê? - Ptraci estava sentada com o queixo apoiado na mão. Ela fez um sinal para ele com a outra mão. - Ah, sim. Tudo bem. Ótimo.

- Nenhum sinal, ai de mim, de Dios foi encontrado. Nós acreditamos que ele estava muito próximo da Grande Pirâmide quando ela... acendeu.

Ptraci olhava para o infinito.

- Pode fazer o que for preciso - ela disse. Koomi se envaideceu.

- A coroação formal levará algum tempo para ser preparada - observou, pegando a máscara de ouro. - Porém, vossa alteza terá o prazer de usar a máscara de sua autoridade agora, pois há muitas questões formais a serem resolvidas.

Ela olhou para a máscara.

- Eu não vou usar isso - disse, sem entonação.

Koomi sorriu.

- É do agrado de vossa majestade usar a máscara da autoridade.

-Não.

O sorriso de Koomi estremeceu um pouco nos cantos enquanto ele tentava se entender com esse novo conceito. Tinha certeza de que Dios nunca havia tido esse problema.

Ele superou o problema colocando-o de lado. Colocar as coisas de lado o havia colocado num lugar de vantagem a sua vida toda. Não iria abandonar esse procedimento agora. Pôs a máscara com muito cuidado sobre um banquinho.

- É a Primeira Hora. Vossa majestade deseja conduzir o Ritual do Íbis e em seguida conceder com benevolência uma audiência para os comandantes militares dos exércitos de Tsort e Ephebe. Ambos estão querendo permissão para atravessar o reino. Vossa majestade proibirá isso. Na Segunda Hora, haverá...

Ptraci estava sentada tamborilando os dedos nos braços do trono. Então, ela respirou fundo.

- Eu vou tomar um banho.

Koomi balançou um pouco para a frente e para trás.

- É a Primeira Hora- repetiu, incapaz de pensar em qualquer outra coisa. - Vossa majestade deseja conduzir...

- Koomi?

- Sim, ó nobre rainha?

- Cale-se.

- ... o Ritual do Íbis - Koomi murmurou.

- Tenho certeza de que você é capaz de fazê-lo sozinho. Você realmente parece ser um homem que faz as coisas sozinho - acrescentou, ácida.

- ... os comandantes do exército...

- Diga a eles - começou Ptraci, e depois parou. - Diga a eles - repetiu - que podem atravessar. Não um ou o outro, entendeu? Os dois.

- Mas... - O entendimento de Koomi finalmente conseguiu alcançar seus ouvidos-isso significa que eles ficarão em lados opostos.

- Bom. E depois disso você pode encomendar alguns camelos. Tem um mercador em Ephebe com um bom estoque. Cheque os dentes primeiro. Ah, e depois você pode pedir ao capitão do Sem Nome para vir me ver. Ele estava me explicando o que é uma "zona franca".

- Durante o seu banho, ó rainha? - perguntou Koomi, com a voz falhando. Ele não podia deixar de notar, agora, como a voz dela estava mudando a cada frase à medida que o verniz da educação queimava sob o maçarico da hereditariedade.

- Não tem nada de errado com isso - soltou. - E cuide do encanamento. Parece que os canos são o grande lance.

- Para a água dos gansos? - perguntou Koomi, que agora estava totalmente perdido no deserto.^[30]

- Cale-se, Koomi.

- Sim, ó rainha - respondeu Koomi, infeliz.

Ele quis mudanças. Mas era porque ele queria também que as coisas continuassem do mesmo jeito.

O sol desceu atrás do horizonte totalmente sem auxílio. Para algumas pessoas, este estava sendo um dia muito bom.

A luz avermelhada iluminou os três membros da dinastia dos Ptaclusp enquanto eles estudavam os projetos para...

- Isso se chama ponte - mostrou Iib.

- É parecido com um aqueduto? - perguntou Ptaclusp.

-Ao contrário. A água passa por baixo, nós passamos por cima.

- Oh. O r... a rainha não vai gostar disso - observou Ptaclusp. - A família real sempre foi contra prender o rio sagrado com represas, açudes e coisas do tipo.

Iib deu um sorriso triunfante.

- Ela deu a sugestão. E ainda perguntou, com cortesia, se poderia haver lugares para as pessoas ficarem atirando pedras nos crocodilos.

- Ela disse isso?

- Grandes pedras pontudas.

- Minha nossa! - exclamou Ptaclusp. Ele se voltou para o outro filho.

- Tem certeza de que você está bem?

- Estou ótimo, pai - respondeu Ha.

- Nenhuma... - Ptaclusp parou para pensar - dor de cabeça ou algo assim?

- Nunca me senti melhor.

- E que você ainda não perguntou sobre os custos. Eu achei que talvez você ainda estivesse se sentindo cha... mal.

- A rainha teve o prazer de me pedir para verificar as finanças reais. Ela disse que os sacerdotes não sabem fazer contas de somar.

Suas experiências recentes o haviam deixado sem nenhuma seqüela, a não ser uma tendência proveitosa de pensar a partir do ponto de vista de todos, e ele estava sentado com um sorriso de alegria enquanto sua mente elaborava tarifas, taxas de descarga e um complexo sistema de imposto de valor adicional que em pouco tempo daria aos mercadores aventureiros de Ankh-Morpork um choque horrível.

Ptaclusp pensou em todos os quilômetros do virgem Djel, totalmente sem pontes. E agora havia muitas pedras polidas por ali, milhares de toneladas. E nunca se sabia, talvez em algumas dessas pontes haveria espaço para uma ou duas estátuas. Ele tinha uma que seria perfeita.

Ele pôs o braço sobre os ombros dos filhos.

- Rapazes - disse, com orgulho. - A coisa está realmente quântica.

O sol poente também brilhava sobre Dil e Gern, embora nesse caso fosse por um caminho indireto, pelo poço de luz das cozinhas do palácio. Eles foram parar ali por uma razão nada óbvia. E que a sala de embalsamação estava tão deprimente, solitária.

O pessoal da cozinha trabalhava ao redor deles, reconhecendo o ar de tristeza impenetrável que cercava os dois embalsamadores. Não era nunca um trabalho muito sociável - nem nas melhores épocas -, e os embalsamadores não faziam amigos com facilidade. Enfim, havia um banquete de coroação a ser preparado.

Eles se sentaram no meio do alvoroço, observando o futuro através de uma jarra de cerveja.

- Eu espero - começou Gern - que Glenda possa ter uma conversa com o pai dela.

- E isso aí, garoto - aprovou Dil, cansado. - Isso tem futuro. As pessoas sempre vão querer alho.

- Malditos alhos maçantes - reclamou Gern, com uma ferocidade que não era comum. - E você não conhece pessoas. Era disso que eu gostava no nosso trabalho. Sempre caras novas.

- Chega de pirâmides - repetiu Dil, sem rancor. - Foi o que ela disse. "Você fez um bom trabalho, mestre Dil", ela disse, "mas vou me arrastar por essa terra esperneando e gritando até o Século do Morcego."

- Naja - corrigiu Gern.

- O quê?

- E o Século da Naja. Não do Morcego.

- Tanto faz - disse Dil, irritadiço. Ele olhava para sua caneca com tristeza. "Esse era o problema agora", refletiu. "Você tinha que começar a se lembrar de que século era."

Olhou para uma bandeja de canapés. Era isso o que fazia sucesso hoje em dia. Todo mundo perdendo tempo com...

Ele pegou uma azeitona e a revirou várias vezes entre os dedos.

- Não posso dizer que eu me sentia da mesma forma em relação ao antigo trabalho - disse Gern, bebendo da caneca -, mas aposto que o senhor sentia orgulho, mestre... Dil, quer dizer. Você entende, quando todos os seus pontos ficavam firmes daquele jeito.

Dil, sem tirar os olhos da azeitona, levou a mão até o cinto e, em transe, pegou uma de suas facas menores para trabalhos complexos.

- Digo, você deve se sentir muito mal por tudo ter acabado.

Dil girou para conseguir mais luz, e respirava pesado enquanto se concentrava.

- Ainda assim, acho que você vai superar isso. O importante é não ficar remoendo...

- Coloque este caroço em algum lugar - disse Dil.

- Como?

- Coloque este caroço em algum lugar.

Gern deu de ombros e tirou o caroço dos dedos dele.

- Certo - continuou Dil, com a voz subitamente vibrante com um propósito. - Agora me passe um pedaço de pimentão vermelho...

E o sol brilhava sobre o delta, aquela pequena infinidade de bambuzais e ribanceiras de barro, onde o Djel depositava o lodo do continente. Aves pernaltas se curvavam procurando alimento no labirinto verde de hastes, e bilhões de mosquitos faziam uma dança em ziguezague acima da água salobra. Aqui, pelo menos, o tempo sempre passava, enquanto o delta aspirava duas vezes por dia a corrente de água fria e fresca da maré.

Estava entrando agora, sua ponta coroada pela espuma escoando entre os juncos.

Aqui e ali bandagens encharcadas se desenrolavam, retorcendo-se por um breve instante como cobras incrivelmente velhas, e depois, sem muito estardalhaço, se dissolviam.

* * *

ISSO É IRREGULAR DEMAIS.

Sentimos muito. Não é culpa nossa.

QUANTOS SÃO?

Receio que mais de 1.300.

MUITO BEM, ENTÃO. FAÇAM UMA FILA ORGANIZADA.

Seu Desgraçado analisava a manjedoura vazia.

Ela representava um subarranjo no agrupamento geral "feno", que continha valores arbitrários entre zero e K.

Não havia feno algum dentro. Poderia, na verdade, haver um valor negativo de feno dentro, mas, para o estômago faminto, a diferença entre nenhum feno e menos feno não era de particular interesse.

Não importava como ele tentasse resolver a equação, a resposta era sempre a mesma. Era uma equação de simplicidade clássica. Tinha certa elegância regular, a qual ele não estava em condições de admirar.

Seu Desgraçado se sentiu maltratado e injustiçado. No entanto, isso não era de surpreender, uma vez que esse é um estado de espírito normal entre os camelos. Ele se ajoelhou, paciente, enquanto Teppic carregava os alforjes.

- Nós vamos passar longe de Ephebe - disse Teppic, como se conversasse com o camelo. - Vamos até o fim do Mar Círculo, talvez para Quirm ou Ramtops. Há muitos lugares diferentes. Talvez possamos procurar por aquelas cidades, hein? Eu espero que você goste da idéia.

E um erro tentar animar um camelo. É o mesmo que jogar merengues num buraco negro.

A porta da outra ponta do estábulo se abriu. Era um sacerdote. Ele parecia bastante nervoso. Os sacerdotes haviam conduzido uma série de atividades extraordinárias naquele dia. - br - ele começou. - Sua majestade ordena que você não saia do reino. E tossiu. - Há alguma resposta?

Teppic considerou.

- Não, acho que não.

- Então, devo dizer a ela que você irá vê-la daqui a pouco? - perguntou o sacerdote, esperançoso.

-Não.

- E muito fácil para você falar assim - disse o sacerdote, num tom ácido, e se retirou constrangido.

Ele foi substituído minutos depois por Koomi, com o rosto muito vermelho.

- Sua majestade pede a você que não saia do reino.

Teppic montou nas costas de Seu Desgraçado e bateu de leve no camelo com uma vara.

- Ela está falando sério mesmo - insistiu Koomi.

-Tenho certeza que sim.

- Ela poderia mandar jogarem você para os crocodilos sagrados, não é?

- Eu não vi muitos deles por aí hoje. Como estão? – perguntou Teppic, e bateu mais uma vez no camelo.

Ele saiu para a luz cortante do dia e seguiu pelas ruas de terra, que o tempo havia transformado em superfícies mais duras que pedra. Elas estavam cheias de gente. E cada uma delas o ignorou.

Era uma sensação maravilhosa.

Seguiu calmamente pela estrada até a fronteira e não parou até chegar perto do despenhadeiro, o vale se estendendo atrás dele. Um vento quente do deserto agitava os arbustos de sifácia quando ele

amarrou Seu Desgraçado à sombra, subiu pelas pedras um pouco adiante e olhou para trás.

O vale era velho, tão velho que era possível acreditar que tinha assistido à formação do resto do mundo ao seu redor. Teppic se deitou com a cabeça sobre os braços.

É claro que havia se tornado velho. Ele vinha lentamente se privando de futuro há milhares de anos. Agora a mudança o estava atingindo como o chão atingindo um ovo.

As dimensões eram provavelmente mais complicadas do que as pessoas imaginavam. E o tempo também. As pessoas também, embora pudessem ser mais previsíveis.

Ele observou a coluna de poeira sair do palácio e chegar à cidade, atravessar o trecho estreito de retalhos de campos, desaparecer por um minuto num grupo de palmeiras perto do desfiladeiro e reaparecer ao pé do declive. Muito antes de poder vê-la, sabia que haveria uma carruagem em algum lugar da nuvem de areia.

Desceu deslizando pelas pedras e ficou agachado pacientemente ao lado da estrada. A carruagem finalmente passou chacoalhando, parou, fez o retorno de modo desajeitado num espaço apertado e voltou.

- o que você vai fazer?. - gritou Ptraci, inclinando-se sobre o parapeito. Teppic fez uma reverência. - E pare com isso.

- Você não gosta de ser uma rainha?

Ela hesitou.

- Sim. Eu gosto...

- E claro que gosta. Está no sangue. Nos tempos antigos, as pessoas lutavam feito tigres. Irmãos contra irmãs, primos contra tios. Horrível.

- Mas você não tem que ir embora! Eu preciso de você!

- Você tem conselheiros - disse Teppic, com calma.

- Eu não estava me referindo a isso. Mas, mesmo assim, só tem o Koomi, e ele não é nada bom.

- Você tem sorte. Eu tinha Dios, e ele era bom. Koomi será muito melhor, você pode aprender muita coisa não ouvindo o que ele tem a dizer. Você pode ir longe com conselheiros incompetentes. Além disso, Chidder vai ajudar, tenho certeza. Ele é cheio de idéias.

Ela corou.

- Ele fez alguns avanços quando estávamos no navio.

- Aí, está vendo? Eu sabia que vocês dois se entenderiam como uma casa pegando fogo. Gritos, chamadas, pessoas correndo do perigo...

- E você vai voltar a ser um assassino, então? - perguntou, com desprezo.

- Acho que não. Eu sepultei uma pirâmide, um panteão e um reino inteiro. Talvez seja melhor procurar outra coisa. Aliás, você não anda encontrando pequenos ramos brotando por onde anda, não?

- Não. Que idéia idiota.

Teppic relaxou. Tudo realmente havia acabado, então.

- Não deixe a grama crescer sob seus pés, isso é o mais importante. E você não viu nenhuma gaivota por perto?

- Há muitas delas hoje, você não notou?

- Sim. Isso é bom, eu acho.

Seu Desgraçado ouviu um pouco mais a conversa deles - aquela conversa peculiar, que ia diminuindo de intensidade, incoerente, que duas pessoas do sexo oposto têm quando estão pensando em outra coisa. Com os camelos era muito mais fácil, uma vez que a fêmea simplesmente tinha que verificar qual era a metodologia do macho.

Depois eles se beijaram de maneira apressada, até onde os camelos podiam julgar. Chegaram a uma decisão.

Seu Desgraçado perdeu interesse nesse ponto, e decidiu voltar a comer o seu almoço.

NO COMEÇO...

O vale estava tranqüilo. O rio, com as margens ainda indomadas, vagava languidamente por entre as moitas de junco e papiro. Íbis

passavam pelas partes rasas; na parte funda, hipopótamos levantavam e afundavam devagar, como ovos em conserva.

O único som no silêncio melancólico era o eventual chape de um peixe ou o silvo de um crocodilo.

Dios ficou deitado na lama durante algum tempo. Ele não tinha certeza de como tinha ido parar ali, ou por que uma metade de seus mantos estava rasgada e a outra metade chamuscada. Lembrava-se vagamente de um barulho alto e da sensação de velocidade extrema enquanto, ao mesmo tempo, havia ficado parado. Neste exato momento, não queria nenhuma resposta. Respostas implicavam perguntas, e perguntas nunca levavam ninguém a lugar algum. As perguntas apenas estragavam as coisas. A lama era fria e relaxante, e ele não precisava saber de nada durante algum tempo.

O sol se pôs. Várias criaturas noturnas passaram perto de Dios e, por meio de algum instinto animal, decidiram que certamente não compensaria todo o trabalho que resultaria de arrancar a perna dele com uma mordida.

O sol nasceu de novo. As garças gritaram. A névoa intacta entre os charcos se desfazia enquanto o céu mudava de azul para bronze novo.

E o tempo se desenrolou numa gloriosa monotonia para Dios, até um ruído discrepante tomar o silêncio e fazer com ele o equivalente a cortá-lo em pedacinhos com uma faca de pão enferrujada.

O ruído era, na verdade, como o de um jumento sendo serrado. Em termos de som, estava para a melodia assim como uma caixa de tâmaras estava para o motocross de alta performance. No entanto, quando outras vozes se juntaram a ele, semelhantes, porém diferentes, numa variedade de escalas fragmentadas e tons imperfeitos, o efeito geral era curiosamente interessante. Seduzia. Tinha um atrativo. Tinha uma estranha sucção.

O barulho atingiu um patamar, uma única nota pura formada por uma sucessão de desarmonias, e depois, por apenas uma fração de segundo, as vozes se separaram, cada uma ao longo de um vetor...

Houve uma agitação do ar, uma tremulação do sol.

E uma dúzia de camelos apareceu no alto das montanhas distantes, magros e empoeirados, correndo na direção da água. Pássaros subiram dos juncos. Sobras de lagartos deslizaram suavemente para fora dos bancos de areia. Num minuto a margem virava uma massa de lama batida, à medida que as criaturas de joelhos nodosos se empurravam, com o nariz enfiado na água.

Dios se sentou e viu seu bastão caído na lama. Estava um pouco chamuscado, mas ainda intacto, e ele percebeu algo que, de alguma forma, nunca havia ficado aparente antes. Antes? Teria havido um antes? Certamente tinha havido um sonho, algo como um sonho...

Cada cobra estava com a cauda na boca.

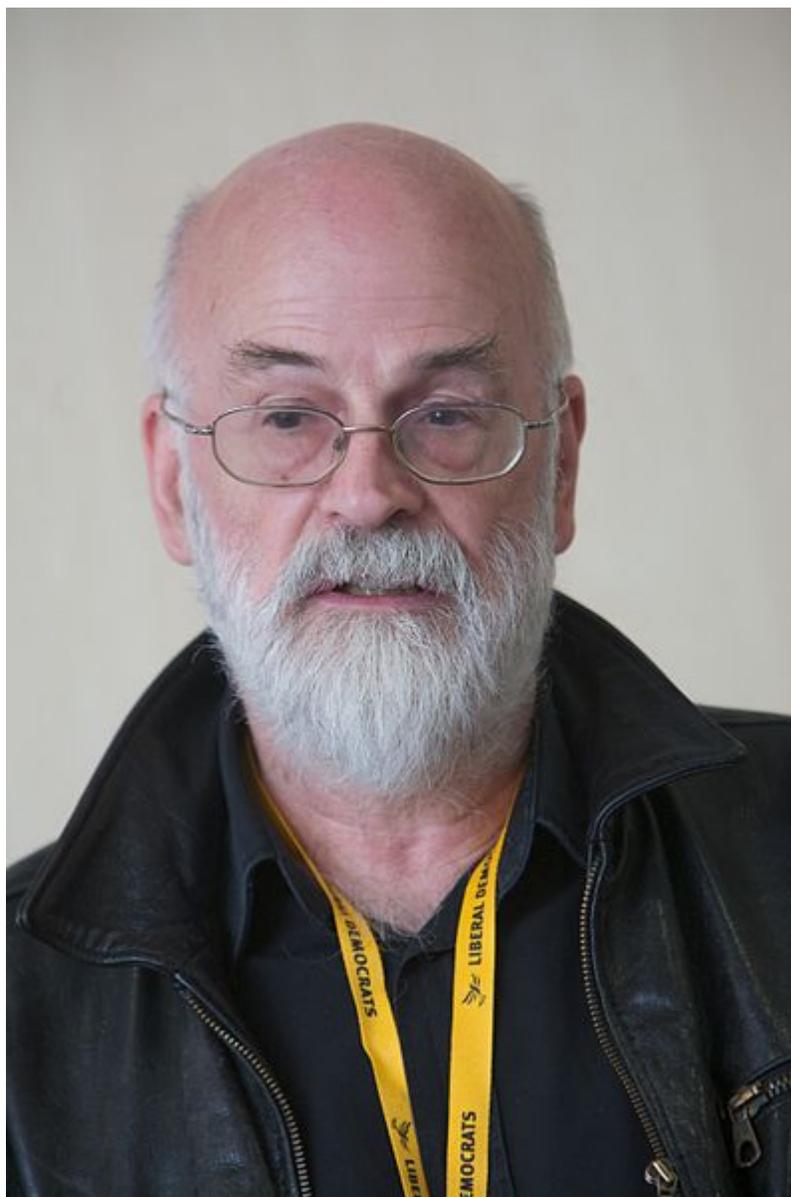
Colina abaixo, depois dos camelos, com sua família vestida com farrapos atrás dele, um homem pequeno vinha balançando uma vara de camelo. Parecia estar com calor e totalmente desnortado.

Parecia, na verdade, com alguém que estivesse precisando de bons conselhos e orientação cuidadosa.

Os olhos de Dios se voltaram para o bastão de novo. Significava algo muito importante, ele sabia. Mas não conseguia se lembrar o quê. Tudo que conseguia se lembrar é que era muito pesado, mas ao mesmo tempo difícil de largar. Muito difícil de largar. "Melhor não pegá-lo", pensou.

Segure-o apenas por algum tempo, talvez, e vá explicar a ele sobre os deuses e por que as pirâmides são tão importantes. E depois você poderia largá-lo no chão, com certeza.

Suspirando, ajeitando os restos dos seus mantos para lhe dar dignidade, usando o bastão para lhe dar firmeza, Dios partiu.



Sir Terence David John Pratchett, OBE (28 de Abril de 1948 -) é um escritor inglês, mais conhecido pelos seus livros da série Discworld.

Terry Pratchett diz em seu site que vendeu a primeira história quando tinha apenas treze anos, e explica que, com o dinheiro recebido, comprou uma máquina de escrever em segunda mão. A sua primeira novela humorística é "The Carpet people", e o editor

Colin Smythe publicou-a em 1971. Após trabalhar em jornalismo e assessoria de imprensa por anos, escrevendo nas horas vagas, ele publicou "A Cor da Magia" em 1983, e o grande sucesso do livro, inaugurando a série Discworld, acabou por levar o autor a uma carreira literária em tempo integral.

Através de um humor cáustico e irônico ele usa histórias ambientadas num mundo de fantasia para trazer à tona incoerências e idiossincrasias bem reais. No entanto, consegue fazer isso sem prejudicar as características mais marcantes das suas obras: o bom humor e o entretenimento inteligente.

O seu sucesso há muito que ultrapassou as fronteiras da Inglaterra, tendo os seus livros publicados em 36 idiomas.

Terry vive em Wiltshire com a sua esposa Lyn e a sua filha Rhianna. Segundo ele, escrever é a coisa mais divertida que alguém pode fazer sozinho.

O autor sofre de Alzheimer 1 e narrou em 2010 o documentário Terry Pratchett - Choosing To Die, sobre o processo de morte assistida. O documentário estreou em 2011.

utiva de las referencias («nota1», «nota2», «notaX»), así como el nombre del archivo en el que se encuentran («Section0001», «Section0002», etc.) -->

Notas

[¹]Como, por exemplo, ser enterrado na areia ou ter que carregar os ovos de um inseto gigante <<

[2] O de respirar, para começar <<

[3] Literalmente: "Filho do Djel". <<

[4] Mas era um sapo muito grande, que entrou nos dutos de ventilação e manteve todo mundo acordado durante semanas. <<

[5] Mericet não estava tentando matá-lo, estava apenas tentando fazê-lo se matar. <<

[6] A Cana é extraída do baiacu do fundo do mar (*singularis minutia gigantea*), que se protege dos inimigos inchando até ficar muitas vezes maior que seu tamanho natural. Se ingerida por humanos, o efeito é fazer com que todas as células do corpo tentem se dilatar 2 mil vezes. É invariavelmente fatal, e muito escandalosa. <<

[7] Os portões do Grêmio dos Assassinos nunca ficavam fechados. Diziam que isso se devia ao fato de Morte estar de plantão o tempo todo, mas na verdade era porque as dobradiças haviam enferrujado fazia séculos e ninguém havia feito nada a respeito. <<

[8]A luz se move lentamente no Disco. Não há pressa para chegar a lugar nenhum. Por que se preocupar? À velocidade da luz, todos os lugares são o mesmo. <<

[9] Quando o Grêmio dos Ladrões entrou em Greve Geral, no Ano da Indolência Insinuante, o número de crimes duplicou. <<

[10]Conkers é um jogo infantil da Inglaterra, em que cada criança segura uma castanha da Índia amarrada em um barbante e tenta quebrar a castanha do adversário. O sixer representa uma pontuação alta no jogo. <<

[11] Uma das duas lendas sobre a fundação de Ankh-Morpork conta que dois irmãos órfãos que construíram a cidade foram encontrados e amamentados por um hipopótamo (literalmente orijeple, embora alguns historiadores defendam que essa é uma tradução errada de orejaple, um tipo de armário de bebidas com frente de vidro). Oito hipopótamos heráldicos decoram a ponte, voltados para o mar. Diz-se que, se algum dia algum perigo ameaçar a cidade, eles fugirão. A outra lenda, que normalmente não é contada pelos cidadãos, narra que, num tempo igualmente longínquo, um grupo de homens sábios sobreviveu a uma enchente enviada pelos deuses construindo um barco enorme, e nesse barco levaram dois espécimes de)o de animal então existente no Disco. Após algumas semanas, o estrume que se juntou começou a pesar no barco e fazê-lo arriar, então - diz a história - eles despejaram o esterco para fora do barco e o chamaram de Ankh-Morpork. <<

[12] Assim como muitas culturas de vale de rio, o Reino não perde tempo com coisas tão triviais quanto verão, primavera e inverno, e baseia seu calendário regularmente na grande pulsação do Djel, ou seja, nas três estações: Época de plantio, Inundação e Charco. Algo lógico, direto e prático, e apenas reprovado pelo quarteto da barbearia . *Porque eles se sentem ridículos cantando "Na Boa e Velha Inundação", só por isso. <<

[13] E Dios sabia que era assim. <<

[14]Mergulhador de Privada: construtor e limpador de fossas. Uma profissão bastante requisitada em Ankh-Morpork, onde os lençóis de água geralmente ficam ao nível do solo, e que atrai considerável respeito. Pelo menos, todo mundo passa pelo outro lado da rua quando vê um mergulhador de privada. <<

[15] Sussurros roucos não são adequados para um ambiente de deserto. <<

[16] Literalmente "Eu estarei aqui de novo". <<

[17] ... <<

[18] Os assassinos mais jovens, que geralmente são muito pobres, possuem idéias muito claras sobre a moralidade da riqueza até se tornarem assassinos mais velhos, que geralmente são muito ricos, quando começam a achar que a injustiça tem seus aspectos positivos. <<

[19] Os entalhadores precisavam ter muita imaginação. O último rei tinha vários atributos elogiáveis, mas realizar grandes feitos não estava entre eles. O balanço de seu reinado indicava: Número de territórios inimigos subjogados sob as rodas de sua carruagem = 0. Número de tronos esmagados sob suas sandálias = 0. Por outro lado: Reinados de terror = 0. Número de vezes que seu próprio trono foi esmagado sob as sandálias do inimigo = 0. Basicamente, sua vida tinha sido um grande zero a zero. <<

[20] Tanto que logo perceberam que a coisa mais prudente que qualquer animal poderia fazer, se não quisesse que seus descendentes viessem a passar muito tempo numa mesa com eletrodos acertando seu cérebro, ou prendendo minas embaixo de navios, ou sendo protegidos de forma paternalista por zoólogos, é se certificar de que os humanos não descubram nada sobre sua inteligência. Então, há muito tempo os camelos passaram a ter um estilo de vida no qual, em troca de certo volume de carretos e de serem cutucados com varas, lhes fosse proporcionada comida adequada, alguns cuidados e a chance de cuspir num olho humano impunemente. <<

[21] Conhecido como o maior camelo matemático de todos os tempos, que inventou uma matemática do espaço com oito dimensões enquanto deitava com as narinas fechadas numa tempestade de areia violenta. <<

[22] Um efeito alcançado por meio da destilação dos testículos de uma pequena espécie de urso que vive nas árvores, junto com o vômito de uma baleia, acrescentando-se um punhado de pétalas de rosa. Teppic provavelmente não teria se sentido nem um pouco melhor por saber disso. <<

[23] Essa é, obviamente, uma tradução livre, uma vez que Ptaclusp não conhecia as palavras para "gelo", "pára-brisas" ou "quartos de hotel". É interessante notar, no entanto, que a tradução literal para Til Águia Águia Vaso Linha ondulada Pato é um armário para a proteção de pernas dos bárbaros". <<

[24] Para quem não tem esse referencial lógico, o animal mais rápido* do Disco é o extremamente neurótico Puzuma Ambíguo, que se move tão rápido que consegue atingir uma velocidade próxima à da luz no campo mágico do Disco. Isso significa que, se você conseguir ver um puzuma, ele não está lá. A maioria dos puzumas machos morre jovem, de colapso agudo dos calcanhares causado por correr muito rápido atrás das fêmeas que já não estão mais lá e, é claro, atingindo massa suicida de acordo com a teoria relativista. O restante morre do Princípio de Incerteza de Heisenberg, uma vez que é impossível para eles saberem quem são e onde estão ao mesmo tempo, e a perda de concentração alternada que isso representa significa que o puzuma só atinge um senso de identidade quando está em repouso - geralmente cerca de quinze metros entre os cascalhos do que sobrou de uma montanha contra a qual ele tenha se chocado a uma velocidade próxima à da luz. Dizem que o puzuma é mais ou menos do tamanho de um leopardo, com um pêlo xadrez preto e branco inigualável, embora os espécimes descobertos pelos sábios e filósofos do Disco os tenham levado a declarar que, em seu estado natural, o puzuma é liso, muito magro e morto. * O inseto mais rápido é a traça .303. Ela se desenvolveu em bibliotecas mágicas, onde é necessário comer extremamente rápido para evitar ser afetada pelas radiações táumicas. Uma traça .303 adulta pode comer uma prateleira de livros tão rápido que ela ricocheteia para fora da parede. <<

[25] O papel de ouvinte nunca foi totalmente apreciado. Porém, todo mundo sabe que a maioria das pessoas não ouve. Quando alguém está falando, aproveitam o tempo para pensar no que dirão em seguida. Ouvintes Verdadeiros sempre foram reverenciados nas culturas orais e recompensados pela raridade do seu valor. Dez bardos e poetas valem uma vaca, mas um bom Ouvinte é difícil de encontrar, ou pelo menos difícil de encontrar duas vezes. <<

[26] Ele estava errado. A natureza abomina as anormalidades dimensionais, e as marca com cuidado para que elas não perturbem as pessoas. A natureza, na verdade, abomina um monte de coisas, inclusive vácuos, navios chamados Marie Celeste e as travas das furadeiras elétricas. <<

[27] Ele ficou, portanto, conhecido como o palácio do Djenio. <<

[28] Você sabe. A parte que você não consegue alcançar com o canudo. <<

[29] Mas não imediatamente, é claro, porque as mensagens mudam conforme são passadas e alguns ancestrais não eram capazes de pronunciar perfeitamente, e havia outros tentando ajudar, completando com o que pensavam ser palavras perdidas. A mensagem recebida por Teppicymon originalmente começava assim: "Algemada à cama, a tia tinha sede". <<

[30] Uma cultura menos delicada usaria a expressão "perdido no mar". <<